

250 MILHÕES DE
ESCOTEIROS

250 MILHÕES DE
ESCOTEIROS

LASZLO NAGY

- Direitos autorais na língua portuguesa concedidos à União dos Escoteiros do Brasil pela "Editions Pierre — Mareei Favre Public S/A", conforme ofício de 07 de agosto de 1986.
- Tradução para o português feita pelo Sr. Jairo Antunes da Costa.
- Revisão feita pelo Engº Antônio Carlos Hoff.
- 1ª Edição em língua portuguesa editado pela União dos Escoteiros do Brasil — Região do RS e impresso na Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (CO-RAG), RS, em fevereiro de 1987.

First published 1985

Copyright © 1985

The World Scout Foundation

PO Box 78, 1211 Geneva 4, Switzerland

Proceeds from this publication support the World Scout Foundation, a non-profit organisation which raises money to support the World Organisation of the Scout Movement, particularly for the benefit of developing countries.

All rights reserved. No part of this publication may be reproduced, stored in any retrieval system, or transmitted, in any form, or by any means, electronic or otherwise, without prior permission of the World Scout Foundation.

ISBN 0-85013-153-7

Library of Congress Catalogue Nº LC85-HS3312

Printed in Great Britain by Promotional Print Limited, Bath

Originally published by Editions Pierre-Marcel Favre, Lausanne and Paris

Translated from the original text by Clive Drummond

The author wishes to thank the following organisations and individuals for their permission to reproduce the photographs: *Boy Scouts of America; The Girl Guides Association, United Kingdom; Mr, William Hilcourt; The Scout Association, United Kingdom; World Association of Girl Guides and Girl Scouts; World Scout Bureau.*

CONTEÚDO

A título de introdução	7
I. PRELÚDIO À GRANDE AVENTURA	
1. Uma idéia do Século Dezenove	13
2. Soldado por acidente	17
3. Escotismo militar	23
4. Quatro passos para a glória	33
5. Mafeking ou um blefe magistral	45
6. Um homem... um livro... uma ilha	51
II. ESCOTISMO	
7. Uma arrancada muito rápida	63
8. Uma folha de balanço	71
9. O fim dos anos heróicos	77
10. Enquanto os canhões troavam	87
III. O GRANDE SALTO À FRENTE	
11. Dez anos decisivos	99
12. Apoteose	111
IV. O ESCOTISMO APÓS BADEN-POWELL	
13. E, contudo, voa	125
14. Atômico e supersônico	139
V. O ESCOTISMO TOMA NOVA FORMA	
15. O prelúdio canadense	151
16. Genebra — Capital Mundial do Escotismo	165
17. Produzindo mais com menos	177

VI. A ANATOMIA DO SUCESSO	
18. 250 milhões de escoteiros	193
19. Uma justificativa para o futuro.	205
A título de conclusão.	210
Anexos:	
A. Organização e estrutura da Organização Escoteira Mundial	223
B. Glossário da Terminologia Escoteira	225
C. Países-membros da Organização Mundial do Movimento Escoteiro.	228
D. Países fundadores do Movimento Escoteiro Mundial	229
E. Países onde o Movimento Escoteiro existia porém foi extinto	230
F. Crescimento mundial do Escotismo.	231
G. "Jamborees" Mundiais de Escoteiros.	232
H. Conferências Mundiais do Escotismo.	233
I. Membro do Comitê Mundial.	234
J. Medalhas Lobo de Bronze, outorgadas desde sua instituição, em 1935.	237

Bibliografia

1. Livros de Baden-Powell
2. Coleções de Artigos escritos por Baden-Powell
3. Livretos e Panfletos escritos por Baden-Powell

A TÍTULO DE INTRODUÇÃO...

O vento cruel do inverno de Genebra — conhecido dos residentes locais como "bise noire" — soprava com intensidade total naquela manhã de novembro de 1965, quando eu caminhava ao longo do cais, à margem do lago, para Villa Barton, sede do altamente conceituado "Graduate Institute of International Studies".

Minhas funções, naquele Instituto, na época, eram diversas: lecionar em regime de tempo parcial, supervisionar documentos de serviço e, acima de tudo, realizar pesquisas sobre um livro que deveria aparecer em dois volumes.

O Diretor, Jacques Freymond, chamou-me para anunciar que, com relutância, havia decidido aceitar uma importante incumbência da Fundação Ford. Disse-me que o Instituto empreenderia um importante trabalho de pesquisa sobre a crise da geração jovem e, em especial, sobre o impacto dela em face do Movimento Escoteiro. Isto, em uma época que o Movimento atravessava sérios problemas, estruturais e organizacionais, principalmente decorrentes do seu crescimento rápido, especialmente no Terceiro Mundo, bem como dificuldades para adaptar-se a um mundo onde a geração mais jovem estava emergindo com violência, em uma explosão moral e cultural já quase incontrolável.

Pessoalmente, fiquei um tanto surpreso que o Diretor tivesse aceito esta incumbência, uma vez que ela dificilmente se enquadrava no escopo do Instituto, cujas preocupações normais centralizavam-se na economia, políticas e leis internacionais.

Mas, consoante o Sr. Freymond explicou-me, a doadora havia forçado a mão dele, e a Fundação Ford, patrocinadora regular e ge-

nerosa do Instituto, estava ela própria sob firme pressão de seus próprios doadores principais.

Fiquei surpreso, por outra razão: como historiador e cientista em política eu possuía poucas qualificações para me engajar em tal tarefa. Além disso, afora minhas responsabilidades acadêmicas, era um jornalista trabalhando em regime de tempo integral, em minha condição de editor estrangeiro da "Gazette de Lausanne", e minha impressão naquela época era que nada existia na face da terra que pudesse me induzir a abandonar o que considerava ser a profissão mais fascinante do mundo.

Mas era um tempo em que dificilmente poderia ser considerado positivo recusar uma oferta de trabalho, oriunda de um superior. Ademais, eu tinha com o Diretor uma dívida de gratidão por me ter dado minha primeira chance, como refugiado sem um tostão, dez anos antes. À medida que apressava meus passos, naquela gélida manhã, comecei a conjeturar sobre se não havia cometido um grave erro em aceitar uma terceira incumbência a ser cumprida em regime de tempo integral, sobre as outras duas que já estavam sobrecarregando minhas energias ao limite máximo.

O Editor-Chefe da "Gazette de Lausanne", Pierre Béguin, um grande jornalista cuja generosidade somente é comparável à qualidade da pena dele, concordou prontamente em liberar-me, em base de meio tempo (meio expediente). Em breve, organizei uma equipe de pesquisas e o trabalho foi iniciado, no planejamento e elaboração de questionários. Eu próprio viajei extensivamente, muito embora isto não fosse nada novo a um jornalista veterano.

Ao final de dois anos duros — durante os quais as minhas outras atividades, bem como minha família, sofreram consideravelmente, — concluí a primeira fase de meu trabalho, o qual foi apresentado sob a forma de um relatório e recomendações, inicialmente ao Comitê Mundial Escoteiro e, posteriormente à Conferência Mundial Escoteira, em sua reunião de agosto, de 1967, realizada em Seattle (EUA). Minhas propostas foram adotadas como documento de trabalho, para a reorganização do Movimento.

Mas, mesmo quando eu estava submetendo minhas conclusões preliminares à apreciação dos membros do Comitê em Londres e Ottawa, já se achava em andamento um movimento conjunto, para sondar-me quanto a se eu estaria disposto a, pessoalmente, tomar

parte na execução de minhas propostas para reforma, uma vez que o estudo tinha sido terminado e aceito. Hesitei, quanto àquela idéia. Não tinha intenção de cometer o mesmo erro estúpido como o do Dr. Guillotin — o qual, conforme algumas pessoas afirmam, foi decapitado pelo seu próprio invento.

Com um certo pesar, declinei a honrosa oferta, a despeito do fato de que o então Presidente do Comitê Mundial Escoteiro, Gustavo Vollmer, pessoa de elevada projeção, pela qual eu mantinha elevado respeito, fez todos os esforços possíveis para fazer com que eu mudasse de idéia.

Outra consideração foi a de que eu já havia aceitado uma proposta do Magnífico Reitor da Universidade de Genebra, Denis van Berchem, para organizar naquela Universidade um departamento de informações. "Com sua experiência de jornalista e seu conhecimento das necessidades da Universidade, a tarefa será tão fácil como pular de uma tora de madeira"... disse-me o eminente arqueólogo, sorrindo, perfeitamente ciente de que a tarefa que me havia oferecido estava bem longe de ser assim tão fácil. Mas, uma vez que se tratava de um trabalho a ser executado em regime de meio expediente, durante um período de tempo estritamente restrito, não estava descontente em aceitar o desafio. E, disso o leitor despreenderá que a falta de trabalho não era problema meu; pelo contrário. E, em cima disto tudo, a casa editora em Paris, Arthaud, estava exigindo, com insistência, o manuscrito do "Popular Democracies" (Democracias Populares), que foi afinal publicado em 1968, e de um segundo livro, o "Sociological Analysis of Communist Power" (Análise Sociológica do Poder Comunista), não terminado, mas já bem adiantado. De sorte que, certamente, este não era o tempo apropriado para sobrecarregar-me com a aceitação da tarefa Escotismo, em uma dúbia tentativa de implementação de minhas próprias recomendações — um exercício que aconselharia que cada um evitasse.

Mas, tanto faz, e isto foi o que fiz. Primeiro, porque estava assegurado por contrato que eu poderia prosseguir com minhas atividades anteriores ("até a extensão na qual o trabalho de reorganização do Movimento Escoteiro não fosse prejudicado...").

Segundo, porque após ter iniciado a pesquisa, aconteceram muitas coisas. A importância do jovem como fator social estava em

crescente evidência e os reclamantes, nos campos californianos, acompanhados por estudantes, nas barricadas, nos tumultos de maio de 1968, na França, convenceram-me que, dedicando-me inteiramente ao maior movimento voluntário jovem do mundo, eu não estaria perdendo meu tempo.

As vagas lembranças de uma adolescência feliz, em calças curtas, certamente não desempenharam um papel importante em minha decisão. O desafio do estudo inicial tornou uma nova dimensão, e foi com consciência completa do que estava em risco que concordei com uma reorientação provisória de minha carreira. É verdade que superestimei minhas aptidões, e, durante algum tempo, tentei empreender atividades paralelas, mas logo me dei conta que estava tentando o impossível.

Não se pode cavalgar diversos cavalos simultaneamente e, pelo mesmo motivo, tampouco se pode ao mesmo tempo escrever, publicar, realizar pesquisa, ensinar e trabalhar para um movimento mundial cuja direção envolve experiência administrativa e organizacional, planejamento, finanças e outras habilidades com as quais ainda tinha de me familiarizar.

Estou mencionando isto a fim de demonstrar que haviam poucas coisas em meu "background" que me predestinavam para esta vocação inesperada, a qual agora já conta dezenove longos anos, desde maio de 1968. E, contudo, cumpro a tarefa com imenso prazer embora — como dizem os húngaros — ainda sinta que aconteceu por acidente, como a inclusão do nome de Pôncio Pilatos no Credo (na oração cristã: Creio em Deus Padre, Todo Poderoso, etc...).

O leitor haverá de perdoar-me por estas observações pessoais que não tiveram outro objetivo senão o de inserir o autor no contexto do tema dela.

**PRELÚDIO À GRANDE
AVENTURA.**

1. Uma idéia do século dezenove

Apresentar o Movimento Escoteiro, sem falar de Baden-Powell, seria incorrer no mesmo erro, como o de escrever um livro sobre Budismo, sem mencionar Buda, ou o de analisar o Marxismo sem referir-se a Marx e à época dele.

No livro "Scouting for Boys" (Escotismo para Rapazes), publicado em 1908 — que muitos consideravam e talvez ainda hoje considerem — a Bíblia no Movimento Escoteiro, Baden-Powell definiu os objetivos dele da maneira seguinte: "O Escotismo é uma escola de cidadania através da destreza e habilidade em assuntos maiores"

Vários anos mais tarde, na edição de 1940 do mesmo livro, ele acrescentou: "O Escotismo tem sido descrito por mais de um entusiasta, como uma revolução em educação. Não se trata disso. É simplesmente uma sugestão lançada, ao acaso, para um alegre jogo ao ar livre, que tem sido reconhecido por formar uma ajuda prática à educação".

Estas declarações modestas indicam que, aos olhos de seu Fundador, o Escotismo era uma idéia simples; uma das várias possibilidades postas à disposição dos jovens; de todos os jovens, sem restrição de qualquer espécie.

Em outro trecho, B.P. aponta que não teve qualquer intenção de criar um corpo separado com Escoteiros, mas que, em virtude do sucesso alcançado pelo livro dele "Aids to Scouting" (Ajudas ao Escotismo) — escrito em 1899, para uso militar — sentiu que as idéias dele poderiam ser úteis aos líderes da "Boys Brigade" (Brigada de Rapazes) e outros movimentos jovens existentes e, acima de tudo, aos próprios jovens.

Entretanto, não subscrevo à crença de que o nascimento do Escotismo foi meramente obra do acaso. Ele nunca teria alcançado

tanto sucesso se não tivesse respondido a uma necessidade real. E, contudo, as origens específicas e "acidentais" do Escotismo não devem ser esquecidas. O seu Fundador não pretendeu criar uma escola, nem patentear um método e, muito menos, ver seus escritos considerados como revelações a serem adotadas mais tarde por líderes inimaginativos, os quais certamente nunca absorveram os ensinamentos de Baden-Powell, ou entenderam sua mente prática e pragmática, sua tolerância, liberalismo, seu senso comum e humor profundo — qualidades que eram componentes essenciais do caráter dele.

Mesmo 78 anos mais tarde, o antidogmatismo e o universalismo nos impressionam como traços característicos fundamentais do seu caráter, embora alguns de seus sucessores achem sinceramente que este universalismo é uma lamentável fraqueza do primitivo Escotismo, porquanto é aparentemente este universalismo, esta polivalência, que posteriormente iria causar dissidência e divisões.

Os aspectos universais e antidogmáticos do Escotismo inicial são fundamentais. Mas, fundamental é também o lado tipicamente Britânico do Movimento. Porque o Escotismo não foi criado por Baden-Powell em um vácuo, ou no abstrato, mas sim na realidade do país e da época dele, que, ambas respondiam às demandas de uma sociedade que formava o coração do Império Britânico — e seria tolice negar ou envergonhar-se disso. O Fundador do Escotismo estava certamente na vanguarda de sua época, no melhor sentido do termo, mas era também um patriota, e ser rotulado como tal, naquele tempo, não era vergonhoso nem ridículo. Ele tinha sua visão pessoal da espécie de homens que seus Escoteiros desejavam se tornar e, também, da sociedade na qual e para a qual o treinamento e transformação deles se destinavam. Aquela sociedade necessitava exploradores, missionários, pioneiros, guardas florestais, desbravadores de terra e construtores. A meta de Baden-Powell era ajudar a treiná-los, através da destreza e habilidades em assuntos florestais, mas isto simplesmente refletia o amor dele pela natureza e o hábito de viver ao ar livre, em camisas de mangas curtas e sua crença era que as atividades ao ar livre seriam benéficas aos jovens da cidade. Os primeiros Escoteiros não perambulavam pela natureza meramente para escaparem para o ócio. Eles treinavam a si próprios a fim de construir e consolidarem um Império. E não nos esqueça-

mos que no mundo daquela época, especialmente no único que era considerado civilizado, a palavra Império não era mais depreciativa do que no tempo dos Romanos. Manter os aspectos coloniais e imperiais do Escotismo primitivo seria quase tão absurdo como censurar um homem do século dezenove por não viajar a 1000 quilômetros por hora, ou condenar Luiz XVI por não ter lido Lenin. O fato é que se o Escotismo não tivesse se ajustado harmoniosamente em seu ambiente social, nunca teria se tornado o que é hoje.

É claro que os jovens ingleses, exatamente como os contrapartes deles em outros países, ansiavam por liberdade, aventura, agitação e pilhagem. Afinal, o que o Fundador do Escotismo realmente fez — e, como todas as grandes idéias, foi simplesmente inspirada — foi ajudar os jovens bretões a descobrirem as identidades e aspirações deles; suas mais íntimas necessidades e, ainda mais importante, as necessidades da sociedade em que viviam. A idéia saturou também o Escotismo embrionário com a capacidade de integrar e assimilar facilmente, sem esforços.

Esta feliz combinação de aspirações e necessidades representa a base real das profundas raízes do Escotismo na sociedade britânica daquela época.

Aquelas profundas raízes envolvem, automaticamente, interdependência ou, no mínimo, uma comunicação espiritual virtualmente contínua entre o Movimento e a sociedade em que está integrado. Esta é a razão de outros "rótulos de origem", tipicamente britânicos, serem encontrados no Movimento Escoteiro. Ele nasceu sob uma monarquia cristã, em uma nação imperial onde a fidelidade a Deus e ao rei era um dos valores básicos. Esta sociedade era tão conservadora quão influenciada pelo liberalismo de sua época. Aos jovens escoteiros era solicitado prestarem serviço a Deus, mas ao Deus de uma sociedade multi-confessional e tolerante.

Fidelidade ao rei era também exigida, mas a um rei que já reinava ao invés de governar.

O Escotismo, assim, tem múltiplas origens, simultaneamente fortuitas, universal e tipicamente britânicas, e muitos dos problemas existentes neste movimento, ora de âmbito mundial, podem remontar ao passado, àquelas múltiplas origens do Escotismo com um sabor britânico, que por tão longo tempo serviu como modelo para aqueles que adaptaram-no mais tarde às condições locais deles.

Tais "adaptadores" deveriam encontrar-se confrontados com dificuldades formidáveis, como as de transplantar e assimilar um movimento não apenas polivalente mas, ainda, também essencialmente nacional, sem traí-lo? Como moldar o Escotismo em sua própria sociedade, obviamente produto de tradições diversas, com necessidades diferentes e aspirações dessemelhantes?

A aceitação de associações heterogêneas enraizadas em outras culturas dentro da organização internacional, não foi apenas motivada pela extrema tolerância de Baden-Powell e os primeiros líderes internacionais do Escotismo, entre os quais poderia ser encontrada uma amostragem extraordinária da elite tradicional, grandes liberais e aristocratas, seja por nascimento ou por intelecto. É altamente provável que a falta de presciência, as raízes da qual podem remontar a uma confiança romântica na espontaneidade e solidariedade do Escotismo, também tenham encorajado a aliança internacional de associações díspares. Não devemos esquecer que o Escotismo, inconfundivelmente "avant-garde" e racional em nível educacional, foi também concebido durante o interminável século dezanove, um período por excelência idealista, moralista, romântico e utopista da história humana.

Tampouco deveria ser a personalidade do Pai do Escotismo esquecida — um homem que iniciou na vida como Robert Stephenson Smyth Baden, e mais tarde deveria ser conhecido como Ste, Stephe, R.S.S. Robert Baden-Powell, desde subtenente e general, de Sir a Lord, para o final tornar-se simplesmente "B.P." para virtualmente o mundo todo e, em qualquer caso, para aqueles 250 milhões de jovens que, desde sua criação, passaram através da escola fascinante do Escotismo.

Mas, quem foi Baden-Powell, realmente?

2. Soldado por acidente

Não desejando atrair sobre mim a explosiva ira de darvinistas, geneticistas, psiquiatras, psicologistas e outros "istas", não tenho intenção de analisar até que ponto a vida do futuro fundador do Escotismo foi influenciada pelas suas origens genéticas, sua infância e adolescência, ou seu ambiente familiar e social. Entretanto, elas precisam ser mencionadas, mesmo se tiver de fazê-lo resumidamente. Porque, como menciona Goethe, em "Fausto": "o caráter de um homem é o destino dele". Para iniciar, a mãe foi uma mulher extraordinária, sob todos os aspectos. Dotada com elevadas qualidades de coração e caráter, idealismo, um aguçado senso de humor e grande inteligência, consumia-se com uma ardente ambição e a determinação de criar sua grande família de acordo com as melhores tradições Vitorianas. Do primeiro casamento com o professor — Pastor Baden Powell, herdou duas crianças. Sete mais deveriam ser acrescentadas a esta feliz união que durou apenas quatorze anos, porquanto o renomado professor já contava 50 anos de idade quando recebeu o "sim" de uma mulher que havia escolhido, 28 anos mais jovem que ele próprio.

Henrietta Grace Smyth, o nome de solteira da futura Lady Baden Powell, progenitora do Fundador do Escotismo, veio de uma antiga e abastada família. O pai dela, um comandante da marinha que galgou ao posto de almirante, gozava de bom conceito como médico clínico e talentoso astrônomo, e foi sócio da Royal Astronomical Society e da Royal Geographical Society. À sua casa afluíam muitos dos melhores intelectos daquele tempo — o que não constituía surpresa, porquanto a casa dele era situada no Cheyne Walk, Chelsea, uma rua famosa com residência de pessoas estudiosas e artistas, a quem mais tarde se juntaram os poetas George Eliot e Swinburne, Carlyle — o historiador — e muitas outras celebridades.

Foi neste círculo intelectual que a jovem Henrietta Grace pela primeira vez encontrou-se com o seu futuro esposo, altamente respeitado pelos colegas como destacado matemático, filósofo, médico e teólogo. Professor de matemática na Universidade de Oxford, quando contava 31 anos de idade, amigo e colega de Herschel e Faraday, o pai de Baden Powell também tocava órgão e pintava. Era originário de uma família muito bem posta mas de posses modestas, em Suffolk.

A união Powell-Smyth produziu sete crianças, entre as quais o nosso herói, Robert Stephenson Smyth Powell, que contava apenas três anos de idade quando o pai morreu.

Logo depois que completou o período do luto, a viúva retomou a tradição da família, reunindo em torno dela uma variada companhia de poetas, escritores, intelectuais e artistas, tais como o notável poeta Browning, o famoso escritor Thackeray, o crítico e autor Ruskin, o naturalista Huxley e numerosos estudiosos, pesquisadores e professores — todos amigos e colegas do seu finado esposo.

Como todas as crianças na idade dele, o pequeno Robert Stephenson Smyth Powell evitava ir para a cama até que fosse forçado a fazê-lo, escondendo-se atrás de uma porta para escutar o que falavam aqueles homens famosos. Certa ocasião, Thackeray descobriu o esconderijo, mas ao invés de repreendê-lo, o grande escritor deu-lhe um xelim — a primeira moeda que a criança havia até então pegado em sua mão.

"Stephe", ou simplesmente "Ste" — como era cognominado, à semelhança do que ocorria com seu padrinho, o filho de George Stephenson, inventor do trem a vapor — não era muito influenciado pelo pai. Foi o avô materno dele, Almirante Smyth, quem o regalou primeiro com histórias domar e outras de aventuras, no terraço de sua casa de veraneio, conhecida como "quarter deck" (parte do tombadilho de um navio). Muitos outros Powells e Smyths, irmãos e meio-irmãos, tios e tias estiveram envolvidos na educação de Ste, mas sempre sob os olhos vigilantes de sua mãe.

Não foi, portanto, admiração se o "Ste" tornou-se o que era comumente chamado "um menino precoce". Quando tinha apenas oito anos de idade, em uma carta endereçada ao avô, ele inseriu

uma página intitulada: "Leis para mim quando ficar velho", com o texto seguinte:

"Farei com que as pessoas pobres sejam tão ricas como nós. Elas, por direito, devem ser tão felizes como nós. Deus fez os pobres serem pobres e os ricos serem ricos; e eu posso dizer-lhe como ser bom, e agora vou dizer-lhe: você deve rezar a Deus sempre que puder, mas você não pode ser bom com sua prece apenas. Tem, também, que tentar, com muito empenho, ser bom." (Fevereiro, 1865).

O avô não deixou de responder às "leis do Stephe", e o fez nos termos seguintes: "Oh, Lei! Não é lei igual a uma dança rústica (quadrilha) onde as pessoas são regidas para cima e para baixo, até que, com dificuldade, possam mexer as pernas, como disse Milton. A lei é como a física, os que tomam o mínimo dela são os que mais lucram.

O que o "Ste" fez com esta mensagem, não se sabe, mas a despeito do tom sério de suas próprias leis, a vida diária dele diferiu pouco da vida de um jovem normal de sua idade. À medida em que seus irmãos mais velhos deixavam a casa, um a um, para irem à escola, Ste foi deixado com sua irmã Agnes e seu irmão mais jovem Baden, e, com eles formou uma patrulha-miniatura, jogando jogos de sua própria invenção. Criou, também, pequenas peças de teatro nas quais, invariavelmente, desempenhava o papel principal.

Entretanto, longe estava de ser um extrovertido. Sozinho, dedicou-se ao desenho e, rapidamente, desenvolveu seu interesse pela pintura de aquarelas. Pintou, desenhou e escreveu, com idêntica destreza, com qualquer das mãos. Mas, foi o famoso crítico, Ruskin, que o incentivou a desenvolver a habilidade de ambidestro. Com a idade de nove anos fez a ilustração para "Gil Blas", produzindo um tipo de "cartoon" em estilo Toepfferiano. Tocava piano, também, e a família, que adotara oficialmente o nome Baden-Powell em memória do seu finado pai, sentia que Ste, com a imaginação e múltiplos talentos que tinha, seguiria o mesmo caminho trilhado pelo pai.

Com onze anos de idade, freqüentou a mesma escola que seu pai havia freqüentado há sessenta anos antes e, aos treze anos, deixou a casa para tornar-se aluno interno da famosa escola Charterhouse, em Londres, graças à generosa doação recebida do Duque de Marlborough.

O recém-chegado aluno foi descrito, por um de seus amigos, da maneira seguinte: "Um rapaz de estatura média, cabelos ruivos, encaracolados, e visivelmente sardento, com um par de olhos cintilantes".

A Charterhouse era uma velha escola, porém moderna, reservada aos rejeitados da camada superior, da época, com umas poucas vagas à disposição de umas poucas crianças mais pobres (como Ste), contanto que fossem "bem-nascidas".

A exemplo dos estabelecimentos congêneres, a Charterhouse tinha um sistema mediante o qual os estudantes novatos prestavam serviços aos mais velhos — conhecido na Inglaterra como "sistema de calouro" — e, durante seis anos, Ste foi um "calouro" (o que busca ou transporta alguma coisa) para um "superior" — um estudante mais adiantado.

Ste em breve tornou-se popular, a despeito de possuir duas manchas "imperdoáveis" em seu registro: era um jogador medíocre de críquete e de futebol. Felizmente, tais graves defeitos eram compensados pela sua habilidade em tocar piano, violino, trompa e corneta, bem como pelo talento para cantar com uma voz de extraordinário alcance. Todavia, sua reputação baseava-se principalmente sobre seu notável talento, como ator e mímico, que provocou o comentário seguinte de seu superior: "O Ste é dotado com uma admirável espécie de loucura".

Durante o tempo que frequentou a Charterhouse, Ste foi bastante afortunado em ter o Rev. Cônego, Dr. William Haig Brown, como principal professor, cujo princípio diretor era o de desenvolver os potenciais dos jovens, não apenas abarrotando-os com conhecimentos, mas também desenvolvendo o intelecto e o caráter deles.

Stephe não era brilhante nas disciplinas tradicionais (literatura, matemática, idiomas, ciências naturais) mas compensava tudo isso com seus talentos artísticos e a propensão natural para atividades ao ar livre. À época em que se aproximava do final de seus estudos secundários, para os quais, regularmente, lhe eram conferidas notas baixas, tornou-se cada vez mais provável que ele não seguiria o caminho acadêmico do pai. Entretanto, insistiu em prestar exame vestibular para ingressar na Universidade de Oxford.

Era abril de 1876 e ele estava com dezenove anos de idade. A primeira tentativa dele foi um lúgubre fracasso. A segunda, uma decepção, no famoso Christ Church College, onde seu professor de matemática era o Prof. Charles Lutwidge Dodgson, mais conhecido pelo nome de Lewis Carroll, autor do inesquecível livro Alice no País das Maravilhas. Quando o famoso autor o aconselhou a abandonar toda esperança de uma carreira universitária, ele sentiu que o teto tinha desabado.

O fracasso obviamente produziu consternação dentro da família Baden-Powell que mantinha a tradição de ver todos os seus filhos completarem os seus estudos superiores.

Pobre Ste!...O que seria dele?... A família falava disso, em tons silenciosos. Parecia inconcebível que um moço de sua estirpe e criação deveria voltar-se para uma profissão indigna de seu "background", e que ele pudesse mesmo tornar-se um ator. Uma tal decisão seria uma anátema para uma família que partilhava das opiniões de um famoso dramaturgo e teatrólogo, o qual sempre afirmava que, enquanto uma atriz era mais que uma mulher, um ator era menos que um homem...

Finalmente, nesta atmosfera geral de melancolia e pessimismo, foi ele próprio que, por acaso, topou com a solução, localizando um anúncio em um jornal, convidando candidatos a submeterem-se a exames competitivos para admissão a uma escola de treinamento de oficiais. Noventa vagas estavam abertas na Infantaria e trinta na Cavalaria. Ele inscreveu-se para os dois exames que foram realizados em julho de 1876. Para alegria e surpresa geral da família, classificou-se em 5º lugar entre 718 candidatos para a Infantaria e em 2º lugar para a Cavalaria.

Foi um alívio enorme para sua família e amigos. Consoante as regulamentações, os candidatos aprovados deveriam cumprir treinamento inicial, durante dois anos, no Sandhurst Royal Military College. Entretanto, devido aos brilhantes resultados obtidos nos exames competitivos, Stephe foi isentado e, três meses mais tarde, embarcou no navio "Serapis", para a Índia, como subtenente. A família inteira compareceu ao embarque, em Portsmouth, triste em vê-lo partir mas orgulhosa do que havia realizado.

O conceito geral, na época, a despeito da rara e brilhante exce-

ção, era que um soldado nunca deveria ser um pensador e que o exército imperial possivelmente não necessitava de intelectuais em suas fileiras.

O novo subtenente do "13th. Hussars" (13º Regimento de Hussardos), R.S.S. Baden-Powell, não era nem um nem o outro.

3. Escotismo Militar

Para este soldado por acidente, a carreira militar partiu para um início alegre e inesperado, no navio, rumo à Índia. O oficial encarregado do programa de entretenimento dos passageiros civis e militares logo descobriu os talentos versáteis de seu subtenente de cabelos ruivos, o qual podia não somente oferecer um vasto repertório, mas também cantar e representar no palco, e até mesmo elaborar os cartões de convite para as festividades a bordo.

A sorte de Ste continuou na chegada em Lucknow, na região nordeste da Índia, onde o 13º Regimento de Hussardos foi aquartelado. Foram-lhe providos um bangalô, um cavalo e sete criados — dois camareiros, um cavaleiro, dois forrageadores, um cozinheiro e um ajudante de cozinha.

Por feliz coincidência, aproximava-se o Natal e a preocupação maior do Regimento era a preparação e organização de uma gigantesca recepção social, planejada para o dia 1º de janeiro de 1877, em Délhi, para comemorar a proclamação da Rainha Vitória como Imperatriz da Índia.

Como esta é a estação em que o clima é agradavelmente temperado e seco, as representações teatrais, bailes, recepções, eventos desportivos e corridas de cavalos ocorriam em uma atmosfera de alegria geral, pelo menos no que dizia respeito aos britânicos.

O soldo de um subtenente não era exatamente uma fortuna — apenas dez libras mensais — que era "espichado" com uma pequena contribuição da família. Mas Stephe decidiu manter-se com o que ganhava. Abandonou o hábito de fumar e bebia moderadamente. Com o dinheiro economizado, comprou cavalos estafados a preços de barganha, treinou-os e vendeu-os com lucro aos seus camaradas mais ricos. Não só ganhou dinheiro como repentinamente apaixonou-se pelo pólo e tornou-se um destacado jogador.

Mas ainda retinha amor pelas artes líricas e pelo teatro. Entretanto, o jovem e dinâmico subtenente sonhava distinguir-se por atos de bravura e heroísmo em campo de batalha. Mas muito cedo sofreu o desencanto. Os dois principais inimigos da guarnição eram, invariavelmente, a disenteria e o tédio. Deles, combateu o segundo, mergulhando em atividades diárias de lazer e firmando em sua mente a determinação de obter aprovação em todos os cursos ministrados pela guarnição, para os quais obteve resultados tão brilhantes que foi promovido a primeiro tenente. Obteve até uma distinção especial em virtude de suas habilidades excepcionais em topografia.

Mas não foi tão afortunado com o outro inimigo — a diarreia crônica. Caiu gravemente doente e foi reembarcado de volta para a Inglaterra, em licença para tratamento de saúde, por conta do Poder Público, dois anos após a data da partida. Estava, então, com 21 anos de idade.

Recuperou rapidamente a saúde e retomou seu lugar na família, com a firme determinação de nunca perder o único espetáculo na cidade, para referência futura. Também associou-se a uma escola de tiro em Hythe e aprendeu a arte de transmissão por sinais, na esperança de se tornar capaz de usá-la na prática.

Aqui ele falhou, porque na época os britânicos estavam afundando-se cada vez mais no pântano do Afeganistão, curiosamente distanciados do ponto de vista militar da União Soviética cem anos mais tarde. Londres havia decidido aceitar o desafio da " Jihad " — a guerra santa dos afegãos.

Stephe mal podia esperar para estar lá, embora muito cômico da declaração atribuída ao Duque de Wellington: "No Afeganistão, quando os problemas militares estão terminados, começam os problemas reais". Mas não havia nem mesmo uma solução militar à vista, e as preces de Ste pareceram ter sido atendidas. O seu regimento foi transferido da Índia para o Afeganistão. Recebeu ordem de prosseguir para Kandahar, uma cidade em local estratégico, nas montanhas, e área de violentas hostilidades de guerrilheiros contra os ingleses.

Stephe teve a sorte de servir sob as ordens de um coronel notável, Baker Russell, que imediatamente lhe atribuiu importantes responsabilidades, inclusive a tarefa de analisar, juntamente com ou-

tros especialistas, os motivos do fracasso militar britânico. O jovem tenente aceitou a tarefa com entusiasmo. Seus relatórios topográficos foram utilizados como documentos de referência, tanto pela Corte Marcial local como pelos quartéis do Estado Maior em Londres.

Com a prudência que lhe era peculiar, Stephe guardou para si as conclusões a que tinha chegado sobre o revés do seu país e que, em sua opinião, foi devido a dois fatores: a) as armas e equipamentos em uso eram inadequados às condições locais de campo; b) devido à incompetência do Comandante Chefe. Mas havia uma consolação: pela primeira vez estava em ação, embora o primeiro tiro que deflagrou tivesse sido em sua própria perna, devido ao fato de seu ordenança ter esquecido de esvaziar a câmara do rifle. A bala foi extraída do seu calcanhar um mês após o acidente.

Nesse entretanto, e sem qualquer ação militar à vista, a guerra descambou vagarosamente para uma solução política.

O 13º Regimento de Hussardos recebeu ordens de retornar à Índia, para a cidade de Muttra, onde permaneceu durante três longos anos. Foi lá que Stephe desenvolveu uma profunda amizade — talvez a única em sua vida — por um colega, tenente Kenneth McLaren, a quem alcunhou "The Boy" (o Rapaz), devido à aparência juvenil dele, apelido que pegou para o resto da vida. Por sua vez, e para não ficar atrás, o amigo o apelidou "Bloater" (Arenque Defumado) — uma alcunha que o "Boy" empregava, com afeição, durante a vida inteira, mesmo depois que Stephe galgou ao posto de General.

Os próximos anos fluíram sem quaisquer eventos dignos de registro. Aos 26 anos de idade, foi promovido ao posto de capitão, em reconhecimento de serviços prestados no Afeganistão.

Cumpriu, assiduamente, seus deveres como Ajudante do Comandante — principalmente na execução de serviços burocráticos — e, em suas horas de folga, ministrava aulas de balística (tiro) e equitação; e, cada vez mais voltado ao ponto de vista do que estava por vir, ensinava as artes de exploração e reconhecimento, ou "escotismo", a seus colegas oficiais; uma palavra mágica, mas que era ainda demasiadamente cedo para se pensar nela, mesmo se o tempo para a verdadeira vocação dele estivesse prestes a chegar.

A maioria dos traços característicos, que deveriam moldar o destino de B.P. na vida civil, foram revelados durante sua carreira militar.

Foi expedito, incentivador, jovial e inobstante sóbrio em seus hábitos, com uma curiosidade insaciável e uma instintiva compulsão pela vida ao ar livre. Seu amor pela natureza era evidente, desde o início, mas a afeição que tinha aos animais — cavalos à parte — vieram mais tarde.

Por um momento e, desafiando a sexta lei do Escotismo, foi um adicto apaixonado do "esporte dos marajás" — a caça, a cavalo, ao javali — que implicava na morte rápida e honrosa do animal com uma espécie de lança de ferro. (E, como o autor deste livro é a favor do touro na arena, tem muito pouca simpatia por este esporte cruel que, naquela época, era considerado viril e perigoso; e, na verdade, é perigoso especialmente para o javali).

Nosso herói estava tão absorto naquele esporte que chegou até a publicar um livro sobre o assunto, intitulado "Pigsticking or Hoghunting" (Caça ao Javali com Chuço ou Caça ao Porco Selvagem). Esse não foi o seu primeiro livro. Em 1884, "Reconnaissance and Scouting" ("Reconhecimento e Escotismo") havia sido lançado, em Londres. Dita publicação, bem como seu segundo livro "Cavalry Instructions" (Instruções de Cavalaria) — um manual de tipo militar, estabelecia as regras básicas de uma arte que deveria se tornar a especialidade dele, senão o trabalho de sua vida. Para o momento, se este jovem, popular oficial, teve qualquer pretensão à fama, não foi no campo literário, ou devido aos seus esforços nele, mas sim através das apresentações teatrais e dos talentos artísticos que, incidentalmente, obtiveram para ele muito sucesso junto ao sexo oposto. Entretanto, Robert — como ele d'oravante será chamado — não alimentava planos matrimoniais, embora, em uma divertida carta à mãe, anunciou que traria para casa uma "moça com 50 mil libras" logo que se tornasse Comandante. O grande desejo dele, naquele tempo, era o de obter transferência para qualquer parte do mundo que fosse digna das aspirações de um oficial de carreira ambicioso, do 13º Regimento de Hussardos. Seu desejo foi atendido quando o Regimento recebeu ordens de prosseguir para a África do Sul, onde os assuntos de Sua Majestade Imperial estavam enfrentando sérios problemas civis e militares.

O principal inimigo dos britânicos, no confuso panorama sul-africano, eram os "boers" ou "afriçânders" (brancos, naturais da África, geralmente descendentes de brancos), como preferiam ser chamados. Eles próprios estavam em conflito com tribos locais — matabeles, basutos e zulus — as quais se ressentiam furiosamente dos esforços dos "boers" para escaparem, às próprias expensas, do que os últimos chamavam "tirania britânica". Os "boers" estavam divididos quanto à maneira de combaterem seus vários inimigos e as divergências deles não tinham se tornado fáceis pela política fluante e hesitante dos políticos britânicos que retornavam a Londres. O próprio Governo Britânico estava em dúvida sobre como estabelecer a "Paz Britânica" na África do Sul — obviamente a única solução, após um século de lutas, tensão, compromissos e tréguas incômodas, naquele país dilacerado pela guerra. A disputa real, entretanto, não era de negros contra brancos, mas sim de brancos contra brancos, cada um dos lados procurando lealdade e apoio dos grupos tribais nativos — às vezes mediante emprego de força — e as tribos, elas próprias sendo tratadas como traidoras por aqueles que passavam para o lado rival.

Como freqüentemente acontece na história, a diferença entre conquistadores e invasores, heróis e terroristas, traidores e legalistas, era uma questão puramente subjetiva, dependente de qual dos lados o observador ocasional tivesse sido colocado pelo destino.

O capitão Robert Baden-Powell encontrava-se na África do Sul para cumprir seu juramento de lealdade à Coroa Britânica e obedecer ordens superiores. Até então, não lhe havia sido ordenado lutar. De fato, o evento mais notável em sua viagem a serviço, na África do Sul, foi uma missão secreta de reconhecimento, efetuada em trajes civis, nas montanhas Drakensberg, para, oficialmente, colher informações sobre imigração potencial, mas que, na realidade, eram para fins de espionagem militar. Durante um mês, viajou 1.000 quilômetros a cavalo, e não disparou um único tiro, mas cumpriu sua missão clandestina a inteiro contento do seu Comandante-Chefe e, inesperadamente, adquiriu afeição pelas pessoas que estava espionando, as quais — consoante mencionou em uma carta à sua família se portavam com grande dignidade.

A primeira permanência na África durou um ano. Até fins de 1885.

Os dois anos subseqüentes foram gastos no cumprimento de tarefas rotineiras, na guarnição, intercaladas com períodos de licenças que, na maioria das vezes se constituíam de atividades não-oficiais de espionagem na Rússia, Alemanha, Bélgica e França.

Robert em breve tornou-se um especialista em "aprofundadas missões de reconhecimento".

Automotivado, fez da observação uma forma de arte, e encontrou tanto prazer no campo de atividades escolhido que, adaptar-se à natureza e observação meticulosa do seu ambiente, tornou-se parte integrante de si mesmo, tanto na vida civil como na militar.

Embora perfeitamente satisfeito com a situação, ainda ansiava por entrar em ação e por uma chance de mostrar bravura em campo de batalha e abandonar a cerração e o nevoeiro de sua ilha natal, por um país onde pudesse gastar os 365 dias do ano exercendo atividades ao ar livre.

O sonho tornou-se em realidade parcial apenas em 1888. Aceitou o convite de um tio pelo lado materno, General Smyth, de juntar-se a ele na África do Sul. Quando viajava, contornando a extremidade meridional da África, bem conhecida aos marítimos como Cabo da Boa Esperança, sentia-se à vontade. Em vista do que o esperava, o nome anterior do Cabo — Cabo de Todos os Tormentos — teria sido mais adequado. Porque o trabalho como Ajudante de Campo era pouco melhor do que o de um glorificado escrevente.

Quando seu tio foi designado para o cargo de Administrador Colonial, ele o tornou responsável pela organização de piqueniques, jantares, bailes, apresentações teatrais e outras diversões.

Frustrado e aborrecido, Robert achou que estava perdendo seu tempo com assuntos locais, tais como o comparecimento à abertura do parlamento local, no Cabo.

Qualquer um que tenha sentido o gosto da vida colonial sabe que ela nem sempre é uma escola de virtudes, ou de melhoria da natureza humana. A este respeito, o clima excepcional e os longos períodos de ócio em nada ajudam.

Foi, deveras, grande realização a de Robert, evitar a "armadilha" de um ambiente tão fútil e debilitante, quando o "vá com calma" era a regra da vida.

Permaneceu íntegro, sóbrio e muito ativo. Mergulhou nas atividades de sua vida privada, desenhando, estudando idiomas e cos-

tumes locais, esportes e, em sua ocupação predileta, observando pássaros e animais.

Em todas as suas horas de folga tratava de escrever livros. Quanto à carreira, continuou desenvolvendo e aperfeiçoando a arte do escotismo e do reconhecimento — ramo que tinha sido tão negligenciado no treinamento militar.

Mas, deixemos que o próprio Robert Baden-Powell fale:

"O Escotismo difere da espionagem no que ela está colhendo informações a respeito de um inimigo de seu país no curso ordinário da prática militar".

A definição de um escoteiro já havia sido dada no ano 1560 por Machiavelli, em seu livro "Arts of War" (Artes da Guerra): "Eu não achei isso, pois para guardar o campo à noite eles mantinham a guarda sem a trincheira, como usam homens hoje em dia, a quem chamam escoteiros. Toda a força da vigilância estava dentro da trincheira. Eles temiam que com homens postados em frente ao exército, lá dentro poderiam ser enganados ao vê-los entrarem, ou que pudessem ser forçados ou subornados pelo inimigo".

Em resumo, os antigos empregavam escoteiros e não postos avançados de vigilância. Tem sido dito que: "O sucesso, das modernas artes de guerra, depende do conhecimento acurado do inimigo e do país onde a guerra acontece. A despeito da importância vital do reconhecimento, a instrução neste ramo essencial do treinamento militar era falha, quando entrei para o exército.

É verdade que nos ensinaram a fazer mapas e elaborar relatórios, mas nunca nos mostraram como reunir o material para nossos relatórios, ou como coletar informações sobre o inimigo. Ouvi ser o oficial inglês do período descrito como "simplesmente tão ignorante da ciência do escotismo como um chimpanzé o é da patinação".

Para preencher esta gritante lacuna, Baden-Powell organizou cursos e exercícios de treinamento. Acima de tudo, ensinou pelo exemplo.

Em um exército tão impregnado de tradição, como o era o dos britânicos no fim do século dezanove, não constituía feito mesquinho o de persuadir um comando céptico a aceitar o valor militar de uma arte que, vinte e cinco anos mais tarde, Baden-Powell iria tornar em autêntico meio de vida para fins civis e pacíficos. Mas ainda era um soldado, e como escreveu no livro "Reconhecimento e Esco-

tismo" — "Os escoteiros são olhos e ouvidos de um exército e o sucesso de todas as operações depende da inteligência e esperteza deles. O cérebro e o braço forte, o general e os soldados dele estão desamparados, a menos que os escoteiros expliquem onde, quando e como atacar ou repelir o ataque".

Após a experiência solitária, neste campo, nas montanhas Drakensberg, durante sua viagem em serviço, à África do Sul, apresentou-se-lhe, em 1888, uma oportunidade rara para pôr na prática a sua especialidade em escotismo.

A Guerra dos Zulus, uma característica importante dos intermináveis conflitos na África do Sul, estava atingindo o clímax. A situação era tão crítica que o General Smyth recebeu ordens de prosseguir para Natal, ao longo da fronteira da Zululândia, a fim de impor governo colonial sobre os Zulus. O oficial de alta patente, que deveria atuar como secretário militar dele, não tinha chegado da Inglaterra, e o capitão Baden-Powell, embora detentor de patente inferior, foi designado substituto. Esta era a oportunidade pela qual tinha estado esperando. O oficial encarregado da expedição nomeou-o vice-comandante de um regimento de 600 Dragões, composto de 400 brancos e 200 negros. Pela primeira vez na vida era comandante, no campo, com instruções específicas de planejar estratégia e táticas. O objetivo inicial da campanha era capturar o Chefe Dinizulu, um guerreiro Zulu que estava liderando a luta do povo dele contra a incorporação do território pelos britânicos. Um segundo objetivo era o de resgatar um residente britânico, Mr. Pretorius, o Comissário Assistente, que se encontrava sitiado pelos Zulus.

A operação, para captura do Chefe Zulu, foi prejudicada, especialmente devido a curtas disputas políticas e militares, de pessoas importantes, e Dinizulu fugiu para um esconderijo seguro. Somente após terem sido informados por integrantes da equipe de escoteiros brancos e negros de Baden-Powell foi que o comando geral ficou ao par da reviravolta dos acontecimentos.

Contudo, o resgate de Mr. Pretorius foi um sucesso completo, após furiosa perseguição que durou três semanas, através de campos difíceis e de perigosas capoeiras, durante as quais os britânicos estiveram sob permanente ataque dos espertos e expeditos zulus, que se mantinham assentados, vigilantes, sobre elevados penhascos e conheciam cada polegada do terreno.

A chuva, as gélidas noites e a umidade excessiva, eram outros inimigos das tropas britânicas.

Sem barracas, ou qualquer outro tipo de abrigo possível, nos campos abertos e nas capoeiras, os escoteiros mantinham-se, dia e noite, em vigilância permanente. E, na falta de médico, foi Baden-Powell quem tratou os doentes e feridos e os reconduziu à segurança.

Em um relatório, sobre a "Expedição Pretorius", o Oficial Comandante destacou que o "Capitão Baden-Powell, um oficial de extrema confiança e destacada previsão e perfeito conhecimento da arte militar em seus mínimos detalhes, foi uma tremenda ajuda". Aquela expedição marcou o início da ascensão de Baden-Powell à fama. Mas, longe de descansar à sombra de suas glórias, prosseguiu organizando seu serviço de informações e, novamente, lançou-se na perseguição a Dinizulu.

Mais de uma vez arriscou a própria vida nesta perigosa caçada, que terminou na rendição do Chefe Zulu e seu exílio pelos britânicos, na então famosa ilha-presídio de Santa Helena. Quanto a Dinizulu, deveria tornar-se um dos primeiros "graduados da prisão", seguido mais tarde de outros que passaram por esta escola dura, apenas para emergirem depois como líderes dos seus países descolonizados.

Nesta campanha, Baden-Powell adquiriu três coisas que deveria guardar durante o resto de seus dias. A primeira, um longo colar do chefe Dinizulu, formado com contas de madeira entalhada, o qual deveria mais tarde presentear a seus melhores Escoteiros (este costume, com réplicas do colar, é ainda praticado hoje em dia). A segunda — uma experiência, em humildade que o ensinou não somente a apreciar as qualidades de seu adversário, mas também aprender a sua forma de vida e cultura fosse o inimigo um Bantu ou Bôer, tal como o líder Bôer Oom Kruger, a quem colocou em pé de igualdade com Cromwelli.

E, finalmente, adquiriu uma canção zulu — Ingonyâma — uma melodia majestosa e cativante que mais tarde deveria tornar-se canto dos Escoteiros em todo o mundo.

A um nível mais prático, foi promovido ao posto de major aos 32 anos de idade — sua terceira promoção antes de contar tempo normal para tal, e sem tomar parte ativa em uma única batalha real.

4. Quatro passos para a glória

O seu primeiro passo para a glória foi talvez o menos espetacular, não muito marcial, e pouco contribuiu para sua futura reputação.

O tio de Baden-Powell, General Smyth, então nomeado Cavaleiro, foi designado Governador de Malta e levou, novamente, o sobrinho para desta vez, ocupar os cargos de Ajudante de Campo e Secretário Militar.

Baden-Powell viu-se novamente movimentando papéis, mas com tempo suficiente para dedicar-se aos seus esportes favoritos — especialmente o pólo. Como aconteceu anteriormente, ganhou boa reputação como artista e apresentador de peças teatrais, cantor, ator e mímico. Também pintava cenas da vida diária naquela ilha do Mediterrâneo e colaborou com artigos para jornais e revistas publicados em Londres.

Os esforços artísticos e literários renderam-lhe bastante dinheiro para manter um padrão de vida condizente com seu posto de Oficial de Cavalaria, permitindo-lhe, ainda, continuar com seus passatempos favoritos e de entretenimento de outras pessoas. Isso tudo, obviamente, tomou-lhe muito tempo, mas não o bastante para ocupar totalmente sua irrequieta energia.

Contrariando todos os conselhos de companheiros, lançou-se em arriscado e custoso empreendimento: criou um centro de lazer e teatro para militares, formado por salas de jogos e um ginásio de esportes — uma espécie de clube, com hotel e restaurante, incluindo quartos para acomodação de esposas e crianças, na guarnição. Seus superiores opuseram-se ao projeto, não somente porque o consideravam fadado ao fracasso, como também por estar o Major Baden-Powell nele ocupado, algo que estava fora de seus deveres oficiais; e também, porque o clube estava situado na área onde estavam localizados os bordéis de Valeta, a capital de Malta. Mas,

a esse argumento, B.P. respondia: "Se você tem um abscesso, onde colocaria o cataplasma?". O nome pegou, e dessa data em diante, soldados e marinheiros sempre se referiam ao clube como o "Cataplasma". Foi um grande sucesso e ganhou aplausos de seus camaradas.

E, contudo, ainda sentia-se pouco à vontade em Malta, consoante pode ser depreendido de uma carta que escreveu à mãe, onde mencionou: "Você não pode imaginar aquela doença do campo (como eu deveria chamá-la) que pega na gente — uma espécie de fome de estar fora, em lugar ermo e distante desta mistura de vida fácil, de trabalho burocrático de escritório, de estúdio de desenho, de amanuense e de mordomo".

Portanto, não constituiu surpresa se, quando surgiu uma oportunidade para operar como o oficial no Serviço de Informações, na área do Mediterrâneo, ele a agarrou com entusiasmo.

Entretanto, o nosso James Bond não estava satisfeito com seu papel de espião profissional. Gastou até mesmo os períodos de licença em trabalhos de informação, e despistando-se como turista, ou desempenhando papel de artista, ou de um caçador de borboletas, visitou Albânia, Grécia, Turquia, Tunísia, Bosnia, Herzegovina e outros países. O inocente caçador de borboletas anotava um montão de informações militares em seu bloco de desenho. Por detrás de soberbos esboços de borboletas coloridas, estavam codificadas mensagens sobre fortalezas, canhões e outras instalações de guerra.

A despeito da monotonia da vida cotidiana, na guarnição, este período da sua existência não foi desperdiçado. Mas, o fato é que se sentia infeliz como burocrata militar. Movido pela ambição, procurou nova promoção, muito embora já tivesse alcançado posto mais elevado bem antes de contar tempo regulamentar. Mas, o único caminho parecia-lhe ser através do "Staff College" (Escola do Estado Maior). Retornar aos estudos clássicos, era a última coisa que desejava. Mas, mesmo assim candidatou-se. O seu pedido foi recusado, sob pretexto de que sua experiência de campo era insuficiente.

Em carta a seu irmão George, e convencido de que seu futuro militar estava por detrás, resumiu a situação da seguinte maneira: "Estou receoso de que o "Staff College" esteja além de meu alcan-

ce agora. Acho-me além da idade e estou certo de que não posso pagar um preparador para o exame — e tampouco aprender a matemática exigida". Ao escrever isto, ele possivelmente tinha na mente as notas baixas obtidas na Charterhouse: Nos Clássicos: "Parece ter muito pouco interesse pelo seu trabalho". Na Matemática: "Praticamente abandonou o estudo da matemática". Nas Ciências Naturais: "Não presta a mínima atenção". Nas Línguas Modernas: "Poderia sair-se bem, mas tornou-se muito preguiçoso; freqüentemente dorme durante as aulas".

Apesar dos anos felizes que tinha passado sob o estandarte do 13º. Regimento de Hussardos, decidiu procurar novos horizontes.

Na carta ao irmão, anteriormente citada, ele até mencionou os seis anos que faltavam para "aposentar-se com uma pensão decente".

Pouca surpresa causou, portanto, o fato de, após ter renunciado a seu posto de Ajudante de Campo e Secretário Militar, e enquanto aguardava uma transferência para o seu Regimento, então aquartelado na Irlanda, ter aceitado uma proposta do jornal "Graphic", de Londres, para fazer reportagens sobre os massacres dos Armênios na Turquia — uma tarefa de cunho puramente jornalístico, com todas as despesas e generosas diárias pagas. Mas, um homem propõe... e Deus dispõe... O Repórter errante, Robert Baden-Powell, estava prestes a fazer as malas quando veio a ordem de prosseguir imediatamente para a Costa do Ouro (hoje Gana) onde os rebeldes Ashantis estavam tornando difícil a vida dos colonizadores britânicos. Lord Wolseley, o Comandante-Chefe, pessoalmente, fez um resumo da missão: "Você deverá recrutar um contingente de nativos e o comandará como uma força escoteira e pioneira, para a nossa "Expedição Ashanti". E o general acrescentou: "Não que este seja um serviço da Cavalaria, mas sim uma tarefa na qual você terá oportunidade de fazer uso total de suas habilidades".

Assim, Robert embarcou, uma vez mais, para a África, em novembro de 1895, com o posto de Major. Estava com 38 anos de idade.

O período que permaneceu em Gana — o segundo passo para a glória — foi o mais breve; durou apenas dois meses. Foi, tam-

bém, inigualado, pois não gastou um dia sequer em um escritório e, pela primeira vez, fez uma pausa na apresentação de "shows", ou no entretenimento de camaradas com exibição de peças teatrais. Tampouco praticou esportes ou ocupou-se em passatempos favoritos.

A sua missão era parte de uma campanha de pacificação contra os Ashantis, uma tribo guerreira que tinha o hábito infeliz de desafiar as tréguas firmadas com o seu "protetor" britânico. Os Ashantis rebelaram-se não apenas contra a ordem colonial imposta pelos representantes da grande Rainha Vitória, mas também contra todos os invasores que, desde os primeiros aventureiros franceses procedentes de Ruão, em 1366, foram seguidos por dinamarqueses, ingleses, portugueses, suecos e outros, atraídos a este país inóspito que tinha o infortúnio de possuir, sob seu solo, imensas jazidas de ouro.

A disputa, em particular, da Grã-Bretanha com os Ashantis, na época, era a falta de cumprimento, por parte deles, das condições constantes de um tratado concluído em 1874, vinte anos antes, mediante as quais se comprometiam a garantir livre e seguro acesso às suas rotas comerciais; abandonarem a tomada de escravos, alguns dos quais eram ofertados como sacrifício humano... e pagarem à Coroa Imperial uma indenização no montante de 50.000 onças em ouro.

O jovem rei Ashanti — conhecido como Coumassi ou Kumasi — era um "espinho especial na carne" para os senhores brancos, devido aos repetidos desafios dele ao tratado. Sob o código de moral do período, ainda hoje válido, a única maneira de refreá-lo era através de fogo e espada.

O papel desempenhado por Baden-Powell na campanha foi vital: formar e conduzir uma companhia de soldados locais, a fim de abrir caminho para as tropas regulares e, destarte, garantir a segurança dos depósitos, bases de campo e comunicações.

Era, de fato, um trabalho pioneiro. A tarefa envolvia uma distância de cerca de 130 quilômetros, que se estendia desde a costa até a capital do rei rebelde, mas o terreno era um pesadelo. Além dos obstáculos naturais de uma floresta tropical, havia a fauna na qual os pequenos insetos representavam o maior perigo. Em edição, a ação foi integralmente executada sob um calor intolerável e com a

umidade da floresta virgem onde os Ashantis, perfeitamente cômicos das intenções do inimigo, tinham plantado as suas sentinelas.

Baden-Powell necessitou usar toda a sua astúcia e paciência para recrutar, localmente, um bando de mercenários leais que, naturalmente, aos olhos de seus compatriotas, eram traidores. Foi, então, que aprendeu a apreciar a sabedoria do provérbio Ashanti: "Devagarzinho... devagarzinho se pega o macaco", significando que a maneira para capturar o macaco é através de suave aproximação e paciência.

Robert foi sempre modesto e autocrítico quando descreveu seus feitos de guerra. Entretanto, a descrição dele, da "campanha Ashanti" foi um relato fiel dos terríveis perigos de um teatro tropical de operações que não é sem motivos chamado "inferno verde". Novamente, a "Paz Britânica" foi imposta sem que qualquer batalha real tivesse ocorrido.

O Major Baden-Powell tinha mais do que merecido promoção ao posto de Tenente-Coronel e uma licença de uns poucos meses que lhe foi concedida. Mas, a sua natureza era avessa à inatividade. Mergulhou em suas prediletas atividades de lazer e escreveu um livro intitulado "The Dowfall of Prempeh" (A Queda de Prempeh", baseado em uma coletânea de artigos que tratavam de suas atividades na campanha, que enviara da Costa do Ouro (Gana) para Londres.

Dito livro, fartamente ilustrado com seus próprios desenhos, firmou sua reputação junto aos jornais e, até certo ponto, perante o público sequioso por reportagens de primeira mão. Isto explica por que lhe foi oferecido o cargo de Correspondente-de-Guerra no Sudão — país que, na época, estava revoltado contra os britânicos. O contrato estabelecia que ele teria liberdade para fixar suas próprias condições. Era uma proposta tentadora, até mesmo lisonjeira mas, novamente o destino decidiu em contrário. No dia 28 de abril de 1886, recebeu ordens, do Comando-Geral, de embarque, no dia 2 de maio, para o Cabo, na África do Sul.

O terceiro passo de Baden-Powell para a glória foi dado na qualidade de Chefe do Quadro de Pessoal, do General Sir Frederick Carrington, enviado para subjugar a revolta em Matabeleland,

onde várias tribos tinham sido escorraçadas de sua terra pelos "boers", apenas para enfrentarem a pressão dos britânicos.

Aumentar a raiva deles foi uma das medidas tomadas por um dos maiores construtores de impérios de todos os tempos: Cecil Rhodes, conhecido de todos os povos nativos como "o touro-que-aparta-os-touros-brigões" e "grande-irmão-que-devora-países-inteiros-como-merenda".

Para ilustrar a questão, o nome dele foi dado a um país maior do que a França, Itália e Espanha juntas. A Rodésia portou o nome do surpreendente construtor de impérios durante mais de 80 anos, quando, ao final de lutas sem fim e banhos de sangue, finalmente obteve sua independência e mudou de nome, passando a chamar-se Zimbábue.

Permanece até o dia de hoje, com cena de rivalidades e lutas fratricidas que ocorrem sob patrocínio de grandes potências, as quais têm interesses, mais do que passageiros, em sua localização estratégica e em seus ricos recursos naturais.

Filho de um modesto pastor, Cecil Rhodes já era um milionário (em libras esterlinas de ouro) aos 25 anos de idade. Sua ambição e a fome de poder não tinham limites. Sonhava colocar o Continente Africano inteiro sob o domínio britânico, desde o Cabo até o Cairo, convencido de que à raça dele estava reservado o destino de governar o mundo todo. Visionário e aventureiro, político sagaz e hábil negociador, o vigoroso e vulgar Rhodes nada tinha em comum com o Tenente-Coronel Baden-Powell, exceto o amor apaixonado que ambos tinham pela África.

Foi este o elo comum que os aproximou durante algum tempo.

Os deveres oficiais de Baden-Powell eram os de um Chefe-de-Quadro de Pessoal, do Oficial Comandante. O superior dele compreendeu rapidamente que os talentos de Robert podiam ser melhor aproveitados no campo do que no exercício de serviços burocráticos de escritório. Confiou-lhe duas missões importantes: a primeira seria organizar e dirigir todas as atividades de reconhecimento e coleta de informações; a segunda, a de, na condição de Comandante-de-Campo, atuar na perseguição e molestarmento de um inimigo poderoso, treinado e numericamente forte, altamente especializado na colocação de armadilhas e emboscadas, em um território espantosamente difícil, cheio de obstáculos naturais.

Muito do crédito pelo sucesso da campanha foi conferido a Baden-Powell, embora o papel vital por ele desempenhado possa ser atribuído mais às suas qualidades humanas do que a seus méritos militares.

Entregou-se à guerrilha, no mato, como um peixe à água. As decisões estratégicas surpreendentes, tomadas durante a campanha — que muitas vezes resultaram ser as mais corretas — foram primariamente devidas ao seu aguçado senso de observação, o qual foi capaz de desenvolver em uma verdadeira arte.

Permaneceu na Matabelelândia durante uns poucos meses apenas, onde, a julgar pelo que escreveu em uma carta à mãe, passou um dos períodos mais felizes da sua vida.

Contudo, um evento perturbante frustrou sua felicidade.

No meio da missão que desempenhava, foi obrigado a ordenar a execução de um chefe rebelde acusado de ser incendiário e assassino.

Após ter o pelotão de fuzilamento cumprido a ordem, os motivos da imposição da penalidade máxima foram questionados pelas autoridades. Baden-Powell foi levado a julgamento por um tribunal militar e, não obstante ter sido absolvido, o pensamento de ter tomado a decisão de mandar a fuzilamento um outro ser humano, sem uma prova cabal de culpa, o perseguiu durante muitos anos. É provável que a experiência tenha desempenhado um papel importante em sua dedicação ao pacifismo, mais tarde.

Tais acidentes constituem atos e conseqüências inerentes a qualquer guerra, embora muito mais dolorosos a um homem de extrema sensibilidade, como Baden-Powell, do que aos demais.

Isto posto, vale a pena lembrar novamente as qualidades deste notável Oficial e sua perspicaz habilidade de adaptação ao combate, em qualquer lugar, clima e ambiente — uma habilidade latente que um biógrafo mais tarde deveria descrever como uma "curiosidade pela coisa real".

As próprias palavras de Baden-Powell, sobre a campanha, são expressivas. Em seu livro intitulado "The Matabele Campaign" ("A campanha de Matabele"), publicado em 1897, um ano após o evento, ele fez a seguinte descrição de uma de suas aventuras — desta vez, porém, não violenta: "Um dia, durante a Guerra de Matabele, eu cavalgava junto com um nativo, sobre uma planície am-

pla, coberta de grama. Repentinamente, cruzamos uma trilha recentemente feita na grama, onde as folhas da relva ainda estavam verdes e úmidas, embora pisoteadas, todas elas inclinadas de tal forma que indicavam para onde as pessoas tinham andado. Acompanhando a trilha durante algum tempo, observamos que ela ia ter a um trecho arenoso onde podiam ser vistos rastros de várias mulheres (de pés pequenos e passos curtos) e de rapazes (pés pequenos e passos mais longos) caminhando — não correndo — em direção a algumas colinas que eram situadas a uma distância de cerca de cinco milhas, onde julgamos que o inimigo estava escondido. Observamos, depois, que uma folha encontrava-se sobre a relva, a cerca de dez jardas, fora da trilha. Dentro de um raio de cerca de algumas milhas não existiam árvores, mas sabíamos que árvores com aquele tipo de folha cresciam em uma aldeia situada a quinze milhas de distância, na direção donde procediam as pegadas.

Parecia ser provável, portanto, que as mulheres vinham da aldeia, traziam consigo a folha e se dirigiam para as colinas.

Ao apanhar a folha, observamos que ela ainda estava molhada e dela exalava o odor característico de cerveja nativa.

Ficamos conjecturando, pois, que de acordo com o costume local, as mulheres tinham estado carregando sobre suas cabeças potes de cerveja nativa e que os potes eram tampados com feixes de folhas. Uma das folhas tinha caído fora da trilha e isso demonstrava que quando caiu havia vento. E, como agora — sete horas — não estava ventando, ele deveria estar soprando às cinco horas.

De todos estes pequenos sinais, raciocinamos que um grupo de mulheres e rapazes tinha trazido cerveja, durante a noite, da aldeia situada a uma distância de quinze milhas e levado para o inimigo nas colinas, tendo lá chegado logo depois das seis horas.

Os homens provavelmente deveriam começar a beber a cerveja imediatamente (visto que ela se torna azeda em poucas horas) e, ao tempo de nossa chegada lá, já deveriam estar sonolentos e, em consequência, mantendo má vigilância e, teríamos, assim, uma chance favorável de observarmos a posição deles.

Por isso, seguimos a trilha, encontramos o inimigo e fizemos nossas observações e nos retiramos tranqüilamente com as informações obtidas e sem qualquer dificuldade".

Não é difícil perceber, por detrás destas linhas, o futuro "Es-

coteiro da Paz" — o homem que dedicou sua vida em compartilhar com os jovens o seu amor pela natureza. Todavia, ele ainda não havia atingido aquele ponto. Promovido a Coronel, aos 39 anos de idade, retornou à sua Guarnição, em Dublin, onde estava aquartelado o 13º Regimento de Hussardos.

Lá, encontrou-se em uma situação estranha e incômoda — a de ser superior, em posto, ao do Tenente-Coronel que comandava o regimento. Isto exigia uma rápida solução, e ela veio inesperadamente. Foi transferido para a Índia, com o posto de Comandante do 5º. Regimento de Dragões.

Com certo pesar disse adeus ao regimento que tinha sido parte tão íntima de sua vida durante vinte anos. Entretanto, estava muito satisfeito em "voltar para a casa" — a Índia — e renovar contato com seu ex-Comandante, o qual então tinha sido nomeado Cavaleiro Sir Backer Russell e Kenneth McLaren — "The Boy" ("O Rapaz", como o alcunhara) — o único real amigo que teve.

Na ausência de qualquer missão militar específica, novamente centralizou seus talentos na observação, mas desta vez o fez em nível humano, procurando, em especial, entender a causa da quase permanente epidemia que dizimava o Regimento.

Graças a medidas muito rigorosas, sobre alimentos e higiene, que introduziu, os flagelos foram debelados.

Como o famoso General francês Lyautey, mais tarde — foi, antes de tudo, "orientado em direção à pessoa", equipado com uma antena para captar as necessidades, desejos e aspirações de seus comandados.

Mais profundamente motivado do que nunca, dedicou seu tempo à criação e treinamento de uma equipe de soldados-escoteiros em seu novo regimento. Como incentivo extra àqueles soldados-escoteiros, desenhou um emblema especial, semelhante a uma flor-de-lis, símbolo do hemisfério norte, nas cartas marítimas — o famoso Norte que nunca deve ser perdido.

Ampliou, também, seu livreto sobre "Reconhecimento e Escotismo", publicado quatorze anos e reeditado sob o título de "Aids do Scouting for N.C.O.s. and Men" ("Ajudas ao Escotismo, para Homens e Oficiais-não-Comissionados"). Este não foi um livro sobre teoria, mas sim um livro prático, preciso e projetado para salientar e desenvolver as qualidades relevantes do caráter de um ho-

mem, tais como: a confiança em si mesmo, a perspicácia, astúcia, adaptabilidade, bravura, lealdade, senso do dever...

Foi neste livro que B. P. pela primeira vez sugeriu a formação de pequenos grupos de treinamento, possibilitando-os desenvolver suas próprias dinâmicas. Introduziu a idéia de jogos — na maioria deles, idealizados por ele mesmo — como método educacional. Os esboços do futuro Movimento Escoteiro já podiam ser vistos no horizonte.

Durante sua permanência de mais de dois anos em serviço, na Índia, ele também fez experimentos da idéia de autoconfiança como meio de automelhoramento. Por vezes atribuiu a seus comandados responsabilidades que estavam muito além dos níveis de instrução, ou das experiências militares deles. Todavia, alcançou a meta visada. Através de seus métodos originais, descobriu o papel muito poderoso que a fé e a confiança podem desempenhar na educação e no fortalecimento do caráter de um homem.

Durante este período calmo e sem acontecimentos, na Índia, ele retornou às atividades teatrais das quais tanto gostava. Nunca usando intencionalmente o próprio posto; o fato de ser Comandante-Chefe não impediu de apresentar-se no palco e, como sempre aconteceu antes, obteve grande sucesso. Dedicou, também, grande parte de seu tempo à prática de esportes favoritos — especialmente o pólo.

Era chegado o tempo de deixar a Índia que tanto amava e, em maio de 1899, retornou a Londres, ainda disponível para o serviço militar ativo. Apenas duas semanas tinham decorrido desde a chegada dele e foi convocado para que se encontrasse com Lord Wolseley, Comandante-Chefe do Exército Imperial.

"Quero que o senhor vá para a África" — disse-lhe Wolseley.

"Sim, Senhor".

"Bem, o senhor pode ir no próximo sábado?"

"Não, Senhor".

"Por que não?" vociferou Wolseley.

"Não tem navio no sábado, mas posso ir na sexta-feira".

O general soltou uma estrondosa gargalhada, e continuou explicando a missão de Baden-Powell. Ele fora nomeado Comandante-Chefe das forças britânicas que se encontravam na

fronteira rodésiana. Estupefato, Robert arrumou suas malas, despediu-se da família e novamente embarcou para o desconhecido.

Estava prestes a dar seu quarto e último passo para a glória.

5. Mafeking ou um Blefe Magistral

É, de modo geral, reconhecido que, sem B.P. o Escotismo jamais teria visto a luz do dia. A isto, pode ser acrescentado que sem o prestígio mundial dele, como herói de guerra, o Movimento Escoteiro nunca teria alcançado suas atuais dimensões.

O renome de B.P., como herói de guerra, foi ganho no período de 11 de outubro de 1899 a 17 de maio de 1900 — exatamente em 217 dias. Nos quase sete meses, ele emergiu como salvador do que será para sempre conhecido na história como o cerco de Mafeking, uma cidadezinha obscura localizada na África do Sul que, por acidente, foi projetada no palco mundial quando se tornou cenário do conflito entre os "boers" e os britânicos.

A reputação, em âmbito mundial, de B.P., pode remontar-se ao papel que ele desempenhou no cerco de Mafeking.

Não é fácil explicar a histeria coletiva que tomou conta do povo britânico — normalmente tão calmo e fleumático -, quando foi anunciado o levantamento do cerco àquela cidade, há tanto tempo esquecida. Mas, nada era normal, naqueles dias frenéticos do mês de maio de 1900, e a Nação Britânica deu vazão ao seu alívio e aclamou o seu herói — Baden-Powel — e, ele próprio, ficou assombrado com a fama que lhe impuseram.

O telegrama anunciando a boa notícia levou cerca de dez horas para chegar, de Pretória a Londres. Caiu no birô de notícias da Reuters 17 minutos após às 9 horas da noite. Meia hora mais tarde, uma imensa multidão invadiu as ruas de Londres para irromper em uma orgia de comemorações, na qual foi seguida pelo resto do país alguns minutos depois.

Platéias, artistas, atores, nos teatros de variedades, levantaram-se, espontaneamente, para cantarem o hino nacional.

A Rainha Vitória abandonou a mesa do jantar para despachar telegramas de congratulações, em nome do Império Britânico, a Baden-Powel e às tropas dele, a milhares de milhas de distância, na África do Sul.

Os jornais, em edições especiais, descreveram a bravura das forças britânicas, como "uma nova página na história do heroísmo humano".

B.P. foi promovido a General de Divisão na hora — o mais jovem naquele posto, do Exército Britânico. Estava com 43 anos de idade. Um modelo dele, em cera, tomou lugar na plataforma dianteira, do famoso Museu da Madame Tussaud, em Londres. O vencedor de Mafeking, repentinamente, tornou-se o maior herói, depois de Nelson e Wellington.

Deveríamos registrar como foi que B.P. tratou desta fama repentina. Um exame mais acurado de alguns dos aspectos do cerco torna-se necessário para melhor compreensão do caráter do nosso herói.

Com todo o devido respeito às vítimas inocentes da legendária Mafeking, deve ser mencionado que o cerco não foi notável pela bravura, de qualquer dos lados. Ao todo, 20.000 granadas caíram sobre a cidade, — umas 100 por dia — causando danos relativamente pequenos e interferindo muito pouco na vida quotidiana dos seus defensores.

Além disto, Mafeking em tempo algum esteve inteiramente sitiada pelos "boers". Espiões e mensageiros entravam e saíam livremente e, consoante as palavras de um historiador moderno e irreverente, sobre o evento, os piores inimigos das tropas e da população, na cidade sitiada, eram as pulgas, moscas, mosquitos e formigas. Os suprimentos de alimentos eram adequados e não havia nem mesmo falta de diversão. Por exemplo, o jantar oferecido às vésperas do Ano-Novo, que consistiu de uma dúzia de pratos diferentes, não poderia ter difamado um hotel 3 estrelas.

Jogos de pólo e de cartas (bridge), bilhar e apresentações teatrais, animavam uma atmosfera que se caracterizava especialmente pelo aborrecimento.

Houve, por certo, alguns casos fatais e de danos materiais, mas o número total de mortos não foi superior a 400.

Pelo lado britânico, os combatentes totalizavam 1.213 oficiais e praças, e 6.000 pelo lado dos "boers".

A população civil, na cidade sitiada, era estimada em 1.800 brancos — incluindo mulheres e crianças — e 7.500 negros.

Tampouco foi exorbitante o custo da guerra — 123.251 libras esterlinas, que incluíram custos de alimentação dos defensores e a compensação dos danos causados pelas granadas à população local.

E, antes de tudo, não foi um cerco sangrento. De fato, houve apenas dois confrontos, que poderiam ser descritos como violentos.

Não admira, pois, que o cerco de Mafeking tenha sido habilmente descrito por um eminente historiador como "a última das guerras de cavalheiros".

A título de esclarecimento, as hostilidades cessavam nos domingos que eram observados como uma espécie de trégua não-oficial, por ambos os lados. Aquele era o dia consagrado à igreja, ou para descanso e, para que as mulheres lavassem e passassem a ferro as roupas. Bandeiras brancas e emblemas da Cruz Vermelha eram escrupulosamente respeitados e os mensageiros que portavam cartas dos atacantes eram tratados com deferência e até cumulados com presentes.

Para acrescentar à irreabilidade, havia até um intercâmbio de correspondência entre os comandantes inimigos, na qual tratavam-se, um ao outro, de "Vossa Excelência", terminando os comunicados com expressões tais como "Tenho a honra em permanecer vosso mais obediente servo".

É claro que Mafeking não foi uma mini-Stalingrado, um Ghetto de Varsóvia ou Dien-Bien-Phu. A histeria dos britânicos — normalmente fleumáticos — ao saberem que a cidade sitiada tinha sido liberta, é difícil de entender, bem como também a lisonja abundante despejada sobre os heróis do dia, em especial sobre a estrela da ocasião — Baden-Powell.

É até mais difícil ainda explicar a maneira sensacionalista da divulgação feita pelos meios de comunicação que, em manchetes de jornais, traziam histórias comparando esta campanha lerda, sem acontecimentos dignos de nota, com os mais gloriosos atos de bravura, na longa e brilhante história militar da Grã-Bretanha.

A resposta a estas questões embaraçosas é encontrada quando

se examina mais de perto a estranha atmosfera ao final do período Vitoriano. O império Britânico estava no ápice de sua glória e era inconcebível que a "Pax Britânica" pudesse ser perturbada por qualquer quadrante do mundo. Duas pequenas repúblicas absurdas, como eram chamadas pela imprensa britânica, — O Transvaal (comumente conhecido como República Sul Africana) e o Estado Livre de Orange, habitadas por camponeses frustrados e religiosos — tinham ousado torcer a cauda do invencível Leão Britânico, para divertimento do resto do mundo.

A despeito de sua superioridade numérica e técnica, o Exército Britânico tinha sofrido humilhantes e inesperadas derrotas e o obscuro cerco de Mafeking tornou-se, repentinamente, o símbolo da sobrevivência do Império Britânico — o maior que o mundo tinha até então visto.

Após a humilhante derrota em Magersfontein — um evento que traumatizou a opinião pública britânica, mais do que qualquer outro, durante a era Vitoriana — as esperanças da Nação estavam centralizadas sobre Mafeking. Resgatar a cidade do domínio dos "boers", tornava-se um ponto de honra.

Os próprios "boers" exageravam a questão, pois quando prestígio, honra e reputação estão em risco, todo pensamento racional é jogado sobre a amurada ao mar.

A verdade do assunto é que a Nação Britânica estava grandemente absorvida pelos monótonos negócios de um Estado industrializado em expansão, enquanto o povo tinha uma carência psicológica de mistério e de fantasia de conquistas de terras longínquas e, pela mesma razão, de heroísmo e de heróis.

A resposta foi Baden-Powell.

Quanto a Baden-Powell, estranho foi o destino dele: um soldado por acidente, herói por acidente que preencheu, assim, uma necessidade do público.

Ninguém contestou suas qualidades e, positivamente, não em nível militar.

Com um punhado de homens apenas, tinha resistido a um grande exército que era, no mínimo, três vezes mais numeroso, e permitido, assim, que o grosso das desorganizadas tropas britânicas se reagrupasse para um contra-ataque.

Em nível humanitário, igualou-se à imagem que o público tinha criado em torno da personalidade dele: calmo, fleumático, corajoso e capaz de realizar atos de heroísmo onde quer que surgisse a necessidade. E o senso de humor dele apenas aumentou sua popularidade.

Era mestre em elaborar boletins autocríticos de guerra:

"Tudo bem. Quatro horas de bombardeio. Um cachorro morto."

Seu aguçado senso de humor fez do inimigo um alvo de ridicularização. Desempenhou o lado trágico e sangrento da arte de guerra e o público comoveu-se com seu feito. O público queria um herói autêntico, brincalhão, ousado e tipicamente esquisito, no estilo britânico. E encontrou-o na pessoa de Baden-Powell.

Para as finalidades deste livro, o conhecimento de como e por que Baden-Powell se tornou herói não é um fato de relevância especial. O que interessa é que ele foi amplamente reconhecido como tal e que reagiu com modéstia e pouco escondeu o divertimento. Mais tarde, deveria escrever estas palavras anticlimáticas: "A coisa toda foi, e tinha de ser um blefe, do princípio até o fim. Não foi o que vocês chamariam um respeitável feito militar, mas apenas um mero episódio, embora ele tivesse sido muito anunciado pela imprensa da época".

Mafeking tornou Baden-Powell um dos homens mais famosos de seu tempo. Muito cedo deveria tornar-se o ídolo da juventude em todo o mundo, quando tomou a decisão dramática de voltar as costas a todas as formas de violência e colocar o enorme capital de sua fama militar à disposição do movimento educacional não militar, com o qual o seu nome estará para sempre ligado — o Escotismo.

6. Um homem, um livro, uma ilha

Nunca é fácil a um herói militar retornar à vida civil, mesmo se — como foi o caso de Baden-Powel — tivesse se tornado soldado por acidente.

Não havia dúvida de que ele gostava da vida no exército, e tinha se tornado um oficial de destaque e até mesmo brilhante.

Sua folha de serviços era incontestável. O paradoxo, entretanto, era que a reputação dele, como herói militar, reforçava seu sentimento de que, se permanecesse em uniforme, estaria perdendo tempo.

Dez anos mais deveriam decorrer até chegar o dia em que se despediu do exército. Finalmente, aposentou-se no dia 7 de maio de 1910 — exatamente no mesmo dia em que o Rei Eduardo VII, sucessor da Rainha Vitória, faleceu. O próprio monarca lhe havia conferido a "Order of the Bath", "Ordem de Bath", e, ainda mais, o havia pressionado e encorajado a dedicar-se, em tempo integral, ao Escotismo. Foi o Rei quem entrevistou para fazer com que Baden-Powel se aposentasse mais cedo, com um posto ao qual, normalmente, nunca teria alcançado em sua idade relativamente jovem. Porque a ascensão de Baden-Powell, na hierarquia militar, tinha sido fenomenalmente rápida. Elevado ao posto de General de Divisão aos 43 anos de idade e ao de "Lieutenant General" aos 50, o último geralmente não alcançado antes dos 62 anos de idade, seja em serviço ativo, ou como aposentado.

Na década compreendida entre o seu triunfo em Mafeking e a sua retirada do serviço ativo no exército, B. P. seguiu um caminho duplo: retirou-se, pouco a pouco, de todas as atividades militares e dedicou-se, cada vez mais, ao Escotismo.

Entremettes, teve de pagar o preço de ser um herói. Foi cumulado de honrarias, tanto na África como na Grã-Bretanha, e contra sua vontade, aclamado onde quer que fosse, envolvendo-se em um tipo de vida que era repugnante ao seu verdadeiro temperamento.

Entretanto, o triunfo que iria coroar sua carreira militar ainda estava por vir. Apesar de suas promoções anteriores, nada havia que indicasse que iria chegar até o próprio ápice. O fato de não ter sido qualificado para ingressar no prestigioso "Staff College" ("Colégio do Estado-Maior") era inconseqüente para B.P., mas, assim mesmo, ainda representava uma desvantagem perante aqueles que determinavam promoção ao topo da escada militar.

Importantes designações foram-lhe ofertadas, mas nenhuma delas oferecia qualquer perspectiva de alcançar as mais elevadas esferas no Exército Imperial.

Foi colocado no Comando de uma forte unidade militar, formada por 10.000 homens, cujo objetivo era a manutenção da paz, em uma missão de restaurar a ordem e a calma no cone sul do Continente Africano, após intermináveis guerras e conflitos fratricidas que nada tinham solucionado nesta região vulnerável, tão rica em recursos naturais, mas objeto de tantos olhos cobiçosos.

O jovem general dedicou-se, com entusiasmo, à sua nova tarefa e, a despeito da indiferença de um Alto Comando que originalmente prometera maravilhas, mas que depois que a paz e a ordem foram restauradas, esteve inteiramente preocupado com assuntos mais urgentes.

B.P. logo organizou uma força de polícia montada, não apenas formada com elementos recrutados de suas tropas regulares, mas também com voluntários originários do Canadá, Nova Zelândia, Austrália, Índia, Ceilão e outros países.

Outra inovação — que certamente foi tolerada apenas devido à recente glória — foi o planejamento de um sistema original de treinamento, baseado no desenvolvimento de um senso de iniciativa entre seus homens, ao invés de obediência cega. B.P. chegou até a desenhar um uniforme especial para eles: uma camisa cor caqui, com gola tipo de enrolar, decorada com um motivo não-convencional, semelhante ao "emblema Escoteiro", um chapéu amplo de aba larga, importado de "cowboys" americanos, portando suas próprias iniciais: B.P. Por sugestão de um admirador des-

conhecido, estas tornaram-se o slogan de uma vida inteira, para seus comandados, B.P. significando "Be Prepared" (i.é, Esteja Sempre Alerta), na guerra como na paz.

Apesar de uma ausência forçada de seis meses, na Inglaterra, durante a qual, como pode ser visto, ele não perdeu tempo, a "legião estrangeira" de B.P. marcou presença sob o sol Sul-Africano e até mesmo recrutou para suas fileiras alguns "boers", ex-inimigos. A "South African Constabulary" (Força Policial Sul Africana) — como era chamada, foi logo desligada do exército e colocada sob a autoridade do governador civil. Esta foi uma medida perfeitamente lógica, pois enquanto cicatrizavam-se as feridas da guerra, além de engajar-se em tarefas paramilitares, como as de perseguição a ladrões e contrabandistas de gado, dedicou-se a atividades pacifistas, incluindo a reconstrução de prédios danificados, vacinação de crianças e de gado, e outras tarefas não-beligerantes.

Ao contrário do que possa ser pensado, B.P. nunca deu muita importância, nem teve orgulho de sua glória em Mafeking. Ao invés disso, considerava ser a "Constabulary" a maior realização de sua carreira militar.

Entretanto, a carreira dele ainda não tinha chegado ao fim.

Tendo concluído a sua tarefa na África do Sul, foi-lhe conferido o lisonjeiro título de Inspetor Geral de Cavalaria, em março de 1903. Isto, certamente envolvia deveres importantes e, entre outras vantagens, tornou-o familiarizado com as instalações militares e com as escolas do exército da França, EUA, Canadá, Alemanha, Áustria, Países Baixos, Itália, Bélgica, Egito, Sudão e outros países. Levou-o, também, de volta à sua amada África, mas acima de tudo, abrigou os olhos dele como nunca havia acontecido anteriormente — para seu próprio país.

Pode-se dizer, com segurança, que aquele homem que completara sua missão em 10 de junho de 1907, no posto de "Lieutenant-General" e tinha entrado para a "Reserva", era um homem diferente. Embora não alimentasse quaisquer expectativas de uma carreira militar, até então nada sabia do futuro que o aguardava.

Parece oportuno retrazar, aqui, com mais detalhes, o retrato de um homem que, a despeito da glória alcançada em Mafeking, aparentemente não tinha chance de alcançar posto mais elevado na hierarquia militar. Talento ator, artista e escritor, dotado com

habilidades notáveis, como inovador e observador, bem como de imaginação, intuição e um aguçado senso de humor, Robert Baden-Powell nunca foi um intelectual.

Ele pode ter tido um senso inato do abstrato, mas nunca o desenvolveu. A filosofia e a meditação, por conta própria, nunca tentaram este homem de ação, prático e pragmático.

Conforme já foi dito, ele era um líder militar do tipo orientado para-a-pessoa. Durante as viagens de inspeção em seu próprio país, conscientizou-se de que suas prolongadas ausências da Grã-Bretanha o tinham impedido de conhecer as realidades políticas, sociais e econômicas de sua terra natal.

Havia deixado sua pátria quando era ainda jovem, em uma época em que a Grã-Bretanha estava no auge de seu poder. Quando, consoante o ditado: "a Grã-Bretanha reinava sobre um império no qual o sol nunca se punha".

Quando retornou, e especialmente durante suas viagens de inspeção de ranchos de oficiais, a Grã-Bretanha ainda era uma nação imensamente rica, mas estava prestes a entrar em um longo período de depressão, o qual é muitas vezes a consequência da prosperidade artificial e enganosa criada durante a guerra.

B.P. estava particularmente surpreso à vista de mendigos e indigentes, nas ruas das grandes cidades. A princípio, não podia acreditar que cerca de um terço da população de Londres era formada por subnutridos, ou que o alcoolismo, o vandalismo e o crime estavam cada vez mais violentos devido ao crescente desemprego. A despeito do suntuoso estilo de vida dos iguais a ele, que estavam recebendo o exemplo de cima, não podia deixar de reconhecer a evidência do que estava vendo.

Entretanto, a sua reação não foi a de um político, a um tempo que havia muito movimento das forças políticas.

O Partido Conservador estava fora. Os Liberais estavam no poder e um partido novo acabava de nascer — O Partido Trabalhista. Um amigo sugeriu-lhe que se apresentasse como candidato às eleições de 1906. "Muito bem! Mas com o cartão-de-visita de quem?" — gracejou.

Ele não era um homem de tomar um caminho fácil e desaparecer em uma vida de comodidade e luxúria. Recusou ofertas tentadoras para deixar o uniforme e integrar a Administração de empresas

de prestígio. Estava ainda obcecado com a idéia de utilizar o imenso prestígio de maneira positiva. Quando viu — como ele próprio escreveu — "Milhares de rapazes e meninos pálidos, de peitos estreitos e magros, corcundas, espécimes miseráveis, fumando incessantemente, um grande número deles esmolando..." a sua opção foi decisiva.

Naquele dia, 10 de junho de 1907 — dia em que entrou para a lista da Reserva, com meio-soldo — ele teve uma visão mais clara da idéia que pretendia pôr em prática — uma idéia que vinha evoluindo em seu pensamento durante anos.

A idéia de escrever para moços, possivelmente para B.P. não foi como a "Eureka" de Arquimedes. Entretanto, apenas cinco dias após a entrada na lista de Reserva, deixou a espessa cerração de Londres pela paz e quietude do Walton Hotel, em Ashbourne, para escrever o livro que deveria mudar a vida e o destino de milhões de jovens em seu país, bem como no resto do mundo. A inspiração principal para o livro, publicado em 1908, foi a da própria vida e experiência dele. Não foi o primeiro a defender a educação de jovens ao ar livre, através da prática de esportes, observação e prestação de serviços a outras pessoas.

Numerosos educadores profissionais, desde Montessori a Freinet, através de Claparede e Bovet, haviam, separadamente, descoberto as vantagens da auto-educação em oposição aos métodos convencionais de ensino. Entretanto, B.P. foi o primeiro a traduzir alguns aspectos de sua própria vida e experiências para um modelo pedagógico e apresentá-los, em uma maneira simples, prática e acessível a todos, especialmente aos jovens.

Seus escritos anteriores, para finalidades puramente militares, foram um ponto útil de partida, mas à medida que se adaptou, cada vez mais, à vida civil e distanciou-se do "Reconhecimento e Escotismo" (1884) e sua obra posterior, "Ajudas ao Escotismo", (1899) cada vez mais se conscientizou de que algo inteiramente novo era necessário. O que não significava voltar as costas às suas idéias anteriores. Afinal, tais habilidades, como a de seguir trilhas, abordagem, observação e outras técnicas de reconhecimento, poderiam ser facilmente enquadradas em seus novos conceitos. Entretanto, era a própria base destes livros que a seus olhos parecia errônea. Eles estavam baseados em treinamento de homens para a guerra, enquan-

to tinha sido sua intenção a de escrever um livro para o hoje e o amanhã, com o objetivo de desenvolver os jovens para a paz.

O seu livro anterior "Ajudas ao Escotismo" tinha ganho popularidade junto ao público, mais devido ao prestígio do autor do que ao conteúdo, Entretanto, isto não alterou sua convicção de que teria de fazer uma abordagem fundamentalmente diferente, em seus escritos futuros. Tampouco aborreceu-se pelo fato de ter um jornal para adolescentes — "Boys of the Empire" ("Rapazes do Império") — levantado um número de trechos de seu livro para uma coluna chamada "The Boy Scouts" (Os Escoteiros). Ele sabia exatamente o que queria escrever. B.P. não se propôs a reinventar a roda. Fez muita leitura de fundo, variando de Epicteto, sobre caráter, a Johann Friederich Ludwig Jahn, o sábio alemão da ginástica, bem como trabalhos analíticos e descritivos sobre meios para emancipar as assim chamadas tribos primitivas, tais como de índios americanos, Aborígenes australianos, Polinésios e Bantos. Das últimas, tinha conhecimento de primeira mão, tendo estado em íntimo contato com as tribos Matabeles, Ashantis, Zulus, e outras.

Dois homens tiveram uma influência decisiva sobre seu futuro livro. O primeiro, foi William A. Smith, o líder da "Boys Brigade" britânica, o outro foi Ernest Thompson Seton, autor de um livro publicado nos EUA., sob o título de "Birch-bark Roll of the Woodcraft Indians".

Seton foi um dos primeiros ecologistas dos tempos modernos. Hábil naturalista, especialista em fauna e flora silvestres da América, gostava de compartilhar com os demais a sua predileção. Criou um programa para pessoas jovens, inspirados nos costumes de índios selvícolas. O projeto de livro de B.P. incendiou a imaginação dele e quando o general pediu permissão para fazer uso da secção do livro de Seton que trata de seu programa de jogos para jovens, conforme praticados pelos "Índios de Seton", o escritor americano prontamente concordou.

O encontro de B.P. com Smith foi, também, importante. Eles tinham se encontrado pela primeira vez em 1903, em uma conferência de "Boys' "Brigade", uma ocasião notável para B.P. que, embora estivesse em férias na Inglaterra, aceitou um convite, em 1904, para estar presente a uma apresentação da "Boys' "Brigade" na Escócia. Esta, foi um movimento abertamente paramilitar para

moços, inspirado em princípios cristãos, que já contava com mais de 40.000 associados. Os dois homens notáveis passaram em revista as tropas — uma palavra adequada, para minis soldados altamente disciplinados, portando rifles de madeira — e, então, iniciaram uma conversa que deveria tornar-se decisiva para ambos.

Profundamente impressionado pelo desempenho dos rapazes, bem como dos voluntários adultos, responsáveis pelo treinamento deles, B.P. afirmou estar convencido de que o número de membros filiados poderia ser aumentado em até dez vezes mais se o programa da "Boys' "Brigade" pudesse se tornar mais atrativo, através da diversificação e de treinamento mais avançado, para os rapazes e para os voluntários adultos encarregados.

A impressão de Smith era que B.P. estava tentando insinuar que seu Movimento deveria desenvolver-se dentro das coordenadas estabelecidas no "Aids to Scouting" (Ajudas ao Escotismo) e, portanto, enfatizou ao general a necessidade de adaptar seu livro às exigências da "Boys' "Brigade". Todavia, o que B.P. queria dizer era exatamente o oposto. No pensamento dele, o Movimento devia ser desmilitarizado, pois, por experiência própria sabia que a disciplina militar destrói a individualidade. A sua idéia era tornar o Movimento mais espontâneo, mais alegre, e introduzir um conceito de "natureza e ar livre", bem como treinamento de jovens em vigilância e observação.

B.P. enviou sugestões, sobre as mudanças a serem introduzidas no programa, a William A. Smith, o qual, por sua vez, passou-as ao Editor-Chefe da "Boys' "Brigade Gazette". O artigo apareceu na edição de junho de 1906, em forma altamente condensada, devido ao fato de ter o general sugerido tais mudanças dramáticas, como a de suspender o "exercício" de recrutas e introduzir pequenos grupos, ou até mesmo atividades individuais, como as de observação e a prática de esportes e da vida ao ar livre pelo simples prazer de desfrutar os benefícios da natureza.

Ele ainda tinha de dar prioridade aos seus deveres militares, mas, pouco a pouco, o livro tornou-se uma obsessão para ele.

Durante uma viagem de inspeção ao Egito, ele completou uma versão mais ou menos final de sua visão pessoal do Escotismo.

As idéias eram singularmente originais, para a época, porque defendiam a formação de cidadãos íntegros, através do auto desen-

volvimento. Pessoas jovens operariam, em pequenas patrulhas compostas por seis integrantes cada, sob as ordens de líderes por eles próprios escolhidos, e assumiriam a responsabilidade de sua própria educação, sob supervisão de voluntários adultos.

Era um tempo em que o educador suíço Claparede estava fazendo a espantosa asserção que "a autoridade suprema para educar uma criança deve sempre ser a própria criança".

Um outro ponto essencial foi que B.P. tornou claro que este programa tinha como alvo jovens que já tinham pertencido a um movimento jovem e que, de forma alguma era intenção dele a de encorajar a criação de um novo Movimento, baseado em seu programa.

Como homem prático e pragmático que era B.P. não via nenhum sentido em manter seu livro engavetado.

Foi assim que, quando estava à procura de um editor, encontrou-se com "terceiro homem — C. Arthur Pearson, um editor-político-filantropo e destacado homem de negócios — que lhe possibilitaria realizar o sonho de sua vida.

A essa altura, o seu livro já tinha tomado forma definitiva, e ele já tinha decidido afastar-se de seus deveres no exército.

Foi naquela ocasião que procurou o dinâmico Pearson, como editor de seu livro. A data era junho de 1907 — cinco dias antes do seu meio-adeus ao exército.

A conversa que teve com Pearson foi produtiva. Viajou para o interior do país para completar o manuscrito até o dia 23 de julho, por uma razão muito importante.

Uma das regras de ouro da comercialização moderna é a de testar a aceitação do produto no mercado, antes do lançamento. E isto foi exatamente o que o autor de "Scouting for Boys" ("Escotismo para Rapazes") decidiu fazer. Queria testar a "mercadoria" e a reação de seus futuros "consumidores" — em outras palavras — testar junto aos próprios rapazes.

Foi com esta intenção que Robert Baden-Powell viajou para a Ilha Brownsea, levando como ajudante o seu amigo de toda a sua vida, McLaren, "The Boy" ("O Rapaz") como o alcunhara. Tinha recrutado, às pressas, cerca de 20 rapazes, alguns dos quais eram membros da "Boys' "Brigade", outros eram filhos de amigos, na Harrow, Eton e outras escolas da elite. A maioria deles, entretanto,

era constituída por alunos de escolas dos subúrbios mais pobres de Londres, filhos de agricultores e operários de modestos recursos. Eles foram seus primeiros "cobaias".

Desnecessário seria dizer que as palavras "micro" e "macro", e outras da moderna terminologia, não faziam parte do vocabulário de B.P., embora sua preocupação dominante era a de explorar a operação do que é hoje conhecido como "dinâmica de grupos pequenos".

Estava curioso em saber se um grupo pequeno de jovens deixados entregues a si mesmos poderia agir com disciplina.

Não poderia ser presumido que um grupo pequeno de rapazes desta idade aceitaria ordens ou liderança de um deles próprio. Tampouco poderia ser tomado como certo que os líderes não abusariam da autoridade deles, ou que seu papel de liderança prosseguiria, incontestado. Um outro favor desconhecido era como os rapazes reagiriam ao programa de atividades. A vida ao ar livre, dia e noite, sob quaisquer condições climáticas, era nova à maioria deles. Era de se acreditar que eles aceitariam o jogo como um método novo de trabalho, especialmente quando assentavam-se ao redor da fogueira, ao cair da noite, para escutarem, boquiabertos, as sensacionais histórias do herói de Mafeking e de suas aventuras em lugares exóticos e longínquos, e juntavam-se a ele, cantando canções zulus, entre as quais, a favorita dele — "Ingonyâma" B.P. não ficou nem um pouco surpreso ao ver que este grupo misto de jovens era capaz de desenvolver tão depressa um espírito de equipe e de realizar suas tarefas sem a necessidade de ordens — substituídas por um código de honra — sem pensamento de recompensa ou de punição.

O primeiro experimento foi um sucesso absoluto. O acampamento na Brownsea foi levantado no dia 9 de agosto de 1907. A história real do Escotismo tinha começado.

II

*** O ESCOTISMO**

7. Uma arrancada muito rápida

Este diálogo poderia ter ocorrido no verão de 1907, no escritório de uma agência de publicidade, em Londres. Um homem responde ao telefone:

"Alô... aqui fala a Publi-Motion. Sim... Sim.

Deixe-me anotar isso.

"Certo. Seu nome é?... Ah, ah... pensei que o senhor tinha dito "Bê-Pê... O senhor disse!?...

"Bem... é um nome bonito... e do ponto de vista das Relações Públicas... Não, não estou sendo espirituoso... e estou escutando...

"Sim... sim... O. K. — Continue... O senhor acaba de deixar o exército e quer formar seu próprio exército de "Tropas"... É isto alguma espécie de organização de mercenários? Bem... o senhor falou "Tropas"...

Oh!... de Lobinhos e Escoteiros então — mas o senhor mencionou Tropas...

"O. K. O senhor está rodeado de garotos e eles usarão chapéus de copas pontudas — usarão lenços de pescoço — portarão bastões de madeira, e usarão o que mais?...

Soletre isso... E-M-B-L-E-M-A-S.

Diga-me... o senhor está brincando comigo — não é o dia 1º de abril... ou é? O. K.... O. K. mantenha o seu emblema.

"Eles saberão tudo a respeito da vida rural... ao ar livre... e sobre acompanhamento de trilhas.

... não vejo como isso seja particularmente útil na cidade.

Sim... sim... entendo seu ponto de vista — há, por certo, alguns locais cobertos de grama e mato na maioria das cidades... Mas, com sinceridade... pode o senhor esperar que jovens entrem nessa espécie de brincadeira?

AH... o senhor pode? Hum!...O que é isso? Algum dia haverá milhões deles em praticamente todos os países do mundo? Ah, não! Não nos selos postais também!...

"Bem... preciso dizer que admiro suas convicções, mas... com sinceridade... a sua idéia possivelmente não dará certo... de maneira alguma!

"O.K. Ligue-me quando o senhor voltar da Ilha Brownsea, ou donde quer que esteja e então podemos... O quê!?... O que foi isso?... Oh, O.K.... e tudo de bom para o senhor, também!"

O homem recoloca o fone.

"Agora, tudo que me falta é que os irmãos Wright venham e me digam que estão dando início a uma empresa de transporte aéreo — resmungou.

Este diálogo, puramente fictício, poderia ter sido seguido de uma chamada telefônica, de B.P. após a Brownsea. Como tão freqüentemente ocorre, a verdade foi mais estranha que a ficção, neste caso na pessoa de um editor-promotor, C. Arthur Pearson, que iria desempenhar um grande papel no emergente Movimento Escoteiro.

Dinâmico, explodindo de energia e possuidor de um faro aguçado para negócios, Pearson não era um tipo de homem que fosse capaz de perder uma oportunidade de ganhar dinheiro. Percebeu, rapidamente, o potencial comercial existente por detrás das idéias elaboradas pelo semi-aposentado general e não perdeu tempo em passar para o lado vencedor.

Sua primeira providência foi organizar e financiar uma série de conferências, através do Reino Unido, para promover o que era então conhecido como o "Esquema Escoteiro".

Providenciou, também, instalações para a primeira equipe de Escoteiros de B.P., da qual o líder foi Kenneth McLaren. Certificou-se de que eles tinham integral apoio de especialistas em publicidade e de escritores profissionais, uma vez que havia decidido com B.P. lançar uma publicação semanal intitulada "O Escoteiro". O primeiro número daquele semanário apareceu no dia 18 de abril de 1908, dando destaque a uma coluna assinada pelo próprio B.P. Um número superior a 1.500 dos seus artigos deveriam aparecer na mesma coluna, no decurso dos anos subseqüentes, até a morte de B.P. em 1941.

Até então, Pearson foi o principal apoiador financeiro do emergente Movimento Escoteiro e, para consolidar a posição dele, propôs a Baden-Powell um acordo de colaboração. Faltando-lhe experiência comercial, e ansioso por evitar uma armadilha, o velho e astuto soldado hesitou em assinar. Mas acabou assinando-o. O Escotismo estava, assim, a caminho e nada poderia detê-lo.

O general havia completado o primeiro rascunho do "Esquema Escoteiro" com certa pressa, pouco antes do experimento que iria fazer na Ilha Brownsea. Agora, queria fazer uma versão definitiva e mais ampla. Por isso, isolou-se para redigir o manuscrito definitivo, que apareceu, pela primeira vez, em seis partes entre janeiro e abril de 1908, e depois sob a forma de livro, em maio do mesmo ano.

Em conformidade com o seu contrato com Pearson, embarcou em uma gira promocional através do país inteiro. Em sete semanas, realizou quarenta reuniões públicas às quais compareceram os jovens, ansiosos por verem e escutarem aquele homem de meia-idade mas ainda surpreendentemente jovem, — o herói de Mafeking. Seu seriado, em seis partes, — "Escotismo para Rapazes" — tinha capturado a imaginação deles, e queriam saber ainda mais.

O livro, tornou-se da noite para o dia um "best-seller" e foi eventualmente traduzido para tantos idiomas como a Bíblia e o "Guerra e Paz".

É difícil fazer um sumário do livro — mas não devido a qualquer conteúdo altamente sofisticado ou abstrato. Não era nenhuma obra-prima literária, mas apenas um livro simples, facilmente compreensível, a despeito do fato de ter sido escrito durante um longo período de tempo. Contudo, faltava-lhe uniformidade, e hoje seria considerado inconsistente e mal elaborado.

Além disso, não houve a pretensão de que fosse lido de um só fôlego.

O autor tinha um único objetivo. Estava procurando tornar a vida dos jovens mais interessante, mais vantajosa e mais saudável. Com esta finalidade, estava sugerindo novas ocupações, novos jogos e exercícios, tudo apresentado sem pregação ou moralização.

O livro era, essencialmente, uma abordagem simples, direta à geração jovem — o que pode explicar porque a série e, mais tarde, o livro encontrou um certo ceticismo, indiferença e até mesmo des-

dém da parte de pedagogos — um fato em nada surpreendente, uma vez que o livro não era nenhum exercício intelectual. Não continha nada do que os educadores, padres, ou pastores convencionais, ou até mesmo os pais, pudessem incorporar aos seus programas educacionais.

O segredo do livro "Escotismo para Rapazes" era que ele continha um quase-automático apelo aos jovens que somente recentemente tinham sido sujeitos à escolarização compulsória, e que possuíam pouca ou quase nenhuma instrução.

Em linguagem facilmente compreensível, sugeria maneiras práticas de como poderiam viver melhor e melhorarem a si mesmos. B.P. nada tinha inventado.

Sem estar cômico disso, tinha usado a mesma descomplicada linguagem que a imprensa do dia utilizou para esclarecer seus não-totalmente letrados leitores.

E o livro ganhou, pouco a pouco, a aceitação da trindade sagrada — Família, Igreja e Escola — porque elas se conscientizaram de que B.P. não pretendia substituí-las nem questionar a competência delas, mas, ao invés disso, pretendia complementar os esforços das mesmas. Mais tarde, as idéias dele seriam expropriadas, e às vezes abusadas, por aqueles que adotaram o Escotismo para servir a seus próprios propósitos. Como e por que a Igreja decidiu colocar o emergente Movimento Escoteiro, com bom uso, a serviço dos interesses dela, será explicado mais adiante.

A exploração comercial da atividade de acampamento, um dos ingredientes essenciais do Escotismo, será também mencionada.

Nesta fase, o que realmente interessa é a surpreendente reação à publicação do "Escotismo para Rapazes". A despeito de sua falta de lustre literário, ele cruzou como nunca dantes o fez, os segredos da vida ao ar livre, entrando em detalhes fascinantes, como os da identificação de uma árvore, ou de como tratar picadas, feridas e outros tipos de acidentes que ocorrem durante a vida ao ar livre. Em resumo, ele foi um manual singular, sobre como sobreviver e ter sucesso em um ambiente natural hostil. Por detrás de tudo o que escreveu, o autor não tinha em mente nenhuma outra audiência, a não ser a dos jovens.

O impacto enorme causado pelo livro e, pelo mesmo motivo, a expansão meteórica do Escotismo, nada deveu aos especialistas em educação, nem aos governos, igrejas ou aos pais.

Foi devido aos rapazes, e tão-somente a eles.

De fato, os pedagogos saudaram a obra de B.P. com um silêncio divertido. As igrejas examinaram-na com um certo grau de suspeita. O homem da rua julgou ser a mesma uma piada.

E a mídia? Como o autor era uma celebridade, o livro não pode ser ignorado. A maioria dos jornais publicaram críticas literárias um tanto frias. O "Times" concedeu-lhe duas colunas e depois descartou-se dele como apenas um outro manual sobre vida ao ar livre. O semanário "Spectator", em breve e irônica menção, insinuou que a abordagem simples de B.P. possivelmente iria deixar os jovens indiferentes. Mas o "Daily Graphic", de grande circulação entre a massa de povo, e ao qual B.P. tinha prestado bons serviços como correspondente estrangeiro, aclamou o livro e prognosticou que o "Escotismo para Rapazes" assumiria uma força organizada e tornar-se-ia uma forma irresistível. Terminou sua crítica afirmando: "isto tornar-se-á uma espécie de organização tipo bola-de-neve, que ninguém poderá desaprovar".

Estava, entretanto, longe disso e, de qualquer maneira, a B.P. não interessava criar uma organização. A sua idéia era a da incorporação a outros movimentos jovens existentes. A prova disto foi que, satisfeito em ver que o Escotismo tinha feito uma arrancada muito rápida, retornou ao serviço militar ativo, como Comandante de uma Divisão.

O sucesso repentino muitas vezes provoca inveja, e o "Escotismo para Rapazes" não constituiu exceção. Os críticos e os cépticos, gradativamente, partiram para uma escalada de ataques que tornaram o general ainda mais decidido a realizar seu acalentado ideal. Nisto, foi vastamente encorajado pela entusiástica resposta dos jovens. Era somente aos jovens que estava endereçando a mensagem e, em vista da crescente onda de entusiasmo, deixou o Exército no dia 7 de maio de 1910 — desta vez definitivamente.

Nos dois anos decorridos, desde o triunfo do "Escotismo para Rapazes" até o seu afastamento da vida militar, os esboços de seu sonho pessoal começaram a tomar forma, com a inevitabilidade de um drama grego.

Tinha sempre no ponto mais elevado do seu pensamento a atitude dos jovens. Sabia que líderes de outros movimentos jovens tinham recusado sua oferta para revitalizarem e modernizarem suas organizações, incorporando as idéias dele aos programas existentes.

O fato é que os primeiros Escoteiros queriam ter suas próprias organizações, mas nem eles nem o Fundador tinham ainda entendido que o Escotismo estava rapidamente encontrando sua própria identidade.

Um evento, relativamente insignificante, atuou como catalizador desta procura de identidade. Tomando o acampamento de Brownsea como modelo, outros tinham sido organizados na Grã-Bretanha com igual sucesso. Gradativamente, formou-se o pensamento que seria interessante realizar um plebiscito e organizar uma reunião de Escoteiros em nível nacional.

O resultado foi um retumbante sucesso. Mais de 10.000 jovens acorreram a chamada. Fizeram uma exibição de suas perícias escoteiras, no famoso "Crystal Palace", em Londres, que ecoou por toda a terra. Nem mesmo a chuva e o frio, naquela manhã do dia 4 de setembro, puderam ofuscar o entusiasmo deles. Tornava-se claro, aos mais cépticos, que nada poderia deter o "bulldozer" do Escotismo. A bola-de-neve tornava-se em avalanche.

Naquela reunião histórica, no "Crystal Palace", os rapazes formavam a maioria. Mas, pequenos grupos de moças também compareceram, com seu vestuário colorido e informal. Elas apelaram a B.P. para que as inscrevesse como "Girl Scouts" ("Moças Escoteiras"), sob fundamento de que tudo quanto os rapazes tinham feito elas também poderiam fazer e, de qualquer maneira, também sentiam-se atraídas por uma vida melhor e mais saudável ao ar livre.

Isto pegou B.P. de surpresa. As moças mantiveram-se firmes e B.P. resignou-se ao inevitável. Elas foram inscritas como Escoteiras temporárias e, dentro de um ano, aquele punhado de "Girl Scouts" tinha crescido para mais de 6.000.

B.P. pediu à irmã dele, Agnes, que assumisse a responsabilidade das moças e nomeou-a Presidente do Comitê do Movimento Escoteiro Feminino. Logo elas deveriam tornar-se conhecidas como "Girl Guides" ("Moças-Guias"). A publicação intitulada "Girl Guiding" ("Direção de Moças") somente apareceu em 1918, e estava intimamente ligada a uma jovem senhora, a respeito de quem falaremos mais adiante.

O ano de 1909 estava chegando ao final. A grande demonstração, no "Crystal Palace", tinha autenticado o sucesso do Escotismo.

B.P. — que era como tinha assinado seu livro, e o nome com o qual tinha chegado a ser conhecido de todos, naquela época — estava prestes a tomar duas decisões dramáticas.

A primeira das decisões foi a de romper o contrato com a casa editora Pearson, que sempre tinha encarado o Movimento como um empreendimento estritamente comercial.

Para isso, foi criada uma Sede Central de Escoteiros, no prédio 116-118 da Victoria Street, em Londres.

C. Arthur Pearse continuou administrando, de seus escritórios, a produção e impressão do "O Escoteiro" e suas atividades correlatas. Quase ao mesmo tempo, "O Rapaz" McLaren solicitou demissão por motivos de saúde e foi substituído por um novo grupo de dedicados colaboradores, sob a direção de J.A. Kyle, um secretário distrital, em Londres. Kyle assumiu a responsabilidade pela administração da nova sede e pelas diversas atividades promocionais. Pela primeira vez na história, o Escotismo tinha se profissionalizado.

Era imperativo que B.P. rompesse o vínculo com Pearson, mas a sua segunda decisão foi ainda mais significativa — criar um movimento inteiramente separado de qualquer outra organização jovem. Burocracia era anátema à sua natureza, mas sabia que não tinha outra opção. Foi assim que o primeiro Comitê Executivo da Associação dos Escoteiros foi formado, no dia 10 de dezembro de 1909. B.P. tornou-se Presidente do Comitê Executivo e escolheu um grupo de distintos voluntários, para atuarem como colegas no Comitê.

Em 10 de maio — data em que B.P. deixou o uniforme do Exército — o Escotismo tinha se tornado o mais importante movimento jovem no Reino Unido. Até o fim de 1909, o número total de associados a ele tinha crescido para 107.986 rapazes e líderes voluntários.

8. Uma folha de balanço

Ninguém estava mais surpreso com o crescimento-relâmpago do Escotismo do que o seu Fundador. A idéia de que se internacionalizaria jamais lhe tinha cruzado a mente. Entretanto, o gênio da lâmpada de Aladim não deveria ser engarrafado pela cerração das Ilhas Britânicas.

O escotismo tornou-se internacional através da própria extensão de seu movimento; a princípio, sem B.P., e quase contra a vontade dele, e, mais tarde, com o seu entusiástico apoio.

Tão logo o livro tinha sido publicado, em 1908, foram organizados os primeiros grupos de Escoteiros no Canadá, Austrália, Nova Zelândia e, um ano mais tarde, na Índia, Chile, Argentina e no Brasil. O Movimento espalhou-se primeiro aos países da Europa Continental, como a Bélgica, Holanda, França, Dinamarca, Noruega, Suécia e outros, bem como aos Estados Unidos da América do Norte, em 1910, chegando à Rússia no ano seguinte.

B.P. teve de reconhecer que tinha provocado uma avalanche. Em uma carta que endereçou à mãe, em 10 de setembro de 1911, quando se encontrava em viagem, no exterior, escreveu: "Acredito, fortemente, que o Escotismo em breve se tornará um movimento real internacional".

Quando retornou a Londres, B.P. propôs que as solicitações de filiação procedentes do estrangeiro não fossem aceitas. Recomendou, na edição de outubro da "Scout Headquarters Gazette", que ao invés disso fosse criado um departamento estrangeiro para manter contatos com Escoteiros no exterior.

B.P. tinha decidido manter a origem e identidade britânica do Escotismo. Por esse motivo, requereu, no final do ano 1911, uma Carta Patente Real, que foi prontamente concedida em 4 de janeiro de 1912. O escotismo britânico, que já tinha uma identidade claramente definida, agora possuía uma identidade legal.

Uma Associação foi registrada, tendo B.P. como Presidente, com o objetivo fundamental de "instruir jovens de todas as classes nos princípios da disciplina, lealdade e sobre os deveres e direitos de bons cidadãos".

Com o Escotismo firmemente enraizado em seu país de origem, e em rápida expansão no estrangeiro, era talvez chegada hora propícia para fazer um balanço provisório.

Ocupando o topo da coluna do Ativo, deve estar B.P. com seus múltiplos talentos e carismática personalidade. Até sua morte, em 1941, dominou o Escotismo pela força absoluta de seu caráter.

Indiscutivelmente, desempenhou um papel singular, não apenas como Fundador do Movimento, mas também como seu líder e inspirador. A isto, pode-se acrescentar o seu profundo entendimento dos problemas, necessidades e aspirações dos jovens e de sua capacidade para tornar os sonhos em realidade.

Um homem de visão, prático e pragmático, muito do crédito lhe pode ser atribuído pela estabilidade e dinamismo do Movimento Escoteiro em âmbito mundial, bem como pelos sólidos fundamentos sobre os quais se baseava já no ano 1912.

As características do bom Escotismo estavam firme e verdadeiramente estabelecidas: observação, dedução e, acima de tudo, o jogo a ser posteriormente redescoberto pelos originadores dos jogos simulados, para fins de treinamento militar estratégico ou de direção.

A natureza era a palavra-chave que, como um fio, se estendia através de toda a filosofia do Escoteiro, um mundo em que os sonhos e aspirações dos adolescentes podiam ser realizados com vantagem positiva para eles mesmos.

"Escoteiro" era, sob as circunstâncias, uma palavra mágica, profundamente entesourada na consciência dos jovens. Sentiam-se felizes em usar o colorido e funcional uniforme escoteiro.

Um grupo pequeno, com um líder como primeiro entre iguais, era já parte integrante da tradição Escoteira, bem como da contagiante expressão "senso de responsabilidade" como ponto de partida no caminho da virilidade. Ditos jovens Escoteiros não careciam de lembrete que, para se tornarem adultos responsáveis, era essencial adquirirem senso de responsabilidade bem cedo na vida.

A idéia de servir, posta em prática pela procura de fazer uma

boa obra, diariamente, tornou-se uma forma de vida. Era um mundo à parte, da disciplina severa e de ordens incontestadas, emitidas por rigorosos mestres, ou pais.

Os primeiros escoteiros descobriram o prazer do auto-desenvolvimento e da auto-educação, sem punições e outras limitações normais impostas por rígidas convenções sociais.

Agora que o Escotismo tinha se firmado, o dinheiro afluía, de doadores privados generosos, ou de campanhas de levantamento de fundos, organizadas pela imprensa em colaboração com os próprios Escoteiros.

No momento, isso era o bastante para garantir a sobrevivência do Movimento e sua expansão.

Para seus patrocinadores, entretanto, o Escotismo significava algo mais que dinheiro, essencial como era, para levantar fundos. O que estava realmente em risco era a independência do Escotismo.

Com o rompimento do vínculo comercial com Pearson, B.P. mostrou o caminho para a independência do Movimento e foi fielmente acompanhado nele pelos seus dedicados seguidores.

Foram os próprios jovens, com seu comprometimento e entusiasmo, que representaram a maior força do Movimento. Eles foram atraídos a uma forma de vida que desconheciam na escola, em casa ou na igreja, e o compromisso por eles espontaneamente aceito, com o famoso código de honra escoteiro, foi um elemento inestimável do Ativo.

Um modelo tinha sido estabelecido que serviria, para sempre como um princípio diretor, a despeito das mudanças estruturais e organizacionais inevitáveis através dos anos.

Pode também ser dito, quando se fala em Escotismo — e isto é tão válido hoje, como há 78 anos atrás — que as dificuldades e problemas foram causados por adultos e não por jovens.

A folha de Balanço, portanto, não estava isenta de Passivo.

Cinco anos depois do evento de Brownsea, o Movimento se tornara grande demais e bem sucedido para que pudesse evitar críticos e caluniadores.

No final, entretanto, eles tornaram-se em benção mal disfarçada. B.P. era um combatente, veterano de muitas batalhas, e foi o primeiro a reconhecer que o "inimigo" poderia ter boas razões para lançar um ataque. Sabia, também, que a sua vasta organização

era vulnerável a profetas das trevas, que prognosticavam que a "bolha" escoteira em breve arrebentaria. As críticas deles não eram baseadas em quaisquer argumentos substanciais. Alguns declaravam-se chocados que adultos, com melhores coisas por fazer, estavam perambulando pelos campos e matos com os jovens.

Outros jovens líderes juntavam-se ao coro de críticas com aqueles que tinham recusado a oferta anterior de B.P., no sentido de incorporarem o Esquema Escoteiro em seus programas, estavam testemunhando o eclipse de seus próprios movimentos. Tinham perdido o barco.

Uma ameaça mais insidiosa foi apresentada por rivais ambiciosos que desejavam subir para o carro do Escotismo vencedor e utilizarem os métodos de B.P. para obterem proveitos pessoais.

Um número de movimentos dissidentes emergiu e, dentre eles, o dos "Nacional Peace Scouts" ("Escoteiros Nacionais da Paz") que defendia uma espécie de pacifismo; o dos "Empire Scouts", ("Escoteiros do Império") que era espalhafatosamente militarista, e o dos "British Boy Scouts" ("Escoteiros Britânicos") que pretendia um nacionalismo agressivo.

Houve outros filhos estranhos do Escotismo, tais como o bem-intencionado John Hargrave, que oferecia um misto de Escotismo e misticismo e um outro que tentou levar os Escoteiros de volta a um mundo místico medieval, reminescente de Don Quixote. Mas, na maioria, tais separatistas eram indivíduos frustrados, narcisistas, ou possuidores de uma ambição de atrair a atenção e de emergirem como líderes. Como aqueles que ingenuamente acreditam que o único papel de um maestro é fazer gestos elegantes no pódio, enquanto os músicos tocam a seu bel-prazer, ditos pretensos líderes, um por um designados por ninguém, a não ser por si mesmos, pensavam que, por usarem calças curtas e chapéus do estilo "bôer", tornar-se-iam líderes e atrairiam uma legião de seguidores.

Entretanto, B.P. teria ainda de enfrentar desafios mais sérios. Algumas pessoas condenavam o Movimento por julgá-lo militarista; outras, alegavam ser ele claramente pacifista. Os dois extremos quase anulavam-se um ao outro. A ala esquerda do emergente Partido Trabalhista, muito mais esclarecida e moderada do que seus contrapartes em outros países europeus, acusava B.P., e os colegas dele, de procurarem ganhar o apoio da juventude do país para o

programa do Partido Conservador e, desse modo, manter a instituição "corrupta" no poder. Ironicamente, os próprios Conservadores atacavam B.P., por suas tendências socialistas.

Entretanto, o artigo 4, embutido na Lei Escoteira, demoliu todas estas acusações ao afirmar que um Escoteiro é um amigo de todos, irmão de todos os outros Escoteiros, sem distinção de origens e classes sociais. Além disso, o autor do "Escotismo para Rapazes", havia escrito em seu livro:

"Os Socialistas estão certos em desejarem uma melhor distribuição do dinheiro, de sorte que não haja nem milionários nem pobres, e sim todos bem na vida. Mas eles seguem por um caminho errado em seu trabalho; querem combater contra todas as outras pessoas para se colocarem por cima, ao invés de se juntarem a todos os demais na consecução de uma coisa que seja grande para o país inteiro, por um caminho que seja razoável e bom para todos".

A oposição veio de um quadrante inesperado, sob a forma da Igreja, a qual criticou o Esquema Escoteiro pela sua falta de conteúdo religioso. O clero apontou que, dentre as 300 páginas do "Escotismo para Rapazes", apenas duas tratavam dos aspectos espirituais da educação e do "Dever para com Deus".

As relações entre o Escotismo e as forças seculares, especialmente os governos, religiões organizadas e a Igreja, têm uma longa e fascinante história, digna de um livro à parte.

B.P. não hesitou, por um momento sequer, em face dos esforços conjugados, dos governos e das igrejas organizadas para tomarem posse do Escotismo. Sem independência total, o Escotismo não pode sobreviver — declarou. — "O objetivo do Movimento" — escreveu "é melhorar a saúde e a forma do caráter e, como ele é amplo, estimular o senso de fraternidade entre os seus associados, sem distinção de nacionalidade, religião, ou classe. Desejamos, também, de uma maneira mais generalizada, desenvolver qualidades, dentro da geração vindoura, que encorajem os direitos e os deveres de bons cidadãos, e a aplicação dos ensinamentos de Cristo, especialmente a boa vontade e a cooperação, ao invés do egoísmo corrente e das atitudes de rebeldia, que constituem os principais obstáculos ao estabelecimento da paz no mundo.

Nosso Movimento não é de forma alguma m i l i t a r . Tampou-

co é ele um movimento político. Aceita pessoas jovens, sem dar atenção às idéias políticas dos pais. Por esse motivo, e cõscios de nossa responsabilidade para com os pais, lamentamos não podermos usar estas crianças a serviço de qualquer causa, por mais louvável que ela seja. Tampouco, podemos encorajá-las em suas opiniões políticas, uma vez que as opiniões delas são ainda imaturas e, portanto, carentes de validade".

Em resumo: — a Folha de Balanço, de B.P. e de seu florescente Movimento, foi positiva. O Escotismo tinha feito uma arrancada muito rápida. Entretanto, muito ainda restava por ser feito antes que ele tivesse emergido como o maior movimento voluntário jovem do mundo.

9. O fim dos anos heróicos

B.P. voltou, pouco a pouco, e em tranqüilidade, à vida civil. Os seus pensamentos estavam agora centralizados em sua determinação de atuar como guia, conselheiro e motivador do Escotismo que, no entretanto já era um movimento jovem totalmente independente — e dispunha, também, de uma associação completamente separada, para moças — com uma imponente Sede Central e um quadro de pessoal formado por cerca de trinta voluntários e profissionais, para atendimento de uma diversificada gama de problemas confusos, nas áreas doméstica e internacional.

O movimento não era, de modo algum, confinado à Grã-Bretanha e seus domínios e protetorados. Tinha se espalhado aos cinco continentes, e a presença de B.P. era solicitada de todos os quadrantes da terra. Como ele ainda era um inveterado viajante, possuidor de uma curiosidade insaciável pelas novidades e pelo inesperado, tornou-se um verdadeiro "globe-trotter".

As reuniões, na Grã-Bretanha, estavam ainda atraindo milhares de Escoteiros, incluindo grandes contingentes estrangeiros. Escoteiros Britânicos organizaram viagens de além-mar. Em patrulhas, ou unidades, viajaram para terras estrangeiras, algumas delas em regiões longínquas.

Fiéis ao seu Código de Honra, nunca procuraram ajuda material.

O próprio B.P. estava se defrontando com muitos problemas. No Reino Unido, estava lidando com os vários aventureiros, maquinadores e homossexuais, que pensavam em explorar o Escotismo em proveito de suas próprias, execráveis razões. Já tinha formado uma equipe bem treinada de dedicados voluntários que era apoiada por uns poucos profissionais verdadeiros, aos quais podia confiar a direção de sua vasta empresa internacional, durante as suas freqüentes ausências no estrangeiro.

Entretanto, ele ainda exercia controle pessoal sobre o movimento internacional.

Como seu salário de oficial aposentado do Exército dificilmente cobria suas despesas de viagem, aceitava convites sob estrito entendimento de que os anfitriões lhe permitiriam promover e melhorar o movimento Escoteiro local, através de conferências e reuniões. Estava aguardando a oportunidade adequada para retornar aos Estados Unidos da América do Norte, onde as mudinhas escoteiras, plantadas em 1910, tinham crescido tremendamente, até mesmo pelos padrões americanos. As idéias de B.P. tinham captado a imaginação do público, tanto entre os jovens como entre os velhos.

Os Presidentes Taft e Teddy Roosevelt eram apoiadores fervorosos do Escotismo, bem como alguns dos seus sucessores, o último dos quais, o Presidente Reagan, que comemorou o 75º Aniversário do Escotismo Americano, oferecendo um almoço escoteiro na Casa Branca, em 8 de fevereiro de 1985.

Deveras, a história do escotismo está repleta de Chefes de Estado que estavam simplesmente satisfeitos em se tornarem Presidentes Honorários ou chefes-Escoteiros de seus próprios Movimentos Escoteiros nacionais, alguns dos quais mesmo insistindo, até o dia de hoje, em desempenharem um papel ativo.

B.P. não precisou esperar muito tempo para fazer sua almejada viagem aos Estados Unidos da América do Norte. A oportunidade chegou sob forma de um contrato proposto por um jovem dinâmico e agressivo empresário, Lee Keedick, um especialista em promoções de viagens de conferencistas célebres.

B.P. viajou para Nova Iorque — via ilhas Caraíbas — a bordo de um luxuoso navio de passageiros — o "Arcadium" — no dia 3 de janeiro de 1912. A viagem de conferência do herói de Mafeking obteve tamanho triunfo que os líderes da "Boy Scouts of América" foram obrigados a oferecerem uma compensação a Lee Keedick para que B.P. pudesse dedicar alguma porção do tempo dele aos assuntos escoteiros.

Retornou a Londres no dia 24 de abril, através do Japão, China, Hong Kong, Nova Guiné, Filipinas, Austrália, Nova Zelândia e África do Sul, visitando velhos amigos e atualizando-se quanto aos acontecimentos ocorridos no mundo do Escotismo.

Em sua longa viagem de retorno, proferiu palestras e discursos em nada menos do que 132 conferências.

Entretanto, o evento mais importante, naquela viagem vendaval através do mundo, que durou 233 dias, aconteceu durante a viagem marítima que fez para as Ilhas Caraíbas.

Até mesmo o imperturbável B.P. foi tomado de surpresa. Quando se encontrava no meio do Atlântico, travou conhecimento com uma formosa moça, cujo nome singular era Olave Saint Claire Soames, e exatamente 32 anos mais jovem do que ele. Ela também tinha nascido no dia 22 de fevereiro.

Apesar de sua fama mundial, o encrostado solteirão cortejou-a durante um ano, aproximadamente, antes que ela consentisse em tornar-se Lady Baden-Powell.

De maneira bastante estranha, a grande diferença de idade, não foi o principal obstáculo. A história, em um sentido, estava repetindo-se, visto que o pai dele tinha casado com uma moça que era 28 anos mais nova que ele próprio. Mas houve falsas observações a respeito do velho mateiro que tinha sucumbido aos encantos de sua sedutora companheira de viagem. Além disso, as famílias, de ambos os lados, não estavam encantados com a idéia do casamento. A futura noiva vinha de uma família rica, muito superior na escala social do que a de B.P. Isto, de fato, era um sério problema para ele. Contudo, pelos padrões prevalecentes da sociedade britânica, naquela época, o herói de Mafeking e famoso Fundador do bem-sucedido Movimento Escoteiro era um bom partido para qualquer mulher.

Foi, assim, que o herói nacional da Grã-Bretanha, Sir Robert Stephenson Smyth Baden-Powell, casou-se com Miss Olave Saint Claire Soames, no dia 30 de outubro de 1912.

O casal passou sua lua-de-mel acampado na África do Norte.

Muito aliviado, B.P. escreveu à sua mãe "Olave é uma perfeita maravilha no acampamento — goza a vida inteiramente e é tão perfeita como quem vive no mato. É uma excelente caminhadora, uma boa Escoteira... nunca perde o caminho. Ela adota as idéias dela tão perfeitamente às minhas que já nos tornamos exatamente iguais — e, embora ela tenha idéias e opiniões próprias, elas concordam com as minhas — e cuida de mim como uma mãe, e me estraga completamente".

De volta à Inglaterra, eles receberam um magnífico presente de casamento — para o qual mais de 10.000 Escoteiros havia contribuído, cada um deles com um pêni (moeda inglesa, correspondente a 1/12 do xelim) — um automóvel tipo "standard" com motor 20 HP, pintado nas cores escoteiras — verde e amarelo — com um braço do emblema escoteiro.

B.P. adaptou-se bem à vida de casado. A esposa dispensou-lhe o máximo de dedicação e atenção, quando apresentou sintomas de uma possível recaída de enfermidades contraídas durante os anos que permaneceu em climas tropicais. Mas, acima de tudo, casou-se também com a causa dele e permaneceu fervorosamente ligada a ela até a morte, em 1977 — 36 anos após a morte de seu esposo.

Lady B.P. logo teve oportunidade de provar suas habilidades, como mãe. O casal gerou três crianças, um menino, nascido exatamente um ano após o casamento, e duas meninas. O menino foi batizado com o nome de Peter, em memória da famosa peça escrita por James Barrie, "Peter Pan", a história de um menino que permaneceu jovem para sempre. Recusando-se a crescer, não foi olhado com reprovação, uma vez que a "Síndrome de Peter Pan" ainda era desconhecida naquela época.

B.P., assim como Camus, Saint-Éxupéry e outras figuras notáveis, acreditavam que a eterna juventude era uma bênção pela qual se deveria batalhar.

Embora B.P. fosse, agora, um chefe de família, não desviou-se de seus objetivos. A vida de casado, de fato, ajudou-lhe nesse sentido, porque a jovem "Lady B.P." foi um valioso elemento do Ativo, para o Movimento. A despeito de seu inquestionável sucesso, muito restava ainda a ser feito pelo Escotismo. Uma variedade desconcertante de problemas surgiu, enquanto o Movimento continuava em sua livre expansão. Esperava-se que B.P. apresentasse soluções a todos os problemas; gostassem, ou não, disso, suas opiniões e pareceres eram tomados como verdade incontestável.

O problema principal estava aparentemente relacionado ao rápido crescimento do número de associados e à dificuldade de encontrar líderes adultos voluntários, porque logo se tornou óbvio que a boa vontade e a dedicação apenas não podem substituir a competência. Uma solução satisfatória ao problema do treinamento sistemático de líderes foi somente encontrada em 1919, após diversas experiências.

Outro dos problemas, da década de 1910, foi a considerável diversificação do Movimento. Novos setores do Escotismo estavam em desenvolvimento, tais como o dos "Sea Scouts" ("Escoteiros do Mar") que foi criado oficialmente em 1910, embora os "Marine Scouts" ("Escoteiros Marítimos") já estivessem em atividade desde 1908.

Como manobrar os jovens com idade inferior à idade normal de recrutamento — onze anos — que desejavam tornar-se Escoteiros, era outro problema. Com frequência, ocorria serem eles irmãos mais jovens de Escoteiros. Como aconteceu com as moças, na memorável reunião realizada no "Crystal Palace", em 1909, também eles reivindicaram direito à filiação.

Tomar as providências para o que mais tarde foram chamados "Júnior Scouts" ("Escoteiros Juniores"), foi uma tarefa deveras árdua para Baden-Powell, pois embora estivesse receptivo à idéia, teve de tomar precaução para evitar a impressão que o seu Movimento estava criando um jardim-de-infância para Escoteiros.

Para esclarecer suas idéias, escreveu, no final do ano 1913:

- Júnior Scouts... o mais simples possível. Precisamos inventar um nome que seja atrativo aos meninos...
- Um mestre-escola chamou-os "Beavers". Inicialmente, eu tinha em mente o nome "Walf Cubs" ou "Cubs" (isto é "Lobinhos"), ou "Colts" ("Potrinhos?"), ou "Escoteiros Jovens".
- "Trappers" também poderia ser um nome atrativo, se for explicado que um "trapper" é um ajudante de caçador, ou de Escoteiro.

B.P. teve dupla preocupação, conforme explicou na edição de janeiro da "The Headquarters Gazette" — a primeira, de não exaurir as crianças desta idade com atividades que estavam além de sua capacidade física; e a segunda, evitar o risco de perturbar os rapazes mais velhos, os quais poderiam se sentir humilhados em terem de executar as mesmas atividades que os mais jovens.

Um plano de ação, projetado em 1914, especialmente para meninos de oito a onze anos de idade, foi finalmente traçado.

Incluía uma forma de saudação, um emblema sob forma de cabeça de lobo, uma promessa simples de servir e cumprir o dever e uns poucos testes, simples, adaptados ao grupo etário. Foi, também, planejada a edição de um "Manual dos Lobinhos"; entretan-

to, devido à guerra, a publicação foi retardada até 1916, quando uma jovem senhora, chamada Vera Barclay, assumiu a responsabilidade dos Lobinhos.

A parte educacional do "Manual dos Lobinhos" foi inspirada no livro "The Jungle Book" ("O livro da Floresta"), de Rudyard Kipling, o grande novelista e poeta inglês, nascido e criado na Índia, e ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1907.

Ele foi contemporâneo de B.P.

A famosa e popular obra-prima de Kipling, relata as aventuras de Mowgli, um menino criado por animais selvagens, que conhece, por experiências, as forças vitais da natureza. Abrindo o próprio caminho através das trilhas, nas florestas virgens, ele finalmente realiza a conquista de sua própria personalidade. Adquire uma força e coragem, cada vez maiores, enquanto prossegue em sua caminhada na floresta, auxiliado pela orientação e pelas instruções de Baloo, o urso, Akela, Chil e outras feras da mata virgem. Ao final de sua saga, tudo quanto aprendeu é colocado a serviço da comunidade.

Ao contrário da famosa "lei da floresta", que normalmente envenena os adultos, Mowgli a utiliza a serviço de seus semelhantes humanos.

Quando o livro foi publicado pela primeira vez, em Nova Iorque, em 1904, foi a sua poesia diáfana e pura que captou a imaginação do público.

Em sua maneira usual, pragmática, Baden-Powell transformou as imagens poéticas em uma forma de vida prática, adaptando os sonhos e alegrias de Kipling em um método educacional para pessoas jovens. Este casamento feliz da poesia com a ação permanece como um elemento importante na história do sucesso do Escotismo.

Vera Barclay, mulher de talento e criatividade notável, foi encarregada do Movimento dos Lobinhos até a data de sua morte, em 1920. A chegada dela, criou um precedente, em uma época em que havia dúvida a respeito de mulheres serem capazes de desempenharem qualquer papel no mundo viril do Escotismo.

Ela removeu todas aquelas dúvidas, a tal ponto que, quando veio a guerra, em 1914, e grande contingentes de Escoteiros eram chamados para o serviço militar, as mulheres entraram em campo, de maneira espetacular.

O próprio B.P. introduziu o Artigo 212 nos Regulamentos e Organização Política da Associação Britânica, mediante os quais as mulheres poderiam ter acesso ao posto de "Scoutmaster" ("Chefe-de-Grupo de Escoteiros"), em circunstâncias excepcionais.

Conforme será visto mais tarde, aquelas circunstâncias em breve surgiram. Elas deveriam efetuar importantes mudanças no Movimento inteiro, que deveria crescer, da adolescência à maturidade.

Algo deveria ser dito aqui a respeito do papel desenvolvido pelas mulheres no Escotismo dos rapazes.

O envolvimento delas como Chefe-de-Grupo de Escoteiros, com idade de 13 a 19 anos, é questionado em alguns países, sob o fundamento que adolescentes necessitam ter modelos masculinos. Em outros países, onde a co-educação, é socialmente aceita, e até mesmo encorajada oficialmente, as mulheres estão desempenhando um papel de liderança crescente, no Escotismo.

Entretanto, os pensamentos de B. P. estavam voltados para outras direções. Uma série de acontecimentos e atividades estranhas estavam sendo executadas sob a bandeira escoteira, e havia chegado a hora para uma avaliação do seu Movimento, em âmbito mundial. Por esse motivo, foi decidida a realização do Primeiro Acampamento Escoteiro Internacional, em Birmingham, na Inglaterra, no verão de 1913.

O acampamento foi um outro marco miliário, na história do Escotismo. Ele atraiu mais de 30.000 Escoteiros, de todas as partes do mundo. A maioria deles era procedente da Grã-Bretanha e seus domínios, mas eles vieram também da Polônia, Áustria, Hungria, Alemanha, Espanha, Itália, Holanda, França, Bélgica, Noruega, Dinamarca, Suécia e até mesmo de países tão distantes como a China. Também presente esteve um contingente apreciável, bem treinado e equipado, dos Estados Unidos da América do Norte.

Favorecido por um tempo esplêndido — uma característica que, infelizmente, não é comum nos grandes eventos internacionais escoteiros, — o acampamento de Birmingham foi um sucesso retumbante, com uma vasta série de contribuições, para demonstrar a versatilidade do Movimento Escoteiro. Apresentaram-se dançarinos, cantores, músicos, carpinteiros, encanadores, eletricitas, sapateiros e uma ampla variedade de outras artes aplicadas.

E outros programas que, em realidade, não representavam ati-

vidades tradicionais escoteiras, foram também incluídos, tais como: ciclismo, luta romana e ginástica.

A reunião de Birmingham teve seu jornal diário, escrito, produzido e distribuído pelos próprios Escoteiros.

Leslie Paul, escritor bem conhecido da época, e observador do período heróico do Escotismo, escreveu em seu livro "The Angry Young Man" ("O Jovem Irado"), o seguinte:

"O Movimento Escoteiro foi o próprio sopro de esperança e amor e encorajamento a muitas crianças. Na década de 1908 a 1918, nenhuma outra influência sobre a juventude veio de qualquer parte, que se comparasse a ele. Nesta década eu cresci com o Movimento Escoteiro como minha casa espiritual verdadeira, aprendendo a menos-cabar os trabalhos das salas de aula em favor das atividades ao ar livre do Movimento Escoteiro, orgulhoso e esperançoso de que eu poderia construir minha vida toda sobre elas. Nada fiz em outra parte, na escola ou na igreja, que me tivesse trazido o mesmo orgulho como minha realização no Escotismo."

Este era um escritor que pertencia à classe privilegiada, de sorte que não é necessário esforço de imaginação para entender que impacto tremendo teve o Escotismo sobre os jovens integrantes dos setores pobres da sociedade. Para eles, o Escotismo foi uma fuga mágica da rotina, do enfado e das rígidas limitações do lar, escola e igreja.

Dois eventos, entretanto, arruinaram uma situação virtualmente perfeita para B.P.: — a morte de sua amada mãe, com a idade de 90 anos, no dia 13 de outubro de 1914. Ela era uma pessoa excepcional à qual ele muito devia. Durante seu luto, a esposa foi uma grande fonte de conforto. Embora jovem, sobressaiu-se no papel, tanto de esposa como de conselheira.

O rompimento da Primeira Guerra Mundial foi de uma outra dimensão. Com apenas 57 anos, B.P. imediatamente ofereceu seus serviços ao Exército.

Lord Kitchener, Comandante-Chefe das forças britânicas, declinou sua oferta, pois estava perfeitamente cômico de que o velho soldado poderia prestar maior serviço a seu país, permanecendo na Chefia de seu Movimento Escoteiro, o qual era tão bem sucedido em atender às necessidades dos jovens.

Era opinião geral a de que a guerra iria assistir ao fim do Escotismo na Grã-Bretanha e no exterior. Com Escoteiros em lados opostos da guerra, isso era, talvez, uma suposição lógica. Todavia, o que aconteceu foi exatamente o contrário.

A guerra de 1914 — 1918 pode ter visto o fim dos anos heróicos da história do Escotismo, mas a própria magnitude daquele trágico conflito iria dar ao Movimento não apenas novo modo de vida, mas também uma nova dimensão.

10. Enquanto os canhões troavam

A pavorosa carnificina da Primeira Guerra Mundial contribuiu muito pouco para solucionar os graves problemas econômicos, políticos e sociais que a provocaram.

Pior ainda, a ingênua falta de visão dos vencedores, no decurso do acordo de paz, plantou as sementes da ainda mais devastadora Segunda Guerra Mundial, com algumas de suas desastrosas conseqüências para a maior parte da humanidade de hoje.

Ironicamente, durante aquele quente verão de 1914, milhões de patriotas, em ambos os lados, entraram em combate acreditando estarem lutando por uma causa nobre e por um mundo melhor. Jovens e velhos estavam inflamados com fervor nacionalista. Como ainda era uma época de assim-chamada "guerra convencional" — dessemelhante do pesadelo termo-nuclear de hoje — o peso da carga principal caiu sobre os jovens. Escoteiros, em grandes contingentes, apressaram-se a servir seu país. Muitos dos que tombaram nos campos de batalha, para jamais retornarem, eram Chefe-Escoteiros. Os escoteiros que eram jovens demais para irem à luta, ofereceram seus serviços para atuarem como vigilantes, guardas, mensageiros, carteiros, doadores de sangue, ajudantes em ambulâncias, policiais auxiliares, faxineiros, colheitadores, apanhadores de papel e de lixo.

Em toda as suas mais variadas tarefas, desempenharam-nas com dedicação e eficiência. Por isso, ganharam a gratidão de seu país e muito fizeram para elevar a imagem do Escotismo perante os olhos do público.

Em decorrência disso houve, também, um grande aumento de filiação ao Movimento.

Como o Escotismo internacional tinha sido temporariamente eclipsado durante os anos da guerra, as estatísticas são difíceis de se

encontrar; exceto as britânicas, estão disponíveis. Entretanto, elas são prova expressiva de como o Movimento cresceu durante a Guerra Mundial. Na véspera da Guerra, em 1914, existiam 152.333 Escoteiros e Chefes-Escoteiros. No outono de 1918 o total tinha aumentado para 193.731.

O Movimento teve um retrocesso, relativamente insignificante, durante a Guerra Mundial. Uma granja escoteira, de 190 hectares, entrou em falência, devido à falta de pessoal qualificado que, na maioria, tinha sido engajado ao serviço militar ativo. Todavia, o fracasso da granja teve um lado positivo. Com o produto da sua venda, a Associação adquiriu um imponente prédio novo em 1917, sito na Buckingham Palace Road, número 25, em Londres, o qual iria servir como Sede Central dos Escoteiros Britânicos, até 1975.

Apesar de ter sido soldado e herói, B.P. absteve-se de tomar parte em qualquer serviço real de guerra. Em suas horas de folga — que eram raras — empreendeu, apenas ocasionalmente, missões para militares, em nome do Comandante-Chefe, inclusive inspeções de alojamentos para soldados, na Inglaterra e na França, nas quais foi acompanhado e grandemente auxiliado pela sua esposa.

Lutando, com sucesso, contra a multidão de problemas de pós-guerra que enfrentava o seu Movimento em expansão, havia a sua tarefa primeira e difícil de agradar. Ainda sem solução, estava o problema do estabelecimento dos tipos corretos dos programas para os diversos grupos etários no Movimento. O conceito de "Lobinho", para meninos de oito a onze anos de idade, estava funcionando satisfatoriamente. Quanto ao grupo dos rapazes de 11 a 14 anos de idade, para os quais o Escotismo tinha sido a princípio, planejado, não existiam problemas especiais, contando que tivessem completado a escolaridade compulsória até a idade de 14 anos.

Entretanto, foi no grupo etário de 14 a 18 anos que surgiram complicações.

B.P. gastou muito tempo no planejamento de um programa especial para aqueles adolescentes e, em conjunto com seus íntimos colaboradores, criou uma divisão nova, conhecida como "Sênior Scouts" ("Escoteiros Sêniores") com sua própria escala de atividade. A "Camada superior", foi mais tarde conhecida como pioneiros, para os quais, entretanto, um outro programa tinha sido traçado, com muitos deles subsequenteiramente tornando-se Chefes-Escoteiros ou Líderes-de-Grupos.

Não foi resposta perfeita e B.P. não estava completamente satisfeito com ela.

De fato, o papel destes rapazes mais velhos tem sido, há muito tempo, uma questão controvertida que ainda hoje existe. Em alguns países está tornando-se cada vez mais difícil persuadir estes jovens adultos a continuarem como instrutores ou Chefes-Escoteiros, uma vez que se acham mais à vontade dentro de seus próprios grupos de pares.

Em outros, os líderes nacionais têm enfrentado graves problemas no trato com jovens deste mesmo grupo etário, os quais declinam de assumir suas responsabilidades como jovens adultos — que é exatamente o papel para o qual o Escotismo os preparou.

O Movimento das "Moças-Guias" alcançou um extraordinário progresso durante os anos da Guerra. Grande número delas passaram a ocupar postos-chave no Movimento Escoteiro para Rapazes, que ficaram vagas com a ida daqueles jovens adultos para o exército.

O Movimento feminino entrou em uma grande crise — o que, novamente, exigiu uma urgente intervenção pessoal de B.P.

O Movimento Diretor de Moças tinha sido criado em 1910, tendo como encarregada a irmã de B.P., Agnes. Conjuntamente, tinham produzido, em 1912, o primeiro manual de Moças-Guias, intitulado: "How Girls Can Help Build up The Empire" ("Como as Moças Podem Ajudar a Construir o Império"). O livro foi um fracasso, assim como também Agnes, como líder do Movimento.

Freqüentes mudanças na cúpula administrativa, intrigas e entretuchos da orientação política, foram uma característica permanente daquela Organização de Mulheres.

Além disso, as Guias ocupantes dos cargos mais elevados foram incapazes de enfrentar as passadas rápidas, dadas pelo Movimento, para a emancipação das Mulheres. O controle da "Direção das Moças" fugiu das mãos delas.

B.P. não teve outra opção que a de preencher a lacuna. Traçou um plano para a reorganização do Movimento das Mulheres, inclusive uma Carta Patente, que foi concedida pela Coroa Britânica no dia 24 de setembro de 1915. Um novo Conselho Executivo foi formado, com B.P. como Presidente, e sua esposa começou a desempenhar um papel ainda mais ativo na obra de seu esposo. Ela rapi-

damente atingiu o posto de Comissária no Condado de Sussex, graças à sua competência. Distinguiu-se de tal modo em seu trabalho que, na primeira Conferência de Comissárias de Moças-Guias, em outubro de 1916, foi convidada para fazer uma apresentação sobre: "Como Organizar o trabalho de uma Comissária de Condado?"

Lady Baden-Powell estava ainda com 27 anos de idade apenas. A abordagem sincera e o senso de humor tornaram-na estrela da Conferência. E, como resultado disso, foi imediatamente nomeada "Comissária Geral" — um posto novo, criado especialmente para ela. Seu título foi mudado para o de "Guia-Chefe" na primavera de 1918 e, depois, para o de "Guia Chefe Municipal", em 1930. A partir daquela data, conhecida como Lady B.P. em todo o mundo, ela reteve aquele posto até sua morte em 1977, após uma vida inteira dedicada ao Movimento Escoteiro.

B.P. prestou um último serviço ao Movimento de Moças-guias. Em fevereiro de 1918 publicou o livro intitulado "Girl Guiding" ("Direção de Moças"), que estabeleceu um programa detalhado, destinado a satisfazer as necessidades e aspirações de meninas e moças, de oito a dezoito anos de idade. Entretanto, e ainda no ponto mais alto do pensamento de B.P., estava o futuro, a longo prazo, do Escotismo. Como tantos de sua geração, ele reconhecia a futilidade de uma guerra que parecia estar se arrastando indefinidamente.

Depois da reunião de Birmingham, em julho de 1913, deu início aos preparativos para uma Reunião Mundial de Escoteiros, a ser realizada em 1917, dez anos após o memorável acampamento na ilha Brownsea.

Dita reunião ocorreu somente em 1920, quando entrou para a história do Escotismo como o "1º Jamboree Mundial".

Apesar de suas preocupações a respeito da futilidade da guerra, B.P. ainda era um profeta da esperança como pode ser visto por algo que escreveu em 1917:

"Nações desiludidas pela guerra, estão procurando algo melhor do que peças de papel produzidas por estadistas inescrupulosos. Eles estão propondo reparações e indenizações de guerra mas, além de tais obrigações materiais, é certamente possível encorajar os sentimentos e emoções dos povos, como a melhor esperança de paz permanente. O Movimento Escoteiro, em sua es-

cala relativamente pequena, tem criado raízes entre os jovens de todos os países civilizados e continua crescendo. Não é demasiado esperar-se que nos anos vindouros, com os números crescentes que se juntarão a esta associação nas gerações futuras, elas unir-se-ão em amizade pessoal e mútuo entendimento como nunca antes foi possível, e assim, encontrarão uma solução para estes horrorosos conflitos internacionais".

Utopia? Talvez. Entretanto, o velho guerreiro rejeitou, categoricamente, a guerra como solução — a paz sendo sua desgastante obsessão. Instintivamente, repetia as palavras do grande historiador romano, Heródoto, proferidas muitos anos antes:

"Nenhum homem sensato pode preferir a guerra em lugar da paz, uma vez que na guerra os pais sepultam os filhos, enquanto em tempos de paz os filhos sepultam os pais".

Defender a paz, através do Escotismo, tornar-se-ia o princípio diretor de B. P., durante o restante de seus dias de vida. Quando o troar dos canhões cessou, ele estava mais do que nunca decidido a fazer do Escotismo um Movimento para o bem da humanidade.

Um misto singular de visionário e realista, B.P. sabia que o seu grande Movimento internacional embora tivesse crescido sem qualquer planejamento sistemático — até quase que acidentalmente — não realizaria automaticamente a sua missão universal.

O horror que sentia da burocracia o havia impedido, durante longo tempo, de criar uma Associação de âmbito mundial, mas agora tinha-se conscientizado que a coordenação era essencial, mesmo para evitar que o Escotismo fosse usado como rótulo, para a venda de programas adulterados, ou até nocivos.

O primeiro requisito foi obter uma visão nítida de como o Escotismo estava evoluindo nos países. Com essa finalidade, B.P. nomeou Hubert Martin, um diplomata de carreira, para o cargo de Primeiro Comissário Internacional, na história do Escotismo. Outros países seguiram a iniciativa porque, mesmo naqueles dias, as comunicações constituíam o maior problema.

Hoje, qualquer Associação reconhecida tem um Comissário Internacional.

Como tantos outros Escoteiros, antes e depois deles, Hubert Martin conscientizou-se de que estaria na posse do cargo durante dois ou três anos, no máximo. Quatro anos após sua nomeação

provisória, foi designado para o cargo de Diretor do "Bureau" Internacional que foi criado em 1922, e permaneceu naquele posto até a morte, em 1938.

A segunda decisão vital de B. P. foi a criação, em 1918, de um Centro de Treinamento de Chefes-Escoteiros, todos voluntários, em Gilwell, perto de Londres, e em excelente área de terras, graças à generosidade de um Comissário de Distrito, na Escócia, W. F. de Bois Maclaren.

O "Gilwell Park", que se tornou parte da história do Escotismo, foi inaugurado em julho de 1919.

O primeiro curso de treinamento foi realizado em setembro daquele mesmo ano, e foi ministrado pelo próprio B. P. Ele nomeou Francis Gidney como diretor do Centro, visto que a extensão do seu Movimento e as numerosas chamadas em seu tempo de trabalho impediam a ele mesmo de desempenhar o cargo.

Seu pequeno grupo inicial, composto de íntimos associados foi expandido quando várias pessoas, entusiastas possuidoras de rendas ou proventos próprios, juntaram-se ao seu quadro de pessoal, algumas das quais em regime de tempo integral, outras em tempo parcial, mas todas elas voluntárias.

O serviço temporário tornou-se quase uma brincadeira. Uma vez que o "vírus" escoteiro tinha apanhado, a maioria dos temporários permanecia durante a vida inteira. Um exemplo foi C. Dymoke Green, que chegou como substituto do Secretário Assistente, que tinha sido convocado para o serviço militar. Um dos filhos dele tornou-se Diretor e Editor da revista "Scouts" ("Escoteiros"), e um outro, após uma carreira como líder voluntário na Associação Britânica e no Ceilão, tornou-se membro e, mais tarde, Presidente do Comitê Mundial (1969-1971). O vírus escoteiro tinha-se transmitido — do pai ao filho.

O pequeno gabinete interno que se formou em torno de B.P., cresceu e tornou-se uma equipe real de voluntários. Embora o papel de alguns membros fosse simplesmente administrativo, ou técnico, outros influenciaram B. P. em suas decisões políticas e outros, ainda, empunharam o archote após a sua morte, desenvolvendo e adaptando o Escotismo às mutantes condições, mas sempre fiéis à moral básica e aos princípios éticos, bem como aos métodos educacionais do Fundador. Entretanto, B. P. ainda lá se encontrava, como líder incontestável do Movimento Escoteiro.

Retornando ao "Parque Gilwell": desde que foi aberto, em 1919, tornou-se grande centro de atração de líderes adultos. Primeiro, daqueles da seção Escoteira, e depois, a partir de 1922, dos líderes das divisões de Lobinhos e, finalmente, em 1927, de líderes de Seniors.

A história deste famoso Centro merece um sumário histórico em separado, uma vez que ele não apenas era independente de, mas também ainda intimamente ligado ao Movimento Escoteiro Britânico e, mais tarde, ao Movimento Internacional.

A história do "Parque Gilwell" não se enquadra no escopo deste livro. Entretanto, deveria ser mencionado que a meta do Centro era treinar líderes adultos, durante duas semanas, habilitando-os para servirem melhor aos rapazes. O currículo tinha sido elaborado em 1913, baseado no princípio de patrulhas, grupos dinâmicos, com trocas de desempenho, o que significa que os estudantes, alternadamente, desempenhavam os papéis do instrutor e do aluno. Teoria (1º parte) e prática (2º parte) eram bem equilibrados, durante o curso.

Houve, naturalmente, alguns problemas. Uns queixavam-se do excesso de teoria; outros diziam o contrário.

Uma vez mais, B. P. teve de desempenhar o papel de rei Salomão. Em 1923, contratou John Skinner Wilson, um ex-chefe Superintendente da Polícia de Calcutá e Comissário de Distrito, ativo, como Chefe de Gilwell. "Belge" — como ele era popularmente conhecido — logo colocou as coisas em ordem em Gilwell, onde permaneceu até 1943, quando tornou-se Diretor do "Bureau" Internacional, durante dez anos.

"Belge" (que significava "belga") foi o apelido um tanto irreverente que lhe deram, em virtude de ser baixote e arrogante como Hercules Poirot.

Foi excelente organizador e leal executor das doutrinas e métodos de ensino de B. P.

Enquanto administrou Gilwell, conseguiu amainar a controvérsia existente entre teóricos e práticos (também chamados "espiritualistas" e "pragmáticos", respectivamente). Entretanto, o problema tornou-se ainda mais crítico após a saída dele e, na década de 60, surgiu uma situação confusa entre as diferentes escalas de pensamentos do Escotismo, com um lado enfatizando a educação —

aprender para ser — e o outro lado o treinamento prático, a iniciativa e a competência — aprender para fazer.

Entretanto, falaremos sobre isto mais tarde.

No momento, era um período de lua-de-mel em Gilwell. O Centro era uma experiência notável para os participantes. Nos grupos de trabalho e nas Patrulhas, aristocratas confraternizavam com artesãos, garagistas com dentistas e jardineiros com seus patrões. Eram uma mescla social extraordinária e, não obstante, funcionava como mágica, devido a uma "química" indefinível que corria como se fosse um fio, através da filosofia do Escotismo.

Era muito mais que espírito de equipe.

Ir a Gilwell tornava-se uma questão de orgulho e, para alguns, uma forma de esnobismo e até mesmo de sectarismo.

Os graduados de Gilwell prestaram serviços inestimáveis ao Escotismo.

Havia regulamentações estritas para o treinamento de Escoteiros Sêniores, a fim de assegurar um determinado nível de competência. Tais padrões foram durante muito tempo respeitados na Grã-Bretanha e no estrangeiro. Entretanto a chancela suprema de aprovação deveria ter passado pelo Centro de Gilwell ou pelo menos, ter sido treinado por alguém que tivesse conquistado sua "Insígnia da Madeira" na Meca do Escotismo.

A partir de 1922, Gilwell também tornou-se o Centro Oficial para treinamento internacional. Em nível mundial, o de Chefe-de-Campo, de Gilwell, era o único título da espécie. Aqueles que conquistavam o posto, em nível nacional, eram simplesmente "Vice-Chefes de Campo".

Em resumo, pode-se dizer, sobre Gilwell, que enquanto não houve outro sistema de treinamento, com a mesma fonte de inspiração, independente e respondendo às necessidades sociais e culturais, ou um órgão coordenador internacional eficiente, foram o Parque Gilwell e o próprio B. P. que proveram o "cimento" que manteve o Movimento coeso, assegurando a autenticidade, unidade e qualidade do Escotismo.

Destarte, o Movimento emergiu mais forte do que nunca, da experiência dos anos de guerra. Agora, era chegado o tempo para que o seu Fundador retornasse à questão da organização de uma grande reunião de Escoteiros e seus líderes, a fim de examinar exatamente onde o Movimento permanecia e para onde ele se dirigia.

Assim, nasceu a idéia do Jamboree, o primeiro dos quais foi planejado para agosto de 1920, sob a forma de "reunião internacional", em julho, precedida de uma Conferência Internacional de líderes que, por sua vez, viu as origens de uma forma rudimentar de organização internacional. Foi um acontecimento inevitável.

B. P. foi o principal promotor, a despeito de sua relutância e franca oposição em tornar o Escotismo em um Movimento e, ainda menos, em organização estrutural.

III

**O GRANDE SALTO
À FRENTE**

11. Dez anos decisivos

É, de modo geral, certo que a década de 1920 constituiu-se no período mais importante da história do Escotismo.

Com o fim da guerra de 1914-1918, a atitude complacente, levemente escarnekedora do público, mudou para a de respeito e até mesmo de admiração.

A "bolha" escoteira não tinha explodido e os Chefes-de-Grupo de escoteiros não estavam retornando à infância.

O Movimento ainda não encontrava aprovação unânime, embora a crítica viesse de quadrantes inesperados.

O Governo Indiano — ainda sob domínio inglês — proibia aos nativos de se associarem ao Movimento sob o fundamento que "Escoteiros podiam tornar-se revolucionários". Entretanto, na Grã-Bretanha, a associação começou a crescer constantemente e, em 1920, o número de lobinhos, escoteiros, sêniors e Chefes-de-Grupo atingia a cifra de 232.758.

Este foi o tempo ideal para B. P. lançar seu projeto de um grande "Jamboree" Internacional— uma expressão raramente usada — que B.P. tomou emprestada de uma gíria americana, cujo significado é: uma pândega, farra ou festa ruidosa.

Esclareceu suas intenções, da seguinte forma:

"Gostaria de explicar que a palavra "internacional" foi introduzida na descrição do "Jamboree", com a idéia de demonstrar que receberemos, com agrado, escoteiros de todas as partes do mundo, se puderem vir... não apenas aqueles que foram nossos íntimos aliados, mas sim, também, os que se mantiveram neutros, ou até mesmo aqueles que, sob as circunstâncias, eram nossos inimigos, onde existam..."

Uma enorme façanha da organização — o 1º Jamboree — foi realizada no período de 30 de julho a 8 de agosto de 1920. O pró-

prio B.P. desempenhou o papel-chave de Comissário-Geral. O Secretário de Organização, foi A. G. Wade, ex-Secretário da Associação que retornara da guerra com o posto de Comandante. Homem de primeira classe, Wade permaneceu no Escotismo durante a vida inteira. A esposa de Wade, Eileen, também pegou o micróbio do Escotismo, e foi secretária particular de B. P. durante 27 anos.

Cerca de 8.000 escoteiros, procedentes de 21 países independentes e 12 de dependências britânicas, compareceram ao evento e, aproximadamente 5.000 deles acamparam, enquanto os restantes hospedaram-se em pensões temporárias, ou no amplo "Olympia Hall", de Londres, onde foi realizado o "Jamboree".

As festividades duraram oito dias e pouco se pareceram com um "Jamboree", no sentido estrito do termo. Foi uma combinação de exposição, feira, paradas em grande estilo, com uma variedade infinita de jogos e exibições desportivas, de habilidades escoteiras, cantos e apresentações teatrais.

Apesar da chuva que caiu copiosamente, o 1º Jamboree foi uma demonstração impressionante da Irmandade Escoteira Internacional. Provou que, decorridos doze anos desde a fundação do Escotismo, e, apenas dois após o término da guerra, o Escotismo podia unir as nações, em um espírito comum, uniforme, de paz e amizade.

O "Jamboree" foi bem recebido pelo público. A presença do monarca reinante e de dois herdeiros do trono britânico, deu-lhe a chancela real de aprovação e mostrou que o escotismo era levado a sério até mesmo nas altas esferas.

No auge das festividades foi apresentada uma sugestão divertida, por James E. West, Chefe-Escoteiro Executivo da Boy Scouts of America, que se fazia presente com um grande contingente de alto nível. West, um advogado americano, era outro que tinha recentemente aceito a assim chamada "nomeação limitada", durante seis meses, para o Movimento, mas que, após 32 anos ainda se achava integrado a ele. A proposta dele — feita em parte a título e brincadeira e, em parte, com seriedade — era que B. P. deveria ser agraciado com o título de "Grande Chefe índio".

B. P. achou-a divertida, mas durante a cerimônia de posse, no dia seguinte, um dos jovens escoteiros presentes, da imensa audiência, repentinamente exclamou: "Viva o Chefe-Escoteiro do Mun-

do!". O grito foi aclamado por milhares e, naquele dia memorável — 6 de agosto de 1920 — B. P. foi aclamado, oficialmente, como Chefe-Escoteiro do Mundo.

Como de costume, o trabalho importante no "Olympia Hall" foi executado por detrás das cortinas. Uma reunião não publicada, que teve duração de dois dias, de delegados de todos os cinco continentes, foi realizada pouco antes do "Jamboree". Ela foi o ponto culminante de uma idéia que há vários anos vinha passando pela mente de B. P.

Daquela reunião privada resultaram diversas decisões: a primeira — realizar uma Conferência Geral a cada dois anos; a segunda — eleger um Comitê para tratar das questões mais importantes, entre as Conferências. E, finalmente, criar um Bureau Internacional, com Hubert Martin como Encarregado — posto que ele deteve até a sua morte, em 1938.

Um escritório para o Bureau Internacional foi alugado na Sede Britânica, sita no prédio número 25, do Buckingham Palace Road, e um quadro secretarial foi contratado a expensas de F. F. Peabody, um "Escotista" americano, rico, que se comprometeu a contribuir com L 2.500, anualmente, "até novas ordens". Outros dois americanos, James E. West e Mortimer Schiff — o último dos quais grande contribuinte do Escotismo Americano e Internacional — receberam poderes para redigir uma Constituição para o sempre crescente Movimento.

B. P. e seus amigos decidiram que era chegado o momento oportuno para lançar as bases da "Liga dos Jovens". Os membros fundadores eram aqueles países que estiveram representados na Conferência de Londres... De acordo com uma contagem realizada naquela época, o número de filiados ao Escotismo era 1.019.205.

Uma das primeiras medidas tomadas pelo novo Bureau Internacional foi a criação de uma revista quinzenal intitulada "Jamboree" — título que foi escolhido pelo próprio B. P. Ela apareceu pela primeira vez em janeiro de 1921. Mas o principal trabalho da pequena equipe do Bureau Internacional foi a organização da Segunda Conferência, fixada para o período de 22 a 29 de julho de 1922, em Paris, com convites expedidos para nada menos do que 31 países.

A decisão sobre a Conferência de Paris tinha sido tomada dois

anos antes. A Constituição Escoteira foi adotada e um Comitê Internacional eleito. Uma das principais características, ainda aplicáveis no dia de hoje, foi que os membros eleitos não mais representavam seus próprios países mas colocavam seus serviços à disposição de todo o Movimento Internacional. Outro aspecto importante foi que os objetivos e princípios do Movimento foram legalmente redigidos conjuntamente com as condições para a filiação oficial. Como era de esperar, B. P. foi eleito Presidente do Comitê, ao qual apresentou suas idéias sobre o futuro do Movimento, como continuou fazendo até o ano de 1937 — que testemunhou o seu último comparecimento a uma Conferência internacional.

Talvez devido ao fato de a Conferência de 1922 ter sido realizada na Sorbonne, a tônica foi sobre teoria e os debates intermináveis sobre todos os motivos e a justificativa dos programas, sua base e até mesmo sua filosofia. Tudo isto parecia muito estranho, excessivo e absurdo aos delegados anglo-saxões que pouco entendiam desta discussão vaga do Escotismo que, sem qualquer teoria ou filosofia especiais, estava saindo-se tão bem. Como dizem os texanos: "Se algo funciona, não o conserte". É bem provável que B. P. estivesse algo atordoado por estes vãos intelectuais da fantasia, quando procurava mudança de ambiente, indo a Folies-Bergère, onde fez uma das suas mais citadas observações: "O Escotismo, divorciado da realidade, é uma coisa impossível".

O ano de 1922 — quando foi feita uma computação mundial, do número total de membros que acusou um total de 1.344.360 — isto é, um aumento de 325.155 — foi, também, marcado por mais um evento importante: o lançamento do livro de B. P., intitulado "Caminho para o Sucesso", dedicado ao filho dele, Peter, que, então, contava com 9 anos de idade.

O livro foi, também, dedicado aos Sêniores, cuja posição no Movimento era duvidosa e questionada. Era, ainda, destinado a todos os jovens que estão à procura de sucesso, não precisamente da fama e dinheiro, mas sim da felicidade, que sempre foi a finalidade de B. P. na vida.

À medida que o Escotismo se expandia, acontecia o mesmo com suas necessidades financeiras. Como ocorre com tantas organizações que não visam a lucros, não houve falta de conselheiros sobre como gastar o dinheiro, mas muito poucos foram os que se dis-

puseram a entrar em campo para ir buscá-lo. Apesar do sucesso alcançado pelas campanhas de levantamento de fundos e das contribuições de amigos, a falta de recursos tornou-se um problema crescente e a situação financeira do Escotismo Internacional continuou precária, mesmo durante seus dez anos de glória.

Muito embora a escassez de dinheiro não tivesse impedido o progresso, ela certamente colocou restrições à sua melhoria qualitativa, especialmente no campo de estudos e pesquisas de mercado, que esteve em sua maioria limitado à Boy Scouts of America, onde a administração profissional e eficiente tornou-se medida prática.

O movimento teve um golpe de sorte quando adquiriu um chalé em Kandersteg, na Suíça, graças a Walter de Bonstetten, uma das figuras-líder do Escotismo Suíço e Internacional.

O chalé e as terras ao redor dele tinham sido anteriormente utilizadas para acomodar operários do túnel Lotschberg. Foi adquirido em 1923, transformado e inaugurado em 1926, como centro internacional de treinamento, lazer e acampamento. É ainda hoje um centro florescente, devido à generosidade de vários doadores e, especialmente, de Mr. McIntosh, um cidadão americano.

Como foi anteriormente mencionado, 1923 foi também o ano no qual "Belge" foi contratado para dirigir o Parque Gilwell que, sob sua eficiente orientação desenvolveu-se cada vez mais, como Centro Internacional.

Dois grandes eventos ocorreram no verão de 1924: o 2º Jamboree Mundial, seguido pela 3ª Conferência Internacional — ambos realizados na Dinamarca. Compareceram ao 2º Jamboree mais de 5.000 Escoteiros, procedentes de 34 países e Colônias britânicas. Ao contrário do 1º Jamboree, realizado no Olympia Hall, em Londres, que se pareceu com uma grande feira de diversões, o 2º Jamboree esteve mais perto do modelo estabelecido por B. P no acampamento de Brownsea, muitos anos antes.

Em essência, o Jamboree de Ermelunden, nas imediações de Copenhague, foi um retorno à fonte original do Escotismo e, assim, estabeleceu um modelo para futuros Jamborees nacionais e mundiais. Entre os bem planejados eventos, realizados pelos organizadores dinamarquesas, esteve o Campeonato Escoteiro Mundial, que colocou em posições antagônicas Escoteiros de diferentes nacionalidades, em várias disciplinas. Os americanos emergiram

como vencedores, com os britânicos e os húngaros em segundo e terceiro lugar, respectivamente, mas, apesar do jogo honesto mostrado pelos competidores, foi decidido, na Conferência Internacional de Kandersteg, em 1926, que a experiência não seria repetida, por receio de que a competição entre as nações pudesse prejudicar a fraternidade do Escotismo.

Como ocorreu no Jamboree de Londres, quatro anos antes, as condições do clima não favoreceram. Copiosas chuvas provocaram inundações e uma porção do acampamento teve de ser evacuada temporariamente. Na cerimônia do encerramento, que durou seis horas, sob forte pancada de chuva, B. P. disse a seus entusiasmados ouvintes: "Tenho visto grandes contingentes de Escoteiros, mas nunca vi quaisquer deles tão encharcados como vocês". Ele era sempre capaz de ver o lado divertido de uma situação e foi o senso de humor que o livrou do pecado do orgulho.

A 3ª Conferência Internacional foi realizada nos dias 19 e 20 do mês de agosto de 1924, três dias após o término do Jamboree. Havia alguns pontos delicados na agenda, tais como o reconhecimento internacional de Associações nacionais.

Em um número de países — França, Itália, Dinamarca, Suécia, Noruega, Bélgica e Países Baixos — o Movimento foi organizado com base em crenças religiosas dos jovens, ou mais propriamente, nas dos pais deles. Na Conferência de Paris, todas as Associações nacionais foram reconhecidas sem quaisquer pré-condições, como havia sido prometido dois anos antes em Londres. Isto significou que, em alguns dos países fundadores, Associações seculares foram aceitas sem qualquer referência explícita a serviço para com Deus. Foi uma questão que permaneceu altamente controversa até o ano de 1977, quando a Constituição foi alterada, sob a qual o "Status quo" foi mais ou menos respeitado, mas forte ênfase foi colocada sobre as dimensões espirituais da educação escoteira. Entretanto, reconhecimento igual foi dado a religiões não-monoteístas, tais como o hinduísmo ou aquelas que não reconhecem um Deus pessoal, como o Budismo.

Muita atenção foi, também, dada a um outro assunto que tinha sido levantado na Conferência de Paris, durante os debates sobre a Constituição, notadamente sobre se reconhecimento internacional deveria ser dado a uma única Associação ou a uma Federa-

ção de Associações. A Constituição foi um pilar de defesa contra a fragmentação ou dissidência, mas, neste caso, fez duas exceções. A primeira — a Rússia foi reconhecida como país fundador, mas como caso especial, uma vez que os Escoteiros no exílio foram reconhecidos em 1928, embora a Associação deles tivesse desaparecido logo em seguida. Na prática, a Associação Russa de Exilados deveria ter sido incorporada à Associação Francesa, uma vez que operava em solo francês. A segunda exceção, foi sobre os Escoteiros armênios, também registrados na França, que receberam reconhecimento em 1929 e ainda gozam o privilégio. Esta foi uma outra exceção, que confirmou a regra; um caso singular que resultou da ambigüidade do emprego, na constituição original, das palavras "país" e "organização nacional".

Os debates da Conferência foram calorosos e animados, mas os dois observadores da Liga das Nações puderam com dificuldade acreditar no que viram e ouviram. Pela primeira vez estavam assistindo a uma reunião internacional sem debates políticos. Dando um pulo à frente, deveria ser anotado que o mesmo espanto foi expressado na Conferência Escoteira Mundial de julho de 1983, por dois destacados observadores internacionais que ouviram debates de delegados de nações em guerra, ou que não mantinham relações diplomáticas, mas que, não obstante, ainda dirigiam-se um ao outro em termos educados e amistosos.

O período seguinte ao do Jamboree e da Conferência Internacional de 1924 foi uma época de ajustes e de consolidação, bem como de contínua expansão. Em 1929 — ano do "Coming-of-Age Jamboree" ("Jamboree da chegada à Maioridade", — havia, em todo o mundo, 1.871.316 Escoteiros, dos quais 1.180.730 eram filiados de além-mar. O Escotismo tinha atingido sua maioria — 21 anos — não somente como um Movimento forte e sadio, mas também de âmbito internacional.

Naturalmente, não houve nenhuma cura mágica dos problemas surgidos na Conferência de Copenhague. A falta de fundos ainda era uma grande preocupação, bem como a questão dos Sêniores.

A controvérsia que teve início em Paris, entre os "espiritualistas" e os "pragmáticos", era ainda uma questão arrebatadora, sem solução próxima à vista, 78 anos após o nascimento do Escotismo.

Um fator mais perturbador, nos tempos modernos, foi que em determinados países, os líderes políticos estavam receosos de um movimento organizado jovem, que possuísse sua própria estrutura e rede de comunicações. Em alguns casos, eles tentaram táticas de infiltração. Em outros, tais como na Itália, Mussolini simplesmente banuiu o Escotismo. O ditador italiano estava seguindo o exemplo de Lenine e de Stalin, e uns poucos anos mais tarde, Hitler, Franco e outros tomaram a mesma providência. O escotismo e o totalitarismo tornaram-se maus sócios-comandatários.

Um outro desapontamento foi causado pelo fato de que as tentativas feitas, para introdução de mais atividades artísticas no Escotismo, encontraram muito pequena resposta, exceto onde a preocupação foi a do entretenimento popular.

O próprio B. P. estava aproximando-se de seus setenta anos de idade, e, às vezes, desanimado e deprimido. Foi durante um destes raros momentos — geralmente causados pela sua saúde em declínio — que anotou no seu diário, em agosto de 1926:

"Sugiro Pickie, como Chefe-Escoteiro, no caso de minha morte".

"Pickie", aliás Sir Alfred Pickford, um dos mais velhos colaboradores de B.P., certamente não teria sido uma má escolha. Mas B. P. recuperou a saúde, e, em setembro de 1926, ficou emocionado ao saber que tinha sido criada, na Suíça, uma divisão para incapacitados, que se tornaram conhecidos, nos países de idioma francês, como "Escoteiros, apesar de Tudo".

Uma outra disputa, dentro do Movimento Sênior não somente o irritou como até o divertiu. A fim de evitar que os jovens adultos deixassem as fileiras, certos Chefes Sênior introduziram uma espécie de culto medieval à maneira das linhas do Rei Arthur e dos Cavaleiros da Távola Redonda. Mais tarde, a partir de 1926, o culto desenvolveu-se em uma busca, de autenticidade duvidosa, do "Santo Graal". O movimento atraiu um certo número de místicos, mas a reação geral foi habilmente resumida por E. E. Reynolds — um dos melhores historiadores sobre o Escotismo — o qual declarou que tais devotos, pesquisadores-de-almas, teriam tido mais sucesso com um pouco mais de senso de humor.

* * * *

A Associação Britânica serviu ainda como modelo para o resto

do mundo, mas ela própria teve um problema estrutural durante a década de 1920, relacionado com a coordenação das diversas seções: Lobinhos, Escoteiros e Sêniors, em Tropa e a níveis mais elevados. As várias seções tinham se desenvolvido separadamente e em períodos diferentes. Muitas vezes, os três grupos estavam apenas demasiadamente inclinados a terem liderança unificada, mas o problema era o de como chegarem a um entendimento sobre a escolha da pessoa adequada. Houve anos de discussão estéril sobre a questão, que B. P. estava hesitante em solucionar arbitrariamente. Ela foi finalmente solucionada por J. F. Colquhoun — que, na época, era Comissário-Geral da Seção de Lobinhos. "KoKo" como era comumente chamado, porque seu nome era impronunciável por todos, à exceção dos britânicos — sugeriu a eleição de um líder que detivesse autoridade coordenadora, mas sem qualquer direito a interferir nas atividades diárias das diversas seções. Ele seria responsável perante o Comitê do Grupo, o qual em qualquer caso, seria composto de vários líderes de Grupos. O mesmo sistema de Grupo espalhou-se para fora das Ilhas Britânicas e, até mesmo a sua estrutura atual está baseada na sugestão simples mas original de "Ko-ko".

O Escotismo tinha chegado a sua maioridade de 21 anos.

A data exata do aniversário foi um ponto de debate. Para alguns o acampamento na Ilha Brownsea, em 1907, foi quando iniciou o Movimento. Para outros, ele surgiu com a publicação do "Scouting for Boys" ("Escotismo para Rapazes"), em 1908.

B. P. estava disposto a aceitar qualquer das datas, e considerou o assunto como um detalhe acadêmico. Em 1928, ele comemorou, com os participantes do Acampamento de Brownsea, o 21º Aniversário da grande aventura deles. E, em 1929, concordou em comemorar, novamente, a mesma entrada na maioridade, do Movimento.

O Duque de Connaught, membro da família real e presidente da Associação Britânica, fixou a distinção, no Jamboree, quando declarou em sua abertura, no dia 29 de julho: "O historiador futuro acrescentará o nome do Fundador do Escotismo à lista dos reformadores do mundo. Poucos homens prestaram maior serviço à causa da humanidade do que Robert Baden-Powell, e ninguém merece um posto mais elevado no Templo da Fama e no apreço dos companheiros dele".

O tributo não pareceu excessivo na época. Entretanto, mais estava ainda por vir. Em Birkenhead, uma cidade provinciana inglesa, uma verdadeira rede de tendas foi armada para 50.000 Escoteiros de todas as partes do mundo, que estavam prestes a viver a aventura de suas vidas.

Para B.P., era o triunfo de uma causa à qual tinha dedicado 21 anos de sua vida. Como tão freqüentemente acontece nas grandes reuniões, caiu a cântaros, encharcando o herói da ocasião, que afirmou, com seu senso de humor característico:

"Qualquer burro imbecil pode ser Escoteiro, com bom tempo".

A lição real, daquele Jamboree, para o presente, foi que o Escotismo tinha se tornado uma realidade mundial. Entrementes, os rapazes passaram horas agradáveis, inconscientes do significado real daquela ocasião.

Havia a impressão de que algo pairava no ar, e isso foi confirmado quando o Príncipe de Gales, usando uniforme escoteiro, anunciou que S. M. o pai dele tinha elevado B. P. a um pariato hereditário. Em linha com a tradição britânica, era essencial que B. P. escolhesse uma localidade para acompanhar o seu novo título. Ele escolheu, para ser conhecido, o título de Lord Baden-Powell of Gilwell, demonstrando, assim, que aquele título honorífico tinha sido conferido ao Escotismo e não exatamente a si mesmo.

Baden-Powell teve mais outra surpresa, no dia 6 de agosto. Como presente — para comemorar a maioridade do Escotismo — recebeu um retrato seu, pintado por David Jagger, que ainda hoje adorna o salão de conferências, na Sede Mundial em Genebra, Suíça; mais um cheque de L 2.800, e um soberbo automóvel marca "Rolls-Royce"!

Embora estivesse tomado de emoção, e com boas razões para tanto, ainda manteve seu senso de humor. Mencionou que sabia de algo que estava fermentando, uma vez que, aqueles que estavam por detrás de tão maravilhosos presentes tinham insistido em perguntar à esposa dele sobre o que ele estava precisando.

"Nada" — foi a resposta dele. "Eu sou o homem mais rico do mundo porque creio que o homem mais rico não é o que possui mais dinheiro, mas sim o que tem menos necessidades." E, minha esposa me pressionou mais dizendo: "Pense novamente.

Você com certeza precisa de alguma coisa". E pensei de novo. E depois lhe disse: "Necessito um novo par de suspensórios", Foi a própria Lady B. P. quem lhe lembrou que o velho calhambeque estava com as pernas (pneus) na lona. E, daí surgiu o presente de um automóvel novo — e logo um "Rolls-Royce".

O jamboree terminou com uma notícia exultante. A Conferência Internacional foi realizada na mesma cidade de Birkenhead, nos dias 7, 8 e 9 de agosto — e foi simplesmente memorável.

Os líderes adultos, procedentes de 33 países independentes, com Associações reconhecidas, foram unânimes em que o Escotismo tinha atingido a maioria e merecia sua consagração como um Movimento Mundial.

B. P. resumiu o pensamento geral da seguinte forma: "A posição que o Escotismo atingiu através do Jamboree nos propicia uma oportunidade singular para fazermos um ousado avanço; mas este deve ser em linhas bem estabelecidas e posto em marcha sem demora, antes que a inspiração do Jamboree tenha se extinguido".

12. Apoteose

A intensidade da luz dos holofotes foi diminuída, o Jamboree estava terminado e, com ele, a gloriosa década de 20. Os problemas reais estavam prestes a começarem. A partir de 1930, o panorama inteiro mudou: crise da economia, desemprego em massa, nacionalismo exaltado, ditadores e, para coroar tudo isso — a Segunda Guerra Mundial.

Um dos ditados favoritos de B. P. — O Escotismo divorciado da realidade, é impossível — teve um significado aumentado.

Agora já chegava perto de dois milhões o número de Escoteiros existentes no mundo, dos quais a metade nos Estados Unidos, um quarto deles na Grã-Bretanha e Dependências, e o restante espalhado em uma vintena, ou mais países. Embora o Escotismo continuasse em expansão, em âmbito mundial, ainda era considerado, essencialmente, anglo-saxão — o que significava que o resto do mundo encarava aqueles países como modelo e, a Inglaterra, especialmente, como lugar de nascimento do Movimento.

A idéia de B. P., após o grande Jamboree de 1929, era a de malhar enquanto o ferro ainda estava quente. Com essa finalidade, foi criado um Comitê de Desenvolvimento, para assegurar que o crescente Movimento obedecesse a certos padrões. Ênfase foi colocada sobre programas de qualidade, para atrair os jovens e aqueles que desejavam ver o Movimento crescer e tornar-se mais forte. Para comprovar isto, foram publicados dois livros:

"Minimum Standards for Scout Camps" ("Padrões Mínimos para Acampamentos Escoteiros"), em 1930, no Canadá, seguido pelo famoso "Camping Standards" (Padrões para Acampamentos), publicado em Londres, em 1931. Este livro foi usado como guia quando o "Public Health Act" (Lei da Saúde Pública), de 1936, foi promulgada na Grã-Bretanha, segundo a qual foram estipuladas as exigências sanitárias mínimas, para acampamentos.

Quando dita lei foi decretada, um certificado geral de isenção foi concedido à Associação, visto que suas práticas de acampamento já há muito tempo estavam em conformidade com a lei.

Hoje, o acampamento já tornou-se em atividade popular, desempenhada em base comercial, mas o Acampamento da Ilha Brownsea foi, indubitavelmente, o precursor. Os "campings" escoteiros e os "campings" públicos diferem, quanto ao que procuravam: locais diferentes por razões diversas. O Escoteiro procura ambientes naturais em lugares remotos, onde possa exercitar sua iniciativa, habilidade e auto-suficiência.

"Camping Standards" foi o primeiro dos 20 livros desse tipo, publicados durante a década, sob o rótulo de qualidade da "Gilcraft" — nome idealizado por Gydney, o primeiro Chefe de Campo em Gilwell. Os livros cobriram todos os aspectos do Escotismo: a arte de viver ao ar livre, jogos e ocupações úteis, problemas estruturais e organizacionais.

A elaboração de um método de cooperação com a Igreja foi uma outra responsabilidade atribuída ao Comitê de Desenvolvimento, visto que, como nos primeiros tempos, havia receio de que o Escotismo viesse a tornar-se uma forma de culto. Problemas também surgiram com determinados grupos que viam no Escotismo um excelente instrumento para divulgação de suas próprias idéias... Houve divergências em ambos os lados, entretanto, a maior delas foi provocada pela inflexibilidade de vários líderes religiosos que achavam difícil aceitar o caráter universal e ecumênico do Escotismo, que considerava todas as religiões como meio para satisfação das necessidades espirituais dos jovens. Algumas unidades do Escotismo, patrocinadas pela Igreja Católica Romana, separaram-se e criaram um Movimento Escoteiro Católico. Muitos consideraram este passo como "imperialismo espiritual", contrário às bases universais do Escotismo, bem como dissidência, ou até mesmo uma tentativa para atrair sacerdotes potenciais. O mesmo problema surgiu após a Segunda Guerra Mundial, especialmente na década de 60.

Uma reunião de cúpula, entre Sua Santidade, o Papa Pio XI e Baden-Powel, durante a década de 30, esfriou, de certa forma, a questão, quando o Vaticano reconheceu, oficialmente, o grande valor educacional do Escotismo.

O problema deslocou-se da Europa para o Canadá onde os Escoteiros Católicos, da Província de Quebec, separaram-se da "Canadian Boy Scouts" (Escoteiros Canadenses) e formaram uma Associação separada. Foi somente após debates havidos entre B. P. e o Cardeal Villeneuve que a discórdia foi sanada. O acordo resultante ainda hoje está vigorando, embora seja de vez em quando desafiado. Ele reconheceu a identidade francófola e católica da Associação de Quebec, mas apenas como parte da "Boy Scouts of Canadá".

Foi, também, durante este período, que o sistema de setores (de Lobinhos, Escoteiros, Escoteiros-Sêniores, Escoteiros Marítimos, Incapacitados, etc.) foi introduzido em nível nacional e da Sede Imperial. O sistema ainda é praticado em vários países muito embora hoje outro caminho seja seguido, com razoável sucesso, em nível mundial.

Deve ser anotado que todos estes esforços de reforma, melhoramento e esclarecimento foram feitos em um clima social e econômico deprimido, dominado pela crise e pelo desemprego. Os Escoteiros foram também afetados pelo problema do desemprego, mas mostraram-se à altura da situação.

Após uma prova experimental, numerosos campos de treinamento foram estabelecidos, para jovens desempregados, que propiciaram treinamento profissional combinado com aprendizagem. O importante é que os treinando não eram necessariamente membros do Movimento Escoteiro.

B. P. estava profundamente motivado pela situação crítica, na Grã-Bretanha e, em famoso discurso, taxou a guerra e o desemprego como os maiores flagelos da humanidade.

B. P. ainda guiava o destino do Escotismo mas, pouco a pouco foi-se afastando. Já com mais de 70 anos, e ainda relativamente ativo, tanto mental como fisicamente, começou a sentir as conseqüências dos anos que passou nos trópicos, sob a forma de surtos frequentes de febre. Sofreu, também, cirurgia, para remoção de sua glândula prostática. Além disso, sofreu intensamente de ciática. Os crescentes problemas de saúde forçaram-no a limitar suas atividades. Já em 1930, queria demitir-se do posto de Chefe-Escoteiro do Reino Unido e do Império, sob alegações de que um movimento jovem devia estar em mãos mais jovens. Foi tamanho o claror, que teve de ceder à exigência do povo, embora conjecturando por que razão deveria um velho dirigir os jovens!

Entretanto, começava agora a ser mais seletivo em suas atividades. Nunca perdeu os grandes eventos, da década de 30, tais como as quatro Conferências Internacionais, em Baden (1931), Godollo (1933), Estocolmo (1935) e Vogelenzang (1937), mas suas ausências da Inglaterra tornaram-se mais frequentes — cerca de seis meses, em cada ano. Preferia viajar para lugares distantes, de climas quentes, como também o fez Lady Baden-Powell, que tinha demonstrado ser uma Guia-Chefe Mundial altamente eficiente. Ocasionalmente, fez viagens à Europa, quando surgiram problemas delicados, como por exemplo em 1933, realizando uma visita à Itália fascista onde o Escotismo tinha sido proibido, em 1927, logo após sua visita ao Papa. Baden-Powell foi recebido no "Palazzo Venezia". Os "Balilla" tinham substituído os Escoteiros e o Chefe-Escoteiro do Mundo estava ansioso por encontrar-se com o líder deles. A entrevista com Mussolini foi um encontro de duas personalidades fortes que não trocaram socos em seus debates e que foi amplamente reportado pela imprensa italiana, que chamou-o "evento solene". Foi mais que isso. Mussolini insinuou que Baden-Powell deveria estar muito feliz porque o movimento italiano estava definitivamente moldado no dos Escoteiros, embora — como insistiu — em uma versão "melhorada".

Quando Baden-Powell fez objeções, Mussolini perguntou-lhe que objeções ele poderia ter, B. P. respondeu que a "Balilla" era uma organização oficial, ao invés de uma organização "voluntária"; que ela visava nacionalismo partidário ao invés de sentimentos bons, internacionais, mais amplos; que ela era puramente física, sem qualquer equilíbrio espiritual; e que ela desenvolvia disciplina da massa, ao invés da personalidade individual.

As quatro características, salientadas acima, provêm a chave à singularidade do Movimento Escoteiro e, talvez, ao sucesso dele.

Mencionaremos aqui, também, um outros episódio da mesma natureza, que ilustra a incompatibilidade do Escotismo com qualquer forma de totalitarismo, de qualquer cor que seja. A história retrocede ao ano de 1924, quando os Escoteiros alemães solicitaram o seu reconhecimento pelo Bureau Internacional. A solicitação foi indeferida sob a alegação de que o Movimento alemão era demasiadamente militarista, demasiadamente nacionalista e abertamente expansionista nas direções erradas, uma vez que estava tentando absorver o Escotismo austríaco.

Em 1929, o Conde Paul Teleki, um líder Escoteiro húngaro, fez uma tentativa, em vão, para chegar a um acordo com os Escoteiros alemães. Na época, eles tinham se tornado notoriamente políticos e estavam sendo dilacerados por conflitos de personalidade, bem como por caprichos malucos, completamente sem conexão com os conceitos originais do Escotismo. A despeito disso tudo, um contingente de mil Escoteiros alemães era esperado no Jamboree de Godolo (na Hungria), em agosto de 1933. Mas, em junho daquele ano, Hitler designou o jovem Baldur von Schirach "Jugendfuhrer des Deutschen Reiches" ("Líder Jovem do Império Alemão) — o que significava o fim do Escotismo na Alemanha. Posteriormente, Joachim von Ribbentrop, Embaixador alemão na Grã-bretanha, e o homem que deveria assinar o sensacional pacto de paz com Stalin, fez outra tentativa de reconciliação com B. P., em uma recepção na Embaixada, em Londres, à qual Baldur von Schirach estava presente, mas novamente sem resultado. O Escotismo foi banido em todos os países que estavam sob domínio fascista ou nazista e substituído por organizações oficiais jovens.

Exatamente a mesma medida foi tomada nos países do Báltico, ocupados pelos russos, e em todas as assim-chamadas democracias populares, com exceção da Polônia. Mas aquela — como disse Kipling — é uma outra história.

B. P. ainda continuava viajando com muita frequência, mas estava também escrevendo, não apenas para seu querido público do Escotismo, mas também a própria biografia. Ele intitulou-a "Lessons from the Varsity of Life" ("Lições do Colégio da Vida"), que foi descrita pelo próprio B. P. com uma mistura dos pensamentos e experiências dele, ilustradas com cerca de 100 de seus desenhos — que, certamente, eram de qualidade superior à de seus escritos.

Ele esteve presente ao Jamboree realizado na Hungria, em 1933. O documentário, filmado na ocasião, mostra um homem exaurido, cavalgando seu cavalo preto com grande dificuldade — fato pouco surpreendente, pois contava 75 anos de idade, em fevereiro daquele ano. Seus colegas não ouviriam conversa de um sucessor, mas a questão era um assunto que muito preocupava o próprio B. P. Nesse sentido, escreveu uma carta, em julho de 1934, ao Lord Somers, convidando-o para tornar-se Vice-Chefe Escoteiro.

B. P. achava que aquele ex-aluno da "Charterhouse" — sua

velha escola — e brilhante bolsita da Universidade de Oxford, autor e soldado que tinha deixado o exército em 1922 para tornar-se Governador do Estado de Vitória, na Austrália, era uma escolha perfeita para o cargo. Lord Somers tinha se tornado um Escoteiro dedicado, no início de sua carreira, e quando ainda era oficial do exército fora designado Comissário de Distrito. Era de modo geral, considerado um sucessor ideal de B. P. Após seu afastamento do cargo de Governador-Geral em Exercício, da Austrália, e do posto de Chefe-Escoteiro dos domínios Britânicos, Lord Somers foi designado Vice-Chefe Escoteiro, pelo Comitê do Conselho da Associação Britânica, em junho de 1936. Naquela época, decisões tão importantes não eram mais tomadas por B. P. apenas.

Entretanto, apesar de sua saúde decadente, o velho guerreiro ainda não estava acabado.

Em outubro de 1935, B. P. e a esposa embarcaram, em uma viagem para a África. O objetivo principal de sua viagem era o de suavizar o delicado problema racial existente no Movimento Escoteiro Sul Africano. Em caminho, o casal fez uma parada no Quênia, onde rendeu-se aos encantos da "The Outspan", uma aldeiazinha pitoresca nas imediações de Nyeri, para onde ele deveria se retirar dois anos mais tarde.

O problema racial já se achava exacerbado na África do Sul, por fatores políticos, econômicos e religiosos. Como soldado, B. P. havia lutado tanto contra brancos como contra negros, naquele país. Agora, a maior preocupação dele era assegurar-se de que o Escotismo permaneceria livre de discriminações raciais, religiosas, de cor e de classe. O aparecimento de índios e de pessoas "de Cor", não tornou mais fácil o problema. A população de não-brancos apoiou, com grande satisfação, a política de porta-aberta do Escotismo. Entretanto, os brancos tiveram grandes objeções quanto à abordagem não discriminatória, de B. P. O resultado foi um compromisso. Três Setores associados foram autorizados, sob o estandarte do Conselho da União Escoteira da África do Sul, o qual era dominado por brancos: um setor para negros e os outros dois para índios e pessoas "de cor". Não foi, exatamente, uma vitória total das idéias de B. P. mas, pelo menos, era o ponto de início da reunificação dos quatro Setores em uma Federação, com os líderes de cada Setor assumindo o papel de Presidente em rodízio. Os "Afrikaa-

ners" ficaram isolados em sua objeção e associaram-se, embora os brancos anglófonos o tivessem feito. Uma brecha foi, desta maneira, aberta na política cruel de "apartheid", permitindo atividades de Escotismo para raças mistas, embora de forma semi-clandestina.

Entretanto, a Federação Escoteira Sul-Africana foi pouco a pouco alcançando a igualdade em seus componentes raciais, de tal forma que delegações inter-raciais dirigidas por líderes negros apareceram em reuniões internacionais.

Houve alguns intervalos felizes, para B. P., na tormentosa década de 30. Em 1937, os B. P.'s viajaram para a Índia, onde, 61 anos antes, o jovem tenente tinha iniciado sua carreira militar. Lá, participou de 1º Jamboree Índio que, não sem dificuldade considerável, reuniu jovens de todas as partes daquele imenso sub-continente, sob o mesmo estandarte do Escotismo. Um ano mais tarde, a Associação Índia foi registrada, como membro-autônoma da grande família do Escotismo, no Bureau Internacional, dez anos antes que aquele sub-continente ganhasse sua independência, da qual emergiram o Paquistão e a Índia, como dois países separados.

No dia 22 de fevereiro — que era o dia do nascimento de B. P. como da Lady B. P., — uma recepção foi feita ao casal em Risalpur, onde o 13º Regimento de Hussardos estava aquartelado.

Já com 80 anos, B. P. vestiu o uniforme de seu antigo Regimento e, pela primeira vez, tomou parte da parada a cavalo.

Uns poucos dias após seu retorno a Londres, os B. P.'s foram hóspedes de honra, em uma comemoração real espetacular, das festas de St. George, o santo padroeiro do Movimento Escoteiro Internacional, organizada pela terceira vez, no Castelo de Windsor. Após um almoço, no qual o Rei, a Rainha, a Rainha-Mãe e as duas Princesas estiveram presentes, tropas de Escoteiros de Elite — os "King's Scouts" ou aqueles que tinham ganho medalhas como salva-vidas — foram passados em revista, nos relvados do Castelo, na presença da Família Real e do casal B. P. Tal acontecimento, em uma época perfeitamente normal, poderia parecer um anacronismo no dia de hoje. Entretanto, o autor deste livro pode atestar que, tendo participado recentemente de uma parada semelhante, no Castelo de Windsor — hoje e, possivelmente nos anos vindouros, um evento normal — a atmosfera, a respeito dele, nada tem de anacrônica. É a de um acontecimento familiar, calmo e em contraste com-

pleto com as paradas-monstros de jovens, organizadas em países totalitários onde o "líder" está rodeado de guarda-costas armados até os dentes.

B. P. recebeu muitas honrarias em 1937, entre as quais a do Mais Elevado Grau da Legião de Honra, e o recém-criado "Prêmio Wateler", do Carnegie Institute" por seus serviços prestados à Paz Mundial e pela promoção da boa vontade internacional através do Movimento Escoteiro".

Aquele ano testemunhou, também, o Jamboree Mundial e a Conferência Internacional, em agosto, no Reino dos Países Baixos — dois eventos notavelmente bem sucedidos que marcaram o adeus final de B. P. ao Movimento que criou. A situação internacional era de tensão quase insuportável. Contudo, estas duas reuniões — uma de jovens e a outra de líderes — ocorreram em um ambiente de boa vontade e fraternidade.

B. P. ostentou a comenda "Lobo de Bronze", na cerimônia de encerramento — uma distinção honorífica do Escotismo, criada para premiação de serviços excepcionais prestados ao Movimento Internacional. Somente outras três pessoas receberam-na durante suas vidas: Walter de Bonstetten, o suíço fundador do Chalé de Kandersteg; Hubert Martin, Diretor do Bureau Internacional; e John Wilson o "Belge", Chefe-de-Campo em Gilwell.

A comenda "Lobo de Bronze" é uma distinção única do Escotismo, concedida por mérito internacional e, até o ano 1985 foi concedida apenas em 170 casos — número singularmente reduzido, se considerarmos que os Escoteiros do passado e do presente atingem uma cifra de 250 milhões.

A saúde de B. P. já era frágil. Mas os amigos dele resolveram comemorar o 25º Aniversário de Casamento dos B. P. 's.

A Princesa Mary foi a anfitriã e presenteou o casal com as festividades das bodas de prata, mais um cheque na importância de L 2. 600, a ser usada" para algumas necessidades domésticas que sempre ocorrem, tais como a compra de uma escova de dentes".

Os B. P. 's usaram o dinheiro para comprar uma casa nas imediações de Nyeri, no Quênia", uma moradia bastante modesta — e um refúgio ideal de paz e tranqüilidade. O casal viajou, para uma estada de sete meses naquele local, em novembro de 1937, ansiando pela calma e o sossego da África. Depois, retornou no ano seguinte,

e B. P. e tentou cumprir alguns de seus compromissos. Entretanto, em 27 de outubro de 1938, por recomendação estrita de seu médico, e, também, por insistência de sua esposa, deixou a Inglaterra, para nunca mais voltar.

Dois incidentes ocorreram, na Europa, que entristeceram a viagem marítima deles: a morte de Hubert Martin, Diretor do Bureau Internacional, que foi sucedido por Wilson, o "Belge", e a "Anschluss" que levou à proibição do Escotismo na Áustria. A mesma coisa já tinha acontecido na Romênia e na Albânia, apenas alguns meses antes.

B. P. sabia que o fim dele estava próximo e se mostrava preocupado com a situação financeira do Escotismo. O seu desejo ardente, de ver uma melhoria, foi concedido, como resultado de uma grande campanha de levantamento de fundos, lançada por Lord Somers. Apesar dos tempos difíceis, a campanha levantou L 263. 000, que foram utilizadas para criar um Fundo do Escotismo para uso na Grã-Bretanha.

O Escotismo Britânico e Internacional preparou-se para os eventos dramáticos que estavam prestes a acontecer.

O artigo 4º, da Lei Escoteira, foi alterado, oficialmente para constar:

"Um Escoteiro é um amigo de todos e irmão de cada Escoteiro, independentemente de que país, classe ou religião ele pertença".

O censo de junho de 1939 revelou o impressionante número — 3. 305. 149 Escoteiros — em 47 países diferentes.

Dois meses mais tarde, eclodiu a Segunda Guerra Mundial. As Sedes Centrais, nacional, imperial e internacional, foram evacuadas para Gilwell.

Em novembro de 1940, o Centro de Gilwell foi requisitado pelo Exército. Líderes Escoteiros foram convocados para o serviço militar e, aos mais jovens, que tinham atingido a idade de 16 anos, foram atribuídas tarefas civis. No fim do ano de 1940, o Movimento Escoteiro foi oficialmente proibido na Bélgica, Grécia, Luxemburgo, Países Baixos, França, Noruega, Bulgária, Estônia, Irã, Japão, Lituânia, Letônia e Iugoslávia.

O contato entre as Associações-Membros, que era a princípio difícil, tornou-se impossível.

Já em retiro, o Fundador do Escotismo sentia que sua hora final tinha chegado. Enquanto a esposa fazia compras em Nyeri, ele abriu um envelope que continha a anotação: "Para ser aberto em caso de minha morte".

A uma carta que havia escrito 25 anos antes à sua amada "Dindo" — que era o nome carinhoso que ele deu à Lady B. P. — acrescentou um "post-scriptum" cheio de afeição e gratidão, e assinou-o: "Bin" — nome que a esposa dele usava para se dirigir a ele, quando estavam a sós.

Inseriu no envelope três mensagens: uma aos Escoteiros; a outra às Guias-Moças; e a terceira a todos os apoiadores do Movimento Escoteiro.

O teor da mensagem aos Escoteiros era o seguinte:

"Prezados Escoteiros:

Se porventura vocês tiverem visto a peça "Peter Pan", deverão estar lembrados de que o chefe-pirata estava sempre fazendo o seu "discurso de moribundo", porque receava que, possivelmente, quando chegasse a hora de ele morrer, não tivesse mais tempo para dizer tais coisas.

Acontece quase a mesma coisa comigo e, assim, e embora neste momento eu não esteja morrendo — qualquer dia destes eu morrerei, e quero enviar a vocês uma palavra de despedida.

Lembrei-me de que será a última vez que vocês ouvirão minhas palavras. Portanto, pensem bem nelas.

Eu tenho tido uma vida muito feliz e quero que cada um de vocês também tenha uma vida feliz.

Acredito que Deus nos colocou neste mundo alegre para que sejamos felizes e para gozarmos a vida. A felicidade não provém do fato de ser rico, nem meramente de ter sido bem sucedido na carreira; e, tampouco, de sermos indulgentes para com nós mesmos. Um passo na direção da felicidade é o de tornar-se saudável e forte enquanto se é ainda um jovem, de sorte que possa vir a ser útil e, dest'arte, gozar a vida quando for homem.

O estudo da natureza mostrará a vocês quão repleto de coisas belas e maravilhosas Deus fez o mundo para vocês gozarem. Alegrem-se com o que receberam e façam bom proveito disso. Olhem para o lado brilhante das coisas, ao invés do lado sombrio delas.

Contudo, a melhor maneira de obter felicidade é proporcionar felicidade às outras pessoas.

Tentem deixar este mundo um pouco melhor do que o encontraram e, quando chegar a vez de morrerem, possam morrer felizes com o sentimento de que, pelo menos, não desperdiçaram o tempo, mas sim fizeram o melhor que puderam.

Estejam preparados, desta maneira, para viverem e morrerem felizes — sempre fiéis à Promessa Escoteira de vocês — até mesmo depois que deixaram de ser jovens — e que Deus os ajude a cumpri-la.

Seu amigo
"Baden-Powell".

Após uma longa agonia, faleceu no dia 9 de janeiro de 1941. Eram muitos os que acreditavam que o conflito mundial e a morte de B. P. significavam o fim de Escotismo.

IV
O ESCOTISMO APÓS
BADEN-POWELL

13. E, contudo, voa..

A história favorita dos construtores de aviões é que, consoante todas as leis da aerodinâmica, a mamangava não pode voar, e, contudo, voa. O mesmo pode-se dizer do Escotismo. Perturbado pela morte de seu Fundador, o qual tinha sido o seu líder e inspirador; molestado por ditadores, pela ocupação e pela guerra; privado da maioria de seus executivos adultos; sacudido até suas bases por mudanças sócio-econômicas, resultantes de tempos excepcionais — por todas as regras da lógica o Movimento deveria ter desaparecido, ou pelo menos, tornar-se substancialmente mais fraco. Incrivelmente, aconteceu o contrário.

Na eclosão da Segunda Guerra Mundial, havia pouco mais de três milhões de Escoteiros em todo o mundo. Era época do verão, em 1947 — dois anos após o fim das hostilidades — quando o primeiro censo de pós-guerra foi feito e, durante a primeira conferência Internacional de pós-guerra, realizada após o Jamboree Mundial daquele mesmo ano, foi anunciado que o número de filiados ao Escotismo tinha crescido para 4. 066. 477 em 43 países.

E isto aconteceu a despeito do desaparecimento de onze Associações-Membros.

Em vista de tal acontecimento, de certa forma semelhante ao ocorrido durante a Primeira Guerra Mundial, há algo de verdade na crença de que circunstâncias excepcionais e os desafios da história serviram apenas para estimular o crescimento do Escotismo.

Entretanto, retrocedendo uns poucos anos — a janeiro de 1941 — o maior problema foi da escolha de um sucessor para Baden-Powell. Ela recaiu sobre Lord Somers, o Vice-Chefe Escoteiro que o próprio B. P. havia designado para o posto.

Deve ser dito aqui, que nem Lord Somers nem qualquer um dos outros quatro sucessores de B. P., Lord Rowallan (1944-1959),

Lord MacLean (1959-1971), Sir William Gladstone (1971-1982) e o General de Divisão Michael Walsh (1982), embora Chefes-Escoteiros, da Grã-Bretanha e do Império Britânico (e, mais tarde, da Comunidade) jamais alcançaram o posto de "Chefe-Escoteiro do Mundo".

Apenas dois deles, Lord Rowallan e Sir William Gladstone, desempenharam papel internacional em suas condições de Membros do Comitê Mundial.

Sir William foi até Presidente do Comitê, desde 1979 até 1981 — tarefa que realizou com brilhantismo.

Com a morte de B. P., o título de Chefe Escoteiro do Mundo, que lhe tinha sido conferido por aclamação popular, durante o primeiro Jamboree Mundial, em Londres, em 1920, simplesmente desapareceu.

O Comitê Internacional decidiu unanimemente, que não seria conveniente, nem prático eleger um sucessor de B. P. para um posto que fora criado pelo respeito e afeto para com o singular Fundador do Movimento.

Além disso, de acordo com a Constituição e regulamentos do Movimento, então vigentes, como Chefe-Escoteiro do Mundo, B. P. era Membro Honorário do Comitê Internacional sem direito a voto. Legalmente falando, detinha um posto que era meramente honorário, embora ninguém disputasse o valor real e moral e a influência pessoal do Fundador sobre o Movimento Britânico e Internacional, tanto durante os primeiros 33 anos de existência como após a morte dele.

Desde o momento em que tomou posse do cargo, Lord Somers revelou ser um sucessor sábio e prudente.

Embora inteiramente respeitoso para com o passado, voltou sua principal atenção para o futuro. Em 1941, criou um grupo de "homens sábios" para examinar a situação corrente do Escotismo e apresentar recomendações sobre o seu desenvolvimento na era de pós-Guerra.

Foi acordado que o Comitê do Conselho — órgão oficial do Escotismo Britânico — não publicaria, nem executaria tais recomendações integralmente, antes do término da guerra.

Lord Somers faleceu um ano antes de elas serem editadas, em setembro de 1945, mas viveu o bastante para ver a maior porção delas executadas, antes de seu desaparecimento definitivo.

As recomendações destinavam-se, a princípio, ao Movimento Escoteiro Britânico, porém foram cuidadosamente examinadas no estrangeiro — o que constituía mais uma prova da atração universal de quaisquer idéias novas procedentes do país Fundador.

A maior parte das recomendações constantes do relatório apresentado pelo grupo de estudo tem, hoje, um valor pouco superior ao do interesse histórico.

Em resumo — trataram da adaptação do Movimento à nova Lei que fixava, em 15 anos, a idade mínima para a saída da escola.

Assim, era essencial revisar as estruturas e programas dos diferentes grupos etários, incluindo os "Seniors".

O grupo etário, de 15 a 18 anos, recém-formado, exigia atenção especial, porquanto o Governo Britânico estava cogitando a idéia de criar um movimento oficial de jovens, o qual tinha levantado a oposição, não apenas do Movimento, mas também de outras organizações voluntárias de jovens. Confrontados com uma tempestade de protestos, o Governo abandonou aquela idéia.

Os autores do relatório estavam também perturbados pela evasão de tantos jovens antes de atingirem o nível de Escoteiro Sênior — apenas um, em cinco, permanecia durante aquele tempo. E, o resultado disso era a existência de um número demasiadamente elevado de "Lobinhos" e um total insuficiente de Escoteiros. Dita tendência, no sentido do rebaixamento da idade de filiação, tem sido há muito tempo, e ainda continua sendo uma grande preocupação dos líderes Escoteiros.

O fato de as pessoas jovens estarem amadurecendo mais cedo — a guerra sendo uma das razões — constitui um desafio permanente ao Movimento.

O relatório propôs, também, reformas nos métodos de treinamentos de líderes e no do papel do Centro de treinamento de Gilwell.

Uma conseqüência de tais propostas foi que o "Belge" J. S. Wilson, demitiu-se do cargo de Chefe do Campo de Gilwell, o qual tinha dirigido com tanta dedicação e autoridade, durante 20 anos. O sucessor dele, nos 25 anos subseqüentes, foi "John", R. F. Thurman. "Belge" tinha decidido dedicar todas as suas energias a seu trabalho voluntário, como Diretor do Bureau Internacional, que se tornou um cargo remunerado, em 1946, embora para "Belge" tivesse sido um trabalho de amor.

Uma outra recordação foi que cargos com regime de trabalho em tempo integral deveriam ser criados, e esta política passou a ser gradativamente adotada a partir de 1941.

Atenção especial foi dada, no relatório, ao conteúdo espiritual do programa escoteiro e às relações do Movimento com a Igreja. As recomendações constantes do relatório resultaram em comentários consideráveis e numerosas publicações sobre o assunto. O ponto em destaque, para o leitor de hoje, é que o estudo foi empreendido e que pela primeira vez, desde que B. P. tinha estabelecido as regras, o relatório aventurava-se a reexaminá-las e a recomendar que fossem revisadas e adaptadas às atuais necessidades.

As mudanças mais profundas foram aquelas que afetam os jovens. Como na guerra de 1914 — 1918, os jovens foram extensivamente engajados nos deveres civis durante a Segunda Guerra Mundial. Por exemplo, uma seção conhecida como "Escoteiros do Ar", foi criada em 1942, e tinha um sabor paramilitar. Mas o fator fundamental, que afetava o Movimento, surgiu do fato que, à medida em que a guerra se espalhava em um conflito global, tanto os adultos como os jovens foram atraídos por ele, inclusive as crianças.

Naqueles países que não se tornaram campos de batalha, o papel e as atividades desempenhadas pelos jovens estiveram menos sujeitos a mudanças do que naquelas nações que sofreram invasões, ocupação, deportação, privações, campos de concentração e outros horrores — que os expunha a sofrimentos físicos e psicológicos e que, por sua vez, afetavam, vitalmente, o sentimento dos valores deles. Preservar o Escotismo em um país em guerra, mesmo se as fronteiras não tivessem sido violadas, já era uma tarefa bastante árdua. Nos países onde estavam caindo bombas, era ainda mais difícil. E, nos países que foram ocupados e conquistados, um milagre era, virtualmente, necessário.

Entretanto, ocorreram milagres com o Escotismo provando, ele próprio, ser um dos mais eficazes de todos os antídotos, contra o veneno do regime totalitário. Os pais que autorizaram a filiação de seus filhos ao Movimento escoteiro sabiam que estavam correndo um risco mas cerraram os olhos a isso. Incentivaram os filhos a seguirem a Lei Escoteira porque sabiam ser ela fiel aos valores que implicam na liberdade individual e de escolha do meio de vida pelo qual tantos estão lutando, em tantos países.

A iniciativa, a confiança em si próprio e a arte de viver em qualquer ambiente, inclusive a resistência a outros movimentos clandestinos, internamente auto confiantes — em resumo, todas as qualidades inerentes ao Escotismo — foram praticadas em larga escala.

Como o Escotismo suportou o teste, pode-se também medir: — em oito dos países que foram ocupados pelos nazistas, para os quais existem estatísticas disponíveis (isto é, a Bélgica, Dinamarca, França, Luxemburgo, Noruega, Países Baixos, Polônia e Tchecoslováquia) o número de filiados ao Escotismo cresceu, de 330. 904 em 1939, para 612. 495, em 1964.

O livro publicado em 1948 — "The Left Handshake" escrito por Hilary St. George Saunders, descreveu e analisou o papel do Movimento Escoteiro durante a guerra de 1939 — 1945. O livro não procura pintar um quadro idealista mas, mesmo assim, está bastante próximo da realidade. Descreveu como os Escoteiros desafiaram a lei; como auxiliaram os procurados e os perseguidos e os atos de sabotagem deles. Em resumo, embora de uma maneira algo exagerada, ele relata a assombrosa história inteira da sobrevivência do Escotismo durante a guerra.

Mais importante ainda que isto, entretanto, foi o choque moral sofrido pelos jovens. Em muitos casos, ele levou a uma inversão total de valores: roubar, para apenas viver; mentir e trapacear; desobedecer ordens. Tudo isto tornou-se não apenas aceitável como, também, muitas vezes, foi considerado um ato de bravura.

E, até mesmo depois que a guerra terminou, a triste história não tinha acabado. Os canhões podiam ter sido silenciados, mas, na Europa havia mais de 250 milhões de desabrigados que perambulavam, incluindo grande número de crianças, as vítimas inocentes do conflito. Na linguagem eufemística da diplomacia internacional, estas eram "pessoas refugiadas", muitas das quais, em tempos normais teriam sido a espinha dorsal do Escotismo internacional.

Obviamente, não houve uma autoridade central efetiva, ou um órgão coordenador, em tais épocas excepcionais. Algum contato tinha sido mantido, pelo menos entre seis dos nove membros do Comitê Internacional, eleito em 1939, mas durante os seis anos de conflito, as Associações Nacionais estiveram isoladas enfrentando seus problemas e incapazes de pedir ajuda externa.

As primeiras medidas, na direção da solidariedade, foram acionadas enquanto os canhões ainda troavam: recebendo refugiados Escoteiros; ajuda escoteira em terras recém-liberadas; conectando tropas e unidades, em países relativamente intocados pela guerra, com as unidades correspondentes nos países devastados. Não existem estatísticas exatas, em disponibilidade, de tais "ligações", mas houve uns 1.500 elos fraternais, criados no outro lado das diferentes fronteiras.

O primeiro Comitê Internacional de após guerra reuniu-se em Londres, no mês de novembro de 1945, sob a presidência do Príncipe Gustavo Adolfo, da Suécia. Homenagem foi prestada àqueles que desapareceram. Três dos membros eleitos não puderam ser contatados, mas o Comitê notou, com surpresa e satisfação, que o Escotismo não somente tinha sobrevivido como também emergido ainda mais forte da guerra. Embora os números exatos não pudessem ser contados e as informações fossem escassas, ficava claro que o Escotismo estava tão vivo como sempre esteve, e em boa situação para continuar como Movimento Internacional.

Entre as diversas decisões tomadas em Londres, três são dignas de nota. A data e local para o próximo Jamboree Mundial e Conferência Internacional, originalmente programado para 1941, foram fixados, e a França foi escolhida para sediar o evento. Foi acordado que o Bureau Internacional se transferisse para suas próprias instalações, de sorte a torná-lo "geograficamente" independente das Sedes Britânicas e Imperial, a despeito do fato que todos os funcionários eram cidadãos britânicos. A mudança foi efetuada imediatamente, em novembro de 1945, para o prédio número 132, da Ebury Street, em Londres, a qual de 1957 a 1984 foi a sede da "World Association of Girl Guides and Girl Scouts" ("Associação Mundial de Moças-Guias e de Moças Escoteiras").

E, finalmente, as principais diretrizes foram traçadas para a tremenda recuperação nos vários setores, tais como os de publicações, finanças e treinamento. Todavia, foi para a reunião de 1947 que todos os olhos se voltaram. Foi então que mais se tomou conhecimento a respeito de como o Escotismo tinha se portado em todo o mundo durante os anos perdidos.

Entrementes, o esforço principal foi dedicado à reconstrução do Movimento nas áreas devastadas. Os jovens, nos países liberta-

dos, encarregaram-se de, em iniciativa própria, reavivarem o Escotismo, e, tão logo as armas foram depositadas, ele retornou à plena atividade. Os membros emergiram da existência clandestina, ou de semi-clandestinidade, para atuarem abertamente.

Associações inativas entraram novamente em ação, até mesmo nos países vencidos. Na Itália, à medida que as forças aliadas avançavam, as unidades escoteiras reformavam-se. Na Áustria, elas apareceram novamente, como num passe de mágica.

Até na devastada Alemanha, os primeiros passos foram dados para o renascimento do Movimento, embora sob controle das quatro potências ocupantes que, naturalmente, tinham idéias diferentes do assunto...

A preocupação imediata era a de cuidar dos rapazes, Escoteiros, ou não, que tinham sido libertados, desarraigados ou perseguidos. Gradativamente, e graças ao entendimento mostrado pelas potências ocidentais ocupantes, o Escotismo foi não somente permitido como também incentivado e ajudado. Na sabedoria delas, evitaram qualquer tentativa de patrocinar ou controlar o Movimento.

Das 43 Associações nacionais, que sobreviveram à guerra, 24 ainda não tinham sido afetadas de modo especial, com mais de metade delas fora da Europa: 3 no Oriente Médio, 3 na Ásia, 1 na África e 17 nas Américas. Dos 19 países europeus que possuíam Associações, apenas três tinham permanecido neutros. Nos países poupados pelo conflito, ou distantes das zonas de guerra, o Escotismo tinha continuado a desenvolver-se e, também nos Estados Unidos, ele deu um grande salto à frente.

Ao findar da Segunda Guerra Mundial, mais da metade da população escoteira mundial iria ser encontrada naquele país, que desenvolveu seus métodos próprios originais, embora ainda continuasse fiel às diretrizes traçadas por B. P.

Nada teve a ver com as guerras mundiais, ou com o relativo isolamento delas, o que induziu os americanos a "nacionalizarem" o Escotismo britânico e se transformarem em um produto tipicamente americano.

Desde o começo, em 1910, a "Boy Scouts of America" seguiu seu caminho particular e foi a primeira associação, no mundo, a demonstrar que um movimento jovem, nascido no além-mar, enraizado em outras tradições e sujeito a outras necessidades, ainda podia

ser transplantado sem perder, ou trair, seu espírito original, idéias e princípios. Não foi uma tarefa fácil e necessitou um homem da época para inspirar, motivar e coordenar o processo de transplante. O homem, era James E. West, advogado atuante em sua profissão, antes de tornar-se Chefe-Escoteiro Executivo, durante 32 anos, e Chefe Escoteiro Honorário, da Boy Scouts of America, durante mais cinco anos.

Emerson, o grande filósofo americano, declarou que "uma instituição é a sombra alongada de um homem". A Boy Scouts of America (B. S. A) é, indubitavelmente, a sombra alongada de James E. West. A B. S. A. estava celebrando o seu 75º Aniversário em 1985, e embora o Escotismo no outro lado do Atlântico tivesse evoluído consideravelmente durante este período, as suas singulares qualidades sofreram apenas pequena alteração básica.

Desde o início, os americanos respeitaram a intenção original de B. P., que era a de evitar a criação de um movimento novo, independente. O único objetivo deles era prover um programa escoteiro àqueles que estavam interessados. Os patrocinadores foram: um grupo de escolas anômalas, igrejas, comunidades, sindicatos do comércio, clubes de serviço, tais como o Rotary, o Lions e o Kiwanis, associações de pais e mestres, de bombeiros voluntários e outros grupos semelhantes. Todos tinham um denominador comum: estavam interessados no bem-estar dos moços — e, mais tarde, das moças — de sorte a ajudá-los através do treinamento escoteiro a tornarem-se adultos responsáveis e felizes, bem-equilibrados e bem-treinados.

Assim, o Escotismo nos Estados Unidos é parte integrante da instituição patrocinadora.

Não é a "Boy Scouts of America" que administra as atividades dos Lobinhos, Tropas escoteiras e outras Unidades, mas sim a patrocinadora.

A B. S. A. prove o programa geral, assessoramento e informações, treina os líderes e instrui os chefes voluntários, que são também selecionados pela Instituição Patrocinadora — o que é, contudo, uma outra novidade no Escotismo Americano. O Patrocinador é responsável pela efetiva execução dos programas, embora os termos de referência, controle da qualidade e o respeito aos padrões permaneçam dentro da área de atribuição da "Boy Scouts of America".

"É de nosso interesse ter as Unidades escoteiras e estamos dispostos a financiá-las e administrá-las" dizem os patrocinadores.

"Se vocês obedecerem às regras e estiverem dispostos a assumirem as responsabilidades, tornaremos isto possível para vocês" respondem os líderes da B. S. A.

Tal sistema significa que o Escotismo pode ser mais bem integrado ao seu ambiente natural, — em outras palavras, à vida cotidiana.

A Coordenação e as unidades estão também organizadas de forma original. As unidades são administradas por líderes eleitos, que formam Conselhos em níveis diversos. O tamanho deste conselho varia. Por exemplo, os cerca de 4 milhões de escoteiros americanos estão divididos em mais de 400 Conselhos, com um Conselho Geral Nacional que, a seu turno, elege um Comitê Executivo e os Comitês Especiais, com responsabilidades especiais: treinamento, publicações, finanças, planejamento, relações públicas, administração da pasta, etc.

Desde o início, o Movimento americano foi composto por voluntários, e organizado em todos os níveis por Escotistas não remunerados. Havia uma condição importante: — os Voluntários são, freqüentemente, homens extremamente ocupados, e um corpo de profissionais foi criado para possibilitar-lhes executarem suas tarefas no Escotismo.

Os últimos são especialistas remunerados, nos diversos setores. Ao contrário do quadro "permanente" de pessoal, nas Associações americanas que, de fato, não ficam permanentemente na administração, uma vez que, na maioria, são professores auxiliares, ou outros funcionários públicos civis, os especialistas fazem as próprias carreiras como Escoteiros profissionais. São treinados sistematicamente, para realizarem seus vários e, muitas vezes, delicados deveres, com grande competência e consciência profissional.

Nos Estados Unidos, ser um Escoteiro profissional é uma carreira em regime de trabalho de dentista, de um eletricitista ou de um professor.

Quando os delegados de B. S. A. reapareceram na Europa em 1945, já existiam 1.500 profissionais a serviço do Escotismo americano. Hoje, há mais de 4.000. A proporção ideal é a de um profis-

sional para cada mil rapazes, todos membros de diferentes unidades dirigidas unicamente por voluntários.

Exatamente como ocorria há 78 anos atrás, o espírito é ainda uma das pedras fundamentais do Escotismo.

Digno de menção é o fato que os americanos estiveram sempre — e ainda hoje estão — em concordância com B. P. que, uma vez declarou, gracejando, que "a idade do Escoteiro estava entre oito e oitenta anos". O que não significa que os velhos devam ser mantidos em posições de responsabilidades que os coloquem em contato direto com os jovens.

Entretanto, em um Movimento tão global como o do Escotismo, há um lugar para todos os homens de boa vontade e, para uma vasta série de qualificações e experiência que elas oferecem, há espaço para pessoas de todas as formações, profissões e níveis sociais e materiais. Dita integração social, sob a divisa de "O homem certo para o lugar certo" poupou o Escotismo americano de se dividir em grupos heteróclitos da variedade sentimental "veterana" que, embora involuntariamente, tendem a tomar o conhecido caminho para o inferno, pavimentado em boas intenções.

Este livro não é local para analisar, ou para entrar em detalhes a respeito dos aspectos do Escotismo americano, das modificações introduzidas na formulação da "Lei e Juramento", ou das mudanças em uniforme, sistema e estrutura. O Escotismo americano como está ainda preso às suas raízes, contudo, é mais pragmático, mais prático e mais orientado para a competência do que o Escotismo europeu, que é mais intelectual e põe maior ênfase sobre a educação do que no treinamento.

A abordagem européia é fazer certas coisas, enquanto a americana é fazer as coisas certo.

Entretanto, as duas abordagens não são contraditórias, e a influência inter-atuante destas duas escolas de pensamento do Escotismo foram — e ainda continuam sendo — uma experiência enriquecedora e dignificante. Este assunto será levantado mais tarde.

Uma última palavra, sobre o surpreendente do Movimento do Escotismo nos Estados Unidos da América do Norte, que somente foi descoberto pelos demais após a Segunda Guerra Mundial, é mais uma prova da procura permanente de melhoramento, se não de perfeição. Desde 1910, o Movimento Americano tem empregado

técnicas modernas de orientação, inclusive a contratação de consultores externos independentes, muitas vezes com custos elevados, para identificação dos pontos fracos e a prescrição dos remédios apropriados.

Não surpreendeu, portanto, que o Contingente americano, presente ao "Jamboree da Paz", em 1947, em Moisson (França), fosse recebido com muita admiração e um toque de inveja.

Mas houve também admiração pelos 25.000 jovens e seus líderes que procediam de outros 43 países, muitas vezes com enormes sacrifícios.

O general Hafont — o principal organizador da grande assembléia de vencedores, vencidos e neutros — descreveu o Jamboree, em sua cerimônia de encerramento, em presença de Vicent Auriol, Presidente da República da França, nestes termos:

"Em um mundo à procura de novos métodos de vida em comunidade, o Escotismo sente ter encontrado o equilíbrio certo entre as demandas da existência coletiva, a necessidade constante de servir aos demais e o respeito pela pessoa humana. Todavia, seria fútil proclamar nossas idéias se falharmos em colocá-las em prática em nessas vidas cotidianas. É dever de cada um de nós ajudar a torná-las conhecidas e apreciadas, a fim de criar um clima de fraternidade e de paz no mundo".

Aquele dia 18 de agosto, de 1947 estava, deveras, muito distante da era do código morse e dos nós...

Muitas decisões importantes foram tomadas durante a Conferência Internacional realizada após o Jamboree, no período de 19 a 22 de agosto, no "Chateau de Rosny".

Um dos parágrafos, constantes da Constituição, foi alterado da seguinte maneira: "A finalidade da Conferência Internacional será, através de cooperação, promover em todo o mundo, a unificação mundial de objetivos e de entendimento comum dos princípios fundamentais do Escotismo, conforme foi fundado pelo falecido Chefe-Escoteiro do Mundo, Lord Baden-Powell".

Após este comovente tributo ao Fundador — mais profundo no significado do que as suas palavras significaram — o método de eleição ao Comitê Internacional foi modernizado. A duração máxima da gestão foi limitada em seis anos com um terço dos membros alternando-se a cada dois anos e cada país limitado a um candidato no Comitê.

Outra decisão significativa foi tomada sobre a questão das pessoas desalojadas e outros refugiados, evitando que obtenham reconhecimento internacional como Associações nacionais, mas encorajando-as a se integrarem, em seus próprios países de adoção, enquanto esperam o retorno às suas pátrias — uma esperança hipotética na maioria dos casos.

Esta medida foi tomada a fim de evitar a repetição do que havia acontecido aos Escoteiros armênios e russos no exílio, embora os últimos tivessem oficialmente desaparecido como Associação nacional organizada após 1945.

Um longo e animado debate foi realizado sobre o papel desempenhado por Gilwell como Centro Internacional de Treinamento especial e privilegiado — uma questão que não foi resolvida satisfatoriamente até 1969, apesar das afirmações dos líderes britânicos de que a benevolente supervisão deles, do Centro, seria dali em diante mais discreta.

Aprovação geral foi dada à criação de um órgão coordenador descentralizado, através da formação de uma Conferência e Comitê Panamericano.

Este foi o primeiro passo dado no sentido da descentralização do Movimento, já completamente realizado.

O horror de B. P. a qualquer forma de burocracia, ou até mesmo de qualquer organização planejada do Movimento Mundial já tinha sido citado. Ele até mencionou um dia: "A princípio eu tinha uma idéia, depois um ideal. Agora temos um Movimento e se algum de vocês não se mantiverem vigilantes, acabaremos com apenas uma associação. "

Não chegou a ir tão longe, entretanto, em 1947, embora, como Zorro, estivesse rumando naquela direção, sem pressa. Não foi questão de sacrilégio, ingratidão ou negligência. Foi porque, simplesmente não havia outra opção.

Um artigo publicado no Conceituado jornal "Times", de Londres, forneceu o melhor sumário do Escotismo de pós-guerra, emergente das cinzas:

"É muitas vezes achado que recursos podem freqüentemente ser secados — sejam eles físicos, mentais ou espirituais — a posse dos quais tem sido completamente insuspeitada. O que se torna necessário é a garantia de que eles estão lá, e sempre, à dis-

posição, para as necessidades de cada dia, bem como para os testes cruciais de emergência. "

Testado e experimentado, o Movimento de quarenta anos de idade, marchava em direção ao seu Jubileu.

14. Atômico e Supersônico

Quase no fim do ano de 1947 e uns poucos meses após a Conferência do "Jamboree da Paz", era evidente que o tempo da paz não tinha trazido o mesmo alívio e alegria para todos.

Em alguns países, a queda de um regime totalitário foi seguida pelo surgimento de um outro e a liberdade conquistada a um preço tão elevado tornava-se em outra forma de servidão que levava a novas tensões e sofrimentos. A história acelerou-se na mesma velocidade surpreendente como a da tecnologia. O homem entrou na Era Atômica e, no dia 14 de outubro de 1947, o grande estouro do avião a jato de Chuck Yeager inaugurava a Era Supersônica. As palavras memoráveis de B. P. que o "Escotismo divorciado da realidade é uma impossibilidade", foram tão significativas como sempre tinham sido.

Alguns países onde o Escotismo tinha-se enraizado profundamente, tais como a Lituânia, a Letônia e Estônia, deixaram de existir como nações independentes, tornando, assim, impossível reviver o Escotismo nas ditas regiões.

Em outros, tais como nas "libertas" Albânia, Bulgária e Romênia, onde uma ditadura foi substituída por outra, a suspensão imposta ao Escotismo nunca mais foi levantada. Da mesma forma, a Espanha sob regime de Franco, — que teve de esperar até a morte dele para que o Movimento pudesse emergir ao ar livre..

Na Tchecoslováquia, Hungria e Iugoslávia, após breves renascimentos, quando a liberdade de associação foi permitida, o Escotismo foi novamente proibido. A Guerra Quente deu lugar à Guerra Fria, mergulhando o mundo em dois blocos antagônicos, até que o Terceiro Mundo tomou forma — um dos poucos acontecimentos encorajantes de pós-guerra.

Marx, uma vez escreveu que, no curso da história, um ponto é, às vezes, chegado em que as massas recusam-se a viver como dantes e os líderes não podem governar como o faziam.

A comparação pode parecer absurda, contudo, ela ainda contém um traço de verdade, no que diz respeito ao Escotismo, especialmente em relação à maneira com a qual os jovens reagiram a seus líderes.

A era de pós-guerra testemunhou uma profunda alteração no estilo de vida dos jovens, e os líderes Escoteiros foram tomados de surpresa, mas foram vagarosos em ajustarem-se à nova situação. Ainda sem solução, estava o problema da lacuna deixada pelo desaparecimento de B. P. A decisão unânime, de nunca mais atribuírem o título de "Chefe-Escoteiro do Mundo", não foi nenhuma resposta mágica aos complexos problemas que resultaram da evolução geral e da direção do Movimento em âmbito mundial.

O número de filiados ao Escotismo tinha aumentado de maneira espetacular: — 3.306.000, em 1948; 5.160.147, em 1950; 6.360.762, em 1954; 8.371.285, em 1958.

Entretanto, um crescimento tão surpreendente apenas tornava a situação mais delicada e complicada.

O fato de o chapéu tradicional, em estilo "Boer" e o uniforme sacrossanto com sua calça curta e camisa, na cor cáqui, já ser um assunto de opção, em determinados países era de importância limitada. Mas, quando alguns dos jovens começaram a chamar de infantil o programa e mostraram objeções quanto a se reunirem com os mais jovens, ou com os membros mais velhos, e, acima disto tudo, exigindo atividades conjuntas com as moças, era chegada a hora de se tomar medidas sérias. Não que tal medida devesse ser tomada da noite para o dia. No dizer de B. P. era uma questão de "devagarinho... devagarinho... apanhar o macaco". Somente com o tempo e a paciência poderiam tais desafios serem enfrentados.

Os líderes do Movimento reconheceram que as mudanças eram inevitáveis. Enquanto B. P. ainda vivia, a equipe administradora havia sido criada sob a forma do Comitê Internacional e da Conferência, constituída de dedicados voluntários. Uma equipe-núcleo, formada por três profissionais, trabalhava desde o Bureau Internacional, em Londres, — que era apenas internacional no nome, uma vez que todos os membros dele eram britânicos e a única linguagem

usada era a materna. Quando o Bureau transferiu-se, do número 25 para o 28, da Buckingham Palace Road, em 1938, o Diretor disse, gracejando: "Afinal, estamos em um ambiente mais internacional porque o cabeleireiro das senhoras, no andar abaixo do nosso é francês". Esta espécie de "internacionalismo" obviamente não poderia continuar.

O maior problema era o das comunicações. E isto, paradoxalmente, em um mundo que estava se encolhendo.

Apesar das reuniões normais, contatos por correspondência e publicações de alto gabarito, o risco era que o Escotismo saísse fora do controle com um último perigo, do surgimento de movimentos que pudessem se parecer com o Escotismo, apenas no nome.

O cimento, para manter o Movimento coeso — a Lei e Promessa, e os ensinamentos de B. P. — ainda lá se encontrava. Mas havia uma séria falta de mão-de-obra qualificada para atendimento do inesperado crescimento do Movimento e os miríades problemas advindos dele.

Os "vendedores ambulantes" do Escotismo internacional tentavam manter a unicidade e a reputação singular do Movimento, através de excursões ou viagens de inspeção. Era a única coisa a fazer, sob as circunstâncias, mas isso, entretanto, poderia ter um efeito limitado. Até 1953, havia apenas um Comissário Viajante para a América Latina e somente dois ou três profissionais, do Bureau de Londres, faziam viagens regulares ao estrangeiro. O terceiro, raras vezes viajou ao exterior, devido ao medo que tinha das viagens aéreas, embora alguém tivesse que permanecer no escritório para garantir a continuidade e tratar dos assuntos em geral.

O terceiro homem, que geralmente era Dick Lund, tinha prestado 47 anos de serviço leais ao Escotismo. A natureza impossível da tarefa pode ser medida pelo fato de que os dois colegas dele — o "Belge", Wilson, Diretor do Bureau, e Percy Siebold, Oficial-de-Ligação, para assuntos externos e, como Dick, recordista-detentor de longo tempo de serviço (47 anos) — viajavam seis, em cada doze meses e, às vezes, encontravam-se fora durante três, quatro ou cinco meses. O resultado disso, era que o Bureau freqüentemente se parecia mais com uma enorme caixa de correspondência, do que um Centro de Coordenação, inspiração e orientação.

Uma nova secretária foi contratada em 1953, Len Jarret, que

serviu com lealdade, durante 28 anos, como Diretora Administrativa do Bureau Internacional. Mas, uma andorinha sozinha não faz verão!

Um obstáculo a mais, às freqüentes viagens ao exterior dos outros membros do quadro do pessoal, era a falta de fundos. Como o Conselheiro Jurídico da Associação Britânica, Frances Morgan, tinha comentado nos "tempos heróicos": Tenho estado aqui durante muitos anos e sempre temos acabado de sair de uma crise financeira, ou acabado de entrar em outra".

Apesar disso tudo, a grande mostra continuou: Conferências, Jamborees, reuniões nacionais e internacionais de Seniors, Escoteiros do Mar, Líderes de Lobinhos, Escoteiros incapacitados, instrutores, ex-escoteiros, etc.

O horizonte político estava se tornando mais claro, mas melhorando muito pouco.

Pessoas desalojadas e exiladas encontravam novas pátrias. Ex-inimigos tornavam-se aliados.

Após a Itália, a Alemanha foi também reconhecida como Membro efetivo da Grande Família Escoteira, em 1950, — no mesmo ano que o Japão, ex-membro Fundador do Movimento e que, assim, novamente tornou-se um filiado regular à Conferência Escoteira Internacional.

O sucesso obtido pelo "Boy Scouts of Nippon" pode, em muitos casos, ser comparável ao de destacado renascimento industrial de pós-guerra, de seu país.

A Áustria, foi selecionada como país-hospedeiro do 7º Jamboree Mundial, que adotou a simplicidade como lema, e por boas razões: O país tinha sido liberado em 1945 e não se encontrava em condições para organizar e financiar um evento de tais proporções. A Áustria ainda estava ocupada pelas quatro potências, dentre as quais, certamente uma não alimentava simpatia à realização do evento, Bad Ischl, embora situado na zona americana era demasiadamente perto da "Cortina de Ferro" para alguns países, o que explica, parcialmente, a participação relativamente modesta de cerca de 12.000 rapazes, originários de 61 países, incluindo 675 escoteiros alemães que receberam calorosas boas-vindas.

O tempo era ruim, como de costume, e houve problemas de suprimento de alimentos, mas o encontro realizou-se notavelmente bem.

Os rapazes foram as estrelas do Jamboree — um sucesso que lhes foi devido. E, para dar crédito a quem de direito, o "Big Brother" ("Grande Companheiro") não colocou obstáculos no caminho e permitiu que os rapazes da Zona Soviética participassem sem dificuldades.

Lady Baden-Powell, eleita Vice-Presidente honorária, do Comitê Internacional em 1947 — uma distinção que compartilhou com o suíço, Walter de Bonstetten, — desempenhou uma parte ativa na Conferência, realizada em Salzburg, antes do Jamboree, pela primeira vez antes de seu retorno do Quênia.

A reunião não provocou surpresas nem decisões especiais. Foi nessa Conferência que o Cel. J. S. Wilson — o "Belge" — anunciou que renunciaria ao cargo após a próxima Conferência, fixada para os dias 8 a 12 de agosto de 1953, em Vaduz (Liechtenstein).

Um líder Escoteiro canadense muito ativo, Maj. Gal Dan Spry, eleito em 1949, para o Comitê Internacional, foi solicitado que o substituísse no cargo. Ao final da gestão dele, no outono de 1951, serviu durante dois anos como Vice-Diretor do Bureau, com a responsabilidade especial das Américas. Entretanto, com a rápida expansão do Movimento no Continente Norte-Americano, a sua tarefa principal foi na América Latina, onde Salvador Fernandez, o Comissário Viajante, trabalhou com zelo missionário. Com a chegada de Spry, o Escritório de Londres adquiriu um homem maduro, cheio de vigor, que, por algum tempo, combinou seu novo escritório com o do Comissário Executivo da "Boy Scouts of Canadá", uma associação florescente onde tinha recentemente assumido o escritório, após ter deixado o exército com o posto de "Major-General", com 31 anos de idade, batendo até mesmo o recorde de B. P., para o dito posto, por 12 anos.

O grande serviço de Wilson, o "Belge", foi recompensado com o título de Presidente Honorário do Comitê Internacional, na Conferência de 1953, e Dan Spry foi designado para sucedê-lo.

O Coronel Wilson foi um dos que constituíam a velha guarda.

B. P., pessoalmente, recrutou-o na Índia, em 1922 e, um ano mais tarde, "Belge" resolveu dedicar o resto de sua vida ao Movimento. Ele foi uma ilustração impressionante do ditado: "Uma vez Escoteiro, Sempre Escoteiro".

Em 1968, quinze anos após ter-se aposentado, fez uma visita

de surpresa aos escritórios de Genebra e ofereceu-se para ajudar na escolha dos documentos que tinham sido recentemente transferidos para uma nova Sede.

Inteiramente dedicado ao Escotismo; absolutamente leal à filosofia e à memória de B. P.; dotado com uma notável capacidade de trabalho, o Coronel Wilson foi um dos destacados servidores do Movimento Escoteiro.

Homem que conhecia seu pensamento, autoritário e exigente, tinha não só amigos mas também inimigos. Contudo ninguém contestou a contribuição imensa dele, durante os primeiros anos vitais da história do Escotismo, ou a sua capacidade para assumir o posto, após o falecimento de B. P.

Falando, na Conferência de Zalzburg, "Belge" começou o seu relatório bienal dizendo:

"Estamos convencidos, pela experiência adquirida durante os últimos cinco anos, bem como pelas declarações de pensadores — homens e mulheres de muitos países — que há tanta necessidade do Escotismo no mundo como sempre houve entre os jovens. Há necessidades dos objetivos, princípios e métodos dele.

Não há necessidade — e isto afirmo deliberadamente — de mudanças em quaisquer deles. Os nossos objetivos e princípios são estáveis e, assim, deverão permanecer.

Sempre há necessidade — e o próprio B. P. foi o primeiro a ver e sugerir — de se proceder pequenas adaptações dos métodos do Escotismo, a fim de que estejam adequados às diferentes condições de clima e de costumes, para preencherem as características e necessidades individuais. Estas são alterações em pequenos detalhes, e não no método essencial do "Escotismo para Rapazes", praticado ao ar livre e nas Patrulhas deles. Os métodos fundamentais do Escotismo têm resistido ao teste do tempo. São tão valiosos hoje como há quarenta anos atrás. Onde são utilizados, o Escotismo vive. Onde são desconsiderados, o Escotismo morre".

Estas palavras são características do homem, mas elas também insinuam que ele não achava ser aquele que deveria realizar as principais mudanças, das quais não via necessidades nem urgência.

Entretanto, em seus dois últimos anos no Bureau, declarou, em várias ocasiões que, na opinião dele, o Escotismo estava prestes a entrar em uma nova fase de sua existência.

Quando apresentou seu relatório final em Vaduz, até declarou que via o futuro do Escotismo nos países onde ele ainda era fraco ou não-existente, mas tão-somente naqueles países "que acreditam sinceramente na segurança e estabilidade, nos valores familiares e na liberdade do indivíduo".

"Belge" entrou em bem-merecida aposentadoria e o General Spry assumiu a tarefa dele. Mudou-se de Ottawa para Londres para iniciar seu trabalho e demonstrar o dinamismo que dele se esperava.

A sua primeira providência foi tornar o Bureau mais conhecido nos círculos diplomáticos.

Pelas mesmas razões, criou e reforçou relações com organizações governamentais e internacionais, tais como as das Nações Unidas, a UNESCO, e órgãos não-governamentais, incluindo a YMCA (Associação Cristã de Moços) e outras agências similares.

Também estabeleceu contatos amistosos com jornais, cujos leitores aprenderam que Londres também era a capital do Escotismo Internacional.

Incrível como possa ser, teve também de lançar uma campanha informativa entre os próprios Escoteiros britânicos, a maioria dos quais não estava ao par das dimensões internacionais do Escotismo e pensava, em boa fé, que o Bureau Internacional era uma espécie de subsidiária, ou prolongamento da Sede Imperial, embora o Império Britânico já tivesse sido transformado em uma Comunidade, de ex-Domínios, territórios e colônias, as quais, uma a uma ganharam suas independências.

O novo Diretor criou e reativou vários subcomitês especializados, formados por personalidades bem conhecidas, não remuneradas, de sorte a "obter os serviços gratuitos de pessoas competentes, às quais não podemos remunerar".

O próprio Bureau empreendeu um estudo sobre a expansão futura do Movimento.

No setor financeiro, Dan Spry procurou restaurar a ordem através de campanhas para coleta de fundos, usando técnicas que eram novas ao Escotismo Internacional — o qual, até então, tinha sido financiado principalmente pelas taxas de filiação e por doações generosas.

O ano de 1955 ficou sendo notável por mais outra inovação: — pela primeira vez na história do Escotismo, o Jamboree — o oitavo

da série — foi organizado fora da Europa, nas imediações da Cascata Niágara, no Canadá.

Foi uma reunião rotineira, exceto pela chegada do furacão "Connie" — outro exemplo de um Jamboree "molhado", que não teve sorte com as condições climáticas.

Tradução simultânea de idiomas, foi pela primeira vez provida, na Conferência Internacional realizada logo após o Jamboree. O tema debatido na Conferência foi "Novos Horizontes", um sinal de que o futuro tinha se tornado a principal preocupação do Movimento.

A Conferência decidiu que 1957 seria proclamado o ano de "Medidas para Proteção da Natureza", ressaltando, assim, que a proteção do meio ambiente tinha sempre sido um dos princípios básicos do Movimento Escoteiro. Aliás, o ano de 1957 foi um ano diferente. Ele marcou o 50^a aniversário do Escotismo e o Centenário do nascimento do seu Fundador.

Portanto, não constituiu um fato inesperado o de — apesar de seus melhores esforços para organizar este duplo aniversário — ser uma tarefa demasiada a da pequena equipe, em Londres, a qual sofria pressão de pedidos de assessoramento e assistência, de toda a parte.

Além disso, o centro de gravidade do Escotismo estava se deslocando de seu local europeu de nascimento. Na memorável Conferência de 1922, em Paris, 22 dos 31 países fundadores eram da Europa. Em 1955, das 56 Associações reconhecidas, ou das Federações Nacionais, apenas, 18 eram européias. Daí resultou a decisão de reforçar a mostra de um homem, Salvador Fernandez, na América Latina, criando um escritório naquela região, primeiro em Cuba e, mais tarde, no México.

Para atendimento dos países asiáticos, foi engajado um Comissário Viajante, Willie Padolina, que, com uma pequena equipe sediada em Manila, nas Filipinas, empreendeu uma campanha para tornar o Escotismo conhecido no Extremo Oriente. Porque, naquela época, até os termos geográficos tinham o mesmo ponto de referência: o Ocidente (Oeste), com o centro geográfico do universo, situado em uma obscura aldeia inglesa, chamada Greenwich.

Naquele mesmo ano, um Bureau Árabe foi criado no Cairo. E, como um passo a mais, para melhorar as comunicações entre

Associações-Membros e as Sedes Internacionais, um manual foi publicado, para uso dos Comissários Internacionais.

Entretanto, o Bureau Internacional, em Londres, ainda era internacional apenas no título.

Não considerando uns poucos funcionários estrangeiros que passaram pelo Bureau, o quadro de pessoal e a orientação do Bureau continuavam sendo britânico.

Seriam necessários os eventos de 1956 para trazer de volta à casa as conseqüências potenciais dessa aproximação insular. Foi naquele ano que aconteceram as rebeliões na Polônia e na Hungria, bem como a intervenção franco-britânica do Suez, a qual resultou na deteriorização, e até mesmo no rompimento das relações diplomáticas entre Londres e Paris, de um lado, e com os países árabes e seus apoiadores no outro.

Vozes tinham-se levantado para sugerir que o Bureau Escoteiro Internacional fosse mudado da Inglaterra — uma providência tão dramática, que parecia impensável, não apenas pelas razões sentimentais como pelas políticas; e, também porque os preparativos para a comemoração do 50º Aniversário do Escotismo e 1º Centenário do nascimento do seu fundador, tinham atingido um ponto "sem retorno", para usar-se uma expressão que foi tomada por empréstimo da aviação mundial.

As respostas daqueles que desejavam participar da dupla comemoração, fluíam para o escritório em Londres, e tudo já estava pronto, em Cambridge, para as boas-vindas aos delegados da Conferência Internacional e, em Sutton Coldfield, ao Jamboree do Jubileu — o evento escoteiro internacional mais importante até então realizado. Os preparativos tinham sido completados para recebimento de 34.000 rapazes, de 53 países independentes e de outros 34 territórios que estavam prestes a alcançar independência, sem contar as dezenas de milhares de Escoteiros e as centenas de milhares de pessoas, do público que eram esperadas no Jamboree. Sutton Coldfield tinha sido transformada em uma cidade de barracas.

Os britânicos estavam decididos a fazer dos aniversários um evento importante e organizaram uma série de festividades especiais, antes da grande reunião propriamente dita. Uma comemoração foi realizada na Charterhouse — a antiga escola onde estudou o Fundador — que foi seguida de uma cerimônia solene, na Abadia

de Westminster, e contou com as presenças da Família Real, membros do Governo e do Corpo Diplomático, e milhares de Escoteiros e Líderes Escoteiros. Entre os presentes, destacavam-se: Lady Baden-Powell, o filho de B. P., o lord Baden-Powell, e os filhos e netos do Fundador. O Dr. Fischer — famoso Arcebispo de Canterbury — selecionou algumas das palavras escritas por B. P., quando ele contava oito anos de idade, como tema do Sermão: "Posso dizer a vocês como ser bom. Vocês precisam orar a Deus, sempre que puderem fazê-lo. Mas não se pode ser bom apenas por rezar, mas vocês precisam também tentar, com muita insistência, serem bons".

A mídia esteve lá, presente com força total, inclusive com as redes de TV. Pela primeira vez estava o Escotismo exposto ao mundo das comunicações de massa.

Entre os eventos, houve uma emissão especial de selos comemorativos de B. P., e um filme sobre a vida dele, com fotografias e comentários.

A comemoração atingiu seu clímax no Jamboree Mundial, que contou com as honrosas presenças de S. M. a Rainha Elizabeth e do Príncipe Philip; do Primeiro-Ministro Harold McMillan e Ministros dele; dos ex-Ministros e dos futuros Primeiros-Ministros. A Associação anfitriã tinha levado três anos preparando este evento memorável e — embora, de muitas formas fosse ele apenas um outro Jamboree — pelo menos para os rapazes, foi um Jamboree com uma diferença. A diferença foi que outras reuniões mundiais estavam sendo preparadas ao mesmo tempo — como por exemplo, de Rovers (Rover Moot) e de Líderes Adultos (Indaba), e no fato que estas eram, inusitadamente, reuniões solenes.

O Jamboree propiciou a mistura tradicional de atividades de entretenimento e construtivas: jogos, cantos, fogueiras de campo, um mosaico completo de habilidades manuais para construir e de construções e, naturalmente, foi uma ocasião ideal para o intercâmbio de endereços e formação de amizades, em um ambiente fraterno e espontâneo, muitas delas formadas para uma vida inteira.

Um outro participante nunca ausente do Jamboree, foi o tradicional mau tempo, desta vez sob a forma de uma violenta tempestade, seguida de uma real inundação, mas que não causou nenhuma diferença ao sucesso do encontro.

Lady Baden-Powell, Guia-Chefe Mundial e Presidente-Honorária do Comitê Internacional, do Movimento de Escoteiros, presidiu a cerimônia emocional de encerramento, com a presença de enorme audiência. Longe de olhar para o passado, ela voltou-se para o futuro, com um brado de desafio: "O fim é apenas o princípio!"

Voltada para o futuro, foi, também, a tônica dominante na Conferência Internacional — a 16ª de sua espécie — à qual 52 Associações ou Federações Nacionais enviaram 226 delegados. Jean Salvaj, um suíço, membro do Comitê, lembrou as lições aprendidas nos 50 anos anteriores. Michel Rigal, Comissário Geral da "Scouts de France", analisou a situação corrente do Escotismo, e Dan Spry falou sobre o futuro do Movimento.

Aquele futuro foi o fio que passou através da reunião, na qual um projeto conhecido por "Operação Jubileu", foi apresentado. O projeto era o produto final do estudo modesto, empreendido em 1953, pelo Bureau de Londres, e que tinha sido submetido à apreciação do Comitê Internacional e das Associações, solicitando comentários e críticas. Não houve falta de discussão, debate e controvérsia sobre as proposições do projeto — uma das quais levou a acirradas trocas de opiniões. Foi a sugestão que o Bureau Internacional deveria ser transferido para Ottawa, a partir do dia 1º de janeiro de 1958. O projeto "Operação Jubileu" foi, finalmente, aceito por unanimidade de votos. O texto da resolução reza: "A Conferência aceita os planos sugeridos de desenvolvimento e promoção do Escotismo Mundial, durante os próximos cinco anos, apresentados sob o título de "Operação Jubileu". Ela acredita, com certeza, que o início de tal plano propiciará uma nova fase de expansão do Movimento e que cada país-membro emprestará seu mais completo e sincero apoio, para garantir o sucesso dele. A conferência autoriza o Comitê Internacional a prosseguir na execução deste plano o mais breve possível."

Conforme pode ser imaginado, as linhas finais da resolução enfraqueciam, consideravelmente, as chances de que as medidas propostas fossem implementadas com sucesso. Inobstante, o Bureau foi transferido para Ottawa, devido ao fato de que o principal argumento apresentado para tal medida, na Conferência, foi o de que ele estaria mais perto de suas fontes de recursos financeiros, es-

pecialmente nos Estados Unidos e no Canadá, onde uma douta legislação incentiva doações a favor de movimentos jovens, instituições e organizações de pesquisa, nas artes e nas ciências, e permite apreciáveis deduções de impostos em tais casos.

Assim, a capital do Escotismo mudou-se para o outro lado do Atlântico.

O Gilwell Park — a Meca, para o treinamento de Líderes Escoteiros — permaneceu na Inglaterra, sob a direção de John Thurman e de seu Assistente, Ken Stevens, que empreenderam a tarefa da elaboração de um sistema para rejuvenescimento dos métodos de treinamento do Escotismo. Gilwell continuou sendo, durante muitos anos, um tradicional Centro de Treinamento e Símbolo do Escotismo, como o foi concebido por B. P. Aquele Centro prestou serviços incalculáveis ao Escotismo: — dos 10.350 Líderes voluntários que foram treinados em Gilwell, a partir do final da Segunda Guerra Mundial, até 1957, 2.270 foram de origem não-britânica, provenientes de 108 países diferentes.

Além disso, O Chefe do Centro e seu Vice viajaram, incansavelmente, através do mundo, para treinarem candidatos estrangeiros nos próprios países deles, mantendo, destarte, um nível consistente de treinamento de líderes, e fazendo uma contribuição importante à unificação do Movimento Escoteiro.

15. O prelúdio canadense

Inteiramente novo, recém-instalado, e movido pelo entusiasmo, o Bureau Internacional, em Ottawa, equipado com espaçosos e modernos escritórios, pôs-se a trabalhar rapidamente, apesar das palavras constringentes, constantes da última parte da resolução adotada na Conferência de 1957. A expressão "o mais breve possível", foi tomada pelo Bureau como um obstáculo que poderia ser superado.

Otimista por natureza, o General Spry estimou em cinco anos o tempo necessário para realizar o objetivo principal do projeto: "trazer ao Escotismo um número sempre crescente de jovens, em todo o mundo. A "Operação Jubileu" era, acima de tudo, um plano de expansão. Sua originalidade não dependia tanto de seu objetivo — afinal, o desenvolvimento quantitativo do Escotismo jamais tinha sido um problema — como sobre os métodos a serem utilizados para consegui-lo.

Grandes esperanças estavam depositadas no fato de que haviam certas vantagens na mudança do Bureau para uma nova sede. Ottawa era, indubitavelmente, a capital de uma grande nação industrializada mas, contudo, continuava sendo uma grande aldeia, ao invés de uma verdadeira metrópole. Muito era esperado na proximidade do Bureau aos recursos materiais do grande vizinho ao sul, e da crescente internacionalização da equipe — o que teria sido muito difícil em Londres, devido as restrições ao engajamento de estrangeiros.

A "Operação Jubileu" pensava, também, em melhores comunicações e no melhoramento dos canais existentes, bem como em viagens e reuniões de campo, assim como no aumento, tanto do número como da qualidade das publicações. Isto implicava a contratação de especialistas em comunicações e relações públicas.

Sobre o assunto das comunicações, um método novo e bem planejado foi inventado que, como o Escotismo, começou como uma idéia, continuou como um experimento e finalmente tornou-se um programa institucionalizado. Hoje, é chamado "Jamboree-on-the-air" (Jamboree do Ar). A idéia foi concebida no Jamboree do Jubileu, em 1957, quando uma pequena estação de rádio-amador foi criada para contatos com outras estações de rádio-amadores, escoteiras ou não.

No início, foi mais do que um jogo divertido, com uma possibilidade remota de acerto. O experimento foi um grande sucesso, entretanto, e foi decidido repeti-lo no ano seguinte. Novamente, alcançou sucesso e, depois disso, tornou-se rotina. E, dessa forma nasceu o "Jamboree do Ar" — um evento anual que envolve muitos milhares de Escoteiros rádio-amadores.

O levantamento de fundos para financiamento da vasta empresa escoteira foi a prioridade máxima da "Operação Jubileu", uma vez que o "metal amarelo sujo" continuava sendo uma mercadoria rara.

Em 1957, o último ano do Bureau em Londres, os presentes e doações montaram a 28.308 dólares. Em 1958, o primeiro ano do Canadá, alcançaram a cifra de 110.308 dólares — que se estabilizou até o ano de 1964, quando a "Operação Jubileu" foi abandonada, sob infelizes circunstâncias.

Mas... retornando à questão do dinheiro...

Outros 100.000 dólares — que, na época, equivaliam a 430.000 francos suíços — foram, por certo, uma adição bem-vinda aos fundos, mas insuficiente para atendimento de quaisquer esquemas ambiciosos. O Bureau poderia também contar com outros 60.000 a 65.000 dólares, anualmente, oriundos das taxas de filiação. Em resumo, Ottawa tinha uma renda de 700.000 francos suíços, para seus planos de expansão. Tendo em conta que haviam alugueis a pagar (em Ottawa, Havana, depois do México e em Manila); salários de cinco Executivos em Ottawa e aqueles lotados nos Escritórios Regionais (dois em Havana, quatro em Manila e, mais tarde, um em Damasco), bem como do quadro de funcionários de escritório — perfazendo, no total, 20 salários, mais os custos das publicações, viagens e outras despesas correntes de administração do Bureau — quase uma fortuna.

Quanto à internacionalização do pessoal, ela ocorreu em nível regional, mas muito menos que isso na Sede de Ottawa, onde quatro dos cinco executivos ainda eram anglo-saxões. O idioma inglês ainda era o usado nas comunicações. Havia, assim, muito pouco risco de um atrito cultural, para esta equipe homogênea que tinha cada vez mais dificuldade para entender o que estava acontecendo no mundo, especialmente nos escalões inferiores.

Isto posto, a internacionalização do Movimento, deveras, prosseguiu no caminho que lhe fora traçado. O 1º Jamboree Mundial, no Terceiro Mundo, aconteceu em Makiling, nas Filipinas, em julho de 1959, com a participação de cerca de 12.000 rapazes, oriundos de 44 países.

No que diz respeito ao desenvolvimento na região asiática, a 1ª Conferência Internacional até então realizada fora de um país ocidental, foi realizada em Nova Déli, durante o período de 29 de julho a 3 de agosto de 1959, onde Pandit Nehru, líder dos Países Não-Alinhados, prestou acalorado tributo ao Escotismo. Ele ressaltou a importância que os países do Terceiro Mundo deveriam atribuir a este movimento educacional admirável que oferecia possibilidades tão imensas para o Terceiro Mundo.

A liderança mundial também tornou-se mais internacional. O primeiro asiático — um japonês — tinha se tornado Membro do Comitê, em 1931. Todavia, foi só em 1951 que o primeiro árabe se elegeu, e em 1961 que um africano foi admitido ao círculo dos doze "homens sábios". A comenda "Leão de Bronze" — distinção suprema internacional — foi, cada vez mais, concedida a pessoas oriundas de países "exóticos": um filipino, em 1959; um árabe, em 1965; e ao primeiro africano, em 1971.

Daquela época em diante, os grandes encontros escoteiros internacionais foram organizados, com freqüência ainda maior, fora do mundo anglo-saxão, e de outros países industrializados.

Em 1961, a Conferência foi realizada em Lisboa, Portugal, e em 1963, o Jamboree aconteceu em Marathon, e a Conferência em Rhodes, ambas na Grécia. A Assembléia Geral de 1965 — de grande importância para o futuro — foi organizada no México, durante o período de 26 de setembro a 3 de outubro.

Esta abertura, no mundo, era também evidente pela descentralização, "de facto", do Escotismo Internacional. Uma série com-

pleta de Conferências Regionais foi realizada na década de 60: em 1964, a 6ª Conferência, na região Inter-Americana; a 6ª, também nos Países Árabes; a 4ª, no Extremo Oriente; a 3ª, na Europa. Em 1970, a África e, depois, a Europa — que surpreendentemente foi a última — ambas foram estabelecidas como regiões, com seus próprios órgãos divididos em três segmentos: Conferência, Comitês e Bureau.

Surpreendentemente, regionalização não era o objetivo desejado, mas longe estava de ser um processo sistemático controlado e coordenado.

Alguns dos órgãos surgiram espontaneamente, sem qualquer direcionamento central, e até mesmo sem qualquer referência à Sede Mundial. Outros foram criados pela colaboração entre órgãos regionais e centrais. Em um caso especial, uma estrutura teve de ser mais ou menos imposta, devido à forte reação negativa de parte das Associações nacionais. Elas temiam que a criação de estruturas regionais intermediárias afetaria a liberdade de ação e a autonomia delas.

Assim, após 50 anos, o Escotismo estava finalmente tornando-se internacional, mas seu crescimento e realizações levaram a uma multiplicidade de problemas.

Era um longo caminho andado, desde os velhos e bons tempos quando o Fundador, isoladamente, e, mais tarde, o Diretor do Bureau, podiam tomar decisões de longo alcance, sem nenhuma consulta prévia. Com a adesão oficial, ao Movimento, de países com culturas, tradições, aspirações e necessidades diferentes, a composição inteira do Escotismo Internacional foi modificada. O que estava acontecendo era evidente. Como tratar os múltiplos problemas que estas mudanças provocavam, era menos claro.

O Movimento Escoteiro tinha sobrevivido a guerras, revoluções e outras calamidades e aumentado o número de seus filiados consideravelmente, através de sua capacidade para adaptar os princípios escoteiros às diferentes culturas, tradições e necessidades sociais. Acima de tudo estava — e sempre estará — um conceito generoso, ao invés de uma organização, uma forma original de educação fora da escola, transformada em um movimento que, sob a pressão e necessidade premente de manter sua própria identidade, foi forçado a tornar-se organizado. Muitos temiam, neste período

de pós-Jubileu, que o fortalecimento da organização seria sinônimo de burocracia e de estruturas autoritárias rígidas. O resultado disso foi que, à medida que o Movimento se transformou em uma organização, tais receios e preocupações aumentaram, bem como a oposição que havia contra tais mudanças.

E, contudo, havia uma acentuada necessidade de coordenação, sincronização, controle e ordem. Situações inesperadas já tinham surgido, no início da década de 60, para as quais não havia solução óbvia que por sua vez levaram a um grande número de questões sem resposta.

Quem tem autoridade para tomar uma decisão? Como estabelecer relações entre iguais, superiores e subordinados? Quem tem o direito de levantar recursos e de dispor deles; dar reconhecimento a Associações-Membros; ou negar filiação? Quem são os tomadores de decisão; quem é o responsável pelo fornecimento de informações, e para quem?

Em resumo, o problema todo, de autoridade interna, era uma questão de quem tinha o direito de dar ordens e a quem, e no interesse da unicidade do Movimento, era essencial esclarecer quem faz o quê.

Em virtude da expansão, diversificação e crescente complexidade do Movimento, bem como da especialização de seus líderes, somente regras e diretrizes, definidas com clareza, poderiam possibilitar à organização escoteira internacional desempenhar o seu papel principal: salvaguardar a união e integridade do Escotismo e manter sua própria identidade como um movimento jovem específico, com características singulares.

Quando surgiram problemas, houve, certamente, um esforço honesto para solucioná-los, mas de forma improvisada, visto que, a maioria deles, foram inesperados. Por exemplo, tinha ficado claro, há muito tempo, que a Constituição que estabelecia como o Movimento Internacional devia funcionar, já não correspondia às necessidades modernas. Havia lacunas no texto, resultantes de alterações feitas às pressas, e continha até mesmo contradições. A revisão da Constituição tinha se tornado um assunto quase permanente de debates nas reuniões internacionais, uma questão que consumia tempo, sem alcançar qualquer solução satisfatória. Como um colete mal abotoado, a Constituição necessitava ser completamente desfeita e re-

composta. A equipe de Ottawa, a serviço de um dedicado Comitê Mundial, fez tudo quanto era possível para melhorar a situação, porém, obteve pouco resultado, em relação aos esforços desenvolvidos.

Uma característica perturbante e até mesmo perigosa foi que, no decurso dos debates, em níveis diversos, as mesmas palavras foram empregadas e interpretadas de maneira diferente. Tornou-se também claro que as diferentes formas de Escotismo que tinham emergido em diversos países do mundo funcionavam bem em seus próprios ambientes, mas encontravam barreiras culturais quando eram exportadas.

Conforme dito anteriormente, a 2ª Conferência Internacional, em 1922, revelou que havia mais de um caminho para tratar de um problema escoteiro, mas foi somente na década de 60 que a magnitude das divergências se tornou realmente visível.

Enquanto formas diferentes de Escotismo estavam surgindo nos quatro cantos do mundo, sem qualquer comunicação entre elas, a diversidade considerável delas permanecia grandemente ignorada. Mas, gradativamente, devido às melhores comunicações e, especialmente, às viagens mais freqüentes, intercâmbios e contatos pessoais, tornou-se claro que os programas oferecidos sob um mesmo rótulo eram vastamente diferentes.

Simultaneamente, uma certa falta de entendimento desenvolveu-se para com estes outros Movimentos Escoteiros, por vezes misturada com a desconfiança e até mesmo hostilidade, devido ao fato de que cada um deles manifestava tendência a preferir a marca com a qual estavam familiarizados e chegado a praticarem. Atenção suficiente não havia sido dada ao perigo de julgarem erroneamente o que tinham mal-e-mal entendido.

O autor deste livro está cômico dos perigos da supersimplificação e limitar-se-á a duas escolas principais do Escotismo que se espalharam através do mundo, desde 1907. Elas já foram mencionadas, de maneira resumida.

A primeira acentua os aspectos pedagógicos (possivelmente porque o Escotismo esteve, inicialmente, nas mãos de professores e outros educadores) e exige um profundo comprometimento pessoal. Esta é uma forma altamente espiritual de Escotismo, que exerce muita pressão sobre valores de difícil mensuração.

A outra escola, é muito mais pragmática e enfatiza a capacidade (eficiência) e outros valores de mais fácil medição. Seus critérios principais são os do sucesso, no que diz respeito aos rapazes. Para colocar isto em termos mais simples, a primeira escola, muito preocupada com uma consciência social, deseja auxiliar rapazes a fazerem as coisas certas, enquanto a outra escola satisfaz-se em fazerem certo as coisas.

O resultado destas duas abordagens é, ou um rapaz com melhores qualidades "espirituais" orientadas no sentido do crescimento interior — "orientadas-para-o-homem" — ou um rapaz eficiente e competente, leal e bem-treinado.

Estas duas escolas, não somente inferem métodos escoteiros diferentes — o primeiro dos quais focalizado sobre a educação, e o segundo sobre o treinamento — como também opõem conceitos radicalmente opostos, concernentes ao papel do adulto no Movimento e, em especial, o de profissionais de carreira no Escotismo.

Durante as grandes reuniões internacionais, duras palavras têm sido trocadas por ambas as partes, sobre os conceitos da outra parte.

No conceito de Sartre: "O inferno é a outra pessoa". Falando em termos gerais, os "espiritualistas" reprovavam os "pragmáticos" por criarem um enorme "jardim de infância" para suas crianças grandes, sob o rótulo de Escotismo, enquanto os pragmáticos atacavam o lado oposto por darem caça aos arco-íris.

Visto que os pragmáticos alcançaram um sucesso quantitativo muito maior do que os espiritualistas, que perdiam terreno constantemente, alguns estavam dispostos a impor as técnicas experimentadas e aprovadas da segunda escola, a fim de "salvá-las".

Outros, desprezando as considerações materiais, desejavam converter as ovelhas negras que estavam "traindo o verdadeiro Escotismo".

Infelizmente, tais pessoas — que certamente estavam bem intencionadas — poderiam ter dito "ou", quando deveriam ter mencionado "e". A verdade é que nenhum dos dois lados estava totalmente certo ou errado. Mais tarde, foi compreendido que ambas as marcas de Escotismo, embora diferentes, eram de fato complementares, e era interesse de todos entender e assimilar os métodos de ambas.

Finalmente, o assunto da dimensão religiosa, existente no Escotismo — um dos pilares do Movimento — foi debatido em uma das Conferências Internacionais, e, há muito tempo já estava esgotado.

Muitos dos participantes estavam surpresos de ouvirem que uma espiritualidade nobre e profunda poderia existir, sem qualquer referência direta a Deus. Quando um líder de cúpula, da França, que era ele próprio um católico praticante e assistia a Missa, diariamente, declarou que, na opinião dele, os filhos de não-crentes poderiam também praticar o Escotismo, a extensão da lacuna tornou-se clara. Ambos os lados não estavam falando a mesma linguagem e, o que era ainda pior, a incompreensão recíproca levantava o risco de mútua excomunhão.

Surgiu uma situação de crise real. Conforme Catarina de Médicis declarou a Henry III: "ele feriu bem meu filho; agora tem de ser remendado". Os líderes na década de 60, procuraram reparar os danos, mas o projeto de salvamento, elaborado pelo Bureau em 1962-1963, sob o nome de "Impetus", não foi melhor sucedido do que seu antecessor, "operação Jubileu".

O Projeto IMPETUS foi apresentado aos órgãos de cúpula, para tomada de decisões, e às Associações-Membros, mas o Comitê Mundial — a palavra "Internacional" tinha sido excluída, em favor da "Mundial", em 1961 — decidiu sobre outra estratégia. Uma decisão importante foi tomada, em sua reunião, em 1964, em Luxemburgo, que foi a de aceitar uma oferta da "Boy Scouts of America", de financiamento de um estudo global sobre a situação corrente do Escotismo, que pudesse ser subsequente usado como documento de trabalho, para efetuar as reformas necessárias.

Durante um curto espaço de tempo, um líder voluntário da cúpula americana, Amory Houghton, industrial, diplomata e filantropo, ex-Presidente da Boy Scouts of America e detentor da comenda "Lobo de Bronze", presidiu o grupo de estudo. Mas os europeus estavam receosos quanto às qualificações dele para o cargo. Questionavam se uma pessoa que não era educador nem sociólogo era adequada; e não demoraram em expressar o descontentamento. Os americanos, cujas intenções eram obviamente honestas e positivas, consideraram as críticas como uma demonstração de ingrati-dão. O grupo de estudo foi dissolvido em dezembro de 1964, após o pedido de demissão apresentado pelo seu Presidente.

Dan Spry, Diretor do Bureau, tinha a mesma opinião e demitiu-se, muito embora lhe tivesse sido dada certeza de que o plano seria usado como base de um novo estudo a ser empreendido com sua colaboração.

O General Spry concordou em permanecer no cargo até o outono de 1965, data fixada para a próxima Conferência Mundial, no México. Entrementes, o acordo, nos altos escalões do Movimento Internacional, estava mais afastado do que nunca. Paliativos, temporizadores, eram a ordem do dia — como tentar curar o câncer com aspirinas. A doença estava no auge e ameaçava o corpo inteiro do Escotismo.

Um primeiro esforço para solucionar a paralisação total, foi uma reunião extraordinária do Comitê Mundial, em Londres, em março de 1965. Infelizmente, a reunião não teve sucesso em romper o impasse; todavia, tornou evidente a necessidade de uma ação rápida e radical, para evitar que o Escotismo fosse de encontro às rochas.

Uma idéia que começou a tomar corpo, foi a de convocar um conselheiro externo, imparcial, para fazer as recomendações e acertar esta situação, aparentemente insolúvel.

A atmosfera, na Conferência Mundial, realizada no México durante o período de 26 de setembro a 3 de outubro de 1965, era de tensão. O Comitê necessitava de toda sua sabedoria, calma e autoridade para conduzir a Conferência em condições normais. Contra todas as expectativas, os debates foram significativos, concretos e de alto nível intelectual. Ao Comitê, foi dado um cheque em branco para que encontrasse um homem previdente, que deveria ser completamente objetivo, competente e honesto — uma rara combinação. A tarefa dele seria a de executar um estudo, em profundidade, do Movimento Escoteiro, e propor medidas concretas para o futuro. Dito estudo, deveria estar completado durante dois anos, com o objetivo de dar início ao programa de renovação, em agosto de 1967, durante a vindoura Conferência Mundial em Seattle (EUA) e começar a implementação das recomendações, inclusive da Constituição.

No México, o diretor demissionário, do Bureau, disse adeus à organização à qual tinha servido durante 14 anos. Seu discurso de despedida foi comovente, mas sem agitação nem rancor. Seu Vice,

Dick Lund, foi designado Diretor-Interino, com a tarefa calma de manter o "status quo". "Esperando por Godot..."

O período de interinidade acabou sendo mais longo do que se esperava. A intranqüilidade geral persistia e o Diretor interino encontrou-se enfretando situações delicadas, tais como a 4ª Conferência Mundial de Treinamento, organizada no Parque Gilwell, em setembro de 1966. Em sessão plena, os delegados pareciam estar de acordo, mas, por detrás das cortinas, a história era diferente.

O Movimento continuou, ruidosamente, como um trem fantasma. O furacão que rugia no alto, parecia ter pouco efeito a nível do solo. As grandes reuniões e as Conferências normais continuaram. O 12º Jamboree Mundial foi realizado em 1967, no Farragut State Park (EUA). Ele atraiu 12.017 rapazes, oriundos de 107 países. O chavão do Jamboree foi "pela amizade" — uma frase que muito fez meditar os adultos. Os rapazes ainda não mostravam sinais de terem sido afetados pelas disputas ocorridas entre seus colegas mais velhos. A barreira-do-som dos 10 milhões de Escoteiros tinha sido rompida, sem excitação nem espalhafato. O crescimento extraordinário do Movimento lembrava algo da história de um moço que, perguntava pela avó como tinha se tornado tão grande, respondeu: "apenas cresci".

Mas tinha chegado a hora de se examinar como um tão sensacional crescimento tinha sido alcançado, quando o coração do Movimento estava adoentado. Estava claro que não havia um caminho para sair da crise antes que os líderes pudessem concordar sobre para onde estavam indo e como chegarem lá. Nas palavras de Seneca: "Não há vento favorável para aqueles que não sabem para onde vão".

No entretanto, o escritório de Ottawa estava dando conta dos assuntos correntes e os escritórios regionais estavam fazendo todos os esforços possíveis para preencherem as lacunas, não sem tomarem alguns dos poderes da autoridade central. O Comitê Mundial — incentivado pela Boy Scouts of America — estava procurando ajuda financeira da Fundação Ford, com vista a achar "um candidato que empreendesse um estudo de avaliação do Escotismo Mundial e, à luz de suas conclusões, fazer recomendações sobre a direção futura do Movimento".

O leitor encontrará, na Introdução, deste livro, informações

sobre a pessoa que executou o projeto. É bastante dizer que o escopo e a complexidade do assunto tornaram a tarefa de modo algum semelhante a uma sinecura. Entretanto, o autor sobreviveu à sua provação, conforme pode ser visto deste livro, que contém as conclusões dele, em forma altamente condensada.

O estudo está longe de ser produto da imaginação do autor. Está baseado em informações extraídas de livros, palavras textuais de relatórios, documentos existentes no Bureau e nos centros de documentação dos Escritórios das Associações-Membros.

A base do diagnóstico sobre o Escotismo foi uma análise de pesquisa muito extensiva, executada por meio de questionários. Depois, mais de 100 pessoas, integrantes da cúpula administrativa, foram entrevistadas. Entre elas, Lady B.P.; Wilson "O Belge"; Colquhoun "Koko"; John Thurman e outros, além de todos os membros de Comitês e ex-membros ainda vivos. Debates foram realizados no local com os líderes de cerca de 40 Associações nacionais. Na medida em que o estudo progredia, o autor submetia suas descobertas e decisões preliminares a especialistas melhores qualificados do que ele próprio para empreenderem o estudo. Foi desnecessário dizer, entretanto, que o autor assumiu inteira responsabilidade por quaisquer imperfeições existentes no estudo.

Aqui, portanto, está um esboço do estudo. O primeiro Capítulo apresenta e analisa os problemas relacionados com os princípios fundamentais. Contém um sumário das múltiplas origens do Escotismo e suas relações com as religiões e políticas organizadas. No último, a ênfase é colocada sobre a natureza da politização, seus limites, vantagens e desvantagens. Esta seção finaliza com as relações entre o Movimento e as autoridades do Estado, onde aplicáveis. O estudo continua com uma análise dos problemas concernentes à unificação do Movimento, incluindo a questão das Associações dissidentes, não-reconhecidas, e das que estão no exílio. Esta seção termina com uma revisão da política, em relação ao reconhecimento de Associações.

O estudo, na seção intitulada "The hallmarks of Scouting" (As qualidades de Legitimidade do Escotismo), permite uma revisão analítica de uma questão essencial: unicidade, uniformidade e universalidade do Escotismo.

O relatório — que há muito tempo já foi aceito — ainda tem

um certo interesse pelo não-iniciado; É reproduzido, de maneira abreviada, no Capítulo 18, especialmente porque é a característica do Escotismo que, em grande parte, explica o sucesso dele. Mas a seção seguinte foi a que levantou maior interesse, visto que analisou os problemas organizacionais a nível mundial.

Ele inicia com uma lista das maiores deficiências: falta de comunicação adequada; ausência de profissionais e precária coordenação entre os três órgãos do Movimento Mundial: Conferência, Comitê e Bureau.

Esta é a seção na qual propostas são apresentadas para melhorar o desempenho destes três órgãos. Uma grande porção dela é dedicada ao Bureau Mundial, órgão executivo do Movimento e elo vital de coordenação, para o qual menos diretrizes, porém mais serviços às Associações é recomendado.

Uma outra proposta é de que o posto de Diretor do Bureau Mundial seja abolido e substituído pelo de Secretário-Geral — título que corresponde, com mais propriedade, ao papel dele. Além disto, é enfaticamente recomendado que a Sede Central da Organização seja transferida, de Ottawa para outro local mais adequado para administração de uma organização internacional.

E, finalmente, o estudo faz recomendações de ordem financeira e finaliza com um convite àqueles que estão preocupados em empreender uma "revolução na qualidade".

O trecho a seguir, é típico de tais sugestões:

"Nenhuma melhoria da atual Organização Mundial é concebível sem um melhoramento substancial da qualidade dos membros que compõem os três órgãos internacionais. Isto pressupõe um recrutamento mais seletivo; uma definição mais clara das responsabilidades e procedimentos operacionais; um melhoramento considerável da coordenação entre os três órgãos: a Conferência, autoridade suprema; o Comitê, órgão tomador de decisões entre as Conferências; e o Bureau, órgão executor que, entretanto, deve desempenhar um papel maior, no provimento não apenas de informações e coordenação, mas também de inspiração e motivação. "

As cartas estavam, assim, sobre a mesa. Após um exame completo, pelo Comitê Mundial, a Conferência Mundial, realizada em Seattle (EUA), em 11 a 17 de agosto, adotou as recomendações do

estudo, como trabalho básico para a reorganização do Movimento Escoteiro Mundial.

Foi realizada uma votação, a favor da transferência da Sede da Organização, de Ottawa para Genebra.

No dia 1º de maio de 1968, após um período de transição de dez meses, todas as medidas haviam sido tomadas para o início de uma nova era na história do Escotismo.

16. Genebra — Capital Mundial do Escotismo

"O melhoramento do Escotismo Mundial somente pode ser imaginado como um esforço duradouro, uma tarefa paciente, inteligente, sistemática e permanente, cheia de dificuldades, surpresas e decepções. "

Mesmo se algumas partes do estudo feito em 1967 tenham sido alcançadas pelos acontecimentos, a declaração acima ainda é em grande parte verdadeira.

Um provérbio banto diz que o peixe é o último a descobrir a água. Conforme o autor tem observado em circunstâncias diferentes, viver uma situação totalmente não significa necessariamente que aqueles que estejam envolvidos entendem-na.

Muitos infortúnios têm sua origem em uma tal falta de consciência.

Este capítulo é, portanto, uma humilde tentativa de avaliação do impacto do estudo sobre o Movimento e dos dezessete anos durante os quais o autor tem estado intimamente envolvido em uma multiplicidade de papéis — conselheiro (consultor), ator ou simples executivo.

Como início, uma reconsideração dos eventos ocorridos nos dois anos, entre a Conferência de Seattle, em agosto de 1967, e a Conferência de Helsinque, em agosto de 1969, está em ordem. Este foi o período vital quando as estruturas para uma nova partida foram posicionadas. Se ao autor possa ser permitida uma comparação algo imperfeita, os reformadores estiveram na mesma situação, como um mosquito em um campo de nudistas: sabia o que deveria ser feito, mas não por onde começar.

O passo inicial foi dado, para criar um Subcomitê de Reorganização, com Irving J. Feist, um americano, como Presidente, assistido por quatro "homens sábios": os senhores Banai, Delgado, Nichols e Tossijn, do Irã, das Filipinas, da Austrália e da Bélgica, respectivamente.

Para completar a equipe, outro americano, William D. Campbell, foi eleito Presidente Honorário do Comitê. Foi a própria Lady B. P., detentora do título de Vice-Presidente Honorária que propôs William Campbell para o posto, a proposta sendo apoiada pelo venezuelano Gustavo J. Vollmer que, como Bill Campbell, está ainda hoje em atividade, no não-invejável mas inestimável posto de Presidente da Fundação Escoteira Mundial. O próprio Bill Campbell tem há muito tempo sido um destacado líder e mui generoso bem feitor do Movimento.

O Subcomitê de Reorganização era diretamente subordinado ao Comitê Mundial, o que criou um restrito Comitê Diretor dentro do Subcomitê para o trabalho preparatório. Desde então, o Comitê Diretor foi institucionalizado e ainda é composto de um Presidente, um (ou vários) Vice-Presidente(s) do Comitê Mundial e o Secretário-Geral. O mandato do Subcomitê de Reorganização terminou em Helsinque, em agosto de 1969, quando foi dissolvido.

Este é, pois, um lugar apropriado para alistar algumas das características em destaque, no plano altamente delicado de renovação do mecanismo do Escotismo Mundial.

- Criações, em Genebra, de um Bureau realmente multinacional, com um bom quadro de pessoal no qual deverão estar incluídos apenas três membros da antiga equipe de Ottawa; os demais tendo sido recrutados na Suíça, Venezuela, Egito, Estados Unidos da América do Norte, Reino Unido da Grã-Bretanha, México e vários outros países.

- "Legalização, dos "status" das Regiões pela Constituição. Os recursos e pessoal delas foram aumentados e, nos Escritórios Regionais, foram combinados inteiramente com a Sede de Genebra em um único Bureau Mundial.

- Formação de um Comitê de Operações, com Thomas J. Watson Junior, então Presidente e Chefe-Executivo da IBM, cuja tarefa foi a de expandir o Escotismo e manter seus padrões.

- Criação de divisões de relações públicas, comunicações e

publicações, e de pesquisas, para expandir os serviços prestados pelo Bureau.

A fim de ilustrar o empenho e o esforço que havia por detrás da renovação, 14 reuniões de cúpula foram realizadas pelo Comitê e o grupo de reorganização, entre 1967 e 1969. Também, digno de nota é o fato do atual Secretário-Geral, suíço de origem húngara, ter trabalhado em conjunto com este grupo composto de doze membros do Comitê Mundial, oriundo de doze países diferentes. Apenas quatro deles são WASPs (Protestantes brancos, anglo-saxões), os oito restantes originários da Ásia, África, América Latina, e de países Árabes. Esta mescla cultural tornou-se em uma fórmula-padrão e é um reflexo muito fiel da multiplicidade nacional, racial e social do Escotismo Internacional.

Embora os aristocratas, gerais e elitistas que anteriormente dirigiram o Movimento não devam ser esquecidos, o fato é que o Comitê Mundial, em conformidade com a decisão tomada por votação, na Conferência, tornou-se cada vez mais democrático, sem, no entanto, ter prejudicado as qualidades intelectuais e morais, ou a eficiência do grupo.

Outras medidas importantes tomadas, foram: a descentralização dos treinamentos — que anteriormente eram quase monopólio do Parque de Gilwell — em favor dos Centros nacionais, sob coordenação global de Genebra; uma vasta pesquisa entre adolescentes e adultos jovens; a produção, em vários idiomas, e lançamento de uma série de manuais e outras publicações.

Isto foi realizado pela Divisão de Relações Públicas/Publicações e Comunicações que, entre outras de suas atividades, visava melhorar as comunicações em dois níveis — de cima para baixo e, o que era ainda mais importante, dos rapazes na base, para os órgãos no topo. Durante este período, quando os instrumentos para o renascimento do Escotismo estavam sendo modernizados, muita importância foi atribuída pelo Comitê Mundial às relações públicas, com base no princípio de que fazer um bom trabalho era uma coisa torná-lo conhecido ao público era outra.

A equipe em Genebra conscientizou-se de que, como em outros setores, boas relações públicas precisam estar baseadas em ações, notícias e informações positivas, programas construtivos e serviços de apoio.

Relações públicas brilhantes, isoladamente, não eram nenhum substituto de programas sadios, educacionais e de desenvolvimento. Contudo, o reverso era também verdadeiro. Até mesmo os melhores programas não podiam ser eficazes por muito tempo se não houvesse contato com as audiências-alvo deles que, no caso do Escotismo, significava pais, escolas, igrejas, governos e outros grupos que dão apoio ao Movimento.

O programa de reorganização teve um sucesso imediato, com um milhão de dólares levantados com relativa facilidade, para financiamento das primeiras fases do programa de renovação.

Entretanto, seria errôneo presumir que o caminho para a recuperação seria plano e fácil. Longe foi disso. Os defensores das velhas tradições do Movimento foram rápidos em levantar suas vozes em protesto embora seus argumentos fossem mais sentimentais do que racionais. A própria Lady B.P. escreveu as seguintes frases, no prefácio ao Relatório do Secretário-Geral, que foi apresentado à 22ª. Conferência Mundial, em 1969: "Posso ousar sugerir que nós, pessoas mais velhas, estamos em perigo de nos tornarmos, nestes dias, excessivamente sérios, intelectuais e filósofos, demasiadamente dispostos a encontrar significados profundos subentendidos no que deveria ser simples e direto e, por isso, perdermos a alegria do Escotismo?"

Contudo, nada havia de filosófico a respeito do trabalho extensivo de pesquisa, investigações, replanejamento e reestruturação que estabeleceu a estrutura para a renovação do Escotismo. O objetivo não era o de um Escotismo científico para rapazes abstratos ou um sistema imposto de cima, mas sim um programa digno de crédito, eficiente e moderno, para rapazes que se tornariam os homens responsáveis de amanhã. No âmago da abordagem, estava um desejo de retorno às fontes do Movimento e, assim, ao próprio B.P., de que um dos ditados favoritos era: "Quando estiverem em dúvida, perguntem ao jovem".

Esta breve reconsideração dos altos e baixos, dos primeiros dois anos dramáticos e emocionais, no caminho para a recuperação do Escotismo Mundial, não estaria completa sem algumas palavras sobre os motivos antecedentes ao período que testemunhou os jovens explodirem em revolta e exigirem que seus direitos, aspirações e opiniões fossem ouvidas.

A revolta radical da geração jovem teve início nos campos californianos, no princípio da década de 60 e atingiu seu clímax quando barricadas foram levantadas em Paris, no mês de maio de 1968.

A revolta dos jovens, acompanhada pelas manifestações da massa popular — muitas das quais caracterizadas por atos de violência — sacudiram as bases das sociedades que já enfrentavam profundas e difíceis mudanças. A crise foi brutal e afetou, profundamente, a maioria dos movimentos jovens, alguns dos quais foram arrastados pela maré da revolta em expansão. O Escotismo encontrava-se exatamente no "olho" do furacão, mas passou galhardamente no teste. Melhor ainda, isto ocorreu quando ele registrava o maior progresso de sua história: 14,5% de crescimento em dois anos; ou um acréscimo de um milhão e meio de Escoteiros. Houve, deveras, uma explicação simples para este crescimento sensacional de filiação. Em qualquer período da história, sempre existem pessoas jovens que respondem ao chamado do Escotismo, ou, pelo menos, dos valores e objetivos que ele representa. Embora muitos jovens prosseguissem em seu caminho mutuamente destruidor, os Escoteiros tentaram ajudá-los a tornarem-se adultos equilibrados, saudáveis e bem intencionados. Enquanto muitos julgavam que o certo era protestar e manifestar — até mesmo a custo de violência e destruição — a resposta do Escotismo foi o diálogo e a reconstrução, compromisso e melhoramento. Movimentos extremistas irresponsáveis, queriam, cegamente, destruir a sociedade, mas nada ofereciam em troca. O Escotismo procurou torná-la melhor, mais justa e mais humana. Houve consenso geral com as conclusões da Conferência de Helsinque — o renascimento do Escotismo, e de tudo pelo que era responsável, deveria continuar.

A dedicação do novicho não tem limites. E a da equipe em Genebra não foi exceção. Apoiada por um Comitê igualmente interessado, o quadro de pessoal da Sede trabalhou em um estado quase-permanente de euforia, e ainda mais quando os resultados vieram mais rápidos do que se esperava.

As reformas desejadas estavam ainda longe de serem completadas e, nos dois anos decorridos, entre a Conferência de Helsinque (1969) e a Conferência de Tóquio (1971), não houve qualquer diminuição do ritmo no processo de renovação. A nível estrutural e institucional, foi criado um serviço profissional, no Bureau, para trei-

namento de profissionais reais — não meramente de ocupantes de cargos em regime de tempo integral — de sorte a facilitar o trabalho dos voluntários.

Algumas das maiores Associações (dos EUA, Reino Unido, Canadá e Filipinas) desenvolveram, elas próprias, o treinamento de profissionais, mas em não mais de 90% das Associações, a tarefa tinha de ser realizada a partir da linha de saída. Dentre os problemas, não era o menor o de quebrar a resistência dos líderes voluntários que encaravam com suspeita o profissionalismo de um movimento no qual o espírito voluntário tinha desempenhado uma parte tão essencial. Hoje, existem mais de 5.000 profissionais em todo o mundo e o número ainda está crescendo.

Um serviço de documentação foi criado para centralizar arquivos e documentos, de sorte a satisfazer à crescente demanda de informações mais extensivas sobre o Escotismo, tanto de membros como do público.

Entretanto, a situação financeira continuava ainda precária. O primeiro milhão de dólares, para o programa de renovação, tinha sido levantado com relativa facilidade e era temerariamente julgado que outras campanhas de angariamento de fundos teriam o mesmo sucesso. Mas não tiveram. O Departamento de "Recursos Financeiros" morreu de morte natural. Ou, para ser mais preciso, iniciou um longo período de hibernação que somente terminou nos últimos anos da década de 70, quando a Fundação Escoteira Mundial renasceu, desta vez sob adequada liderança voluntária e profissional.

No mesmo período — 1969 a 1971 — a Europa e a região da África, ao Sul do Saara, foram constituídas em duas regiões oficiais — um "status" do qual anteriormente não gozavam.

Uma série escalonada de eventos regionais (Conferências, Jamborees, cursos de treinamento, seminários) foi organizada, dentro da estrutura de um ousado plano quinquenal enfocado sobre três setores principais: melhoramento quantitativo, isto é, mais membros, especialmente através da introdução do Escotismo em novos países; melhoramento qualitativo, significando um esforço coordenado de adaptação ao desafio de um mundo em constante mutação; e, finalmente, o reforço das finanças da organização, com o objetivo de tornar o Escotismo materialmente independente, através da diversificação dos canais coletores de fundos.

Mais outro comentário sobre quantidade: o crescimento do número de membros filiados há muito tempo tinha sido um fetiche no Movimento. Uma das conclusões a que chegou o estudo foi a de que o sucesso não deve ser medido em número apenas, mesmo se o melhoramento qualitativo for mais difícil de mensurar. Não houve objeções à quantidade, como tal, contanto que ela fosse alcançada através de programas de qualidade e não de artifícios de publicidade, recrutamento forçado ou outros meios não-naturais. Após a séria crise que certas Associações enfrentavam, resultantes do fato de terem inflado seus números de filiação, a mensagem era: mais não significativa, necessariamente que melhor foi entendido.

Foi, também, aproximadamente nesta época que o "status" consultivo, nas Nações Unidas, perdido durante os anos negros, foi novamente recuperado.

O Bureau Mundial também ganhou "status legal" pela primeira vez, na história. Em outubro do ano de 1970, ele foi registrado pelas autoridades Suíças e em Genebra, como Associação de Serviço Público, sem Fins Lucrativos. Este reconhecimento oficial esclareceu uma situação confusa e trouxe consigo vantagens distintas, tais como a de isenção de tributos.

No mesmo ano, 1970, o Bureau Mundial mudou-se de suas antigas instalações para seus atuais escritórios permanentes.

Foi neste ambiente encorajador que o Escotismo realizou sua 23ª Conferência Mundial, em Tóquio, a qual foi precedida por um colorido Jamboree, ao qual compareceram 23.770 rapazes, oriundos de 85 países. Até mesmo o furacão "Olive" não conseguiu prejudicar seriamente aquele evento. A conferência, que foi aberta pelo Imperador do Japão, marcou um ponto decisivo da história do Escotismo. Decidiu incluir, em seus programas padronizados, o desenvolvimento da Comunidade — fato que, realmente, não era tanta novidade como parecia visto que há muito tempo tinha desempenhado uma parte das atividades do Escotismo. Entretanto, desta vez, recebeu beneplácito oficial e tornou-se parte integrante do programa global escoteiro.

O nível de discussão, dentro da Conferência, foi muito elevado. Apenas um episódio estragou a imagem que, do contrário, era perfeita: a suspensão da Associação Chilena, por violação da Constituição.

A primeira Associação a ser criada, após a do Reino Unido, a Associação Chile — que foi apenas suspensa e não expulsa — retornou ao aprisco dois anos mais tarde.

A atmosfera, na Conferência, era de calma. Uma das mais inusitadas características foi a apresentação, por um jovem Escoteiro, em nome do "Forum Escoteiro", pela primeira vez organizada sem a presença de qualquer adulto. Ele falou sobre a visão da geração mais jovem, dos problemas correntes no Movimento; fez recomendações sobre o melhoramento do programa e conclamou os líderes a que escutassem mais de perto as vozes dos jovens, ou — como os chamou — "os consumidores".

O Emblema Mundial que os astronautas da "Apoio XI" tinham levado à lua, em 1969, foi exposto na Conferência. Foi sabido, com orgulho, que o primeiro homem que desembarcou na lua foi um ex-Chefe Escoteiro, um "Escoteiro-Águia" e que, entre os 54 astronautas da primeira equipe, nada menos de 47 tinham cursado a escola do Escotismo, dando, assim, aos sucessores deles, hoje, magnífico exemplo de disciplina, coragem pessoal e competência técnica.

Um dado adicional interessante: graças à cumplicidade de amigos Escoteiros, o custo do "emblema da lua", incluindo o do transporte de Genebra até à lua e vice-versa, montou a apenas 1.60 francos — custo da postagem de encomenda que continha aquele precioso emblema, desde o correio do Aeroporto de Genebra até o Bureau na cidade...

Em Tóquio, não houve qualquer resistência em particular à readaptação do Escotismo às atuais necessidades. Lady B.P. viajou diversas vezes até Genebra para observar as novas instalações do Bureau, e teve bondade bastante para receber o Secretário-Geral em sua residência, em Hamptom Court Palace, para atualizar-se quanto aos atuais acontecimentos.

Até à morte dela, em 1977, esteve presente na maioria dos Jamborees e das Conferências Mundiais e estava convicta de que uma nova onda de Escotismo, longe de ser uma traição, era o Escotismo real, conforme idealizado pelo seu finado esposo. Em seu prefácio costumeiro, ao relatório bienal que foi submetido à Conferência seguinte e que, coincidentemente, assinalou a admissão da 100ª Associação Nacional à grande irmandade mundial, Lady B.P.

formulou o seguinte pensamento: "Tiremos os chapéus ao Passado e arregacemos as mangas ao Futuro".

A única nuvem no horizonte de Tóquio, veio de um quadrante inesperado: após ter a Conferência votado um aumento das taxas anuais de registro, que montavam a 0.05 dólares para membros uniformizados — uma importância que cobriria o orçamento ordinário — foi sabido que os acordos monetários de Bretton Woods tinham sido abandonados e que as diversas moedas, inclusive o dólar e o franco suíço, passariam dali para diante a ser "flutuantes". Por detrás desta expressão "náutica", espreitava a figura de uma longa e grave crise financeira, que também afeta o Escotismo Mundial até o dia de hoje.

Na Conferência de Tóquio, Nairobi (Quênia) foi selecionada como sede da própria reunião — que, assim, oferecia aos participantes a possibilidade de fazerem uma visita ao último local de moradia de B.P. e de prestarem uma homenagem junto ao seu túmulo. Como o próprio Movimento atravessava uma fase de libertação do sentimento de nostalgia, a peregrinação seria também ocasião para tomada de medidas concretas para a renovação do movimento.

Deve ter tido em mente que a finalidade da renovação era a de adaptar uma organização de lazer, inicialmente criada para a juventude desprivilegiada — a qual, mais tarde tornar-se-ia em um movimento para a geração mais jovem, de classe média — em um movimento popular que, embora permanecesse fiel aos princípios morais e espirituais, e aos métodos educacionais definidos pelo Fundador, fosse mais capaz de responder às aspirações da juventude moderna, em todos os países.

Mais recursos estavam disponíveis para a consecução deste objetivo. Graças às pesquisas, investigações de campo, estudos locais e regionais, tais como o que foi empreendido sobre a imagem do Escotismo nos países Latinos Americanos e dos obstáculos à sua expansão e integração nacional, e mais informações existiam agora sobre as necessidades e expectativas legítimas dos jovens. Além disso, haviam melhores estruturas e infra-estruturas, bem como recursos financeiros aumentados, tais como os provenientes de doações muito generosas, recebidas da Woodland Foundation, uma fundação familiar criada por Bill Campbell que, após o término da gestão de Tom Watson, reassumiu a direção do Comitê de Operações, cujos esforços eram agora direcionados ao Terceiro Mundo.

O Movimento era agora "razoavelmente" profissional e o número de membros a ele filiados continuava crescendo. A qualidade e diversificação das publicações também estavam melhorando como, por exemplo, a publicação de cinco manuais sobre a preservação da natureza, traduzido em doze idiomas.

O movimento estava tomando um aspecto visivelmente mais internacional, tanto a níveis regionais como em âmbito mundial. Em 1971, o Comitê elegeu um Presidente católico-asiático e, em 1973, um africano negro foi designado para ocupar um, dos dois cargos de Vice-Presidente da Conferência.

Quarenta e sete nacionalidades diferentes estavam agora representadas no Bureau e nos Comitês e Subcomitês.

Os profissionais, tais como o Secretário-Geral e seu Vice, não apresentaram objeções sobre o retorno deles à escola, para cursos de administração de empresa, porque estava cada vez mais claro que, apesar de sua natureza especial, o Escotismo Mundial tinha de ser administrado com o mesmo rigor e disciplina financeira, como qualquer outra organização multinacional.

O Movimento já tinha tão vastas proporções que uma administração descuidada e de improvisação não podia mais ser tolerada. Era estimado, na época, que o movimento bruto anual das Associações-Membros atingia um bilhão de francos Suíços e as suas propriedades reais e imóveis, a vários bilhões. Os negócios das publicações, em âmbito mundial, já constituíam uma vasta empresa. Mais de 70 milhões de exemplares de revistas e jornais escoteiros estavam sendo impressos e distribuídos, anualmente.

A Conferência de Nairóbi — a 24ª de sua espécie — realizada pela primeira vez na África, em julho de 1973, e aberta pelo Presidente Jomo Kenyatta, proveu novas diretrizes, a serem seguidas à luz da experiência anterior. Em virtude da taxa cambial, entre o dólar e o franco suíço, ter sofrido mais desvalorizações, foi decidido que o franco suíço seria, dali para diante, a moeda de referência, para o orçamento e suas taxas de registro.

As diversas apresentações feitas, durante a Conferência, por Sir Peter Scott, Presidente do World Wildlife Fund (W.W.F); pelo Lord Baden-Powell, neto do Fundador; William D. Carter, Presidente do Rotary Internacional; pelo Sultão Hamengku Buwono IX, da Indonésia, pelo Presidente da Associação Mundial das Moças-Guias e das Moças Escoteiras, e as uma dúzia, ou mais, de palestras

proferidas por outras pessoas, foram recebidas calorosamente e seguidas por debates construtivos e discussões de grupos.

Um dos eventos em destaque, da Conferência, foi o reexame da Constituição. Os artigos fundamentais não foram alterados (isto ocorreu quatro anos mais tarde) mas a Constituição foi modificada substancialmente, uma vez que os artigos básicos estavam separados das leis secundárias e regimentos internos.

Um nome uniforme foi selecionado para o organização inteira: "The World Organization of the Scout Movement" (Organização Mundial do Movimento Escoteiro) — e a palavra "Boy" foi suprimida; a Conferência Escoteira Mundial, o Comitê Escoteiro Mundial e o Bureau Escoteiro Mundial, tornaram-se, assim, expressões oficiais.

Várias emendas foram votadas, principalmente para esclarecer e entender, com mais facilidade, uma Constituição que tinha 50 anos de vigência. Acrescentando à palavra "boy" (rapaz) as palavras "adolescent" (adolescente(s)) e "young people" ("pessoas jovens") — uma expressão que, em inglês, compreendia ambos os sexos — foi dada confirmação ao fato de que também haviam moças no Movimento, as quais, por várias razões, não desejavam pertencer ao Movimento Feminino (WAGGGS). Além disso, durante a Conferência Mundial, em 1977, a supressão das palavras "boy" e "adolescent", eliminou todas as referências a um sexo em particular.

Dita emenda foi introduzida sob forte pressão do campo, e não teve início de parte da liderança mundial. Não constituiu surpresa o fato de ela não ter passado despercebida. O acordo a que chegaram anteriormente as duas organizações, esteve em perigo de rompimento mas, finalmente, as duas partes assentaram-se juntas, para negociarem, e as relações alcançaram, gradativamente, um nível satisfatório, embora sempre haja espaço para melhoramento. Em nossa opinião, a raiz do problema foi que o Movimento feminino, embora reclamasse, vigorosamente, identidade separada, não tinha conseguido convencer o público a encará-lo sob este aspecto. Para o público em geral, havia apenas uma forma do Escotismo — a de B.P. Está razoavelmente indiferente ao fato de que rapazes e moças estão filiados a movimentos separados, cada um dos quais com suas próprias organizações independentes.

Todavia, uma análise deste problema não constitui objetivo deste livro.

Retornando ao assunto da Conferência: — um delegado apresentou uma sugestão chistosa, embora proposta com seriedade, que o Bureau Mundial fosse mudado de Genebra para Manila, em virtude do elevado custo das operações na Suíça. A moção foi debatida de maneira democrática e com toda a seriedade, uma vez que a cidade de Calvin é, deveras, onde os custos são mais elevadas do mundo.

"Dê-nos boas políticas e nos lhe proveremos sadias finanças" disse o Ministro das Finanças a Luiz Felipe quando o rei queixou-se de que os cofres reais estavam vazios. O Bureau fez todos os esforços para um bom desempenho de suas atividades, a fim de atrair fundos, mas o "inimigo" era terrível; a perda, no valor do dólar, significava que pelas mesmas importâncias levantadas com tal esforço, os bancos de Genebra estavam pagando, cada vez menos, em francos suíços, e, finalmente, apenas menos da metade, acrescentado ao qual o horrendo aspecto da inflação aparecia junto com os primeiros sinais de recessão.

A declaração no estudo, que o Movimento não podia ser administrado com belos sentimentos e boas intenções, foi finalmente entendida pelos últimos oponentes da reforma e da administração organizada, como dos negócios de uma empresa.

E. Bower Carty, eleito Presidente do novo Comitê em Nairóbi, e um dos maiores e mais influentes pensadores do Escotismo moderno, apontou o caminho ao futuro: "Os recursos disponíveis, a níveis regionais e mundial, irrespectivamente de quão grande possam ser, nunca nos permitirão que empreendamos todas as coisas que nos pareçam ser importantes.

Isto significa que haverá, inevitavelmente, um problema extraordinariamente difícil de determinação de quais são as mais importantes. Em minha opinião, precisamos poupar cuidadosamente nossos recursos e destiná-los a tarefas que, direta e mensuravelmente contribuam para trazer um Escotismo relevante, digno de nota, aos associados e aos membros em potencial. "

17. Produzindo mais com menos

Nos quatro anos subseqüentes (1973 a 1977) o Escotismo Mundial não teve outra opção que a de fazer mais com menos. Crescer, melhorar, progredir, mas em escala restrita — crescer pouco, por assim dizer.

Contudo, os 14 milhões de Escoteiros, nas 109 Associações nacionais, necessitavam mais do que nunca. O Escotismo Mundial adaptou-se, com certa dificuldade, ao período de relativa austeridade, sem se dar conta de que era apenas o começo. A hora da verdade chegou em 1973-1974. O orçamento da organização entrou no vermelho e começou a mostrar um pequeno déficit. Havia apenas duas opções, para corrigir a situação: aumentar a receita, ou reduzir os gastos.

Enquanto esperava realizar a primeira, a segunda foi posta em vigor. O quadro de pessoal, em Genebra, foi reduzido, de 37 para 29 pessoas, embora medidas semelhantes não tivessem sido tomadas nos escritórios regionais.

Um esforço foi feito para reduzir o número de dispendiosas viagens ao exterior, mas com pouco sucesso, devido à demanda das Associações a Genebra e de seus cinco escritórios, para continuarem seus serviços "in loco". Em diversas situações delicadas, a presença do Secretário-Geral foi solicitada com urgência para solucionar problemas e dar proteção às Associações-Membros contra interferência externa, especialmente por parte de governos. Assim, as viagens ao exterior não puderam ser evitadas. A própria natureza dos serviços prestados pelo Bureau exigia ação no campo.

A inevitável campanha de economia não fez parar o progresso da renovação, embora ele prosseguisse a ritmo mais vagaroso. Utilizando-se de pesquisas de opinião, feitas em Conferências anteriores, e a sua própria imaginação, um grupo de estudos examinou

os meios para melhorar o conteúdo e a organização técnica das futuras Conferências. Uma outra equipe cuidou do aperfeiçoamento do sistema de comunicações internas, e uma terceira reexaminou as estruturas dos comitês permanentes e dos grupos de trabalho para garantir, com o Bureau, que mais serviço com menor custo, fosse prestado ao Movimento. Como resultado, uma estrutura, composta de três divisões, dos comitês e do Bureau, foi criada, em 1974: Operações, Métodos Operacionais e Serviços de apoio, com responsabilidades distintas atribuídas a cada uma delas, tanto dos voluntários como dos profissionais.

Muito cuidado foi tomado para evitar burocracia em excesso, ou super-organização.

A despeito da situação financeira desfavorável, vários projetos importantes foram iniciados, tais como o de um estudo empreendido em colaboração com a Universidade de Groningen, sobre a penetração em potencial do Escotismo em regiões rurais da África. Um filme a cores, intitulado "This too is Scouting" ("Isto também é Escotismo") foi produzido para apresentar a nova face do Escotismo que dali por diante procurou recrutar seus membros onde os jovens mais necessitavam da educação escoteira e não apenas em áreas onde o recrutamento era relativamente fácil. Esta abordagem do problema não era apenas complementar às formas tradicionais e convencionais de educação — família, escola e igreja — como também, muitas vezes era uma substituição delas e oferecia à juventude desprivilegiada uma oportunidade para romper o ciclo vicioso da falta de educação e desemprego.

Os eleitorados tradicionais não foram de forma alguma esquecidos mas, embora prestando a eles os mesmos serviços como antes foram prestados, um esforço foi feito para conscientizá-los das circunstâncias miseráveis de alguns de seus irmãos menos privilegiados, no Movimento. Programas novos, que romperam tradições escoteiras foram introduzidos, como por exemplo o da "educação sobre o abuso de drogas", e foram bem recebidos. Os velhos e os novos estavam, assim, misturados, em doses cuidadosas.

Permanecer fiel a B.P., sempre havia sido um princípio sagrado, a fim de preservar a originalidade e a própria identidade do Escotismo. Entretanto, era também importante modernizar e renovar constantemente, de sorte a reter a lealdade dos jovens que tinham

depositado sua confiança no Movimento. Para ser útil, e visto como tal, era também indispensável, para reter a simpatia e a ajuda dos apoiadores do Escotismo, e do público em geral.

O período de 1973 a 1977 testemunhou mudanças significativas no tipo de apoio ao Movimento. Havia um limite sobre durante quanto tempo o parafuso financeiro podia ser apertado, através do aumento das taxas de registro. O Bureau foi, assim, obrigado a procurar outros recursos. Esperava-se que doadores tradicionais, como a Fundação Woodland, continuassem ajudando, bem como a fundação Vollmer, que havia concordado em financiar campanhas de levantamento de fundos durante 12 anos, e a USFIS (United States Foundation for International Scouting) — a generosa apoiadora do Escotismo Internacional, cuja contínua generosidade foi um fator fundamental por detrás do lançamento do programa de renovação. A estas três Fundações privadas, benfeitoras generosas, tinha se juntado uma outra Fundação privada japonesa, — a "Expo 70" — e, mais tarde, outras duas grandes agências governamentais norte-americanas: a USAID (EUA) e a CIDA (Canadá). Financiadas com fundos públicos, estas duas agências ainda contribuem exclusivamente para fins de co-financiamento de projetos escoteiros, nos diversos campos de desenvolvimento comunitário, que incluem a educação, execução de projetos, reflorestamento, erradicação do analfabetismo, melhoramento de técnicas agrícolas, treinamento profissional, educação sanitária e outras atividades similares.

Assim, a Organização Escoteira Mundial estava ainda fiel a seus objetivos originais. Não houve intenção de torná-la uma agência de desenvolvimento. A principal finalidade de tais projetos não era o valor econômico deles, mas sim o seu valor educacional e auto-educativo que permaneceu como o primordial, senão único objetivo do Movimento.

As más notícias, na época, foram as da inesperada queda do número de filiados, em determinados países industrializados; primeiro na Europa e, mais tarde, nos EUA. Entre as razões apontadas, foram as da liderança inadequada, fracasso na adaptação dos programas aos requisitos modernos, um clima econômico sombrio, queda na taxa de nascimentos, facções dissidentes e outros fatores negativos. As perdas havidas na Europa e nos EUA foram compensadas pelos passos extraordinários dados pelo Escotismo no Terceiro

Mundo. Em 1968, os países industrializados representavam 75% do número total de filiados e mais de 50% da população escoteira era oriunda de países anglo-saxões. Mas, a situação já estava sendo invertida. Em 1970, as nações industrializadas tornaram-se minoria. Com a Ásia, isoladamente, fornecendo a metade da população escoteira, o Terceiro Mundo alcançara a maioria.

A transformação teve repercussões inevitáveis sobre os conteúdos dos programas. As necessidades dos sofisticados jovens de Londres, Paris, Zurich, Boston, Estocolmo e outras cidades européias e americanas, eram radicalmente diferentes das que tinham os jovens das florestas tropicais do Sudeste Asiático.

O modelo alterado de filiação, teve, também, efeitos profundos sobre as receitas da Organização Mundial. Os recém-chegados, nem sempre estavam em condições de pagarem suas taxas que, entretanto, ainda representavam a principal fonte de renda da organização. Contudo, eles eram os que mais necessitavam ajuda e atendimento.

As nações mais favorecidas contribuíam com mais de 80% ao orçamento da Organização Mundial e necessitavam muito menos assistência — se é que, de fato, precisavam.

A recessão e a estagnação, nos países ricos, e uma queda do número de membros contribuintes, também levou a uma degradação das situações deles. E, o resultado disso foi que se tornaram cada vez mais hesitantes em pagarem as contas das nações mais pobres. O triste paradoxo era que as necessidades financeiras da Organização estavam em constante crescimento, especialmente devido ao sucesso do Escotismo no Terceiro Mundo.

Isto foi, contudo, mais outro desafio permanente ao Movimento. Muita imaginação e persuasão foi necessária para enfrentá-lo, não apenas para reforçar a solidariedade da Organização como também para prestar serviços de qualidade.

Foi nesta atmosfera enublada que o Escotismo Mundial encontrou, na Europa do Norte, cinco países — Suécia, Dinamarca, Noruega, Finlândia e Islândia — que tinham combinado seus recursos e talentos, para organizarem o Jamboree Mundial e a Conferência. O Jamboree foi aberto, em Lillehammer, pelo Rei da Noruega, um ex-Escoteiro. O evento atraiu uma grande multidão e saiu-se com perfeição. Nem mesmo uma gota de chuva — uma coisa rara, deve-

ras, em Jamboree — dispersou um ambiente harmonioso de um programa dedicado especialmente aos jovens. O sucesso dele foi um presságio auspicioso de uma Conferência frutífera, uma vez que já era quase tradição que, se a reunião dos rapazes fosse bem sucedida, a dos adultos, na Conferência, imediatamente depois, conduziria seus trâmites em um ambiente mais calmo e mais produtivo.

Isso, de fato, foi o que aconteceu. No total, 503 delegados e observadores procedentes de 87 países, afluíram a Copenhague. A Conferência solucionou várias questões de rotina; confirmou decisões tomadas pelo Comitê Mundial entre as Conferências; autorizou o Comitê a modificar o plano em andamento, à luz dos recentes acontecimentos e, finalmente, pediu que ele examinasse o Capítulo II, da Constituição — Objetivos, Princípios e Métodos — a fim de revisar o texto.

O Professor Bohdan, o principal líder em Copenhague, falou sobre a administração moderna de Associações Escoteiras e os delegados repetiram, literalmente, as palavras dele. Sir Peter Scott, Presidente do World Wildlife Fund (WWF), reapresentou propostas concretas sobre a já íntima associação entre a organização dele e o Escotismo. O Presidente do Comitê Mundial da WAGGGS, fez um notável discurso sobre o desenvolvimento das relações, muitas vezes delicadas, entre os Movimentos masculino e feminino, com uma exortação à renovação do diálogo.

O alvo principal do Escotismo — os rapazes — não foi esquecido nesta reunião mundial de adultos, e tampouco nas apresentações, grupos de trabalho e na prática. Como acompanhamento simultâneo ao Jamboree, foi lançada uma importante inovação — o "Join-in-Jamboree".

Este foi um convite, para oferecer o programa do Jamboree a todos os rapazes, muitos dos quais não tiveram condições de chegar até Lillehammer.

O Bureau fez grandes esforços para organizar o evento. Escoteiros, em toda a parte do mundo, foram convidados a participarem de um Jamboree onde quer que estivessem, enquanto acontecia o Jamboree, de maneira a experimentarem a mesma aventura, e, ao mesmo tempo, preservando o sabor internacional do Jamboree principal e organizando os mesmos programas culturais, com ênfase sobre aqueles dos cinco países anfitriões escandinavos. Seria im-

possível apresentar o número de jovens que participaram dos "Join-in-Jamborees" desde então, mas atinge a milhões.

A descentralização do Movimento e sua internacionalização continuou, em todos os níveis. Como exemplo: O Comitê Mundial, eleito em Copenhague, em 1965, era composto por três europeus, três americanos (do Norte e do Sul), três asiáticos, dois africanos e um árabe.

Tanto para o Comitê Mundial como para o Bureau — que então, já eram tanto multinacionais quanto multiculturais — havia mais do que suficiente a fazer. Várias medidas importantes foram tomadas, antes da próxima Conferência em 1977, em Montreal: — finalizar a nova Constituição, incluindo alguns de seus artigos fundamentais; revisar e melhorar os serviços técnicos, educacionais e administrativos; e, finalmente, encontrar uma solução para a precária, ameaçadora, situação financeira, e decidir sobre o escopo e o cronograma de tempo das reformas propostas.

Nos poucos meses que precederam a Conferência de Montreal (18-23 de julho de 1977), houve animados debates sobre como achar uma resposta para a crise financeira, que atendesse às necessidades da organização e ainda fosse aceitável pelos membros. A reação foi normal. Todos tinham idéias brilhantes sobre como os "outros" deveriam contribuir para solucionar a crise. Como de costume, houve muitos especialistas em como o dinheiro deveria ser gasto, mas poucos estavam dispostos a dar ou tornarem-se pessoalmente envolvidos na tomada de medidas concretas, para levantar os fundos tão urgentemente necessitados.

Pouca admiração causou, portanto, que o assunto finanças ameaçou dominar os trabalhos em Montreal, onde, por sugestão de três grandes Associações anglo-saxônicas, foi decidido convocar os serviços de um consultor externo, especialista em administração financeira, para examinar se a administração financeira do Bureau era correta e, caso contrário, encontrar formas e meios de corrigi-la. Um grupo interno de trabalho foi criado em Montreal, para elaborar um método mais equitativo dos custos, para as Associações. A Conferência debateu questões tão familiares como as relações com o Movimento Feminino e eventos e acontecimentos futuros.

Conforme anteriormente mencionado, esperava-se que os debates sobre princípios fundamentais fossem tensos e altamente deli-

cados, não devido ao ambiente geral na comunidade escoteira, que era satisfatório, mas sim em virtude dos debates sobre finanças, que muitos receavam, levariam à troca de palavras ásperas e a uma deterioração geral da atmosfera reinante na Conferência. Aqueles receios provaram ser infundados. O espírito escoteiro e a abordagem sensata dos participantes eliminaram a tensão. Os artigos novos da Constituição, que redefiniam os objetivos, princípios e métodos, do Movimento, foram aceitos, após uma certa porção de animado debate que, entretanto, permaneceu cortês e positivo. Que um tão delicado assunto pudesse ser debatido — porque, afinal a maioria destes artigos fundamentais tinha sido redigida ou, pelo menos, inspirada pelo próprio B.P. — foi uma prova eloqüente de que, após as tormentas ocorridas na década de 60, a paz e a serenidade tinham sido restauradas no seio da organização. Além disso, métodos melhorados de trabalho, reduziram o risco de entrechoques durante as discussões e debates. Por exemplo — antes que esta questão básica surgisse para discussão pela sessão plenária, houve intercâmbios de opiniões, em um Comitê especial, criado pela Conferência, que necessitou apenas votar sobre as propostas, sem mais debate.

Este procedimento já tinha se tornado padronizado. Assim, tudo prosseguiu calmamente em Montreal e a pesquisa de opinião, feita entre os participantes, revelou que 89% estavam satisfeitos com o conteúdo da Conferência; 92,7% favoráveis aos métodos de trabalho; 91,1% aprovavam a forma pela qual ela tinha sido elaborada e 92,7% estavam satisfeitos com sua organização técnica.

A impressão geral, sobre o futuro, era de otimismo moderado. O Professor Willis H. Harman, do Stanford Research Institute, orador principal da Conferência, que apresentou o tema "Escotismo para o Futuro", e é autoridade reconhecida sobre o assunto, pintou um quadro otimista do futuro do Escotismo. Os debates e reuniões de grupos, após a palestra dele, mostraram que o mundo escoteiro nada tinha a temer do futuro contanto que se preparasse para enfrentá-lo.

"O sucesso tem muitos pais; o fracasso é órfão" — diz o adágio popular.

Os artesãos do sucesso do Escotismo foram facilmente identificados, ou rápidos em reivindicarem a identidade deles. Dois fatores

tinham emergido: a estagnação ou mesmo queda do número de filiados, especialmente nos países industrializados ou com fundos insuficientes. Não havia sentido em procurar bodes expiatórios. O essencial era procurar causas e encontrar os remédios.

Muita pesquisa, reflexão e estudo de experiência anterior entrou na formulação do diagnóstico das causas determinantes da queda de filiação nos países industrializados e das quais resultou que ela fosse gradativamente parada, se não inteiramente interrompida. Hoje, mais de 16 milhões de jovens são filiados a associações reconhecidas, sem incluir cerca de dez milhões de moças registradas na Associação Mundial de Moças-Guias e Moças Escoteiras. Esta tendência ambígua e contraditória — crescimento, decréscimo, crescimento — com seus inúmeros problemas e dificuldades, foi, possivelmente, o maior obstáculo com que se defrontou a equipe de voluntários e profissionais, à qual tinha sido confiada a renovação do Movimento Escoteiro.

A situação financeira ainda era séria, especialmente devido à inflação, ao desemprego e à persistente recessão.

Foi tornada ainda mais difícil pelos conflitos armados, revoluções e guerras civis que tinham eclodido em vários países escoteiros. Para equilibrar o orçamento, uma segunda operação cirúrgica — adiada até janeiro de 1979 — teve de ser executada, no quadro de pessoal de Genebra, colocando, destarte, um fardo quase intolerável sobre uma equipe já sobrecarregada. Mas, como "cada nuvem escura tem uma guarnição prateada", os dolorosos cortes também conduziram a medidas mais racionais para a sobrevivência.

Entre os acontecimentos mais positivos, foi o do renascimento da Fundação Escoteira Mundial, em 1977, com o Rei Carlos Gustavo XVI, da Suécia, como Presidente Honorário.

A Fundação lançou uma enérgica campanha de levantamento de fundos, que possibilitou à organização respirar novamente. Mais, sobre isto, será dito mais tarde.

Quanto a taxas de registro mais eqüitativas, as propostas foram aceitas pela Conferência de Birmingham, em 1979, que representou um passo decisivo para uma mais razoável distribuição de custos, há tanto tempo desejada. Os totalmente destituídos de recursos, dali em diante pagaram apenas uma taxa simbólica, enquanto que os que desfrutavam de melhores condições pagavam

mais. A escala de emolumentos foi ajustada ao GNP de cada país, talvez não a um sistema perfeito, mas suficientemente razoável por falta de um melhor.

Birmingham não foi a escolha original para o Jamboree e a Conferência de 1979. Os eventos deveriam ser realizados em Teerã (Irã), mas já no verão de 1978 havia sérias dúvidas quanto à organização de eventos, que envolviam 15.000 jovens, neste país agitado. Os numerosos e bem organizados Escoteiros iranianos estavam otimistas. Às consultas urgentes, do Comitê e do Bureau, respondiam: "Podemos, e queremos eliminar todas as inconveniências e dificuldades, exceto aquelas que estão fora de nosso controle, como as ondas de calor." O resto da história é conhecida. Os eventos que envolveram a deposição do Xá, e o estabelecimento do "governo por um homem" reabriu o enfadonho arquivo rotulado "Escotismo e Políticos". O problema é tão antigo como o Escotismo. Em seus 78 anos de existência, o Movimento adquiriu experiência considerável no trato com ditadores e regimes totalitários que visam supressão, controle ou sujeição do Escotismo. O cenário tem se tornado familiar e muito tempo e energia são necessários para ensinar os zelosos e doutrinários protagonistas da juventude sob o controle do governo, que o empreendimento deles está condenado ao fracasso, a despeito de todos os recursos que comandam.

Todavia, o outono de 1978 não era época para se fazer reflexões filosóficas. Um outro local tinha de ser encontrado rapidamente, que fosse bem equipado e de fácil acesso a todos, para sede da Conferência Mundial e o Jamboree alguns meses mais tarde. Isto, sem mencionar o recebimento de jovens, procedentes de mais de 100 países, para os quais a viagem significa todos os tipos de autorizações especiais e de concessões de câmbio em moedas fortes — que, em determinados países não estavam prontamente disponíveis.

A prova de que o Escotismo tinha alcançado um certo grau de sofisticação, capacidade organizacional e flexibilidade, estava no sucesso da Conferência de Birmingham, a qual atraiu 536 participantes, de 83 países, igualando-se ao evento de 1977, em Montreal.

A organização de uma substituição para o evento dos rapazes — o próprio Jamboree — era mais difícil.

Uma solução feliz foi encontrada através da decisão tomada pelo Comitê Mundial, que declarou 1979 o "Ano do Jamboree

Mundial", durante o qual três enormes acampamentos internacionais foram organizados, na Suécia, Suíça e Austrália, mais, 38 minijamborees que reuniram cerca de 100.000 rapazes e moças, as últimas comparecendo, pela primeira vez, a um evento que anteriormente era planejado para rapazes apenas.

A Conferência de Birmingham foi um destacado sucesso, apesar do reduzido prazo de preparação, que foi de apenas seis meses. Os anfitriões britânicos executaram um excelente trabalho. A resolução mais importante a ser aceita, era concernente ao novo sistema de taxas de registro. Os delegados escutaram, com alívio e satisfação, o relatório preliminar, elaborado pelos consultores financeiros independentes, sobre a administração financeira da Organização, ao qual deram integral aprovação.

Tendo finalizado sua tarefa, o Comitê de Estudos, que tinha sido criado em 1977, foi dissolvido e recebeu calorosos agradecimentos, na Conferência seguinte, realizada em 1981, em Dakar (Senegal).

Nos dois anos decorridos, entre as Conferências de Birmingham e de Dakar, fatos importantes tinham ocorrido no mundo escoteiro. Entretanto, não há necessidade de nos estendermos sobre os melhoramentos estruturais e institucionais, revisão e readaptação de programas, visto que se tornaram características permanentes da vida normal da Organização que, fiel ao significado do termo "Movimento", está sujeita a constantes mudanças, sob uma administração controlada.

O Escotismo pode não ser o tipo comum de empresa que, tem ênfase sobre a educação contudo, os problemas financeiros precisavam ser tratados com muito cuidado.

A Fundação Escoteira Mundial vivificada, oferecia a melhor esperança de cura às doenças financeiras — uma doença crônica, na maioria das organizações que não visam lucros.

Como Presidente-Honorário, o Rei da Suécia, um escoteiro militante em sua mocidade, e cujo pai tinha também sido um Presidente-Honorário, muito ativo, do Comitê Internacional, era uma garantia da qualidade moral da Fundação.

A Fundação não endossa a opinião geral, segundo a qual "o dinheiro não tem cheiro", e, portanto somente aceita doações de fontes que são impecáveis. Seu Presidente, Gustavo J. Vollmer, —

que assumiu o posto em 1979, em substituição a William D. Campbell, como Presidente-Honorário do Comitê Mundial — dedicou, não apenas suas energias incansáveis como também, suas habilidades de comunicação, à Fundação. O seu Diretor-Geral Fritz Vollmar, pôs à disposição dela, sua disciplina, de um Coronel do Quadro do Estado Maior do Exército Suíço, como também as suas experiências de 13 anos no posto de Diretor-Geral do "World Wildlife Fund".

Hoje, a Fundação tem um Capital de 12 milhões de francos suíços — apenas um começo — que rende juros substanciais, anualmente, para acrescentar à renda normal do Movimento Escoteiro.

Contudo, "não somente de pão vive o homem" ... e o objetivo do Movimento ainda continua sendo a educação dos rapazes.

A Conferência Mundial, em Dakar, que se realizou durante o período de 10 a 14 de agosto de 1981, foi a 28ª de sua espécie e a ela compareceram 426 delegados, de 74 países, um número pouco superior ao verificado nas Conferências anteriores. A Conferência foi aberta pelo Presidente Abdou Diauf, o Chefe de Estado.

Visto que não houve a questão de aumento de taxas de registro e o orçamento apresentava pequeno déficit, não foi perdido tempo em discutir o problema do dinheiro — que, todavia, ainda estava faltando.

Cada dia havia um item novo na agenda: — "Tempo para Ação".

Várias organizações escoteiras apresentaram filmes e "clips" audiovisuais, para mostrar o impacto local dos programas e atividades delas, sobre assuntos tais como: incapacitação física, analfabetismo, projetos de cooperação entre países industrializados e em desenvolvimento, reflorestamento, produção de alimentos e outros exemplos de ação comunitária positiva.

A Conferência debateu os preparativos finais para o lançamento do "The Year of the Scout" ("O Ano do Escoteiro"), destinado a comemorar o 75º Aniversário da Fundação do Movimento e também o 125º Aniversário do nascimento de Robert Baden-Powell, seu Fundador. A data do lançamento foi fixada para o dia 22 de fevereiro de 1982, dia do aniversário de B. P., e foi decidido que a cerimônia de encerramento desta comemoração especial aconteceria no dia 14 de julho de 1983, no 15º Jamboree Mundial, em Kanas-kis, nas Montanhas Rochosas Canadenses.

Consoante os termos da Constituição, um terço dos membros do Comitê Mundial foi reeleito e, pela primeira vez, um muçulmano foi escolhido para ser o Presidente.

Em seu retorno à Suíça, a equipe de Genebra teve uma agradável surpresa: a UNESCO tinha concedido ao Movimento Escoteiro o seu 1º Prêmio de Educação pela Paz; no dia 1º de outubro de 1981, o Secretário-Geral recebeu esta alta distinção em uma cerimônia memorável, em Paris, perante uma platéia um tanto surpresa que achava difícil aceitar o fato de que um prêmio concedido por esforços no campo da paz pudesse ser outorgado a uma organização nascida durante uma guerra colonial e fundada por um general do exército. A honraria inesperada deveria corrigir a falsa impressão que permanecia em algumas mentes de que o Escotismo é um movimento paramilitar da juventude burguesa à procura de aventuras.

No ano seguinte, o "Prêmio Schmidheiny pela Liberdade", foi concedido ao Movimento em reconhecimento da Contribuição do Escotismo à preservação da dignidade humana em uma sociedade livre.

Homenagens continuaram sendo prestadas ao Movimento. O Rotary Internacional outorgou sua Citação Presidencial à Organização Mundial do Movimento Escoteiro, e uma distinção semelhante foi concedida, em 1983, pela Kiwanis Internacional.

Finalmente, em 1984, o Escotismo recebeu a "Rotary Award for World Understanding" (Comenda do Rotary pelo Entendimento Mundial).

O Ano do Escoteiro excedeu a todas às expectativas: mais de um milhão de novos membros; uma imprensa favorável; atividades especiais em mais de 100 países; emissões especiais de selos em 75 países; e, pela primeira vez na história do escotismo, vários bancos estatais emitiram moedas correntes com a efígie e o timbre do aniversário de B. P.

Foi sob estes auspícios mais favoráveis que 16.000 jovens, inclusive mil moças, admitidas oficialmente pela primeira vez, celebraram o encerramento do Ano do Escoteiro em um Jamboree cheio de emoções.

A 29ª Conferência Mundial, reunida no período de 18 a 22 de julho de 1983, em Dearbor (EUA), não teve nenhuma intenção de

ser sobrepujada no "evento de rapazes" que agora era, também, um "evento de moças".

A Organização foi impecável, e os 606 delegados que convergiram para as praias do Lago Michigan, receberam as mais calorosas boas-vindas.

Um problema delicado e persistente foi solucionado nesta Conferência, concernente ao reconhecimento de "miniestados" — um nome não muito lisongeiro, atribuído aos países muito pequenos.

Não menos independentes do que qualquer das nações maiores, eles gozam dos mesmos direitos de voto, na organização das Nações Unidas.

Embora fiel aos princípios da democracia, isto cria problemas embaraçosos. O objetivo foi o de evitar esta espécie de situação no Movimento Escoteiro que — no interesse de defender as nações pequenas, recusou-se a dar votos extras às maiores, embora aproximadamente uma dúzia delas representem 90% da população escoteira e suportem a porção mais pesada do fardo financeiro.

Se o Movimento tivesse cometido o mesmo erro em que incorreram as organizações internacionais, dando um voto irrestrito aos "Miniestados", poderia surgir uma situação, no futuro, em que a maioria, composta de dois terços dos Estados-Membros, poderia votar qualquer espécie de modificação à Constituição Escoteira e, destarte, mudar os objetivos, espírito e fundamentos básicos dela, embora ainda representasse apenas menos de 5% do total de membros registrados e pagos.

Teoricamente, seria também possível à Conferência eleger — como sempre ocorreu, por voto secreto, conforme exigido pela Constituição — um Comitê Mundial, composto de 12 membros, oriundos de Associações-Membros, cujos números representariam não mais de 0, 1% do total da população escoteira.

Foi, portanto, decidido conceder todos os privilégios a estes pequenos países, que às vezes tinham apenas uma Tropa, mas não dar a eles direito à voto.

Isto pode parecer um pequeno detalhe ao leitor, mas é explicado, até certo ponto, para mostrar que a administração do Movimento Escoteiro Mundial não é tão fácil como possa ser imaginado por quem está no lado de fora.

O observador superficial, ou desinformado quase não encherá a ponta do "iceberg" e é inclinado a julgar pelas aparências.

O fato é que numerosas atividades do Escotismo Mundial ocorrem, freqüentemente, por detrás das cortinas e apenas indiretamente estão ligadas à parte visível do trabalho do Movimento.

A administração está constantemente realizando malabarismos, com muitas bolas no ar ao mesmo tempo.

Muita imaginação e intuição, bem como capacidades pedagógicas, são necessárias para a realização de um trabalho competente.

Direção e administração sadias, são, também, vitais, mas os trabalhos de cúpula são essencialmente políticos, mesmo em uma organização que esteja livre de discussões frívolas, intrigas políticas, grupos pressionadores e debates sem fim que montam a pouco mais do que a um diálogo de um sentido único.

Grande flexibilidade necessita ser exercida, que inclua habilidade política, a fim de impedir que o veneno dos políticos destrua a integridade do Movimento.

Durante 78 anos, o Escotismo tem evitado a armadilha, desde o memorável acampamento experimental, realizado na Ilha Brownsea, em 1907, e a publicação do livro "Escotismo para Rapazes" de autoria de B. P.

Ninguém nega que o Escotismo tem sido — e ainda é — um sucesso de âmbito mundial. Mesmo aqueles que se encontram sob regimes totalitários, que criticam o movimento — e freqüentemente o fazem em termos violentos — não hesitam em tomar emprestados alguns dos aspectos do Escotismo, a fim de adaptá-los a outras e menos dignas finalidades.

"Freqüentemente copiado, nunca igualado" é um "slogan" que pode ser perfeitamente aplicado ao grande Movimento fundado por B. P.

Como e por que isto é assim?

Uma tentativa é feita para responder a esta esquiva questão, na VI Parte deste livro, — "A Anatomia do Sucesso".

VI
A ANATOMIA DO
SUCESSO

18. 250 milhões de escoteiros

Temos absoluta convicção de que existe a nossa frente um futuro brilhante para o Escotismo.

No próximo Capítulo, tentaremos explicar nossas razões para este otimismo.

No momento, vamos analisar as razões dos sucessos ininterruptos alcançados durante os 78 anos do Movimento que teve seu início na nevoenta Ilha de Brownsea, como um experimento obscuro que, ocasionalmente, tornou-se em triunfo mundial.

Nos Capítulos anteriores, delineamos os principais eventos da história do Escotismo, começando com uma simples Patrulha, em um país, para chegar a ser hoje uma Organização Mundial que cobre 118 países, não incluindo aqueles que o Escotismo foi banido, por forças que estiveram além do seu controle.

Baseado em uma estimativa conservadora cerca de 250 milhões de pessoas têm recebido treinamento escoteiro, desde 1907. É concebível que um número tão elevado de pessoas fossem vítimas de uma ilusão, ou de brilhante manipulação? Dificilmente, como seria suposição a de admitir que o sucesso contínuo do Movimento é devido àquela expressão indefinível: "o espírito escoteiro".

Uma coisa é certa, no entanto: A metafísica nada tem a ver com a realidade do sucesso do Escotismo.

O fato de que um número surpreendente daqueles que passaram pela escola do Escotismo têm prosseguido na formação de carreiras distintas, sugeriria que existe algo especial, a respeito do valor educacional do Movimento. Alguns tornaram-se Chefes-de-Estado ou Governos, Ministros de Parlamntos. Outros emergiram como ganhadores do Prêmio Nobel, Acadêmicos, Artistas, Astronautas, líderes religiosos. A maioria deles olha seus anos de Escotismo com gratidão e nostalgia.

Poderia ser argüido que isto, não constitui nada de especial, mas simplesmente a confirmação de um fato estatístico: Escoteiros têm, tradicionalmente, vindo dos níveis mais afluentes da sociedade, assim, o sucesso dele é apenas natural.

Mas, no outro lado da moeda, durante muitos anos os Escoteiros foram também recrutados entre as classes desprivilegiadas, e o sucesso deles mais tarde, na vida, foi igualmente impressionante. E, contudo, é uma outra prova de que deve haver algo especial a respeito da educação escoteira.

O valor educacional dela, raramente tem sido questionado, mas há registros que mostram que o Escotismo tem consistentemente, sido alvo de críticas, mesmo da parte daqueles que não eram basicamente hostis aos objetivos dele.

Em uma resenha crítica de um livro, recentemente publicado em uma revista semanal bem conhecida, de Paris, o autor dela gastou seu vasto repertório de adjetivos para descrever a característica principal do livro, que aparentemente era ingênuo, sem colorido e enfadonho, terminando com o que deve ter julgado ser a mais grave de todas as acusações: "muito escoteiro".

Uma outra publicação de Paris — desta vez da área técnica — trazia um anúncio com os dizeres seguintes:

"Pode alguém ser, ao mesmo tempo, especialista em computador e escoteiro?"

A resposta imediata, no texto era: "Obviamente, Não!", seguida de uma descrição de alguém, detentor de um caráter simples, ingênuo e honesto que, na imaginação do escrivinhador, nunca poderia atingir o nível intelectual de um especialista em computadores, visto que ele exige qualidades que os Escoteiros normalmente não possuem.

Obviamente, esta espécie de generalização mal-feita, diz muito mais a respeito de autores do que sobre o Escotismo.

Está ainda presente nas mentes de muitas pessoas e até mesmo nas daquelas que têm uma certa simpatia pelo Escotismo, a imagem do Escoteiro: — um rapaz ingênuo, que usa calças curtas e chapéu de aba larga, e perambula pelo mato.

A resposta singela, é que cerca de 250 milhões de escoteiros, do passado e do presente, não podem estar errados. Eles filiaram-se ao Movimento por sua livre e espontânea opção e nele permaneceram e aceitaram os sacrifícios que envolviam uma participação ativa.

Tudo isto, em um mundo onde, aos jovens, tanto é oferecido, em uma baixela de prata, em termos de diversão, prazer e emoções.

O desenvolvimento da personalidade e de um senso de esforço, não é "bom negócio", hoje. Entretanto, atrevemo-nos a dizer que uma das chaves para o sucesso do Escotismo reside no fato de ele sempre ter nadado contra a maré. Mas isso, isoladamente, não explica o sucesso dele. É bastante estranho que o próprio B.P. nunca parou para perguntar a si mesmo por que o Escotismo era tão popular aos jovens. Ele pode ter falado a respeito disso, indiretamente, como por exemplo, na sua palestra com Mussolini, quando afirmou ao ditador italiano, em termos ásperos que o Movimento "Balilla" dele, mal baseado no Escotismo, nunca daria certo. Nas palavras de B.P. naquele encontro histórico com Mussolini: "O Movimento Balilla era uma organização oficial, e não voluntária; visava ao nacionalismo partidário, ao invés de um bom sentimento internacional mais amplo; era puramente físico, sem qualquer equilíbrio espiritual, e desenvolvia a coesão da massa popular ao invés do caráter individual".

Olhemos um pouco mais de perto os fatores que estão por detrás do sucesso do Movimento Escoteiro.

Conforme foi mencionado no começo deste livro a aproximação de B.P. aos jovens, foi singular, para a época dele; falou a eles diretamente, sem intermediários, algo que era totalmente novo aos costumes e tradições da educação. Não apenas isto, mas o conteúdo de seu programa e a forma original pela qual foi apresentado, desempenharam um papel essencial.

O Escotismo continha um apelo natural aos jovens: aprender através de jogos — a maneira mais natural e normal para as crianças aprenderem e desenvolverem suas qualidades inatas e cristalizada na idéia simples de "Patrulha" — um bando pequeno de jovens que tomavam suas próprias decisões, ajudando-se mutuamente. Depois, havia a "Tropa", um grupo maior para incentivar o esforço conjunto e o espírito de democracia. Havia, também, o "Acampamento" e a "vida ao ar livre", uma sensação de liberdade e de enfrentar as realidades da vida; a "Lei e Promessa", — uma oportunidade de prestar compromisso voluntário e um desafio à autoafirmação pessoal e ao desenvolvimento espiritual; a autoeducação, porta para a independência e uma sensação de responsa-

bilidade; um mito, o escoteiro como idealizador e construtor; uma idéia de paz e de fraternidade universal; e os símbolos: o uniforme e seus emblemas e decorações.

Jogos

Para a criança, jogar é um assunto sério; e uma forma de entender o mundo e vê-lo através de seus próprios olhos e de reproduzi-lo com suas próprias palavras. Muito do que fazemos na vida tem uma finalidade, mas não necessariamente um significado.

Jogar é exatamente o oposto: não tem objetivo, mas dá um significado à vida.

Através do jogo, a criança sintetiza o presente e o futuro e separa o que é imaginação e realidade. É uma afirmação de caráter e uma manifestação do desejo de viver. Há muitas razões para que se aceite a definição genético-funcional de brincar, que B.P. compartilhou com destacados psicólogos do mundo.

O ponto fundamental é saber que jogo a gente está jogando; como jogá-lo; e em que idade. Em qualquer evento, os mecanismos permanecem os mesmos. Jogar é ação vista através da imaginação. Pressupõe espaço e papéis, regras e associações. Um exemplo típico é a forma pela qual as criancinhas agem, fora do cenário delas da Copa de Futebol Mundial. O mesmo aplica-se aos jovens na faixa etária dos 13 aos 19 anos, e B. P. entendeu isto. É a espécie de dinâmica que explica por que as pessoas de nossa época vão trabalhar em projetos de desenvolvimento comunitário.

É verdade que os poços perfurados por Escoteiros em Burkina Faso (ex-Alto Volta), não irão solucionar o problema da estiagem na região do SAHEL, mas ao fazê-los, eles entendem o significado simbólico da ação deles — unirem-se em um projeto; concordarem sobre os papéis deles e observarem certas regras técnicas e de relacionamento.

Isto é também um jogo — o jogo escoteiro, mas em escala diferente.

O jogo adolescente não é nenhum luxo nem diversão, mesmo em idade escoteira, e em países onde a puberdade começa mais cedo. Há muito tempo não tem sido isso, visto que os adolescentes das classes menos carentes, que preferiam jogar ao invés de traba-

lhar, eram considerados fúteis, o que levou Sartre a observar: "A adolescência é um fenômeno da Burguesia".

Hoje, o jogo é universalmente aceito. Somente sua natureza e qualidade variam. Pode ser um simples passatempo, uma ocupação criativa, um treinamento com ou sem agitação, a perseguição livre de objetivos imaginários, uma condescendência sem objetivos em uma atividade sem significado, uma aprendizagem e muitas outras coisas.

O ponto essencial é o de oferecer aos jovens os jogos que correspondem às idades, necessidades e aspirações.

Um rapaz necessita independência. O Escotismo oferece a ele um método educacional, do qual ele aprende a dispensar, gradativamente, os adultos e os educadores.

Entrementes, necessita viver em segurança; a princípio esquiva-se de aceitar responsabilidades totais; é feliz por desenvolver seu senso de iniciativa, em parte, através da prática de jogos. A disciplina e as regras de jogo necessárias, são aceitas com boa vontade — e tudo isto constitui uma preparação sadia para a vida de adulto.

O sistema de patrulha

A Patrulha é a célula básica do Escotismo. Não é uma subdivisão da Tropa. Consiste de um pequeno grupo que tem grande autonomia, capaz de tomar decisões e de organizar-se sob a orientação de um Líder de Patrulha — um jovem que tem quase a mesma idade dos demais.

Não é um grupo organizado, sem objetivos, que passivamente recebe ordens superiores. Não é tampouco uma Tropa, sujeita a/e controlada por superiores, mas sim uma unidade social compacta, onde o próprio jovem adquire suas primeiras idéias do trabalho em equipe, solidariedade, satisfação pela execução da tarefa, e onde aprende a compartilhar do sucesso e das decepções, como membro de uma equipe. O que não significa que tudo sempre corra sem problemas, dentro da Patrulha. Há tensões, fracassos e frustrações inevitáveis, mas isto também faz parte do jogo de aprender como viver.

Para desenvolver um senso de responsabilidade, a idéia de

prestar serviços para, e de respeitar os demais, é também uma experiência individual, que não pode ser aprendida isoladamente.

Em uma das últimas edições do livro "Scouting for Boys" ("Escotismo para Rapazes"), B.P. deplorou o fato de que o valor do Sistema de Patrulha e da "Court of Honour" ("Corte de Honra") talvez não tivessem sido tratados com seriedade bastante, nas edições anteriores. Ele definiu-o como

"a característica essencial na qual o treinamento escoteiro difere daquele recebido em todas as outras organizações. Onde o Sistema de Patrulha for corretamente aplicado só pode levar ao sucesso".

A tropa

A Tropa é uma entidade um pouco maior, onde a solidariedade, cooperação, assistência mútua, divisão de trabalho e o descobrimento de outras são praticadas em nível mais elevado. Uma boa Tropa não é um lugar para rivalidades, para competição feroz onde o objetivo do jogo não é o de jogar, mas sim o de ganhar. É um grupo no qual dificuldades e problemas são superados em conjunto, e a pequena equipe de adultos jovens, da Tropa, não é composta de policiais ou guardiães da ordem e disciplina, mas sim de irmãos mais velhos que, por motivo de suas experiências e grande maturidade, trazem um aumentado senso de segurança — algo semelhante à do artista-mestre do trapézio, que estende uma rede de segurança para ousados principiantes. A Tropa não é uma oficina fechada. A porta dela está sempre aberta, sem demora, às demais Tropas da irmandade, em âmbito mundial.

O acampamento e a natureza

A natureza é o lugar favorito para as atividades escoteiras. Um local para relaxar, descansar; uma estrutura ideal para aventuras, que contribui para uma boa saúde, longe dos centros urbanos superpopulosos, distante das multidões enlouquecedoras, um lugar-desonhos, para a prática de jogos... e, em contraste, um ambiente de tolerância à fadiga, fome, sede, esforço físico e desconforto. A natureza é parte integrante da estrutura do Escotismo.

Outrora praticado somente pelos Escoteiros, o "camping" (ou

"Acampamento") tornou-se uma indústria de turismo, altamente comercializada. Os jovens que hoje invadem a natureza, não estão procurando o mesmo tipo de aventura que os Escoteiros sempre procuraram.

O morador da cidade, que outrora era hóspede da natureza, agora conquistou-a e, até mesmo, violou-a, razão pela qual as atividades escoteiras evoluíram e devem continuar evoluindo.

Incidentalmente, o aspecto ecológico do Escotismo tem ganho numerosos adeptos, embora os "verdes" estariam hesitantes em darem ao Movimento qualquer crédito por este acontecimento. Essencial à vida no acampamento é o respeito à natureza, o uso parcimonioso de seus recursos e a tendência de viver em harmonia com o meio ambiente. Já com 78 anos de idade, em termos escoteiros, o "camping" ("acampamento") veio para ficar.

A observação é um elemento básico no treinamento escoteiro. Não se limita a animais, plantas, rios e cavernas, mas inclui também nossos companheiros.

Levar ajuda mútua àqueles que vivem em locais remotos e abandonados; realizar um ato do qual podem participar crianças ou adolescentes, em trabalhos manuais ou intelectuais nos quais todos possam participar, é não apenas um desafio, mas também uma aventura para os Escoteiros.

Quanto mais elevado for o nível intelectual do adolescente, tanto mais feliz estará vivendo ao ar livre, ou quando estiver envolvido em atividades manuais ou técnicas. O oposto poderá ser dito de pessoas jovens que não tiveram oportunidade de estudar. Elas procuram atividades culturais, associadas à vida cidadina. De acordo com opiniões de sociólogos, a atividade favorita de um jovem é aquela que preenche uma lacuna em sua educação, ou de sua vida profissional. A vida, no acampamento, portanto, contribui para a auto-realização.

A lei e promessa escoteira

Em seu sentido mais amplo, a lei é um código destinado a expressar a essência ideal de um ser humano ou de uma função cujos padrões precisam ser observados para auto-realização. Entretanto, ela não é um código sagrado de regras rígidas e imutáveis e sim o resultado de costumes, valores morais e aspirações do homem.

Embora um tanto especial, a Lei Escoteira não é diferente. Pode ser vista em dois níveis.

A um nível ideal, a Lei Escoteira estabelece os princípios que devem ser voluntariamente acordes e ratificados como estilo de vida de cada membro do Movimento.

Há, primeiro, o princípio espiritual: "Dever para com Deus". Ele não está ligado a qualquer cultura ou filosofia e aplica-se, igualmente, a todas as expressões da dimensão espiritual do homem, seu conceito de vida e sua necessidade de pensamentos mais absolutos e elevados. Os Escoteiros, sejam eles budistas ou cristãos, muçulmanos ou hindus, aceitam esta dimensão e encontram, no Movimento, meios para nutrir a fé, exprimir as crenças e prosseguirem em sua busca de valores espirituais.

Há, também um princípio social: "Dever para com os demais". Este é a expressão da solidariedade, a níveis local, nacional e internacional. Implícito neste princípio está um compromisso de servir aos demais por meio de ação concreta, participação no desenvolvimento e boa vontade de dirigir e trabalhar conjuntamente.

O terceiro, é um princípio pessoal: "Dever para consigo". Este, é a responsabilidade de crescer. Cada indivíduo sendo o artesão de seu próprio desenvolvimento, a ele compete observar um dos grandes temas da psicologia moderna: mesmo sob pressões extremas, o indivíduo pode libertar-se e viver seu destino, mas ninguém mais pode fazê-lo em seu lugar.

A Lei está ligada, de maneira inseparável, à Promessa que, de fato, dá validade, realidade e até mesmo efetividade a ela. Através da Promessa, o rapaz compromete-se — possivelmente, seu primeiro ato de disciplina, sem compulsão, e de livre e espontânea vontade. Isto é a essência democrática básica deste ato voluntário de adesão, que dá significado à Lei.

A nível pedagógico, a tomada da Promessa e a prática regular da Lei, representam uma forma de educação sob compromisso, adesão voluntária a um código ou leis e o respeito à palavra empenhada.

Auto-educação

É quase desnecessário ressaltar a importância primordial da auto-educação, no treinamento de jovens Escoteiros. "O princípio no

qual o Escotismo opera é que as idéias do rapaz são tomadas em consideração e que ele é incentivado a moldar sua própria vida ao invés de ser doutrinado; "

Esta é a fórmula clara e simples de B. P., da auto-educação através da ação — o oposto do ensino baseado no abarrotamento de conhecimentos de cérebros passivos, o que, infelizmente, é ainda praticado, com freqüência em demasia, em escolas oficiais.

Destarte, a auto-educação significa que o rapaz ao invés de conformar-se a um protótipo concebido, ou até mesmo imposto por seus familiares mais velhos, encontra sua personalidade e identidade através de sua própria iniciativa e permanece como artesão principal de seu próprio crescimento como pessoa. Este conceito incomum tem sido combatido por todos os lados, pelas organizações educacionais e até mesmo por alguns Líderes Escoteiros que acreditavam estar fazendo a coisa certa, educando Escoteiros da mesma maneira como eles próprios foram educados. Contudo, toda a educação, na escola, como fora dela, é estéril, a menos que ela equipa e prepare os jovens através dos esforços deles mesmos, para enfrentarem as realidades da vida mais tarde, conforme B.P. tantas vezes proclamou.

Aqueles que fecham os olhos à evolução do mundo, o fazem sujeitos aos perigos e riscos em que incorrem, pois rejeitando o ensino de B. P., isolam-se da realidade e do futuro que, de qualquer maneira tomarão forma, com ou sem eles e, possivelmente, até para desvantagem deles.

Impondo suas idéias, hábitos e, algumas vezes, concessões fora de moda sobre os jovens, os adultos preparam desajustados ou até mesmo rebeldes contra a sociedade.

Conforme as palavras de uma frase conhecida, de um livro francês famoso, "Plaidoyer pour l'avenir": "Um corpo, ou instituição, pode orgulhar-se de sua adaptabilidade e não de sua capacidade para manter as coisas como estão".

Jamais o "slogam" de Jaures foi tão válido: "Do altar de nossos ancestrais, guardemos a chama e não as cinzas".

O método escoteiro de auto-educação está baseado em um sistema de avaliação que permite ao jovem fixar seus próprios alvos e continuar progredindo. Esta é a explicação dos testes e emblemas, que são uma parte intrínseca deste sistema.

Simbolismo

A palavra "Símbolo", no original grego, significa um sinal de reconhecimento, composto por duas metades quebradas de um objeto que são unidas novamente. Mais tarde, deu a entender o significado de tal sinal, como um testemunho, também, emblema, saudação, ordem, vestuário, etc.

Preferimos o significado original daquela palavra, uma vez que, quando B.P. introduziu o simbolismo no Escotismo, ele certamente tinha na mente a fusão de vários elementos que, na realidade, eram apenas um único. Com o simbolismo, estamos tocando o campo dos sinais externos do movimento, mas ele é ainda de importância capital.

A saudação "Sempre Alerta", o aperto-de-mão com a esquerda, a linguagem e a terminologia do Escotismo; os sinais, gestos e uniformes, são partes integrantes do Escotismo. Eles respondem à necessidade de pertencerem e de se identificarem com um grupo, exatamente como os "jeans" e as camisetas dos colegiais identificam-se com uma gíria e uma forma de reconhecimento especial. O que interessa, realmente, é se os jovens ainda se identificam com eles.

Há apoiadores e opositores a qualquer mudança no uniforme (chapéu, calças curtas e camisa).

Certamente seria fora de propósito que o uniforme, escoteiro acompanhasse as tendências da moda. Todavia, a sua adaptação periódica aos atuais estilos, não é apenas essencial, mas também indispensável.

O fato dos militares, da força aérea, terem uniforme azul; da marinha, branco; e os da infantaria usarem uniforme cor caqui, de maneira alguma trai as tradições do que poderia ser o melhor serviço do mundo.

O ponto importante é que o uniforme seja prático e expresse a filiação voluntária de uma irmandade mundial. Longe de criar um sentimento de superioridade, ou de orgulho indevido para os que não estão "em família", o uniforme deverá introduzir um certo modo de comportamento, modéstia, desejo de servir e o amor ao nosso próximo.

É claro, que o Escotismo não se limita ao treinamento físico,

ou à aquisição de certos princípios morais, habilidades manuais e senso de iniciativa, como muitas vezes se julgou. Seu principal objetivo é o total desenvolvimento do indivíduo em uma pessoa que esteja disposta a atuar em todos os campos. "Esse é o objetivo mais importante do Escotismo: educar.

Não estou dizendo "instruir", mas "educar", quer dizer, ajudar o jovem a aprender, por conta própria, todas as coisas que desenvolvem sua personalidade, porque ele assim o deseja" — escreveu B. P., no seu livro intitulado "Aids to Scout-mastership".

Isto significa que os adultos, longe de se juntarem ao Movimento e a seus métodos, a fim de prolongarem suas próprias juvenidades ou perseguirem um sonho, deveriam estar prontos a escutarem e se colocarem a serviço dos mais jovens.

O Escotismo é criado para eles. Ele dá boas-vindas a eles todos, sem distinção de classes, raça ou religião, a fim de ajudá-los a prosseguirem para um crescimento ainda maior. Isto significa que eles devem sentir-se em casa e encontrar um local onde possam expressar suas necessidades e aspirações e encontrar respostas construtivas e satisfatórias.

Para que possa manter-se fiel à sua missão, o Escotismo precisa adaptar-se, continuamente, e ainda preservar tudo quanto for preciso, a fim de atender às expectativas das gerações vindouras.

Quem, deveras, ousaria insinuar que nada mudou desde 1907?

Espera-se que este breve sumário das características do Escotismo tenha propiciado ao leitor uma idéia aproximada da base educacional do Movimento Escoteiro e dos traços originais que o tornam atrativos aos jovens.

Através deste livro, o autor fez, de vez em quando, uma abordagem analítica. Este capítulo tratou de maneira um pouco mais profunda, as questões teóricas e analíticas, simplesmente para completar a história do Escotismo. Para aqueles que gostariam de conhecer mais a respeito do Movimento Escoteiro, os documentos anexos a este livro contêm mais informações. Agora, para uma análise sobre o futuro do Movimento.

19. Uma justificativa para o futuro

"Temos de viver, não apenas em um mundo novo, o qual pudéssemos, pelo menos, descrever, mas em um mundo móvel. O próprio conceito da adaptação precisa ser generalizado, a fim de permanecer aplicável às nossas sociedades aceleradas. Não é uma questão de tornar uma forma nova, ou uma nova atitude, mais conveniente do que a anterior. É, ao contrário, uma questão de evitar rigidez; de ser adaptável, receptivo e calmo, no meio de uma agitação geral, e de aprender a ser feliz no meio da mudança".

Gaston Berger

O autor britânico, John Galsworthy, é citado por ter dito que: "Se você não pensa sobre o futuro, você não o terá".

Quais são as probabilidades para o Escotismo, nas próximas décadas?

A palavra "probabilidades" foi escolhida deliberadamente, de sorte a distinguir a abordagem do Escotismo de quaisquer outros esforços similares que visam ganhar uma olhada de relance, de um possível ou preferível futuro.

Para evitar qualquer risco de super-otimismo, o nosso ponto de partida é a declaração provocativa do futurologista John D. Lambert: "O homem ocidental civilizado é um organismo da Era da Pedra que tenta exercitar o papel do Século 21 em um mundo de instituições do século 18, que estão baseadas em princípios humanísticos medievais".

Isto significa que estamos mal equipados para enfrentarmos as dificuldades trazidas pela aterradora velocidade de um mundo mutante.

Dois dos elementos mais característicos desta evolução, são "A Grande Ascensão (Heilbronner) no mundo da industrialização,

modernização e desenvolvimento econômico e a quase-impossibilidade de dominá-lo e integrá-lo em uma série de valores, em harmonia com esta evolução. Desde o tempo quando a revolução industrial com seu zelo técnico-científico positivo questionou a sabedoria eterna das tradições religiosas e espirituais, o mundo industrializado tem estado na mesma situação, como a de um navio equipado com máquinas poderosas, mas sem mapas cartográficos nem bússola. Em outras palavras: nosso mundo atômico, supersônico e eletrônico perdeu seu caminho quando o racionalismo econômico tornou-se o padrão dominante, reduzindo e transformando as tradições e os valores fundamentais da humanidade a simples rituais e formalidades.

Isto foi como o Professor Harman expôs seus pensamentos a nós, na 26ª Conferência Escoteira Mundial, em Montreal, no ano de 1977.

Tem sido observado várias vezes, neste livro, que os problemas mais graves do Escotismo têm surgido de seu imenso e inesperado sucesso. O mesmo aplica-se ao nosso mundo, onde o sucesso tecnológico tem criado situações perigosas que exigem soluções seguras.

Conforme o Sr. Harman afirma, os principais dilemas que hoje enfrentamos estão todos direta ou indiretamente vinculados ao sucesso tecnológico, científico e econômico.

Há duas faces da moeda, para alguns destes sucessos: por exemplo, temos aumentado a expectativa de vida. Assim fazendo, temos criado superpopulação e os problemas da "terceira idade". Temos dado passos extraordinários em ciência e tecnologia, inclusive na ciência nuclear. Mas incorremos no risco de destruição universal com armas termo-nucleares, biológicas e químicas. Temos substituído o trabalho manual pelo emprego de máquinas.

Sim, é bem verdade isso; mas agora o desemprego e o desenvolvimento urbano estão fora de controle. Melhoramos nossos sistemas de transporte e de comunicações. Sim, deveras, mas a custo da poluição e do aumento do barulho, que, ambos, tornaram nossas vidas mais vulneráveis. Desenvolvemos métodos eficazes de produção. Todavia, desumanizamos a mão-de-obra humana. Criamos a opulência, mas com ela aumentamos o consumo da energia e das insubstituíveis matérias-primas, a tal ponto que corremos o risco de esgotarmos os recursos naturais. Satisfazemos as necessidades

básicas de uma grande parcela da humanidade. Isto pode ser verdade, mas somente a custo da criação de sempre crescentes expectativas e da perda da satisfação no trabalho.

A lista longe está de ser completa. É óbvio de que uma resposta a tais questões e a solução a tais dilemas, pedem opções políticas e levantam problemas que estão intimamente envolvidos com as questões da liberdade, autoridade, controle e democracia.

A originalidade do pensamento de Willis Harman não se baseia apenas na relação entre a causa e o efeito, mas também na convicção de que os flagelos do nosso mundo contemporâneo — desemprego, inflação, terrorismo, tumulto urbano, perda de recursos energéticos e outros — não são os problemas reais, mas sim os sinais exteriores de nosso atrevimento em ingressarmos em território desconhecido.

A necessidade central de nossos tempos é a de achar o caminho que perdemos ou abandonamos, e a de recuperar os valores que rejeitamos em favor de cada homem, para si mesmo, na perseguição de metas egoístas.

Pouco surpreendente é, portanto, o fato que em um mundo tão egoísta, os jovens têm perdido seu senso de direção e não mais têm quaisquer valores duradouros aos quais possam se apegarem. Por isto os mais velhos do que eles — que pregam uma coisa e fazem outra — têm de suportar a maior responsabilidade.

É uma verdade banal dizer que o futuro pertence aos jovens, e que a juventude representa a maioria dos habitantes da terra. É muito mais importante reconhecer que a juventude ainda não está corrompida ou cínica e que as aspirações dela, por um mundo melhor, originam-se de sentimentos puros e nobres. Nenhuma criança, de qualquer cor ou religião, vem a este mundo com uma lealdade inata a uma bandeira especial, ou nação, ou com uma hostilidade natural para com os demais. Tampouco tem a criança uma premência irrefreável em possuir, adquirir bugigangas, violar as fontes não-renováveis do mundo, ou dominar os demais.

É bem sabido — e muitas pesquisas têm confirmado — que a criança não é programada geneticamente com a necessidade de adotar atitudes hostis contra outras raças, religiões, classes, ou grupos.

A criança tem um potencial igual, tanto para o bem como para o mal; para pensar, sentir e agir de maneira justa, ou injusta; para

amar e odiar, participar, ou explorar. Se há, realmente, uma coisa, como uma juventude detestável, os culpados disso somos nós.

Este prelúdio, algo extenso, tem a pretensão de insinuar que o jovem poderá ser bem sucedido onde pessoas mais velhas do que eles fracassaram. Ao afirmar isto, não estamos falando a respeito do reconhecimento da realidade, nem advogando um tipo melhorado de sociedade livre para todos. Não nos compete acusar o mundo adulto por ter deixado de respeitar as leis naturais de nosso mundo finito, mesmo por ignorância. O homem tem existido sobre a terra há milhões de anos. Somente nos últimos 100 anos ele começou a poluí-la. E apenas nas últimas décadas ele adquiriu a capacidade para destruir, de maneiras diversas, o planeta inteiro e tudo quanto nele vive.

Não é, pois, nem um pouco surpreendente que esta visão apocalíptica do futuro — que esperamos seja exagerada. — tenha produzido tantas reações misteriosas, desde as dos ecologistas ao estranho anticonformismo dos ocultistas, iogues e ao quase-hipnótico poder dos gurus sobre o perdido e vulnerável. Isto, sem mencionar os movimentos de libertação que, freqüentemente resultam em perda de liberdade, ou até mesmo tornam-se em escravidão!

Muitos tratam a reação dos jovens com divertido desdém, impingindo-o como folclore quando, de fato, é uma maneira um tanto grosseira de protestar contra uma sociedade que perdeu o caminho, em benefício de progresso continuado.

Então, o que estarão estes bravos, angélicos Escoteiros (em calças curtas) procurando, neste mundo desarticulado?

Isto é onde chegamos ao centro de nosso prognóstico, sobre o brilhante futuro do Escotismo.

Ao contrário do que ocorre com os demais jovens que querem o paraíso aqui e já, os Escoteiros têm um interesse mais positivo e mais sóbrio pelo futuro, sabendo que o futuro a eles pertence, e não aos mais velhos.

Isto não é nenhuma verdade filosófica, mas um simples cálculo matemático. Os Escoteiros estão perfeitamente cômnicos que representam apenas uma fração da população jovem e não alimentam ilusões a respeito de sua capacidade em proverem uma panacéia para os males do mundo.

Eles sabem, também, que em seus princípios básicos — o dever

para com Deus; a lealdade para com suas pátrias, a fraternidade mundial, auto-sacrifício; a vontade de servir aos demais — tudo isso aceito voluntariamente — e o amor deles à natureza e a indiferença à demagogia, fazem com que os valores deles entrem em conflito com os detidos por uma maioria, em nosso tempo.

Afirmando em posição contrária, o Escotismo parece estar nadando contra a maré. Em um certo sentido, o Escotismo é não-conformista — uma atitude tornada mais difícil em virtude do fato que a juventude, de modo geral, é adulada e solicitada por todos os lados e, como resultado disso, inclinada a procurar um caminho fácil, passivo, de saída.

É concebível que o futuro não pertence àqueles que detêm o maior poder militar, econômico ou político, mas sim às nações cujas populações têm elevados padrões morais e que são capazes de mobilizar seus povos. O Escotismo apóia a ordem e a disciplina em uma sociedade livre e também a favor de todo o progresso técnico que incentive a liberdade humana. É um Movimento de serviço que visa a felicidade e não a riqueza, disposto a comprometer-se com causas justas e dignas de confiança de líderes nacionais, naqueles países onde o Escotismo está estabelecido — um Movimento sem ambições nem motivos ulteriores.

Durante 80 anos, o Escotismo tem procurado harmonia com os demais, e com a natureza. Visa o crescimento pessoal e o respeito aos demais. Com sua abordagem voluntária do mundo e o desejo inerente de servir, reconhece que não existe salvação individual.

Conforme as palavras de Glenn T. Seaborg, ganhador do Prêmio Nobel de química: nosso futuro "dependerá, em grande parte, sobre quão rapidamente entendermos e aplicarmos determinados princípios construtivos de comportamento humano; de como equilibrarmos interesses mútuos com as vantagens pessoais; a que grau e com que brevidade aumentaremos grandemente a cooperação entre pessoas e nações".

Ele acrescenta, também, que "... dependerá, ainda — de maneira um tanto ocasional — da espécie de liderança que surge em todo o mundo". Prognostica, para 25 anos, a contar de agora, uma sociedade muito diferente da que temos hoje: mais disciplinada, e sem as atuais licenciosidades, violências e auto-condescendência e extravagância material, que parecem ser algumas das marcas de identificação, nos dias que atravessamos.

Quando o famoso ganhador do prêmio Nobel chega a este ponto, faz a interessante declaração:

"Isto tudo não aconteceria se todos subscrevessem e vivessem de acordo com a Promessa Escoteira. Acho que acontecerá como resultado de vários impactos dolorosos — de reconhecimento e não impactos futuros — que sofreremos durante os anos vindouros, em um dos quais já estamos entrando, em nossa atual situação de energia".

Há uma verdade profunda nesta declaração de Glenn T. Seaborg.

Contudo, ainda acreditamos que se a humanidade estivesse disposta a acreditar e viver de acordo com os princípios escoteiros, muitos destes impactos e traumas, no futuro, poderiam ser reduzidos, se não eliminados.

Aventuramo-nos a afirmar que o Escotismo não é tão antiquado, arcaico, estéril ou ridículo, como tantos acreditam ser. Nesta época angustiante da história humana o único Movimento Mundial, conhecido como Escotismo, poderia desempenhar um papel especial ajudando homens e mulheres, em toda a parte, a enfrentarem os desafios das décadas vindouras. Poderá ser um sócio poderoso de todos os que trabalham em benefício da humanidade. Afinal, o que o Escotismo oferece não é ganho material mas sim um senso de responsabilidade; respeito pelos demais; um estilo de vida que se mistura com o nosso meio ambiente; e meios para realização de todas estas coisas desejáveis. Pena é que tantos vêem o Escotismo sob prismas diferentes.

A título de conclusão

Órfão e Solteirão

Este livro teve início naquela manhã invernososa, decisiva, em Genebra, quando também iniciou minha carreira escoteira e, vinte anos mais tarde, termina com uma nota pessoal, anedótica, principalmente devido a urgência de meu amigo — o publicador. O próprio autor acha que seria inconveniente e indelicado demorar muito sobre uma carreira que ainda não foi completada. A maioria das minhas experiências pessoais, especialmente as mais intrigantes,

ainda não podem ser tornadas públicas. As demais, são de muito pequeno interesse.

Estas páginas finais são, portanto reminiscências, ao invés de relações sobre o Escotismo por detrás das cortinas.

Dezenove anos à testa do Bureau Escoteiro Mundial, é um fato digno de ser noticiado no "Guinness Book of Records", não tanto pela extensão do tempo de serviço, como pelas numerosas armadilhas e complicadas situações com as quais se é confrontado em tal cargo. Obviamente, alguns aspectos do trabalho do Secretário-Geral são semelhantes àqueles encontrados pelo Chefe-Executivo de qualquer empresa multinacional.

Entretanto nos campos, industriais, comerciais e de serviços, há padrões pelos quais os resultados podem ser medidos — produção, produtividade, lucro.

Em uma empresa, como a Organização Mundial do Movimento Escoteiro, uma "companhia" com finalidades "não-lucrativas", não existem critérios objetivos para avaliação do desempenho, de qualquer maneira precisa, embora o dinheiro, necessariamente, desempenhe um papel importante.

Tornando as coisas ainda mais difíceis, é o fato de as tarefas básicas da Organização Mundial do Movimento Escoteiro serem definidas apenas em termos que são um tanto abstratos.

Falando de modo genérico, elas estão ali para salvaguardar a unidade e a integridade do Movimento Escoteiro.

Como, portanto, pode o sucesso ou insucesso desta tarefa ser medido com exatidão?

Felizmente, os assuntos são mais fáceis no que concerne ao outro objetivo do Bureau Mundial, que é o de prestar assistência às 118 Associações Nacionais em seus esforços para manterem a qualidade do Escotismo e aumentarem o número de membros filiados ao Movimento. Mas, mesmo ali, a qualidade tem que ter precedência sobre a quantidade.

Tudo isto, para dizer simplesmente que seria difícil avaliar, hoje, se o autor deste livro cumpria seus deveres com eficiência, no desempenho do cargo de Chefe do Bureau Mundial. Porque, boas intenções não bastam. Na arte da fotografia, a duração da exposição é vital, mas uma boa fotografia também requer luz correta. Neste epílogo, é prematuro falar sobre desempenho, sucesso ou fracasso.

Somente no futuro um balanço pode ser levantado.

"Órfão e Solteirão" — Este é um estilo singular que escolhi para estas páginas finais. Ao usá-lo, eu quis declarar minha convicção de que meu sucessor deverá ser solteiro e sem responsabilidades familiares indevidas, em um cargo tão exigente.

A semana normal de trabalho é de sessenta horas. A maior parte dos fins de semana são gastos em reuniões, ou em viagens.

Feriados, à parte da semana ocasional aqui e acolá, ou um longo fim de semana, pertencem ao mundo dos sonhos. Até mesmo um período calmo pode ser perturbado por chamadas telefônicas no meio da noite. Algumas vezes elas são urgentes. Mas freqüentemente, a pessoa que faz a chamada, do outro lado do mundo, simplesmente esqueceu-se da diferença horária.

O maior inimigo do Secretário-Geral é o tempo. Dias de intenso trabalho são interrompidos por viagens freqüentes — com uma média de seis meses, em doze, pois nada pode substituir o contato pessoal. Não há, absolutamente, nenhuma chance visto que esta parte do trabalho não pode ser feita por controle remoto, de um escritório. Muitas pessoas invejam-me pelas minhas viagens freqüentes. Mas esquecem-se do anverso da moeda. Tome, por exemplo a segunda viagem recente: 17 países em 21 dias gastando duas vezes mais tempo em avião do que permitido às tripulações; deixando uma temperatura de + 30°C. para desembarcar, oito horas mais tarde, em — 10°C; raramente dormindo na mesma cama duas noites consecutivas.

Obviamente, qualquer "globe-trotter" inventa todas as espécies de artimanhas para evitar as inconveniências do "Jet-lag" (atraso no horário).

Pessoalmente, antes de dormir, quer dizer se a defasagem no tempo me concede dizer este favor — tento memorizar a posição de diversos objetos úteis, tomando minha cama como centro de gravidade, a lâmpada de cabeceira; o telefone, os interruptores de luz; o banheiro, fósforos e velas (estas, as vezes, surpreendentemente necessárias) bem como as "saídas de emergência".

Um exercício útil para evitar pânico e ansiedade no caso de acordar repentino ou involuntário.

Um dia destes — (ou uma noite destas) acordei repentinamente, alagado em suor, depois de ter passado por um pesadelo no qual sonhei que tinha sido emparedado.

A minha estratégia de emergência entrou em ação, e procurei alcançar, com a mão, o interruptor da lâmpada de cabeceira. Tudo o que consegui foi entornar o copo de água que estava sobre a mesinha, ao lado de minha cama.

Ainda tateando, derrubei o relógio despertador e a lâmpada.

Semi-acordado, sai da cama para ir ao banheiro e simplesmente bati minha cabeça contra o armário. "Faça-se a luz"... e ela foi ligada, pela minha esposa que tinha sido acordada pelas minhas andanças a esmo.

Finalmente me dei conta que longe de estar emparedado ou de ainda me encontrar no hotel onde havia passado a noite anterior, estava mais uma vez em casa, dormindo em minha própria cama.

Por mais exaustivas que possam ser, as viagens constantes, elas também têm suas compensações, mesmo para um ex-jornalista que fazia coberturas de acontecimentos em mais de 100 países, antes de ingressar, em sua carreira de Escoteiro. Pode, deveras, ser uma experiência gratificante, se você tiver tempo e energia para tirar proveito disso. A viagem leva você para mais perto das pessoas; dá a você mais entendimento das histórias e culturas delas e, se você tiver uma mente aberta, amplia seus horizontes. Apenas explorar os tesouros etnológicos, arqueológicos e artísticos de um país, pode ser emocionante e gratificante.

Um dos problemas peculiares ao trabalho do Secretário-Geral, são os convites de anfitriões, cuja generosidade às vezes excede às boas intenções e as posses deles, porque alguns dos pratos são memoráveis, para se dizer o mínimo. Como, olhos de ovelhas, cabeças de peixe cru, guisado de cobra, rato assado e mistura aparentemente inocente que torna as entranhas da gente em uma fornalha. Entretanto, por cortesia, a gente dá a perceber ao anfitrião que gostou de tudo, e o meu melhor desempenho neste campo da gastronomia, foi engolir um ovo "balut" — uma especialidade popular, nas Filipinas, que consiste de um ovo incubado durante dez dias, embebido em um líquido branco, pegajoso, e rodeado com penas, para significar o surgimento de um pintinho novo. É esperado que o engula inteiro.

Também é difícil esquecer uma festa no mato, em algum local da África. O prato principal foi de uma excelente gazela assada. Mas, a "entrada" consistiu de lesmas cruas, com formigas cozidas

em graxa rançosa, tudo temperado com cerveja caseira morna, de coloração cinzenta duvidosa e servida numa tigela simples que, obviamente, nunca tinha sido lavada e da qual uma dúzia de outras pessoas tinham se servido, antes de mim.

Um alimento tão exótico, felizmente, não é uma experiência diária. Há, também, pratos magníficos dignos dos melhores restaurantes. Eles servem apenas para confirmar, ao gastrônomo que perambula pelo mundo que, à parte algumas especialidades locais, há apenas duas grandes "cuisines" no mundo: a chinesa e a francesa, nessa ordem.

Uma vez que, em muitos países, o Chefe de Estado serve como Chefe Escoteiro Nacional, eu gozei do privilégio de ser hóspede de reis, imperadores e presidentes.

A palavra "real" nem sempre corresponde à qualidade da recepção. Mas há, também, "Real-3 Estrelas".

A melhor refeição para um viajante cansado é aquela que ele possa escolher, em companhia de seus próprios amigos, em um ambiente de relaxamento que, de maneira alguma exclui estilo e qualidade.

* # *

Falei, anteriormente, sobre as inconveniências das freqüentes paradas noturnas. Elas podem levar a situações divertidas, como agora serão vistas.

Há alguns anos atrás, durante uma das minhas viagens ao redor do mundo, passei uma noite em Londres, na "Baden-Powell House", e dormi na cama do Fundador. Foi uma noite com insônia, devido ao barulho intolerável, oriundo da Cromwell Road, uma artéria principal que leva ao aeroporto, e, também devido às dimensões excessivamente estreitas da cama de B. P.

Uma semana mais tarde, na Government House, em um dos países integrantes da Comunidade Britânica, tive a honra de passar a noite em uma outra cama, tão importante como confortável, que algumas semanas antes tinha sido ocupada por um monarca reinante. Isto permanecerá para sempre em minha memória como a viagem da "Cama Real". Apenas uns poucos dias mais tarde, dormi em uma cama papal, sem qualquer emoção especial, e, finalmente

nas imediações de Angkor Vat, no Cambodja, na cama que Nikita Khrushchev tinha ocupado há apenas uns poucos meses antes. E, por coincidência, aquele pequeno e confortável pavilhão de madeira, de propriedade do Príncipe Sihanouk, era chamado "Villa Monique" — o primeiro nome da esposa dele e da minha.

A história das camas tem um final triste. Dois dias depois que deixei Angkor Vat o regime real Khmer foi derrubado, em circunstâncias bem conhecidas a todos. Na fase seguinte de minha viagem, houve um terremoto na pequena aldeia onde cheguei e passei a noite sob as estrelas.

Meus amigos muitas vezes me perguntam se tenho medo de tumultos, calamidades naturais e viagens aéreas. A minha resposta categórica é "não... mas...". Fui assustado, seriamente, em duas ocasiões, ambas em automóveis que já deveriam ter sido enviados ao depósito de sucata. A primeira vez, foi no Brasil, no calhambeque "incrementado" de um motorista juvenil que julgava que devia me apresentar um desempenho de Fórmula Um, com seu pé pisando fundo no acelerador, ultrapassando veículos em curvas fechadas, tirando "fininhos" de caminhões de 10 toneladas. Por diversas vezes, somente evitamos morte certa por fração de segundo. Meu motorista julgava ser tudo uma grande brincadeira e, quanto mais difícil era a estrada tanto mais rápido ele dirigia. Uma experiência aterradora.

Um azar semelhante ocorreu a mim em Sri Lanka, onde um bom velhote, que havia esquecido seus óculos, me transportou ao Aeroporto de Colombo, debaixo de uma diluviana chuva tropical. Estava escuro como o breu, a visibilidade virtualmente em zero e o velho e delapidado carro já estava com seu tempo mais do que vencido para ir para o pátio de sucata de ferro velho. Meu motorista, obviamente semi-adormecido, segurava o volante com uma mão, e na outra um charuto fedorento. Por diversas vezes voltou-se para me relatar histórias que não eram divertidas, perdendo o controle do volante e recuperando-o novamente, com uma palavra de desculpa, sincera mas não muito reanimadora. Aqueles que se queixam a respeito de motoristas descuidados nesta parte do mundo, deve-

riam ir até a Cidade do México, Rio, Bangcoc, Lagos, Teerã, Beirute, Trípoli, ou a uma dúzia ou mais de outras grandes cidades, para aprenderem o que significa viver perigosamente.

É bastante curioso que, viagens aéreas, mesmo em aviões monomotores apanhados pelas condições atmosféricas de turbulência, nunca me preocuparam.

Em uma única ocasião, em uma república "da banana" onde estávamos prestes a decolar, tornou-se logo evidente que o vôo não seria fácil. Não havia aeromoça no velho DC-3, remanescente da Segunda Guerra Mundial, e o piloto, antes de taxiar pela pista de decolagem, pediu ao passageiro mais próximo que fechasse a porta... Os nossos receios aumentaram à medida em que o avião encontrou ventos turbulentos — o que não constituiu falha do piloto. Mas estava muito claro que ele tinha ingerido muito álcool, especialmente a mim, que ocupava o assento do co-piloto.

Sem o menor resquício de vergonha, falou-me de sua carreira civil, na gíria local, pontilhada com uma linguagem mais forte, e descreveu porque tinha de estar na cabina de comando "deste caixão de defunto volante", após ter voado para diversas companhias aéreas bem conhecidas, cada uma das quais o tinha dispensado de seus serviços por motivo de embriaguez. Disse-me que planejava entrar no contrabando de haxixe, estágio final de sua queda. No estretempo, lá estava, ao meu lado, rindo, praguejando e cuspidando. Ele respirava nuvens de álcool no local inteiro. Eu não tinha tocado em um drinque há mais de uma semana, mas não podia evitar de absorver, eu próprio, as exalações alcoólicas dele, e estou certo de que um teste teria certamente revelado um nível surpreendente em minha própria corrente sanguínea.

Sobre o assunto de experiências desagradáveis, eis aqui uma história de um incidente trágico que testemunhei no Nepal. Em uma excursão, em um vale que distava umas poucas horas de caminhada, de Katmandu, paramos na casa de um guarda que era amigo de meu "scherpa" (membro de um povo tibetano que vive no Himalaia nepalês).

A esposa dele estava ausente, em missão de recolhimento de lenha, e ele ofereceu-se para cozinhar para nós uma refeição quente, em um fogo, ao ar livre, distante umas poucas jardas da cabana dele. Retornando à cabana, verificamos, com horror que sua filha que

dormia em uma cesta, na entrada da cabana, tinha sido devorada por um tigre que há vários dias vinha rondando a área. Aquele quadro, de um pai com o coração partido, estará sempre presente em minhas recordações.

* * *

Uma das coisas mais agradáveis, das viagens constantes, é encontrar pessoas que a gente, normalmente, não encontraria. Não apenas homens de negócios e turistas, mas também emigrantes à procura de novos horizontes, aventureiros jovens e não tão jovens, hippies de todos os tipos e pessoas que procuram um desabafo.

Em uma ocasião, durante um vôo através dos EUA, um jovem alcoólatra e viciado em drogas deu-me uma descrição nítida da vida dos "hill-billies" — aquelas pessoas estranhas que habitam as Montanhas Apalachianas. Durante três horas escutei a história ininterrupta dele, contada com muita convicção e emoção. Entretanto, ele nada perguntou a meu respeito, e também não revelou sua própria identidade.

Mas, estes encontros casuais nem sempre são agradáveis. Há ocasiões nas quais a gente desejaria que a saída de emergência estivesse aberta para se livrar de companheiros de viagem demasiadamente tagarelas que falam impensadamente, durante horas a fio. Para tratar de tais vítimas de disenteria verbal, pedi um conselho ao Professor Janos Selye, famoso austro-húngaro-canadense, inventor da Teoria do "Stress". Pessoa sábia, que era obrigada a viajar muito, ele sempre portava um dente de alho em seu bolso. Sempre que era importunado por um companheiro de viagem muito tagarela, tirava do bolso o dente de alho e começava a chupá-lo vigorosamente. Posso afiançar quanto à eficácia do alho no silenciamento da maioria dos companheiros de viagem demasiadamente parladores. Entretanto, há casos, onde até mesmo o alho não produz efeito. Para tais casos, desenvolvi uma tática diferente.

Eles, são geralmente passageiros de primeira classe que insistem em contar como são ricos e sábios.

A minha resposta, é contar a eles quem sou e que minha missão é a de coletar fundos para projetos escoteiros e, depois, sugerir que doem alguma porção da riqueza deles a nossa organização — diga-

mos algo como uns modestos 20.000 dólares. É ali onde a conversa chega a uma parada repentina, e o grande tagarela encontra uma desculpa para mudar-se para a classe econômica, ou mesmo — como aconteceu uma vez — esconder-se, durante uma hora, no toalete.

Há idéias muito estranhas a respeito da natureza exata de meu trabalho. Muito poucas pessoas parecem pensar que eu gasto meu tempo perambulando pelo mundo, de um Jamboree a outro, inspecionando unidades escoteiras, comparecendo a paradas, acendendo fogueiras nos acampamentos e, — isto não é brincadeira — ensinando Escoteiros a darem nós, uma habilidade na qual nunca cheguei a ser especialista.

Isto, naturalmente, está muito longe da verdade. Se não me ocupo naquela espécie de atividade, não é, por certo, por desdém, mas porque este é um trabalho que é feito por outras pessoas, em níveis diferentes. Além disso, o Escotismo, hoje, não tem espaço para este tipo de folclore que pertence a uma outra era — embora ele continue como recordação sentimental — o que é uma boa coisa.

Minhas excursões ao estrangeiro, enquadram-se em duas categorias: emergenciais, de "combate a incêndios", e as viagens que são planejadas com boa antecipação, para identificação de necessidades e ajudar na solução de problemas. Porque, nós do Bureau, não pretendemos conhecer automaticamente as necessidades de nosso "eleitorado". Preferimos ir ao exterior e discuti-las "in loco", e, assim, melhorar nossas relações pessoais e comunicações em dois sentidos. No escotismo Mundial, "o cliente é rei".

Às vezes a nossa presença é necessitada, com urgência, e não há tempo para planejamento antecipado. Como, por exemplo, as viagens repentinas que tive de fazer, recentemente, a Washington e a Ottawa, para negociar contratos de desenvolvimento comunitário, conforme foi anteriormente mencionado neste livro.

Às vezes, somos necessitados, com pressa, e não há nem mesmo tempo para reunir todos os documentos necessários, para apoio do nosso pedido de grandes importâncias.

Os pedidos de socorro são muito freqüentes. Vêm a Genebra, das Associações Nacionais que se encontram em situações de crise, geralmente de natureza política; porque, embora o nosso Movimento permaneça firme, fora da política, é as vezes puxado pela corrente política, por força das circunstâncias.

Os atuais conflitos no Libano, Irã, Iraque, Afeganistão, Irlanda, América Central, Chade, etc, têm, obviamente, repercussões locais e de âmbito mundial sobre o Escotismo.

Confrontações, religiosas ou raciais, afetam, também, nosso Movimento. Por exemplo, o proselitismo muçulmano, a resistência dos católicos tradicionais as reformas, a arrogância sectária de outros credos e a intolerância cultural ou lingüística. Estas confrontações têm impacto imediato sobre o nosso trabalho.

Este é o motivo pelo qual o Capítulo 17 se estendeu tanto sobre a necessidade de habilidades políticas, da parte de líderes de cúpula da Organização Mundial.

Conforme foi apontado, muita imaginação, flexibilidade e poder de persuasão são exigidos para solucionar a emaranhada teia de problemas com que constantemente se defronta o Movimento Mundial. Tudo isto requer a sutileza política de um príncipe florentino do Século Quinze.

O símbolo chinês da crise é uma combinação de "risco" e "desafio".

Esta mistura sutil representa a natureza da calamidade e as chances para superá-las. Aqui estão alguns exemplos: um telexograma é recebido, e seguido por uma chamada telefônica procedente de um país da Ásia, onde o governo de braço forte quer abolir o Escotismo e substituí-lo por um Movimento controlado pelo governo. Quarenta e oito horas mais tarde, eu estou na Capital do país X, após um vôo de 23 horas. Meu encontro oficial é duas horas, após minha chegada, e dura trinta minutos sem tempo suficiente para sentir a posição do adversário. A única estratégia é um ataque frontal. O cenário de costume, experimentado, e testado com sucesso em outros países, funciona mais ou menos assim:

"Sr. Presidente, por que eliminar um movimento voluntário que está funcionando bem e não custa nada, e substituí-lo por outro que os jovens poderão não gostar?"

Por que criar um Movimento oficial e impopular que, pelo menos no princípio, será obrigado a usar Escoteiros e os programas deles?

E, depois, V. Excelência terá de pagar pessoas que, no momento, estão motivadas e prestam eficientes serviços às pessoas jovens, sem pedirem qualquer compensação?"

A conversa torna-se amarrada, em nós, respostas e as contra-respostas ficam confusas e o tempo passa. Mas, finalmente a batalha está ganha. Saímos para rua em um estado de euforia.

Um outro caso: — Desta vez é uma questão de um importante país industrializado que está sediando um evento escoteiro. O regulamento exige que todos os países-membros filiados ao Movimento possam participar. Mas o país anfitrião somente mantém relações diplomáticas com a China Continental. Contudo os Escoteiros de Taiwan (Formosa), membros efetivos do Movimento, desejam participar. Como poderão ser obtidos os "Vistos" para um país "não-existente" e, se forem concedidos, como poderá ser evitado um tratamento discriminatório e humilhante quando eles chegarem? Torna-se um diálogo de surdos, através do oceano. A nossa ajuda é solicitada. Teleogramas, telefonemas, telefax — tudo está operando, mas ainda assim há um beco-sem-saída.

A única maneira de romper o impecilho é por meio de contato pessoal.

Duas viagens-relâmpagos, aos dois países interessados, finalmente desbloqueiam a situação, mas a um custo de oitenta horas de vôo e argumentos intermináveis, mas, acima de tudo apelos aquele indefinível espírito escoteiro, que também propiciou ao terceiro episódio, que é o seguinte:

É semelhante ao precedente, uma vez que diz respeito à admissão, no País Z — que é notório por suas rígidas regulamentações sobre a concessão de "Vistos" — a cidadãos procedentes do País Y. Os dois países romperam relações diplomáticas e consulares. A situação não foi tornada mais fácil pelo fato de, ambos, estarem situados também, geograficamente, em lados opostos do mundo e as comunicações serem difíceis. Além disso, o tempo não estava ao nosso lado. Era já noite de sexta-feira e a Conferência escoteira estava programada para abertura na manhã de segunda-feira, e as repartições governamentais não estão particularmente ativas nos fins-

de-semana. E, apesar disso, os obstáculos foram superados e a Conferência aberta com todos presentes, inclusive os delegados do país "Y".

É difícil por um valor concreto sobre tal realização.

Há, também, o lado inesperado e cômico do trabalho do Secretário-Geral. Tome-se o que aconteceu em um aeroporto da América Latina: Um repórter estava esperando por mim quando desembarquei do avião. Ele colocou seu microfone quase dentro de minha boca e, praticamente dependurado em minhas palavras, fez a seguinte pergunta:

"Como a nossa forma de Escotismo relaciona-se com o Escotismo no resto do Mundo?"

Eu parei, por um momento, para recuperar o fôlego e concentrar meus pensamentos e então notei a câmera da TV focalizada em mim.

O repórter sussurrou depressa em meu ouvido: "Ok vamos. O senhor tem apenas 45 segundos. É um programa ao vivo".

Sem dúvida falhei na ocasião, mas isso não interessa muito. Eu não era um diplomata, nem um estadista que, em tais circunstâncias, podem sempre esconderem-se por detrás de um "nada a comentar", acompanhado de um sorriso enigmático para desculparem-se pelo fato de que não tinham nada de grande importância a dizer.

O outro incidente — desta vez mais divertido — aconteceu na Índia, onde o Escotismo, durante décadas tem estado sob a direção de uma grande senhora, Mrs. Mazundar.

Estávamos, ambos em nosso caminho para a cerimônia de encerramento de um grande Jamboree Nacional.

Jovens Indianos — moços e moças — estavam apresentando um show de cantos e danças para ilustrarem a riqueza da cultura do subcontinente, e a fogueira no acampamento estava acesa. Tudo decorreu em boa ordem e eu aguardava que a Lady me desse sinal para encerrar as festividades.

Ela fez o sinal para que me aproximasse do microfone, apresentou-me com breves palavras e disse, com toda a seriedade: "E agora meus caros Escoteiros e Guias Escoteiros, o Secretário-Geral vai cantar uma canção popular na linguagem de seu próprio país". Gritos de alegria de um lado, e embaraço do outro. Mas, tu-

do bem — cantei minha canção para satisfação de todos e, especialmente daquela velha senhora com seu estranho senso de humor. Espera-se que o Secretário-Geral faça tudo, exceto, talvez, caminhar sobre a água.

Não têm fim as histórias de que um homem, no posto de Secretário-Geral, poderia contar.

A chave de minha longevidade no emprego é a minha determinação, desde o início, de que eu seria mais Secretário do que "General".

Mas, para chegar a um final: — quando fui muito imprudente, em 1967, de por em prática minhas próprias recomendações, propostas em meu estudo intitulado "Relatório sobre o Escotismo Mundial", um amigo muito íntimo deu-me um exemplar do "Hamlet", de Shakespeare, no qual ele tinha sublinhado em vermelho algumas passagens. Entre elas, estava esta, do Ato III:

"Pois, o divertimento é prender o engenheiro com sua própria armadilha".

O serviço, na causa de uma organização tão grande como o Escotismo, nem sempre tem sido um mar de rosas. Mas não tenho estado preso em minha própria armadilha. Adquiri algumas rugas, cabelos brancos, alguns problemas de saúde, e tenho feito sacrifícios profissionais e familiares. Apesar disto tudo, estou não apenas contente por ter tomado um caminho para o qual não fora predestinado, mas também feliz.

No dizer de Saint-Exupery, "a grandeza de qualquer tarefa é, acima de tudo, unir os homens. Há somente um luxo autêntico — relações humanas".

A. Organização e Estrutura Mundial do Movimento Escoteiro

A "Organização Mundial do Movimento Escoteiro" foi fundada no início do século vinte, a fim de assistir aos membros das organizações Nacionais do Movimento Escoteiro, servindo e educando jovens oriundos do mundo inteiro, pertencentes a todas as raças, cores, credos e condições sociais.

É reconhecido um único Movimento Escoteiro por país, sendo que onde houver ramificações, principalmente por motivos de religião ou língua é formada uma federação da WOSM (Organização Mundial do Movimento Escoteiro). Em 1985, faziam parte do Movimento 119 Organizações-Membros, com um total de mais de 16 milhões de militantes. Dos requisitos principais para ser membro é implícito aceitar os propósitos, princípios e métodos do Escotismo funcionando independentemente, apartidariamente e voluntariamente.

A "Conferência Mundial do Escotismo", anteriormente conhecida como "Conferência Internacional" foi realizada pela primeira vez, em 1922. Esta é que corporifica o Movimento e que geralmente imprime e orienta a política, dela participando os representantes das Organizações-Membro. Independentemente de seu tamanho, cada Organização Nacional tem 6 (seis) votos dentro da Conferência. Observadores também poderão participar além dos delegados. De acordo com os estatutos a Conferência se realiza a cada dois anos (cada três anos a partir de 1987).

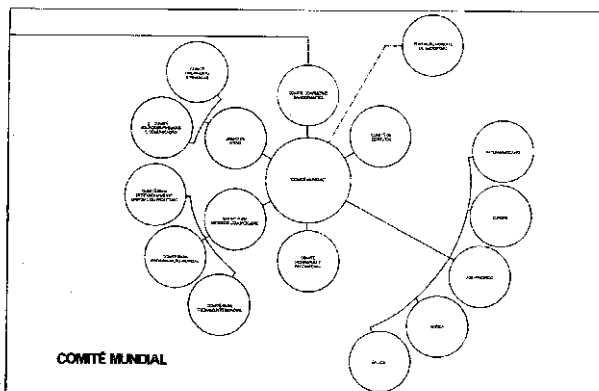
Veja (anexo H) para uma lista completa das Conferências Mundiais. O Comitê Mundial do Escotismo que substituiu o Comitê Internacional é responsável pela implementação adequada das resoluções das Conferências e agindo em seu interesse no espaço que separa as Conferências. O "Comitê" é composto por 12 (doze) membros de 12 países diferentes, eleitos pela "Conferência Mundial".

Estes não representam seu país porém os interesses do Movimento como um todo.

O Secretário Geral da Organização Mundial e o Tesoureiro honorário são membros ex-offício do "Comitê" e os presidentes dos "Comitês" Regionais funcionam como grupo consultivo do "Comitê" Mundial, participando em suas reuniões como conselheiros.

O "Comitê Mundial" se reúne pelo menos uma vez ao ano. Outrossim, tornou-se hábito para que o grupo conhecido como "Steering Committee" = uma versão menor que "Comitê Mundial" se reúna pelo menos uma vez ao ano.

A fim de executar suas numerosas e variadas incumbências, o "Comitê Mundial" conta com uma complexa rede de grupos de apoio conforme demonstrado no gráfico.



Como demonstra o gráfico dois grupos principais assistem ao "Comitê Mundial" a fim de desincumbirem-se das funções. O Grupo de Métodos Educacionais é responsável pela habilidade relacionada com o desenvolvimento das idéias, orientação e publicação.

Ao Grupo de Serviços e apoio cabe propor a política e revisar sua implantação uma vez que adotada pelo "Comitê Mundial", no que diz respeito à obtenção e uso de todos os meios necessários para apoiar as atividades do Movimento Mundial do Escotismo.

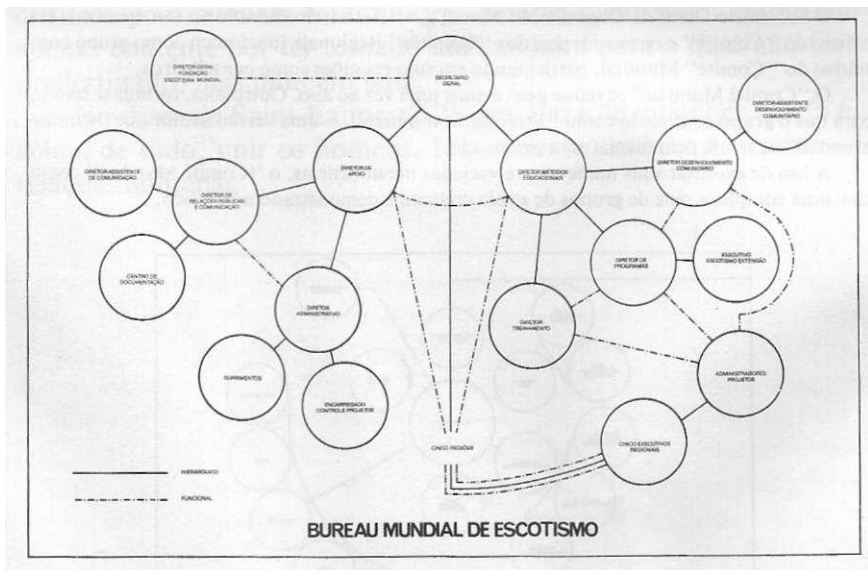
Cada um destes dois Grupos tem seus "Comitês" e suas unidades-tarefa. Em princípio o Grupo propriamente dito se reúne uma vez ao ano. "Comitês" reúnem-se freqüentemente de acordo como surgem as necessidades enquanto as Unidades-Tarefa tratam dos assuntos por correspondência e ou por contatos informais e pessoais entre os membros.

O Bureau Mundial do Escotismo oferece serviços permanentes de Secretaria à "Conferência" e "Comitês" bem como auxílio profissional necessário para implementar suas funções. Inicialmente estabelecido em Londres em 1920, o Bureau foi transferido para Otawa em 1959 e finalmente para Genebra em 1968.

O Bureau, antigamente era da responsabilidade de um Diretor porém agora é administrado por um Secretário-Geral, e seu "staff" opera de 6 (seis) escritórios. O escritório central se localiza em Genebra além dos escritórios regionais em Kenia (para região da África), Egito (para região Árabe), Filipinas (para região da Ásia e Pacífico), Suíça (para região Européia) e Costa Rica (para a região Inter-americana).

Os 5 (cinco) escritórios regionais também funcionam como secretarias das respectivas regiões, uma vez que cada uma tem seu Comitê e Conferência regional. Estes grupos regionais são da maior importância na vida da Organização Mundial uma vez que promovem a fraternidade mundial, cooperação e assistência mútua entre o Movimento Escoteiro dentro da região a fim de assegurar a implementação apropriada das decisões e políticas estabelecidas pela Organização Mundial que afeta a região.

A estrutura organizacional é delineada no gráfico abaixo.



B. Glossário de terminologia Escoteira

Akela É o nome de chefe de alcatéia de lobinhos, tomado do livro de Rudyard Kipling "Jungle Book", famoso escritor inglês ao qual foi outorgado o Prêmio Nobel de Literatura em 1907.

A história de Mowgli — o pequeno menino que se perdeu na selva, foi adotado por uma matilha de lobos e educado por animais da floresta — foi usado por B.P. como exemplo alegórico para as atividades oferecidas aos jovens membros do Movimento.

Por este motivo, muitas referências são feitas a esta história no capítulo de Lobinhos. Entre outros menciona, Pedra do Conselho para discussões e planejar o "grande uivo" para expressar o sentimento de ser membro e o espírito de equipe.

Lobo de Bronze. A única condecoração do Escotismo Mundial. Esta é outorgada pelo Comitê Mundial por serviços excepcionais ao Escotismo Mundial. Pela primeira vez esta foi conferida a Lord Baden Powell numa decisão unânime do Comitê Mundial (o Comitê Internacional) no mesmo dia que foi instituído a condecoração Lobo de Bronze, em Stockholmo em 1935. Desde aquela data, 170 pessoas receberam esta condecoração.

Corte de honra. "A honra dos Escoteiros é confiável" Estes são os termos originais da primeira "Lei Escoteira" os fundamentos da educação do Escotismo (B.P. Aids to Scout-mastership)

O chefe de Tropa e seus monitores de patrulha se reúnem numa "Corte de Honra" para avaliar o grupo tendo como parâmetro a Lei Escoteira. Esta é a principal função da "Corte de Honra". Em ocasiões excepcionais se ocupa ainda em tratar de casos individuais de mau comportamento em conflito com a "Lei Escoteira". Todavia, esta prática neste sentido foi exagerada quando, em certas ocasiões a mesma se tornava um tribunal. Fazer uso da "Corte de Honra" neste sentido mostra um completo desconhecimento do espírito dos métodos do Escotismo.

Escotismo **de** Extensão. O grupo para jovens excepcionais.

Escotismo de extensão certamente vem ao encontro do ideal do Escotismo: "Aberto a todos".

Às vezes se constituem em unidades especiais sob o patrocínio de instituições especializadas. Jovens escoteiros excepcionais também podem participar em grupos normais.

Gilwell Park Localizado nos subúrbios de Londres, esta propriedade passou a pertencer à Associação Escoteira do Reino Unido em 1919 para ser usada como área de campismo para escoteiros e treinamento de seus líderes. Com o passar do tempo e com o desenvolvimento do Movimento, Gilwell passou a ter importância preponderante no treinamento de chefes vindos de toda a parte do mundo e por muitos anos foi considerado mundialmente como "Centro Internacional de Treinamento". Atualmente, Gilwell Park voltou a finalidade original de Centro para atividades Escoteiras e Centro de Treinamento para chefes do Reino Unido. Embora, a história e o crescimento do Movimento tenham caracterizado o parque, a presença de Gilwell Park é marcante e o afeiçoamento sentimental está sempre vivo na memória de muitos chefes.

Boa Ação É um outro traço característico do Escotismo na lembrança das pessoas. Este é um meio simples de pôr em prática os ideais de servir a outros que o Movimento procura promover, em ajudar alguém diariamente. Isto pode parecer infantil e simples, particularmente àqueles que nunca tentaram fazê-lo e, continuar fazê-la.

Jamboree A origem da palavra é duvidosa sendo a definição do dicionário: "uma Reunião Internacional de Escoteiros" o que não expressa a realidade. De acordo com diversas fontes; isto poderá ser uma gíria americana, ou palavra induzida por Kipling ou então um termo de "índio pele vermelha" para descrever a "reunião de todas as tribos".

Reunir jovens de todas as nações foi uma nova idéia para o qual uma nova palavra deveria ser descoberta, por exemplo rally, assembléia, pois a palavra "reunião" não era apropriada — e B.P. descobriu um nome apropriado para este: O povo deu diversos sentidos para esta palavra porém, a partir deste ano (1920) "Jamboree" passou a ter um significado específico. Esta estará relacionada a "maior concentração de jovens que jamais se realizou".

P.S. Veja anexo G com lista completa dos Jamborees mundiais.

Chefe É um adulto a cujo cargo fica um grupo.

Sua tarefa é liderar e não comandar. Como dizia B.P.: quase todo bobo é capaz de comandar, fazendo pessoas obedecerem ordens; isto se ele tem o poder de punir, tendo o apoio necessário em caso de recusa. Liderar é coisa diferente e é trabalho mostrar o caminho.

Patrulha Seis a oito rapazes sob a liderança de um deles formam a unidade básica do Movimento Escoteiro. O "Sistema de Patrulha" é a característica essencial do Escotismo que o difere de todas as outras organizações. O Sistema usa a dinâmica natural da "turma" para um propósito educacional.

Rover Moot É a concentração de Pioneiros, a unidade dos mais velhos do Movimento Escoteiro. Diferente dos Jamborees que se realizam cada quatro anos não existe uma periodicidade fixa para a realização dos "Moots". Atividades dentro dessa estrutura do "Ano Internacional do Moot" (1977-78) participaram mais do que 15.000 Pioneiros.

Escotismo A expressão "Escoteiro" significa o trabalho e símbolo de pessoa rústica, explorador e habitante de região muito remota e inexplorada. Em dando estes princípios a estes rapazes nós suprimos um sistema de jogos e práticas satisfazendo os desejos e o impulso natural e que ao mesmo tempo é educativo.

Este é o primeiro parágrafo do livro de B.P. "Explanation of Scouting" (Explicação do Escotismo) e em uma das edições do seu livro o qual primeiramente foi editado como panfletos depois do acampamento na Ilha de Brownsea e que obteve um imediato e tremendo sucesso entre a juventude.

Este livro de fato é um catálogo de aventuras e atividades e apresentado sem nenhuma lógica especial porém em que a curiosidade e sede de ação de um jovem serão satisfeitas e como prêmio o ideal de servir. "Dicas para instrutor" também estão incluídas, muito das quais alegres e muito instrutivas: "quando você está tentando obter que o rapazes sejam influenciados você se parecerá com um pescador ansioso em fisgar um peixe. Se prover o seu anzol com o tipo de alimento que lhe agrada pode ser provável que você não pescará muitos.

Para tanto você usa a isca do tipo que os peixes gostam. É assim também com os jovens. Se você tenta aconselhar a eles o que você considera assunto digno você não conseguirá atingi-los. "

Ramos O programa dos Ramos é a aplicação do método educacional do Escotismo a diferentes grupos de faixa etária. Trata-se de uma adaptação do espírito, propósito e atividades do Escotismo as características e aspirações das crianças, adolescentes e adultos jovens.

Existe uma alcatéia de Lobinhos para crianças, uma tropa de Escoteiros para os adolescentes e uma seção de Pioneiros para jovens adultos. Estas são no mínimo as divisões originais do qual outras se criaram a fim de fazer face as diferentes aspirações dos pré-adolescentes e dos adolescentes.

Por exemplo, existe um Grupo de "Venture Scouts" no Reino Unido e um programa de "Explorers" nos Estados Unidos.

Uma nova pré-alcatéia de Lobinhos foi introduzida no Canadá alguns poucos anos atrás. Castores, como são chamados alcançaram grande sucesso em muitos países.

Uniforme É uma característica do Movimento. Calças curtas e chapéu caqui de abas largas, lenço de pescoço e bastão de escoteiro tem criado uma figura familiar e possivelmente contribuiu em produzir mais propriamente uma imagem popular a vista do povo.

Hoje em dia, o azul, laranja, vermelho e verde muitas vezes substituem a cor caqui. O uniforme tem sido alterado, porém continua sempre em uso assemelhando-se aos hábitos dos países e raças e faz sentirem-se todos membros cada um da grande Fraternidade Universal conforme as palavras de B.P. pronunciadas no Jamboree em 1938. Também disse que não usava calças curtas por serem mais confortáveis mas sim pelo motivo de serem usadas pelos jovens que contribuem para reduzir as distâncias entre o adulto e pessoas jovens.

Waggs A Associação Mundial das Bandeirantes e "Escoteiras" é a organização irmã da "WOSM". "Girl Guiding" (Bandeirantismo) no qual B.P. adaptou os princípios e métodos do Escotismo para meninas, foi publicado em 1918. A Associação das Bandeirantes foi criada no Reino Unido em 1910 a qual também se espalhou pelo mundo afora.

"WAGGS foi fundado em 1928 sendo Lady Baden-Powell a Chefe Bandeirante até sua morte em 1977.

Insígnia da Madeira Duas madeirinhas e uma tira de couro é a insígnia dos chefes Escoteiros os quais completaram seu treinamento.

Originalmente as "madeirinhas" eram provenientes de colar de um rei Zulu trazido da África do Sul em 1888. Esta insígnia foi desenhada por B.P. pessoalmente.

A Insígnia da Madeira é usada no mundo inteiro como símbolo visível do Movimento.

Emblema Mundial do Escotismo Trata-se de um dos símbolos mais difundidos. Todos os membros do Movimento o usam de uma maneira ou outra. A "Flor de Lis" era usada em velhos mapas e compassos como símbolo de rumo correto. O laço que circunda o emblema representa o símbolo de unidade. Assim como um forte nó direito não afrouxa o crescimento do Movimento e reforça sua unidade.

C. Países Membros da Organização Mundial do Movimento Escoteiro

Argélia	Granada	Noruega
Argentina	Guatemala	Oman
Escoteiros da Armênia	Guiana	Paquistão
Austrália	Haiti	República do Panamá
Áustria	Honduras	Papua/Nova Guinéa
Bahamas	Hong Kong	Paraguai
Barain	Islândia	Peru
Bangladesh	Índia	Filipinas
Barbados	Indonésia	Portugal
Bélgica	Irã	Catar
Benin	Iraq	Ruanda
Bolívia	Irlanda	Arábia Saudita
Botswana	Israel	Senegal
Brasil	Itália	Serra Leone
Brunei	Costa Marfim	Cingapura
Burkina Faso	Jamaica	África do Sul
Burundi	Japão	Espanha
Camarões	Jordânia	Sri Lanka
Canadá	Kênia	Sudão
República África Central	Coreia	Suriname
Chade	Kuwait	Suazilândia
Chile	Líbano	Suécia
Escoteiros da China	Lesotho	Suíça
Colômbia	Libéria	Síria
Costa Rica	Líbia	Tanzânia
Chipre	Liechtenstein	Tailândia
Dinamarca	Luxemburgo	Togo
República Dominicana	Madagascar	Trinidad/Tobago
Equador	Malásia	Tunísia
Egito	Malta	Turquia
El Salvador	Mauritânia	Uganda
Etiópia	Maurício	Emirados Arábés
Fidji	México	Reino Unido
Finlândia	Mônaco	Estados Unidos
França	Marrocos	Uruguai
Gabão	Nepal	Venezuela
Gâmbia	Holanda	Iemen
República Federal Alemã	Nova Zelândia	Zaire
Ghana	Nicarágua	Zâmbia
Grécia	Nigéria	Zimbabwc

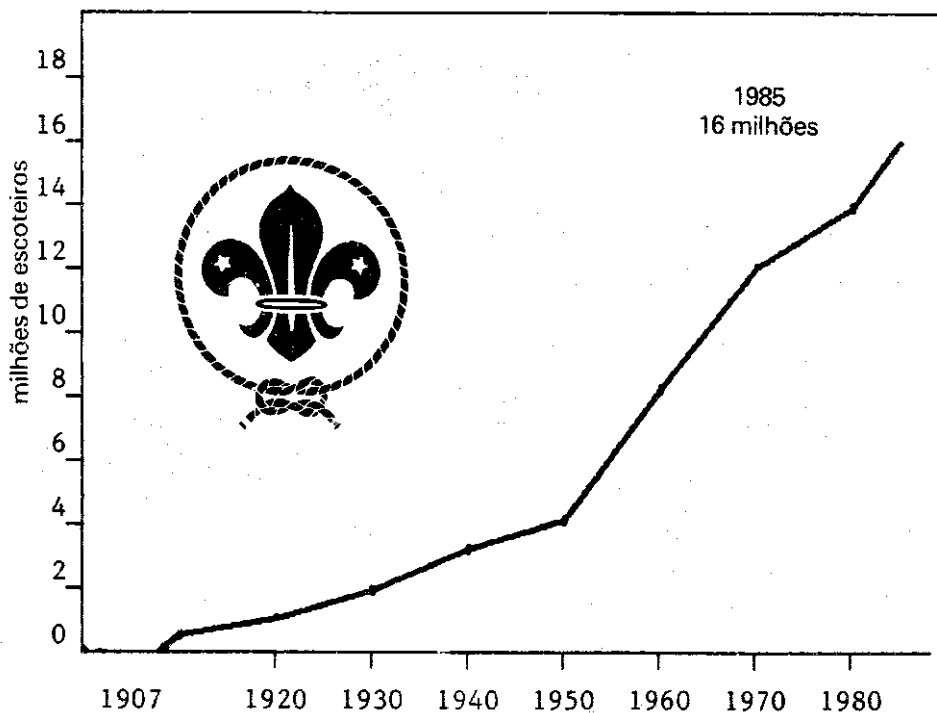
D. Países fundadores do Movimento Escoteiro Mundial

Argentina	1912	Japão	1911
Áustria	1912	Latavia	1919
Bélgica	1911	Libéria	1918
Brasil	1914	Luxemburgo	1914
Chile	1909	Holanda	1910
Checoslovakia	1911	Noruega	1911
Dinamarca	1910	Peru	1916
Equador	1920	Polônia	1919
Estônia	1911	Portugal	1913
Finlândia	1910	Romênia	1915
França	1910	Suécia	1911
Inglaterra	1907	Suíça	1912
Grécia	1910	Tailândia	1917
Hungria	1919	USA	1909
Itália	1912	logoslávia	1915

E. Países onde o Movimento Escoteiro existia porém foi extinto

	Reconhecido	Extinto
Afganistão	1932-47/1964-78	1978
Albânia	1922	1937
Bulgária	1924-1940	1940
Burma	1948-1964	1964
China	1937-1950	1950
Cuba	1927-1961	1961
Checoslovakia	membro fundador	1948
Estônia	membro fundador	1940
Hungria	membro fundador	1948
Laos	1959	1975
Latvia	membro fundador	1940
Lituânia	1923	1940
Polônia	membro fundador	1946
Romênia	membro fundador	1937
Rússia (no exílio).	1928	1945
Viet-Nam	1957	1975
logoslávia	membro fundador	1950

F. Crescimento mundial do Escotismo





G. “Jamborees” Mundiais

Data	Local	(D)	(2)
1. 1920	Olympia, London, Inglaterra	8, 000	33
2. 1924	Ermelunden, Copenhagen, Dinamarca	5, 000	34
3. 1929	Arrowe Park, Birkenhead, Inglaterra	50, 000	42
4. 1933	Godollo, Hungria	25, 000	34
5. 1937	Vogelenzang, Holanda	27, 000	33
6. 1947	Moisson, França	25, 000	44
7. 1951	Bad Ischl, Áustria	13, 000	61
8. 1955	Niagara-on-the-Lake, Canadá	11, 000	77
9. 1957	Sutton Coldfield, Inglaterra	34, 000	87
10. 1959	Mt. Makiling, Filipinas	12, 000	44
11. 1963	Marathon, Grécia	12, 000	89
12. 1967	Farragut State Park, Estados Unidos	12, 000	107
13. 1971	Asagiri Heights, Japão	24, 000	85
		(3)	
14. 1975	Lillehammer, Noroega	17, 000	91
		(3)	
15. 1983	Calgary, Canadá	16, 000	106
16. 1987/88	Sydney, Áustria		

(D) Os números dos participantes foram arredondados para o milhar mais próximo.

(2) Quantidade de países e territórios dependentes. As estatísticas dos primeiros anos são imprecisas. Os contingentes das colônias e territórios dependentes as vezes foram incluídos nos países de origem, e algumas vezes foram incluídos separadamente. Isto também sucede nos países grandes como Austrália, Canadá e Índia.

(3) As cifras também incluem algumas Organizações Escoteiras as quais naquela época estavam em fase de serem reconhecidas como Organizações Membro.



H. Conferências Mundiais do Escotismo

<i>Local</i>	<i>Data</i>	Organizações Membro <i>representadas</i>
1. London, Inglaterra	Julho 29-30, 1920	33
2. Paris, França	Julho, 22-29, 1922	30
3. Compenhagen, Dinamarca	Agosto, 18-20, 1924	34
4. Kandersteg, Suíça	Agosto, 22-28, 1926	29
5. Birkenhead, Inglaterra	Agosto, 7-9, 1929	33
6. Vienna-Baden, Áustria	Julho, 27-29, 1931	44
7. Godollo, Hungria	Agosto, 7-8, 1933	31
8. Stockholm, Suécia	Agosto, 5-7, 1935	28
9. The Hague, Holanda	Agosto, 10-12, 1937	34
10. Edinburgh, Escossia	Julho, 26-28, 1939	27
11. Chateau de Rosny, França	Agosto, 19-22, 1947	32
12. Elvesaeter, Noroega	Agosto, 8-10, 1949	25
13. Salzburg, Áustria	Julho 31 - Agosto 2, 1951	34
14. Vaduz, Lichtenstein	Agosto, 8-12, 1953	35
15. Niagara Falls, Canadá	Agosto, 28-31, 1955	44
16. Cambridge, Inglaterra	Agosto, 13-16, 1957	52
17. New Delhi, Índia	Julho 29-Agosto 3, 1959	35
18. Lisbon, Portugal	Setembro, 20-24, 1961	50
19. Rhodes, Grécia	Agosto, 13-18, 1963	52
20. México City, México	Set. 26 - Out. 3, 1965	59
21. Seattle, Washington, Esta dos Unidos	Agosto, 11-17, 1967	70
22. Otaniemi, Finlândia	Agosto, 21-27, 1969	64
23. Tokyo, Japão	Agosto 12-17, 1971	71
24. Nairobi, Kenia	Julho, 16-21, 1973	77
25. Lundtofte, Dinamarca	Agosto, 8-15, 1975	87
26. Montreal, Canadá	Julho, 18-23, 1977	81
27. Birmingham, Inglaterra	Julho, 15-21, 1979	81
28. Dakar, Senegal	Agosto, 10-14, 1981	74
29. Dearborn, Estados Unidos	Julho, 1S-22, 1983	90
30. Munich, Alemanha	Julho, 15-19, 1985	
31. Melbourne, Austrália	Janeiro, 11-15, 1988	

I. Membros do Comitê Mundial desde sua fundação em 1922

Count Mario di Carpegna	Itália	1922-1924
The Lord Hampton	Reino Unido	1922-1929, 1931-1947
Major Ebbe Lieberath	Suécia	1922-1937
Count Henri Marty	França	1922-1940
Sir Alfred D. Pickfor	Inglaterra	1922-1933, 1939-1947
Mr. Frank Presbrey	Estados Unidos	1922-1931
Mr. Mortimer I. Schiff	Estados Unidos	1922-1931
Dr. A. B. Svojsik	Checoslovakia	1922-1933
Mr. Emmerich Teuber	Áustria	1922-1929
Prince Giovanni Rospigliosi	Itália	1925-1927
Dr. W. de Bonstetten	Suíça	1927-1947
R. P. J. Jacobs	Bélgica	1929-1931
Count Paul Teleki	Hungria	1929-1939
Mr. Walter W. Head	Estados Unidos	1931-1939, 1947-1949
Count Y. Hutara	Japão	1931-1939
Rev. H. Moller-Gasmann	Noruega	1933-1947
Dr. T. Strumillo	Polônia	1933-1939
Ing. Ove Holm	Dinamarca	1938-1953
Dr. A. Papp	Hungria	1939-1947
Dr. James E. West	Estados Unidos	1939-1947
General J. Lafont	França	1945-1947
Justice Vivian Bose	Índia	1947-1949
Mr. Jackson Dodds	Canadá	1947-1949, 1951-1955
Ing. Juan Lainé	México	1947-1949, 1951-1957
Mr. André Woronoff	Bélgica	1947-1949
Mr. Pierre Delsuc	França	1947-1951, 1953-1959
Dr. Velen Franderlik	Checoslovakia	1947-1951
Mr. Jean Salvaj	Suíça	1947-1951, 1953-1959, 1965
Count Folke Bernadotte	Suécia	1947-1948
The Lord Rowallan	Reino Unido	1947-1953
Mr. Robert Ultich	Áustria	1947-1951

Dr. Rogelio Pina E.	Cuba	1949-1951
Ing. Sten Thiel	Suécia	1948-1953
Mr. A. E. Benaki	Grécia	1949-1951
Mr. Amory Houghton	Estados Unidos	1949-1955
Major General D. C. Spry	Canadá	1949-1951
Lt. Gen. Bar. Van Voorsí tot Voorst	Holanda	1949-1955
Dr. Leon Molitor	Luxemburgo	1951-1953
Mr. Ali Dandachi	Síria	1951-1957
Dr. Osvaldo Monass	Itália	1951-1957
Hon. Jorge V. Vargas	Filipinas	1951-1957
Colonel E. Blondeel	Bélgica	1953-1955
Mr. Niels Engberg	Dinamarca	1953-1959
Gen. Sir Rob Lockhart	Inglaterra	1953-1959
Mr. Eli Boyaner	Canadá	1955-1961
Mr. Beng Junker	Suécia	1955-1961
Dr. Paul Koenig	Alemanha	1955-1961
Mr. John M. Schiff	Estados Unidos	1955-1961
Mr. Dem. Alexatos	Grécia	1957-1963
Mr. Frederico Diaz Legorburu	Venezuela	1957-1963
Mr. Moh. Ali Hafez	Egipto	1957-1963, 1965-1971
Dr. M. V. de los Santos	Filipinas	1957-1959
Dr. Hossein Banai	Irã	1959-1965, 1967-1973
Mr. J. F. Colquhoun	Reino Unido	1959-1965
Mr. C. Roy Nichols	Austrália	1959-1965, 1967-1973
Mr. E. J. H. Volkmaars	Holanda	1959-1965
Senator E. W. Kannangara	Ceilão	1960-1961
Mr. W. D. Campbell	Estados Unidos	1961-1965, 1973
Sir H. B. Reyes	Filipinas	1961-1967
Mr. Ph. Tossijn	Bélgica	1961-1967
Hon. C. C. Mojekwu	Nigéria	1961-1969
Mr. Henry Bourreau	França	1963-1969
Mr. N. M. Khan	Paquistão	1963-1969
Dr. Gustavo Volimer	Venezuela	1963-1969, 1973-1979
Mr. Thomas J. Watson	Estados Unidos	1965-1971
Nai Abhai Chandavimol	Tailândia	1965-1971
Mr. C. D. Green	Reino Unido	1965-1971
Mr. Hugues de Rham	Suíça	1965-1967
Ing. Júlio Sitges R.	México	1965-1966
Amb. Antônio C. Delgado	Filipinas	1967-1973
Dr. Elias Mendoza H.	Peru	1967-1973
Hon. Emmett Harmon	Libéria	1969-1975
Mr. Sten J. Khyle	Suécia	1969-1975
Mr. Saburo Matsukata	Japão	1969-1975
Mr. John W. H. Miner	Canadá	1969-1970
Mr. E. Bower Carty	Canadá	1970-1977
Sir Bernard Chacksfield	Reino Unido	1971-1977
Mr. Irving J. Feist	Estados Unidos	1971-1977
Dr. Farid Karam	Líbano	1971-1977
Mr. Hartmut Keyler	Alemanha	1971-1975

Mr. Akira Watanabe	Japão	1973-1981
Mr. Bruce H. Garnsey	Austrália	1973-1979
Mr. Charles Celier	França	1973-1979
Hon. Jeremiah J.M. Nyagah	Kênia	1973-1979
Mr. Edouard Duvigneaud	Bélgica	1975-1981
Dr. A. Azis Saleh	Indonésia	1975-1981
Hon. S. T. Muna	Camarão	1975-1981
Tan Sri Kamarul Ariffin	Malásia	1977-1983
Sir William Gladstone	Reino Unido	1977-1983
Mr. J.C. Parish	Estados Unidos	1977-1978
Mr. Abdallah Zouaghi	Tunísia	1977-1983
Dr. Henning Mysager	Dinamarca	1977-1985
Mr. Peter W. Hummel	Estados Unidos	1979-1985
Mr. Reginald K. Groome	Canadá	1979-1985
Mr. Jeremiah J. Kelly	Irlanda	1979-1985
Mr. Júlio Montes T.	Guatemala	1979-1983
Dr. Norman S. Johnson	Austrália	1981-1987
Dr. Bunsom Martin	Tailândia	1981-1987
Mr. Albert A. WDiaye	Senegal	1981-1987
Hon. Toshio Yamanaka	Japão	1981-1987
Mr. Dominique Benard	França	1983-1989
Mr. John W. Beresford	Reino Unido	1983-1989
Mr. Salvador Fernandez B.	Venezuela	1983-1989
Mr. Suk Won Kim	Coreia	1983-1989

J. Medalhas Lobo de Bronze, outorgadas desde sua instituição em 1935

1935	Lorci Robert Baden-Powell	Escoteiro Chefe Mundial
1937	Dr. Walter de Bonstetten	Suíça
1937	Mr. Hubert S. Martin	Bureau Internacional
1937	Mr. J. S. Wilson	Gilwell Park
1949	Ing. OveHolm	Dinamarca
1951	Mr. Pierre Delsuc	França
1953	Mr. Jean Salvaj	Suíça
1953	Ing. Sten Thiel	Suécia
1953	Mr. R. T. Lund	Bureau Internacional
1955	Mr. Jackson Dodds	Canadá
1955	Mr. Amory Houghton	Estados Unidos
1955	Col Granville Walton	Inglaterra
1957	Mr. T. Glad Bincham	Inglaterra
1957	Lady Olave Baden-Powell	
1957	Lord Rowallan	Inglaterra
1957	Mr. Jens Hvass	Dinamarca
1957	Ing. Salvador Fernandez	Bureau Internacional
1957	Lt Gen Baron H. Van Voorst	
	tot Voorst	
1959	Mr. William D. Campbell	Holanda
1959	Mr. R. F. Thurman	Estados Unidos
1959	Hon Jorge B. Vargas	Inglaterra
1960	Dr. Arthur A. Schuck	Filipinas
1961	Gen. Sir Rob Lockhart	Estados Unidos
1961	Maj-GenD. C. Spry	Inglaterra
1961	Mr. Juan Lainé	Bureau Internacional
1961	Mr. John M. Schiff	México
1961	Mr. Michiharu Mishima	Estados Unidos
1963	Mr. Demetrious Alexatos	Japão
1963	Mr. John Frederick Colquhoun	Grécia
1963	Mr. John Durie Stewart	Inglaterra
1965	Dr. Hossein Banai	Inglaterra
1965	Sir Gabriel A. Daza	Irã
1965	Mr. Moh Aly Hafez	Filipinas
1965	Mr. Leslie R. Mordecai	Egito
		Jamaica

1965	Mr. Clement Roy Nichols	Austrália
1965	Mr. Robert Sterne Thomas	Inglaterra
1965	Mr. Evert Jan Hendrikus Volkmaars	Holanda
1965	Dame Leslie Whateley	Bureau Mundial das Bandeirantes
1966	Mr. Ali Khalifa el-Zaidi	Líbia
1967	Mr. Joseph A. Brunton, Jr.	Estados Unidos
1967	Mr. Philip R. Cowan	Bureau Mundial
1967	Dr. Hidesaburo Kurushima	Japão
1967	Sir Charles H. F. Maclean	Bureau Mundial
1967	Mr. Demetrios A. Macrides	Grécia
1967	Mr. Guillermo R. Padolina	Bureau Mundial
1967	Mr. Hermengildo B. Reyes	Filipinas
1967	Mr. Percival Alfred Siebold	Bureau Mundial
1967	Mr. Philip Alphonse Tossijn	Bélgica
1969	Mr. Ali el-Dandachi	Bureau Mundial
1969	Mr. Neils Engberg	Dinamarca
1969	Mr. Inving J. Feist	Estados Unidos
1969	Mr. Alfred W. Hurll	Inglaterra
1969	Mr. Niaz M. Khan	Paquistão
1969	Mrs Lakshmi Mazumdar	Índia
1969	Dr. Gustavo J. Vollmer	Venezuela
1971	Mr. Aziz Osman Bakir	Egito
1971	Mr. Yehuda Barkai	Israel
1971	Mr. Abhai Chandavimol	Tailândia
1971	Arrb. Antônio C. Delgado	Filipinas
1971	Mr. Bruce H. Garnsey	Austrália
1971	Mr. Charles Dymoke Green	Inglaterra
1971	Mr. Odd E. Hopp	Noruega
1971	Mr. Taizo Ishizaka	Japão
1971	Mr. Arthur H. Johnstone	África do Sul
1971	Mr. John F. Lott	Estados Unidos
1971	Sir Emile F. Luke	Serra Leoa
1971	Mr. Macias Valadez	México
1971	Mr. Albert A. N'Diaye	Senegal
1971	Mr. Leonar H. Nicholson	Bureau Mundial
1971	Mr. Gilbert R. Pirrung	Estados Unidos
1972	Mr. Saburo Matsukata	Japão
1973	Sri Sultan Hamengku Buwono IX	Indonésia
1973	Mr. Charles Celier	França
1973	Mr. Kingsley C. Dassenaiké	Sri-lanka
1973	Mr. William Harrison Fettridge	Estados Unidos
1973	Mr. Donald S. A. Fitz-Ritson	Jamaica
1973	Lt Col Robin Gold	Inglaterra
1973	Mr. Mohamed el-Hibri	Líbia
1973	Mr. Leonard F. Jarrett	Bureau Mundial
1973	Dr. Elias Mendoza H.	Peru
1973	Mr. Kenan H. Ng'ambi	Zâmbia
1974	Prof Armando Galvez C.	Guatemala
1974	A. V. M. J. B. Harvey	Canadá

1974	Datuk Syed Hashim bin Abdullah	Malásia
1974	Dr. Paul Koenig	Alemanha
1974	Dr. Luis Esteban Palácios W.	Venezuela
1974	Mr. Leonidas J. Skyrianidis	Grécia
1974	Mr. Victor Steiner, Sr.	El Salvador
1974	Mr. Chuan Kai Teng	China
1974	Mr. George F. Witchell	Reino Unido
1975	Mr. Alden G. Barber	Estados Unidos
1975	Mr. E. Bower Carty	Canadá
1975	Sir Bernard Chacksfield	Reino Unido
1975	Mr. Richard W. Darrow	Estados Unidos
1975	Mr. Arthur Eugster	Suíça
1975	Hon Emmett Harmon	Libéria
1975	Hon Yong-Woo Kim	Corea
1975	Mr. Johan Kromann	Dinamarca
1975	Mr. Alexander D. Paterson	Nova Zelândia
1975	Mr. Jorge Toral A.	México
1975	Mr. W. H. Ralph Reader	Reino Unido
1975	Mr. Shintaro Negishi	Japão
1976	Dr. Adolfo Aristeguieta	Venezuela
1976	Mr. Dansuputra Chitra	Tailândia
1976	Mr. Victor J. Clapham	África do Sul
1976	Mr. Leonard A. Robinson	Inglaterra
1976	Mr. You-hwa Shieh	China
1977	Mr. Ernest Mehinto	Benin
1976	Mr. Kenneth H. Stevens	Reino Unido
1976	Mr. Abdallah Zouaghi	Tunísia
1977	Mr. Bennett B. Shotade	Bureau Mundial
1977	Mr. Edward J. Montgomery	Irlanda
1977	Mr. A. Wallace Denny	Canadá
1977	Mr. Laurent Dominica	Suíça
1977	Mr. A. Erik Ende	Suécia
1977	Dr. Farid Karam	Líbano
1977	Mr. Júlio Montes T.	Guatemala
1977	Dr. Laszlo Nagy	Bureau Mundial
1977	Mr. John C. Parish	Estados Unidos
1977	Mr. J. Plaridel Silvestre	Bureau Mundial
1977	Mr. Akira Watanabe	Japão
1978	Mr. Sven H. Bauer	Suécia
1978	Mr. Peter Cooke	Reino Unido
1978	Mr. John M. Lioufis	Egito
1978	Mr. J. Percy Ross	Canadá
1978	Dr. Abdul Azis Saleh	Indonésia
1978	Mr. James W. Sands	Estados Unidos
1978	Mr. Mahmoud el-Alamy	Marrocos
1978	Mr. Leslie R. Mitchell	Reino Unido
1978	Dr. Kourkène Medzadourian	Escoteiros da Armênia
1979	Mr. Jorge Ma. Cui	Filipinas
1979	Mr. Federico Diaz Legorburu	Venezuela

1979	Mr. Nicolas Hosch	Luxemburgo
1979	Mr. Hartmut Keyler	Alemanha
1979	Mr. F. O. Ogunlana	Nigéria
1979	Mr. Arthur W. V. Reeve	Nova Zelândia
1980	Mr. Ibrahim Zakaria	Síria
1980	Mr. Savvas Kokkinides	Chipre
1980	Mr. Visudharomn Kong	Tailândia
1980	Mr. Henry C. Ma	Hong Kong
1981	Mr. Pall Gislason	Islândia
1981	Mr. Hassan Al-Ali	Kuwait
1981	Mr. John R. Donnell	Estados Unidos
1981	Mr. Robbert Hartog	Canadá
1981	Mr. Mansur el-Kikhia	Líbia
1981	Mr. Yorihiro Matsudaira	Japão
1981	Hon Solomon T. Muna	Camarões
1981	Mr. Rashid Shoucair	Líbano
1982	Mr. H. Eric Frank	Inglaterra
1982	Hon J. J. M. Nyagah	Kênia
1982	H. M. King Carl XVI Gustaf	Suécia
1982	Dr. Marcus Wallenberg	Suécia
1982	Mr. Gamai Khashaba	Egito
1982	Mr. Chung-Shin Chen	China
1982	Mr. John Beng Kiat Liem	Indonésia
1983	Mr. Pierje BODineau	França
1983	Tan Sri Kamarul Ariffin bin Mohd Yassin	Malásia
1983	The Lord Baden-Powell	Inglaterra
1983	Mr. H. Morrey Cross	Canadá
1983	Rev Père Luc M. Lacroix, OP	Canadá
1983	Mr. John L. MacGregor	Canadá
1983	Mr. Charles A. Martin	Zimbaue
1983	Dr. Mohamed H. Fhema	Líbia
1983	Mr. Peter W. Hummel	Estados Unidos
1983	Dr. Henning Mysager	Dinamarca
1983	Dr. Abdullah O. Nasseef	Arábia Saudita
1983	Mr. James L. Tarr	Estados Unidos
1984	Mr. Desmond J. Fay	Irlanda
1984	Mr. August S. Narumi	Japão
1984	Mr. Bhethai Amatayakul	Tailândia
1985	Mr. Ichiro Terão	Japão
1985	Mr. Malek Gabr	Bureau Mundial
1985	Sir William Gladstone	Inglaterra
1985	Mr. William Hilcourt	Estados Unidos
1985	Dr. Gisle Johnson	Noruega
1985	Mr. Edward C. Joullian III	Estados Unidos
1985	Dr. Helen M. Laird	Inglaterra
1985	Lt Gen. (Ret.) Mashudi	Indonésia
1985	Mr. Eugene F. Reid	Estados Unidos
1985	Mr. W. Charles Williams	Inglaterra
1985	Mr. Jeremiah Kelly	Irlanda

1986	Mr. Yoshio Sakurauchi	Japan, Japon
1986	Mr. Fawzi Farghali, World Scout Bureau, Bureau mondial du scoutisme	
1986	Mr. John R. Phillipot	Bahamas
1987	Dr. Ming-Huey Kao, Boy Scouts of China	Scouts de Chine

Bibliografia

1. LIVROS ESCRITOS POR BADEN-POWELL

- 1884 *Reconnaissance and Scoutin*
- 1885 *Calvary Instruction*
- 1889 *Pigsticking or Hoghunting* (1923 Re-issue: *Pig-Skking or Hog-Hunting*)
- 1896 *The Downfall of Prempeh*
- 1897 *The Matabele Campaign*
- 1899 *Aids to Scouting For N. C. O. s and Men*
- 1900 *Sportin War*
- 1901 *Notes and Instructions forthe South A frican Constabulary*
- 1907 *Sketches in Mafeking and East África*
- 1908 *Scouting for Boys*, in six paris
Scouting for Boys, complete edition (1911) Canadian edition: *The Canadian Boy Scout* (1923 Indian edition: *Scouting for Boys in india*) (1932 Boys, edition) (1942 Memorial edition) (1946 Definitive 'World Brotherhood Edition, edited by William Hillcourt)
- 1909 *Yarns for Boy Scouts*
- 1910 *Scouting Games*
- 1912 *Handbook forGirl Guides*(m collaboration with Agnes Baden-Powell)
- 1913 *Boy Scouts Beyond the Seas*
- 1914 *Quick Training for War*
- 1915 *Indion Memories My Adventures as a Spy* (1924 Re-issue: *The Adventures a Spy*)
- 1916 *Young Knights of the Empire* *The Wolf Cub 's Handbook*
- 1918 *GirlGuiding*
- 1919 *Aids to Scoutmastership* (1944 Definitive 'World Brotherhood Edition', edited by William Hillcourt)
- 1921 *What Scouts can Do* *An Old Wolfs Favourites*
- 1922 *Rovering to Success*
- 1927 *Life's Snags and How to Meet Them*
- 1929 *Scouting and Youlth Movements*
- 1933 *Lesson 's from the Yarsity of Life*
- 1934 *Adventures and Accidents*
- 1935 *Scouting Round the World*
- 1936 *Adventuring to Manhood*
- 1937 *African Adventures*
- 1938 *Birds and Beasts of A frica*
- 1939 *Paddle Your Own Canoe*
- 1940 *More Sketches of Kenya*

2. COLEÇÃO DE ARTIGOS ESCRITOS POR BADEN-POWELL

- 1923 *Blazing the Trail: Being wise saws and modern instances from the works of the Chief Scout.* Collected by Laura Holt
1941 *B-P's Outlook*, Selections from *The Scouter*
1956 *Adventurin with Baden-Powell: Selected yarns and articles*

3. LIVRETOS E PANFLETOS ESCRITOS POR BADEN-POWELL

- 1883 *On Vedette—An Easy Aide-Memoire*
1896 *The Native Levy in the Ashanti Expedition*
1897 *The Campaign in Rhodesia*
1907 *Boy Scouts Scheme* *Boy Scouts: A Suggestion — Summary of Scheme — A Successful Trial*
1909 *A Trip to Sunshine*
1911 *Sea Scouting for Boys* *Workers or Shirkers* *Boy Scouts in Connection with National Training and National Service*
1915 *Marksmanship for Boys*
1917 *Scouting Towards Reconstruction* *The Cub Book*
1920 *Steps to Girl Guiding* *Brownies and Bluebirds*
1921 *The Scout's First Book* *Scouting in Education*
1927 *South African Tour 1926-27*
1929 *Aims, Methods and Needs*
1932 *Rover Scouts*
1936 *The Great Trek of the Early Scouts of South Africa*
1939 *About Those Boy Scouts*



*Lord Baden-Powell de Gilwell, Fundador do Movimento Escoteiro
fotografia tomada de uma pintura de 1929, feita por David Jagger.*



○ Ator e artista-apresentador, Baden-Powell, aos 40 anos de idade, desempenhando o papel de Wun-hi, na peça "A Gueixa", em 1897.



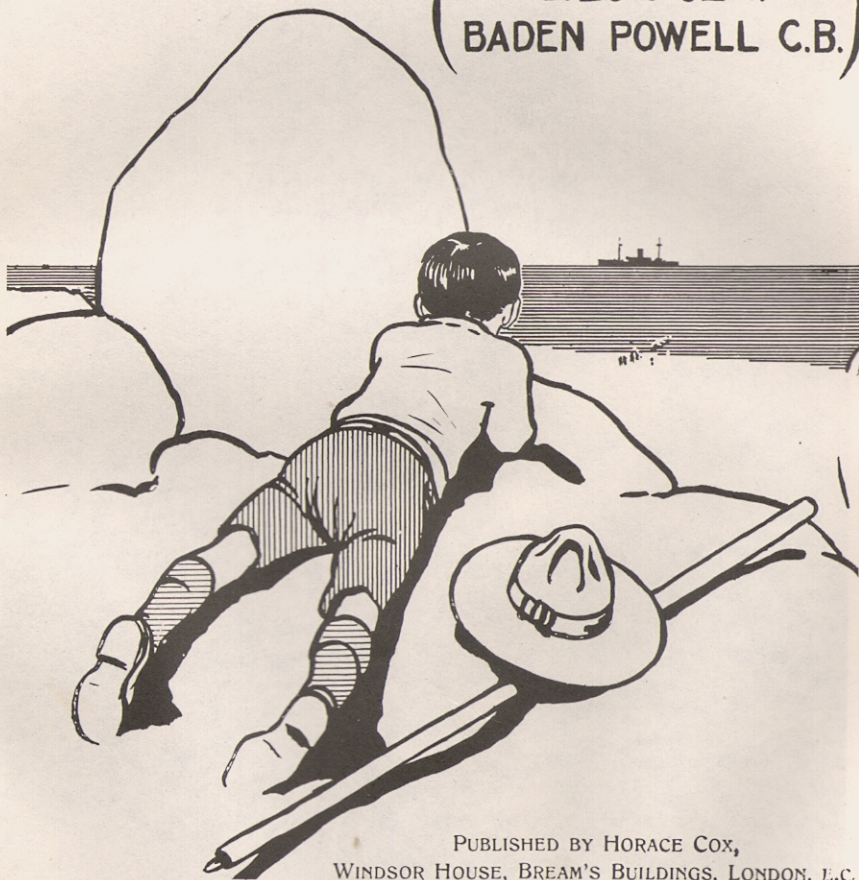
B. P. fotografado em 1899, durante o sítio de Mafeking.

Part I.

Price 4d. net.

SCOUTING FOR BOYS BY B-P

(LIEUT. GEN.
BADEN POWELL C.B.)



PUBLISHED BY HORACE COX,
WINDSOR HOUSE, BREAM'S BUILDINGS, LONDON, E.C.

A capa original da 1.^a Parte do "Escotismo para rapazes", publicado em 1908



Entre os 10.000 participantes da 1.ª grande reunião dos Escoteiros Britânicos, em setembro de 1909, foi observada a presença desta mocinha. Muito provavelmente é a Primeira Escoteira-Moça na história do Movimento



Um presente de casamento aos recém-casados, em outubro de 1912. 100.000 Escoteiros contribuíram — cada um com um "pêni" para darem a Baden-Powell e sua noiva este automóvel tipo Standard de 20 HP



Lady Baden-Powell, em uniforme de Comissário-Chefe, em 1917



*Cartaz do primeiro Jamboree Mundial, realizado no Olympia,
Londres, em 1920*



B. P. — Viajante incansável, no Sudão, 1934



Lobinhos e Lobinhas brasileiros no Parque Osório passeiam com sua Ake lá



O arqueirismo e outros esportes são populares nos acampamentos de verão. Arqueiros irlandeses testam suas habilidades, no 15.º Jamboree Mundial, em Alberta, Canadá em 1983



*S. M. o Rei Carlos XVI Gustavo, da Suécia, recebe o "Leão de Bronze"
— a única Comenda Escoteira Mundial — do Secretário-Geral
S. M. é Presidente Honorário da Fundação Mundial de Escoteiros*



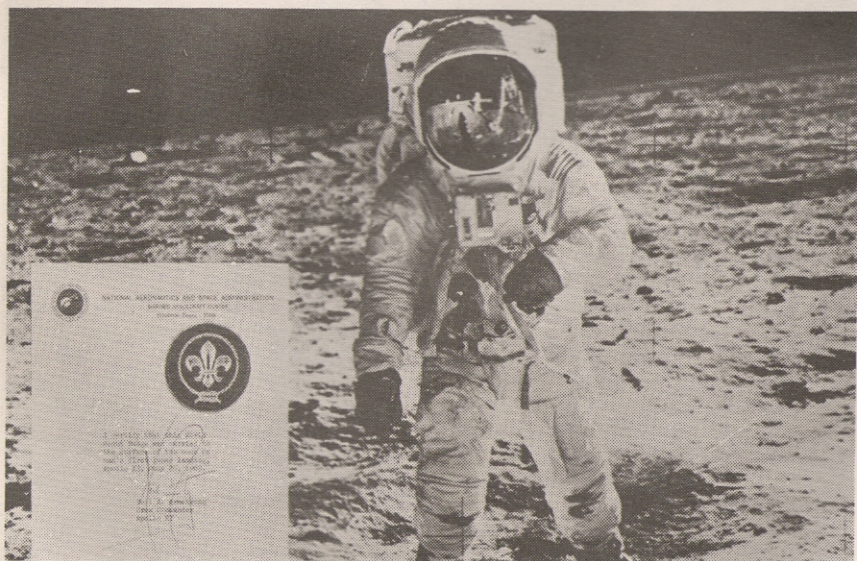
*Lady Baden-Powell, Guia-Chefe Mundial, em uma de suas
visitas ao Secretário-Geral da Organização Mundial do
Movimento Escoteiro, Laszlo Nagy, no Birô Mundial Escoteiro, Genebra*



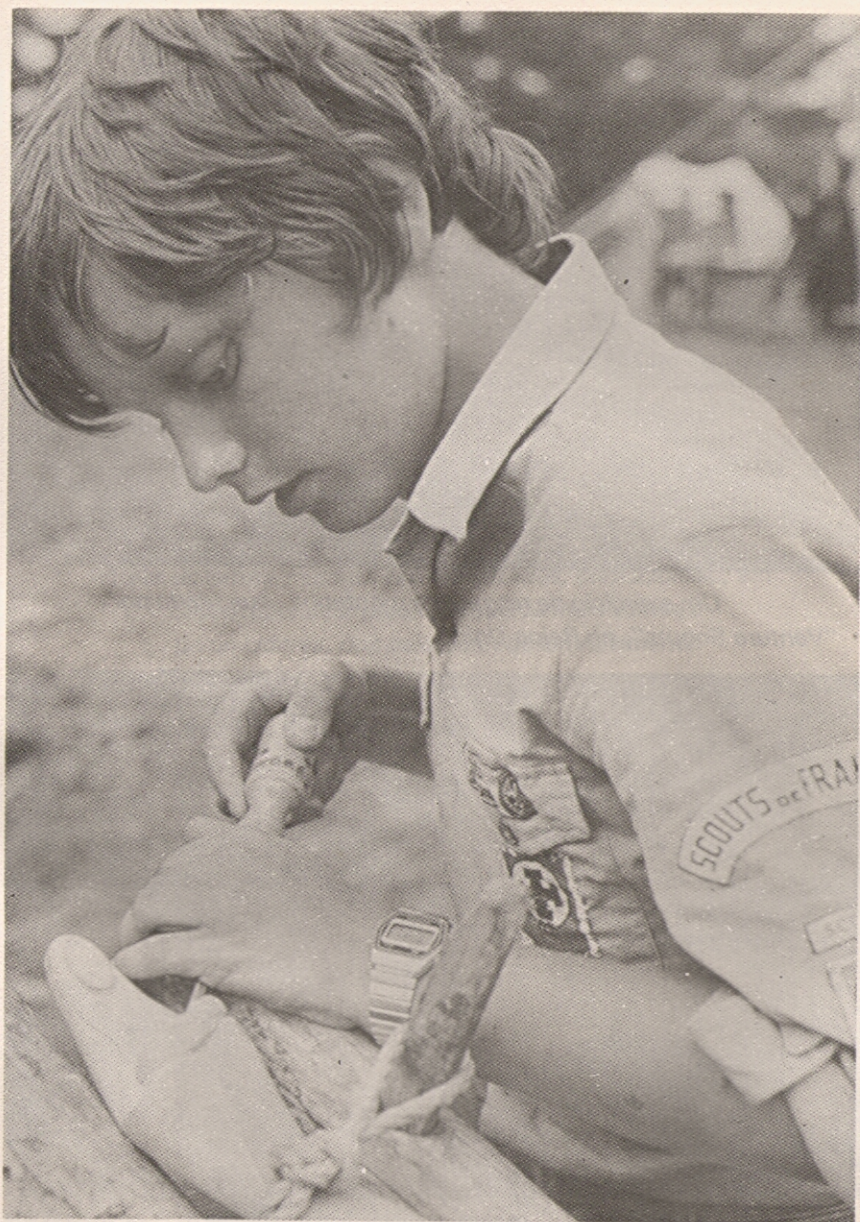
15.000 Escoteiros, unidos como "Cinco Dedos, Uma Mão" no Jamboree Mundial Escoteiro, em Lillehammer, Noruégia, 1975



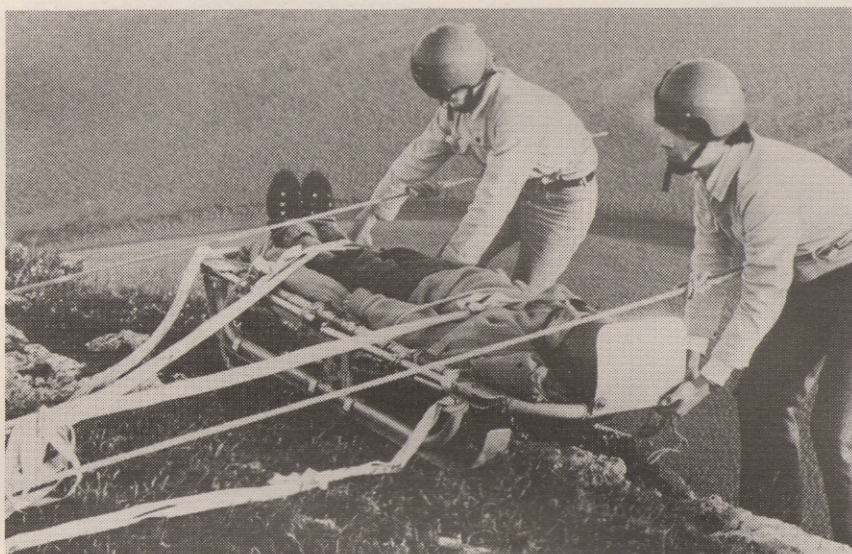
Escoteiros libaneses prestando serviços de emergência em Beirute



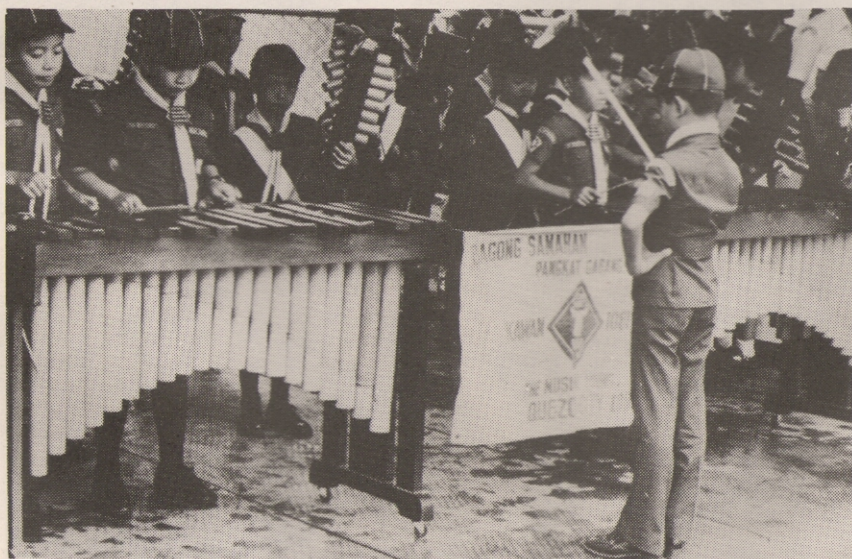
Em 1969, um emblema escoteiro foi levado até a superfície da lua, na missão da Apollo XI — primeira alunissagem do homem — com o Comte. Neil Armstrong, ele próprio um escoteiro



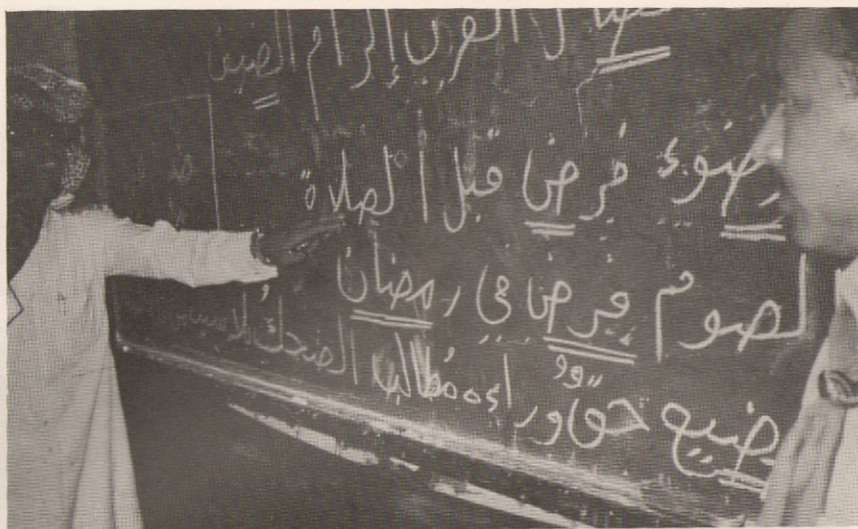
*Entalhadura de madeira, tem sido popular entre Escoteiros.
Um escoteiro francês esculpe uma imagem da "Madonna"*



Um exercício de resgate na montanha, executado por "Venture Scouts", no Reino Unido



Escoteiros fazem música com xilofones e instrumentos de percussão, feitos de bambú, nas Filipinas



Aulas de leitura e escrita são ministradas, com sucesso, em bases regulares, pelos Escoteiros mais velhos e pelos Líderes, nos países em desenvolvimento



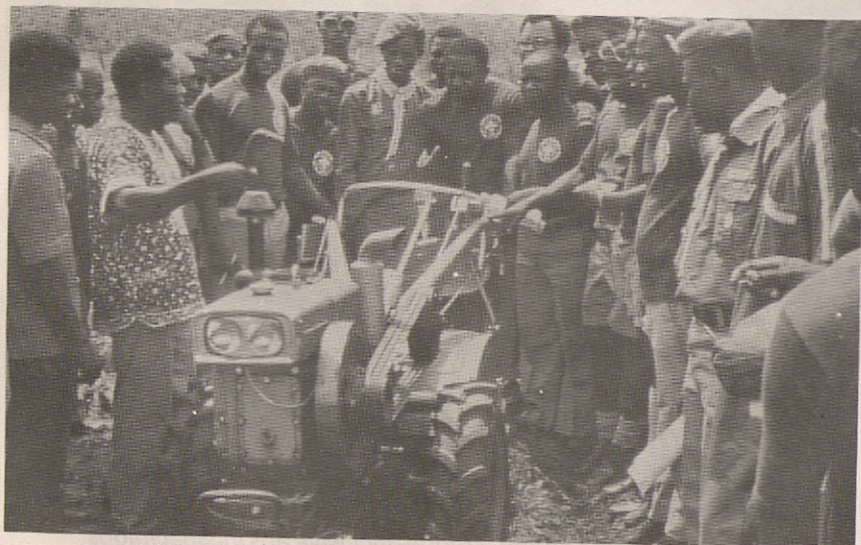
*O Escotismo está aberto a todos, inclusive aos incapacitados.
O Sistema de Patrulha provê apoio para que os jovens superem suas incapacitações*



*Plantando para o Futuro —
uma campanha de reflorestamento
no Nepal*



*Com apreensão e prazer... a vida
é fácil em uma corda esticada,
mas, se você mantiver firme...
o Escoteiro pode ajudá-lo a
alcançar sua meta*



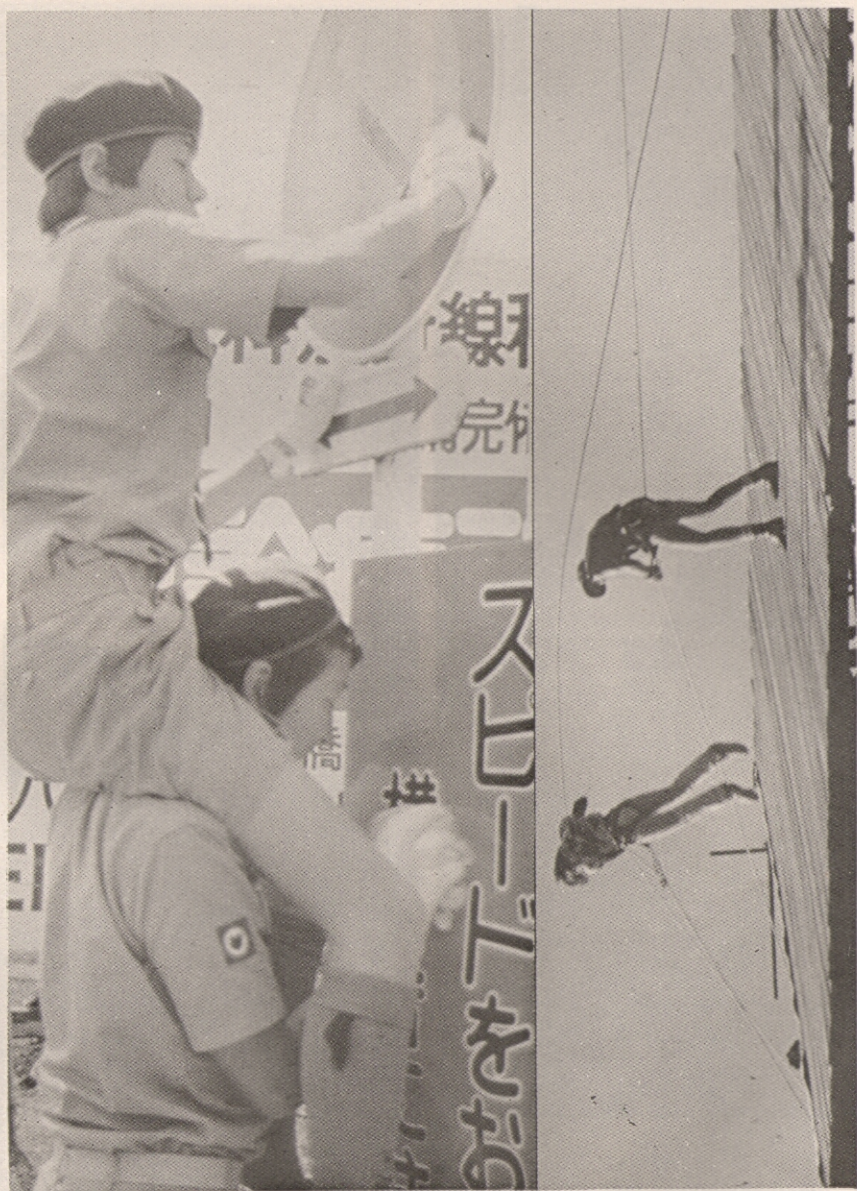
*Na Nigéria, Escoteiros são iniciados às técnicas
da agricultura mecanizada*



Escoteiros brasileiros enfrentando a chuva no Jamboree do Cone Sul com todos os meios disponíveis inclusive o bom humor.



"Para onde vamos? A Patrulha decide, antes de por-se na trilha no Rancho Escoteiro de Philmont, EUA"



Serviço Comunitário
É a "mudança para o bem" de hoje

Treinamento para confiança
e desenvolvimento da personalidade



Ao ar livre, em todos os climas



*Uma orgulhosa participante do Jamboree Nacional dos
Escoteiros da América, em 1977*



O abrigo da natureza. Acampamento com uma diferença



Jogos que exigiam habilidades individuais, ainda são populares entre os Escoteiros — mesmo nesta era eletrônica.

Memo N.º 2967
5 de março de 1971

MEMORANDO—ENTRE—ESCRITÓRIOS

Para: Listas A, B e C, da MCAIR ★

Assunto: Código da MCAIR

A imagem de qualquer organização é criada principalmente pelas ações, políticas e declarações dos membros individuais que compõem a organização e, especialmente, dos membros da Administração. As pessoas de dentro ou de fora da organização confiam nas pessoas que estão na cúpula administrativa, para orientação geral e de pistas quanto à imagem da empresa ou companhia. A finalidade deste memorando é estabelecer, para benefício do destinatário um padrão de ética pelo qual avalio a mim próprio e meus associados. O teor, a seguir, foi tomado por empréstimo, do programa do Escotismo, o qual endosso estusiastamente:

JURAMENTO DA MCAIR ★

Juro, pela minha honra, que farei tudo quanto for possível para cumprir meus deveres para com Deus e a minha pátria e para obedecer a Lei da MCAIR; auxiliar as outras pessoas, a todo o tempo; conservar-me fisicamente forte, mentalmente alerta e moralmente correto.

LEI DA MCAIR

Um homem da MCAIR é:

- Merecedor de confiança
- Leal
- Pronto para servir
- Amigo
- Cortês
- Bondoso
- Obediente
- Alegre
- Econômico
- Bravo
- Limpo, honesto
- Reverente

Ass. : S. N. MacDonnell, Presidente

★) MacDonnell Aircraft Corporation

SNM/bh

Este memorando, do Presidente do Conselho da famosa companhia fabricante de aviões, ao pessoal da empresa, tem, — se a gente não está enganado — uma semelhança muito íntima com o Juramento e Lei Escoteira.

Sandy MacDonnell tornou-se Presidente da Boy Scouts of América em 1984.



*Bandas em marcha — arte e disciplina que os
Escoteiros britânicos têm desenvolvido*



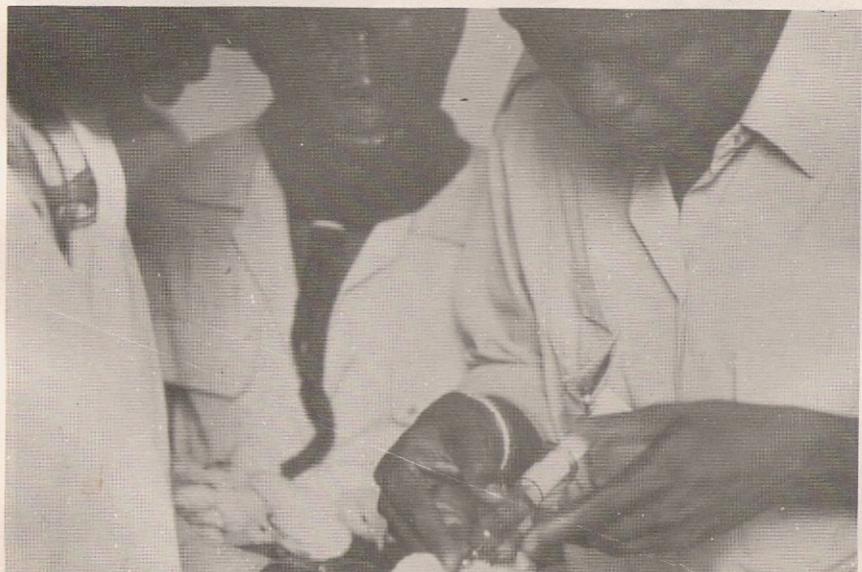
Akelá! Faremos o melhor!



Lobinhos, no Japão, trabalham para melhorar o meio ambiente



Tão bom como o Ritz... ou quase



Vacinando pintos. Os escoteiros, em muitos países em desenvolvimento, estão aprendendo como ajudar as comunidades, usando o bem conhecido método Escoteiro de "aprender fazendo"



Aos 13 anos, este jovem Escoteiro (na Hungria) não imaginava que eventualmente estaria usando um outro uniforme, como Secretário-Geral, da Org. Mundial do Movimento Escoteiro... porém não com calças curtas